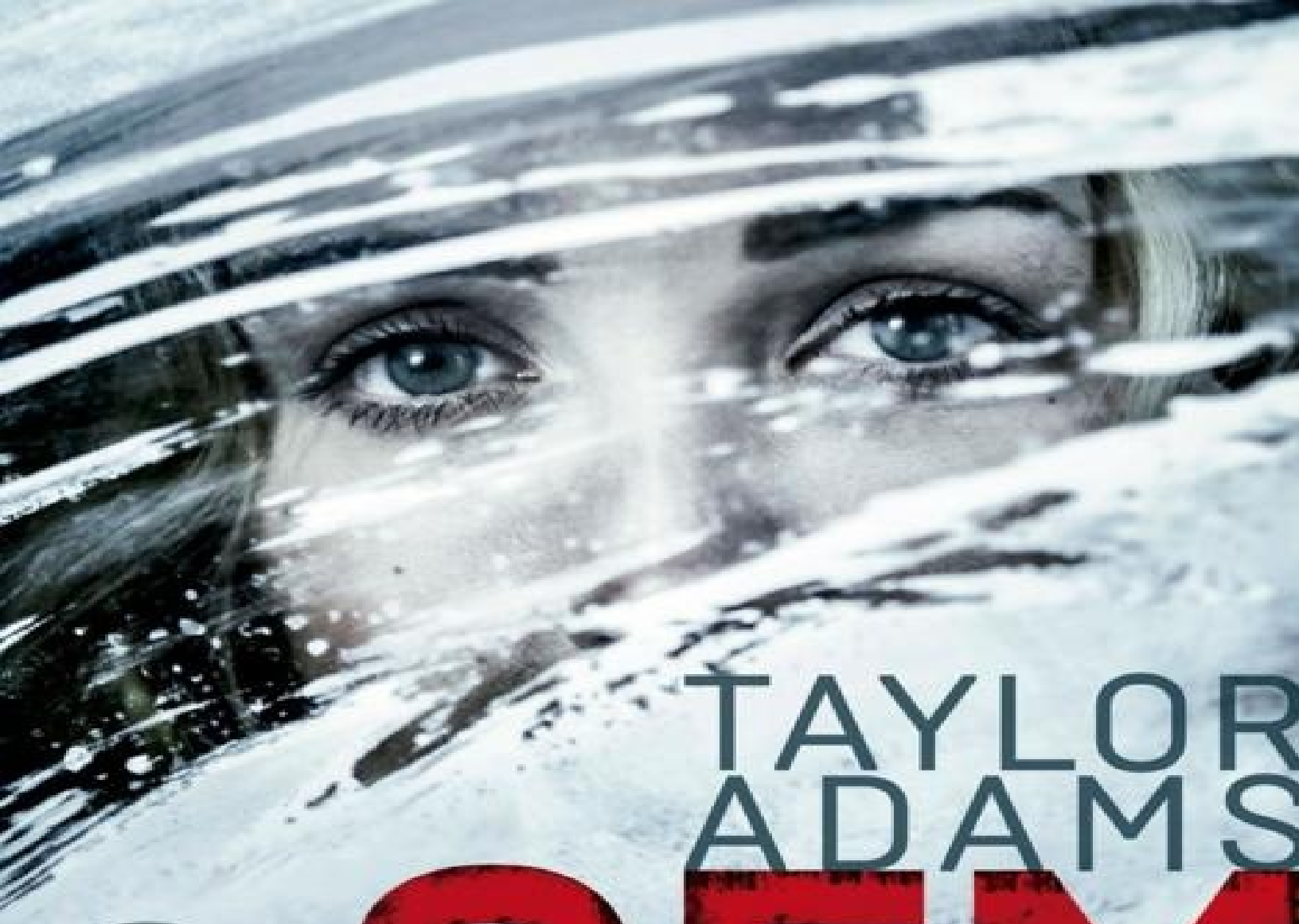


TAYLOR ADAMS

SEM SAÍDA

EM BREVE, UMA SUPERPRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA!

"Uma verdadeira caixa de surpresas! Alucinante, rápido e cheio de reviravoltas."

A.J. FINN, autor do best-seller *A mulher na janela*

FARO EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O Le Livros e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: LeLivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste LINK.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Índice

CREPÚSCULO
19h39
20h17
NOITE
21h25
21h39
22h41
23h09
23h55
MEIA-NOITE
12h01
12h04
12h09
1h02
1h09
1h23
2h16
2h56
HORAS DE BRUXO
3h33
3h45
4h05
4h26
4h55
6h01
ALVORECER
6h15
6h22
RASCUNHO DE E-MAIL (NÃO ENVIADO)
EPÍLOGO

DEDICAÇÃO

Para Riley.

Enviado: 23/12 18:52
T o: Fat_Kenny1964@outlook.com
De: amagicman13@gmail.com

Faremos isso esta noite. Então precisaremos de um lugar para dormir por algumas semanas. E eu preciso saber – com certeza – que você é bom para o que conversamos. Envie-me os números. Em seguida, exclua este e-mail e eu excluirei o seu.
Estou preso em uma parada de descanso em Lugar Nenhum, Colorado, a nevasca está piorando e estou prestes a fazer algo que não pode ser desfeito.
Ah, e feliz natal.

CREPÚSCULO

19h39

23 de dezembro

“Foda-se, Bing Crosby.”
Darby Thorne estava a dez quilômetros de Backbone Pass quando seu limpador de pára-brisa quebrou, e aquela voz de baixo-barítono estava começando no segundo refrão. Era oficial: ele teria seu Natal branco. Ele poderia calar a boca sobre isso agora.
Ela apertou o botão do rádio (nada além de estática) e observou sua palheta esquerda bater como um pulso fraturado. Ela pensou em parar para colocar fita adesiva, mas não havia acostamento na estrada – apenas barrancos murados de gelo sujo aglomerando-se à direita e à esquerda. Ela estava com medo de parar de qualquer maneira. Os flocos de neve eram grandes e úmidos quando ela passou por Gypsum noventa minutos atrás, mas ficaram menores e mais arenosos à medida que sua altitude subia. Eles eram hipnóticos agora em seus faróis de corrida, um pára-brisa de estrelas manchando a velocidade da luz.
Correntes obrigatórias, avisou o último sinal que ela tinha visto.
Darby não possuía correntes de neve. Ainda não, pelo menos. Este era seu primeiro ano na CU-Boulder e ela nunca tinha planejado se aventurar mais fora do campus do que Ralphie's Thriftway. Ela se lembrava de voltar de lá no mês passado, meio bêbada com um bando de meio amigos de seu dormitório, e quando um deles perguntou a ela (apenas meio que dando a mínima) onde ela planejava ir nas férias de Natal, Darby respondeu sem rodeios: que seria necessário um ato do próprio Deus para fazê-la voltar para casa em Utah.
E aparentemente Ele estava ouvindo, porque Ele abençoou a mãe de Darby com câncer de pâncreas em estágio avançado.
Ela tinha aprendido isso ontem.
Através de mensagem de texto.
RASPE-ESCAPAMENTO. A palheta torta do limpador bateu no vidro novamente, mas os flocos de neve estavam secos o suficiente e a velocidade do carro era rápida o suficiente para que o pára-brisa ficasse limpo. O verdadeiro problema era a neve acumulada na estrada. Os marcadores de pista amarelos já estavam escondidos por vários centímetros de branco fresco, e periodicamente Darby sentia o chassi de seu Honda Civic arranhar a superfície. Voltava como uma tosse úmida, um pouco pior a cada vez. No último, ela sentiu o volante vibrar entre seus dedos. Mais um centímetro de pólvora e ela estaria encalhada aqui, 3.300 metros acima do nível do mar, com um quarto de tanque de gasolina,

sem cobertura de celular, e apenas seus pensamentos perturbados por companhia. E a voz atrevida de Bing Crosby, ela supôs. Ele cantou o refrão final enquanto Darby tomava um gole de Red Bull quente.
RASPE-ESCAPAMENTO.
A viagem inteira tinha sido assim — uma carga borrada e injetada de sangue por quilômetros de contrafortes e planícies de mato. Sem tempo para parar. Tudo o que ela comeu hoje foi ibuprofeno. Ela deixou o abajur da escrivaninha em seu quarto do dormitório, mas ela só percebeu isso quando saiu do estacionamento de Dryden – longe demais para voltar. Ácido estomacal na garganta. Pirates Schoolyard Heroes e My Chemical Romance faixas em loop em seu (agora morto) iPod. Corridas de letreiros verdes com decalques de fast food desbotados. Boulder havia desaparecido em seu espelho retrovisor por volta do meio-dia, e então o horizonte nebuloso de Denver com sua frota de jatos aterrados e, finalmente, o pequeno Gypsum atrás de uma tela de flocos de neve caindo.
RASPE-ESCAPAMENTO.
O *White Christmas* de Bing Crosby desvaneceu-se e a próxima música natalina entrou na fila. Ela tinha ouvido todos eles duas vezes agora.
Seu Honda corcoveou bruscamente para a esquerda. Red Bull espirrou em seu colo. O volante ficou rígido em seu aperto e ela lutou contra isso por um segundo de estômago agitado (*virar para a derrapagem, virar para a derrapagem*) antes de girar o veículo de volta ao controle, ainda avançando e subindo - mas perdendo velocidade. Perdendo tração.
"Não não não." Ela bombeou o gás.
Os pneus para todos os climas agarraram e soltaram na neve lamacenta, levantando o carro em contrações violentas. O vapor saiu do capô.
"Vamos, Azul-"
RASPE-ESCAPAMENTO.
Ela chamava esse carro de *Azul* desde que o comprou no ensino médio. Agora ela pisou no acelerador, procurando o feedback sensorial da tração. Dois jatos de neve surgiram em seu espelho retrovisor, iluminados em vermelho vivo por suas lanternas traseiras. Um som áspero de chocalho — o trem de pouso de Blue raspando a superfície da neve novamente. O carro se debateu e deu um rabo de peixe, meio barco agora, e...
RASPAR-
— A palheta do limpador esquerdo se partiu e girou para longe.
Seu coração afundou. “Ah, *merda* .”
Agora os flocos de neve que se aproximavam grudavam no hemisfério esquerdo de seu pára-brisa, juntando-se rapidamente no vidro desprotegido. Ela tinha perdido muita velocidade. Em segundos, sua visão da State Route Seven se

estreitou em uma visão de túnel, e ela deu um soco no volante. A buzina soou, não ouvida por ninguém.
É assim que as pessoas morrem , ela percebeu com um arrepio. *Nas nevascas, as pessoas ficam presas nas áreas rurais e ficam sem gás.*
Eles congelam até a morte.
Ela tomou um gole de seu Red Bull – vazio.
Ela desligou o rádio, se inclinou no banco do passageiro para ver a estrada e tentou se lembrar – qual foi o último carro que ela viu hoje? Quantos quilômetros de volta? Era um limpa-neves laranja com CDOT estampado na porta, abraçando a pista da direita e jorrando uma nuvem de lascas de gelo. Pelo menos uma hora atrás. De volta quando o sol tinha saído.
Agora era apenas uma lanterna cinza deslizando por trás de picos irregulares, e o céu estava escurecendo para um roxo machucado. Abetos congelados tornando-se silhuetas irregulares. As planícies escurecendo em lagos de sombra. A temperatura estava 4° de acordo com a placa da Shell Station que ela havia passado trinta milhas atrás. Provavelmente mais frio agora.
Então ela viu: uma placa verde meio enterrada em uma berma de neve à sua direita. Ele se aproximou dela, pegando o brilho dos faróis sujos de seu Honda em um flash: 365 DIAS DESDE O ÚLTIMO ACIDENTE FATAL.
A contagem provavelmente estava faltando alguns dias devido à tempestade de neve, mas ela ainda achava isso estranho. Um ano, exatamente. Isso fez esta noite uma espécie de aniversário sombrio. Parecia estranhamente pessoal, como uma de suas gravuras de lápide.
E atrás dele, outro sinal.
ÁREA DE DESCANSO À FRENTE.

* * *

Viu um? Você já viu todos eles.
Uma estrutura de maloca (centro de visitantes, banheiros, talvez uma loja de conveniência ou café administrado por voluntários) aninhada entre pinheiros soprados pelo vento e rochas rachadas. Um mastro de bandeira nu. Uma fatia semelhante a um tambor de uma árvore antiga. Uma multidão de estátuas de bronze enterradas até a cintura; arte financiada pelo contribuinte em homenagem a algum médico ou pioneiro local. E um estacionamento secundário com um punhado de carros estacionados – outros motoristas presos como ela, esperando os limpa-neves chegarem.
Darby tinha passado por dezenas de áreas de descanso desde Boulder. Alguns maiores, mais melhores, todos menos isolados. Mas este, aparentemente, foi o que o destino escolheu para ela.

CANSADO? Pediu um sinal azul. CAFÉ GRÁTIS DENTRO.
E um mais novo, carimbado com a águia da Segurança Interna da era Bush: VÊ ALGUMA COISA? DIGA ALGO.
Um sinal final, no final da rampa de saída, era em forma de T. Ele direcionou caminhões e campistas para a esquerda e veículos menores para a direita.
Darby quase o atropelou.
Seu pára-brisa agora estava opaco com a neve pesada — seu limpador direito estava falhando também — então ela baixou a janela lateral e fez um círculo no vidro. Como navegar enquanto olha através de um periscópio. Ela nem se deu ao trabalho de encontrar uma vaga para estacionar - as linhas pintadas e os meios-fios não seriam visíveis até março - e ela se aninhou em Blue ao lado de uma van cinza sem janelas.
Ela desligou o motor. Matou os faróis.
Silêncio.
Suas mãos ainda estavam tremendo. A adrenalina que sobrou daquela primeira derrapagem. Ela os apertou em punhos, primeiro o direito, depois o esquerdo (*inspire, conte até cinco, expire*), e observou seu pára-brisa recolher flocos de neve. Em dez segundos, o círculo que ela havia apagado se foi. Em trinta, ela foi selada sob uma parede de gelo escurecido, enfrentando o fato de que não chegaria a Provo, Utah, ao meio-dia de amanhã. Esse ETA otimista dependia de ela vencer essa nevasca sobre Backbone Pass antes da meia-noite e chegar a Vernal a tempo de um cochilo às 3 da manhã. Já eram quase 20h. Mesmo que ela não parasse para dormir ou fazer xixi, ela não seria capaz de falar com sua mãe antes da primeira cirurgia. Essa janela de tempo foi FECHADA INDEFINITAMENTE, como mais uma passagem de montanha em seu aplicativo de notícias.
Depois da cirurgia, então.
Isso é quando.
Agora seu Honda estava escuro como breu. A neve se amontoava contra o vidro por todos os lados como uma caverna ártica. Ela verificou seu iPhone, apertando os olhos no brilho elétrico - sem serviço e bateria com nove por cento. A última mensagem de texto que ela recebeu ainda estava aberta. Ela o lera pela primeira vez na estrada ao redor de Gypsum, atravessando uma calçada escorregadia com gelo, puxando o traseiro aos oitenta e cinco com a telinha tremendo na palma da mão : **Ela está bem agora.**
Agora mesmo . Essa foi uma qualificação assustadora. E nem foi a parte mais assustadora.
A irmã mais velha de Darby, Devon, pensava em emoticons. Seus textos e postagens no Twitter eram alérgicos à pontuação; jorros muitas vezes ofegantes

de palavreado em busca de um pensamento coerente. Mas não este. Devon escolheu soletrar *ok* , e terminar a frase com um ponto final, e esses pequenos detalhes se aninharam no estômago de Darby como uma úlcera. Nada tangível, mas uma pista de que o que quer que estivesse acontecendo no Hospital Utah Valley não estava *bem* , mas não podia ser expresso pelo teclado.
Apenas quatro palavras estúpidas.
Ela está bem agora.
E aqui estava Darby, a segunda nascida sem sucesso, presa em uma solitária parada de descanso logo abaixo do cume de Backbone Pass, porque ela tentou correr com Snowmageddon sobre as Montanhas Rochosas e falhou. Quilômetros acima do nível do mar, nevando dentro de um Honda Civic 94 com limpadores de pára-brisa quebrados, um telefone morrendo e uma mensagem de texto enigmática fervendo em sua mente.
Mamãe está bem agora. O que diabos isso significava.
Quando menina, ela era fascinada pela morte. Ela não havia perdido nenhum avô, então a morte ainda era um conceito abstrato, algo a ser visitado e explorado como um turista. Ela adorava esfregar lápides – quando você cola papel de arroz contra uma lápide e esfrega giz de cera preto ou cera para obter uma impressão detalhada. Eles são lindos. Sua coleção particular incluía centenas deles, alguns emoldurados. Algumas incógnitas. Algumas celebridades. Ela pulou uma cerca em Denver no ano passado para capturar Buffalo Bill's. Por muito tempo ela acreditou que essa pequena peculiaridade dela, essa fascinação adolescente com a morte, iria prepará-la melhor para a coisa real quando ela entrasse em sua vida.
Não tinha.
Por alguns momentos, ela ficou sentada em seu carro escuro, lendo e relendo as palavras de Devon. Ocorreu-lhe que, se ficasse dentro daquele cofre frio sozinha com seus pensamentos, começaria a chorar, e Deus sabe que já tinha feito o suficiente nas últimas vinte e quatro horas. Ela não podia perder o ímpeto. Ela não poderia afundar naquela lama novamente. Como Blue atolado nesta neve pesada, a quilômetros de ajuda humana - vai enterrá-lo se você deixar.
Inalar. Conte até cinco. Expire.
Movimento para a frente.
Então ela guardou o iPhone no bolso, desafivelou o cinto de segurança, colocou um blusão por cima do moletom Boulder Art Walk e torceu para que, além do prometido café grátis, essa pequena área de descanso tivesse Wi-Fi.

* * *

Dentro do centro de visitantes, ela perguntou à primeira pessoa que viu, e ele

apontou para uma placa laminada barata na parede: *Wi-Fi para nossos hóspedes, cortesia da orgulhosa parceria da CDOT com a RoadConnect!*
Ele ficou atrás dela. "Isto . . . uh, diz que vai cobrar de você.
“Eu vou pagar.”
“É um pouco íngreme.”
"Eu vou pagar de qualquer maneira."
"Ver?" Ele apontou. “US$ 3,95 a cada dez minutos—”
“Eu só preciso fazer uma ligação.”
"Por quanto tempo?"
"Eu não sei."
"Porque se vai demorar mais de vinte minutos, você pode querer fazer o passe mensal RoadConnect, que diz que é apenas dez dólares por..."
“Puta merda, cara, está tudo *bem* .”
Darby não tinha a intenção de explodir. Ela não tinha dado uma boa olhada nesse estranho até agora, sob as luzes fluorescentes estéreis – final dos anos 50, uma jaqueta Carhartt amarela, um brinco e um cavanhaque prateado. Como um pirata de olhos tristes. Ela lembrou a si mesma que ele provavelmente estava preso aqui também, e apenas tentando ajudar.
Seu iPhone não conseguiu encontrar a rede sem fio de qualquer maneira. Ela rolou com o polegar, esperando por isso aparecer.
Nenhuma coisa.
O cara voltou para o seu lugar. “Carma, hein?”
Ela o ignorou.
Este lugar deve ter sido um café em funcionamento durante o dia. Mas aqui e agora, isso a lembrava de uma estação de ônibus depois do expediente – super iluminada e vazia. A mesa de café (Espresso Peak) estava trancada atrás de uma veneziana de segurança. Atrás dela, duas máquinas de café industrial com botões analógicos e bandejas de gotejamento enegrecidas. Pasteis velhos. Um menu no quadro-negro listava algumas bebidas caras.
O centro de visitantes era um cômodo – um longo retângulo seguindo a lombada do telhado, com banheiros públicos nos fundos. Cadeiras de madeira, uma mesa larga e bancos ao longo da parede. Nas proximidades, uma máquina de venda automática e prateleiras de folhetos de turismo. A sala parecia ao mesmo tempo apertada e cavernosa, com um forte odor de Lysol.
Quanto ao prometido café grátis? No balcão de pedra e argamassa do Espresso Peak havia uma pilha de xícaras de isopor, guardanapos e duas jarras em placas de aquecimento guardadas pela veneziana. Um rotulado COFEE, um rotulado COCO.
Alguém na folha de pagamento do estado é zero para dois em ortografia.

Na altura do tornozelo, ela notou que a argamassa estava rachada e uma das pedras estava solta. Um chute poderia desalojá-lo. Isso irritou uma pequena parte obsessivo-compulsiva do cérebro de Darby. Como a necessidade de cutucar uma unha.
Ela também ouviu um zumbido baixo, como o bater de asas de gafanhoto, e se perguntou se o local estava com energia de reserva. Isso poderia ter redefinido o Wi-Fi, talvez. Ela se voltou para o estranho de cavanhaque. “Você viu algum telefone público aqui?”
O homem olhou para ela — *oh, você ainda está aqui?* — e balançou a cabeça.
“Você tem sinal de celular?” ela perguntou.
“Não desde White Bend.”
Seu coração afundou. De acordo com o mapa regional na parede, esta parada de descanso foi chamada Wanapa (traduzindo aproximadamente para *Little Devil* , cortesia da tribo local Paiute). Vinte quilômetros ao norte havia outra área de descanso – o Wanapani, de nome semelhante, para *Grande Diabo* – e depois dezesseis quilômetros mais adiante, descendo a colina, estava a cidade de White Bend. E hoje à noite, na véspera de Snowmageddon, ou Snowpocalypse, ou Snowzilla, ou seja lá como os meteorologistas o chamassem, White Bend poderia muito bem estar na lua...
“Recebi um sinal lá fora,” disse uma segunda voz masculina.
Atrás dela.
Darby virou-se. Ele estava encostado na porta da frente com uma mão na maçaneta. Ela passou direto por ele quando ela entrou pela primeira vez (*como eu senti falta dele?*). O cara era alto, de ombros largos, cerca de um ou dois anos mais velho que ela. Ele poderia ser um dos caras da Alpha Sig com quem sua colega de quarto festejava, com um tufo de cabelo liso, uma jaqueta verde North Face e um sorriso tímido. “Apenas uma barra, porém, e apenas por alguns minutos”, acrescentou. “Minha operadora é, uh, T-Mobile.”
"Meu também. Onde?"
“Perto das estátuas.”
Ela assentiu, esperando que ainda tivesse bateria suficiente para uma ligação. "Você . . . ei, algum de vocês sabe quando os limpa-neves estão chegando?
Ambos os caras balançaram a cabeça. Darby não gostava de ficar entre eles; ela tinha que continuar virando a cabeça.
“Acho que as transmissões de emergência caíram”, disse o mais velho, apontando para um rádio AM/FM dos anos noventa tocando no balcão. A fonte do ruído estático de insetos que ela ouviu. Estava enjaulado atrás da grade de segurança. “Quando cheguei aqui, estava tocando tráfego e coisas da ESA em um loop de trinta segundos”, acrescentou. “Mas agora é apenas ar morto. Talvez

o transmissor deles esteja coberto de neve.
Ela estendeu a mão pela grade e endireitou a antena, fazendo com que a estática distorcida mudasse de tom. “Ainda melhor que Bing Crosby.”
“Quem é Bing Crosby?” o jovem perguntou.
"Um dos Beatles", respondeu o mais velho.
"Oh."
De alguma forma, Darby já gostava do mais velho e se arrependeu de ter brigado com ele por causa do Wi-Fi.
“Eu não sei muito sobre música,” o mais novo admitiu.
"Claramente."
Na grande mesa, ela notou um baralho de cartas de baralho com orelhas de cachorro. Um pequeno Texas Hold 'em aparentemente, para unir dois estranhos presos por uma nevasca.
Um banheiro com descarga nos banheiros.
Três estranhos , ela calculou.
Ela deslizou o telefone de volta no bolso do jeans, percebendo que os dois homens ainda estavam olhando para ela. Um na frente, outro atrás.
“Eu sou Ed,” disse o mais velho.
"Ashley", disse o mais novo.
Darby não deu seu nome. Ela deu uma cotovelada na porta da frente, de volta ao frio abaixo de zero lá fora, e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. Ela deixou a porta se fechar atrás dela, ouvindo o homem mais velho perguntar ao mais novo: “Espere. Seu nome é Ashley? Gostou do nome da *menina* ?
Ele gemeu. “Não é apenas um nome de menina—”
A porta se fechou.
O mundo lá fora escureceu sob a sombra. O sol se foi. Os flocos de neve que caíam brilhavam em laranja na única lâmpada externa do centro de visitantes, que pairava sobre a porta em uma grande panela. Mas Snowmageddon parecia ter diminuído por alguns momentos; contra a noite que descia, ela podia ver os contornos de picos distantes. Fragmentos escarpados de rocha, meio envoltos em árvores.
Ela puxou o blusão até o pescoço e estremeceu.
A multidão de estátuas que o cara mais novo — Ashley — havia mencionado ficava ao sul da área de descanso, depois do mastro da bandeira e da área de piquenique. Perto da rampa de saída que ela pegou. Dali, ela mal podia vê-los. Apenas formas meio enterradas na neve.
"Ei."
Ela virou.
Ashley novamente. Ele deixou a porta se fechar e a alcançou, dando passos altos

na neve. "Há . . . então, há um ponto muito particular que eu tive que ficar. Esse é o único lugar em que consegui pegar um sinal, e era apenas uma barra. Talvez você só consiga enviar uma mensagem de texto.”
"Isso ainda vai funcionar."
Ele fechou o casaco. "Eu vou te mostrar."
Seguiram suas velhas pegadas e Darby notou que já estavam meio cheias com vários centímetros de pó fresco. Ela se perguntou, mas não perguntou, há quanto tempo ele estava preso aqui.
Ganhando alguma distância do prédio, ela também percebeu que esta área de descanso estava aninhada em um precipício. Atrás da parede dos fundos (os banheiros), as copas das árvores marcadas marcavam um penhasco abrupto. Ela nem conseguia ver exatamente onde a terra começava a cair, pois o cobertor de neve disfarçava a verticalidade. Um passo em falso pode ser fatal. A flora aqui em cima era igualmente hostil — abetos de Douglas chicoteados em formas grotescas por ventos fortes, seus galhos irregulares e rígidos.
"Obrigado", disse Darby.
Ashley não ouviu. Eles continuaram cambaleando pela neve até a cintura, com os braços estendidos para se equilibrar. Era mais profundo aqui, fora da trilha. Seu Converse já estava encharcado, os dedos dos pés dormentes.
"Então você atende por Ashley?" ela perguntou.
"Sim."
“Não, tipo, Ash?”
"Por que eu deveria?"
"Só perguntando."
Mais uma vez, ela olhou para o centro de visitantes e viu uma figura parada no brilho âmbar da única janela do prédio. Observando-os por trás do vidro fosco. Ela não sabia dizer se era o homem mais velho (Ed), ou a pessoa que ela não tinha visto.
“Ashley não é apenas um nome de menina,” ele disse enquanto eles se arrastavam. “É um nome de homem perfeitamente viável.”
“Ah, com certeza.”
“Como Ashley Wilkes em *E o Vento Levou* .”
"Eu estava pensando nisso", disse Darby. Foi bom fazer besteira um pouco. Mas ainda assim, a parte cautelosa de seu cérebro que ela nunca conseguia desengatar se perguntou: *você está familiarizado com aquele filme velho, mas você não sabe quem são os Beatles?*
"Ou Ashley Johnson", disse ele. “O jogador de rugby mundialmente famoso.”
— Você inventou isso.
"Não." Ele apontou para longe. "Ei. Você pode ver o Pico da Melanie.”

"O que?"
“Pico da Melanie.” Ele parecia envergonhado. “Desculpe, estou preso aqui há muito tempo, lendo tudo no centro de informações. Vê a grande montanha ali? Um cara deu o nome de sua esposa.”
"Isso e doce."
"Pode ser. A menos que ele a estivesse chamando de frígida e inóspita.
Darby riu.
Eles alcançaram as estátuas de gelo agora. Uma multidão deles. Provavelmente havia uma placa detalhando o que tudo aquilo significava, sob a neve em algum lugar. As esculturas pareciam ser crianças. Correr, pular, brincar, fundido em bronze e coberto de gelo.
Ashley apontou para um empunhando um taco de beisebol. "Lá. Pelo pequeno liga.”
"Aqui?"
"Sim. Foi aí que consegui um sinal.”
"Obrigado."
"Você . . .” Ele hesitou, com as mãos nos bolsos. "Precisa que eu, uh, fique por aqui?"
Silêncio.
"Você sabe. Quero dizer, se...
"Não." Darby sorriu, um sorriso genuíno. "Estou bem. Obrigado."
“Eu estava esperando que você dissesse isso. Está frio pra *caramba* aqui fora.” Ele deu aquele sorriso fácil dele e caminhou de volta para as luzes laranja, acenando por cima do ombro. “Divirta-se aqui com as Crianças Pesadelos.”
"Vai fazer."
Ela não percebeu o quão inquietantes eram as estátuas até que ela estava sozinha com elas. As crianças estavam faltando pedaços. Era um estilo de arte que ela tinha visto antes – o escultor usava pedaços brutos de bronze, fundindo-os em soldas estranhas e contra-intuitivas que deixavam costuras e lacunas – mas na escuridão, sua imaginação se tornava sangrenta. O menino à sua esquerda, aquele que balançava um taco de beisebol que Ashley chamava de " *jovem da liga "* , tinha a caixa torácica exposta. Outros acenavam com os braços esguios e mutilados, faltando pedaços de carne. Como uma multidão de vítimas atacando pit-bulls, meio roídas até os ossos.
Como Ashley os havia chamado? *Pesadelos crianças.*
Ele estava a seis metros de distância, quase uma silhueta contra a luz laranja da área de descanso, quando ela se virou e o chamou. "Ei. Esperar."
Ele olhou para trás.
"Darby", disse ela. “Meu nome é Darby.”

Ele sorriu.
Obrigado por me ajudar , ela queria dizer. *Obrigado por ser decente comigo, um completo estranho.* As palavras estavam lá, em sua mente, mas ela não conseguia torná-las reais. Eles quebraram o contato visual, no momento evaporando. . .
Obrigado, Ashley—
Ele continuou andando.
Então ele parou novamente, reconsiderando, e disse uma última coisa: “Você sabe que Darby é o nome de um cara, certo?”
Ela riu.
Ela o viu sair, e então ela se inclinou contra o taco de beisebol da estátua, congelado no meio do balanço, e segurou seu iPhone para o céu contra os flocos de neve caindo. Ela apertou os olhos, observando o canto superior esquerdo da tela.
Sem serviço.
Ela esperou, sozinha na escuridão. No canto direito, a bateria havia caído para seis por cento. Ela deixou seu carregador conectado a uma tomada em seu dormitório. Duzentas milhas de volta.
"Por favor", ela sussurrou. "Por favor Deus . . .”
Ainda sem sinal. Respirando com os dentes batendo, ela releu a mensagem de sua irmã : **Ela está bem agora.**
Ok é a pior palavra da língua inglesa. Sem contexto, é uma completa não-coisa. *Tudo bem* poderia significar que sua mãe Maya estava melhor, poderia significar que ela estava pior, e poderia significar que ela estava. . . bem, apenas *ok* .
As pessoas dizem que o câncer de pâncreas é um assassino rápido, porque a morte geralmente segue um diagnóstico dentro de semanas ou até dias – mas isso não é verdade. Leva anos para matar. É apenas assintomático em seus estágios iniciais, multiplicando-se invisivelmente dentro de seu hospedeiro, não manifestando icterícia ou dor abdominal até que seja tarde demais. Esta era uma noção assustadora; que o câncer estava dentro de sua mãe quando Darby estava no ensino médio. Estava lá quando ela mentiu sobre as etiquetas quebradas da Sears em sua bolsa. Estava lá quando ela voltou para casa às 3 da manhã de um domingo, tonta de êxtase ruim com uma pulseira verde brilhante no pulso, e sua mãe desabou em lágrimas na varanda da frente e a chamou de *putinha podre* . Aquela criatura invisível estava empoleirada em seu ombro o tempo todo, bisbilhotando, e ela estava morrendo lentamente, e nenhum deles sabia.
Eles se falaram pela última vez no Dia de Ação de Graças. O telefonema durou mais de uma hora de discussões entrecruzadas, mas os últimos segundos ficaram na mente de Darby.

Você é a razão pela qual papai nos deixou , ela se lembrava de ter dito. *E se eu pudesse tê-lo escolhido em vez de você, eu o teria feito. Num piscar de olhos. Num piscar de olhos, Maya.*

Ela enxugou as lágrimas com o polegar, já congelando em sua pele. Ela exalou no ar cortante. Sua mãe estava sendo preparada para uma cirurgia, *agora mesmo* , no Utah Valley Hospital, e aqui estava Darby, presa em uma área de descanso a quilômetros das Montanhas Rochosas.

E ela sabia que não tinha gasolina suficiente para deixar Blue ociosa aqui por muito tempo. O centro de visitantes pelo menos tinha aquecimento e eletricidade. Quer ela gostasse ou não, ela provavelmente teria que bater um papo com Ed e Ashley, e quem quer que tivesse dado a descarga naquele vaso sanitário. Ela os imaginou - um amontoado de estranhos em uma tempestade de neve, como mineiros de ouro e fazendeiros devem ter compartilhado refúgio nessas mesmas montanhas séculos atrás - tomando café aguado, compartilhando histórias de fogueira e ouvindo o rádio em busca de pistas distorcidas sobre quando os limpa-neves iriam chegar. Talvez ela fizesse alguns amigos no Facebook e aprendesse a jogar poker.

Ou talvez ela se sentasse em seu Honda e congelasse até a morte.

Ambas as opções eram igualmente atraentes.

Ela olhou para a estátua mais próxima. "Esta vai ser uma longa noite, crianças."

Ela verificou seu iPhone uma última vez, mas agora ela havia perdido a esperança no ponto mágico de sinal de Ashley. Tudo o que ela estava fazendo aqui era desperdiçando bateria e cortejando congelamento.

“Um *inferno* de uma longa noite.”

Ela voltou para o edifício Wanapa, sentindo outra pontada de enxaqueca nas bordas de seus pensamentos. Snowmageddon tinha levantado novamente, obscurecendo as montanhas com flocos de neve varridos pelo vento. Uma forte rajada de vento correu atrás dela, rangendo os pinheiros, esticando sua jaqueta. Ela inconscientemente contou os carros no estacionamento enquanto andava – três, mais seu Honda. Uma van cinza, uma caminhonete vermelha e um veículo não identificado, todos semienterrados por ondas de gelo.

No caminho, ela escolheu circular pelo estacionamento, em torno dessa pequena coleção de carros presos. Sem razão, realmente. Mais tarde, ela olharia para trás nesta decisão idiota muitas vezes esta noite, e se perguntaria quão diferente sua noite poderia ter sido se ela simplesmente tivesse retraçado as pegadas de Ashley em vez disso.

Ela passou pela fileira de veículos.

Primeiro foi o caminhão vermelho. Sacos de areia na cama, correntes de pneus com membranas. Menos neve se acumulava sobre ela do que as outras, o que

significava que não estava aqui há muito tempo. Ela adivinhou trinta minutos.
O segundo carro estava completamente enterrado, apenas um monte de neve irreconhecível. Ela não conseguia nem discernir a cor da tinta - poderia ser uma lixeira pelo que ela sabia. Algo amplo e quadrado. Esteve aqui o mais longo dos quatro.
A terceira foi Blue, seu fiel Honda Civic. O carro que ela aprendeu a dirigir, o carro que ela levou para a faculdade, o carro em que ela perdeu a virgindade (não tudo ao mesmo tempo). O limpador esquerdo ainda estava faltando, jogado em alguma berma de neve a um quilômetro e meio da estrada. Ela sabia que tinha sorte de ter chegado a uma área de descanso.
A última foi a van cinza.
Foi aqui que Darby escolheu passar entre os carros estacionados e tomar a trilha até a porta da frente do prédio, a uns quinze metros de distância. Ela planejava passar entre a van e seu Honda, apoiando-se nas portas de seu próprio carro para se equilibrar.
Impresso na lateral da van estava um desenho de raposa laranja, como um Nick Wilde falsificado de *Zootopia* . Ele empunhava uma pistola de pregos como um agente secreto segura uma pistola, promovendo algum tipo de serviço de construção ou reparo. O nome da empresa estava coberto de neve, mas o slogan dizia: TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS. A van tinha duas janelas traseiras. A direita estava bloqueada por uma toalha. A esquerda estava clara, captando uma lâmina de luz refletida da lâmpada quando Darby passou por ela, e nela, ela vislumbrou algo pálido dentro da van. Uma mão.
Uma mão minúscula, parecida com uma boneca.
Ela parou no meio do passo, uma respiração presa em seus pulmões.
Essa mãozinha agarrou um material semelhante a uma grade atrás do vidro gelado — dedos brancos delicadamente desenrolando um por um, daquele jeito descoordenado de uma criança que ainda domina seu próprio sistema nervoso — e então, abruptamente, recuou para a escuridão. Saiu de vista. Tudo aconteceu em três, talvez quatro segundos, deixando Darby em um silêncio atordoado.
Sem chance.
O interior estava quieto. Imóvel novamente.
Ela se aproximou, colocando as mãos contra a janela, apertando os olhos para dentro. Seus cílios tremulando no vidro frio. Mal visível na escuridão, perto de onde a mão minúscula havia desaparecido, ela distinguiu um pequeno crescente, um reflexo quase imperceptível da luz fraca do vapor de sódio. Era uma fechadura de combinação circular. Segurando uma treliça de barras de metal, que a mão da criança estava segurando. Como se o garoto estivesse em um canil.
Então Darby expirou — um erro — e o vidro ficou opaco com sua respiração.

Mas ela tinha visto. Não havia como desver.

Ela se afastou, deixando uma marca de mão na porta, sentindo seu batimento cardíaco batendo em seu pescoço. Um ritmo intensificador.

Há . . .

Há uma criança trancada dentro desta van.

20h17

Ela voltou para dentro.
Ashley olhou para cima. "Alguma sorte?"
Ela não respondeu.
Ele estava sentado agora, à mesa de madeira, jogando cartas com Ed. Uma nova mulher também estava aqui – a esposa de Ed, aparentemente – sentada ao lado dele. Ela era uma garota de quarenta e poucos anos exigente com um corte de tigela preto e uma parka amarela enrugada, ocupada estourando bolhas de desenhos animados em seu tablet. Ela tinha sido a única no banheiro.
Quando a porta se fechou atrás de Darby, ela registrou três possíveis suspeitos: Chatty Ashley, Ed de olhos tristes e a esposa desalinhada de Ed. Então, a quem a van cinza pertencia?
Oh, meu Deus, tem um garoto lá fora naquela van.
Trancado em uma gaiola ou algo assim.
Atingiu-a novamente, tudo de uma vez. Ela sentiu o gosto de ostras cruas no fundo da boca. Suas pernas ficaram moles. Ela precisava se sentar, mas estava com medo.
Uma dessas três pessoas fez isso—
“Certifique-se de que a porta está fechada”, disse Ed.
Como se nada tivesse acontecido, o jogo de cartas recomeçou. Ashley verificou sua mão e olhou de soslaio para Ed. “Quatro de copas?”
"Vai pescar. Dois de espadas?”
"Não."
Algo mais estava errado, Darby percebeu. A matemática não batia. Havia três carros do lado de fora além do dela. Três suspeitos aqui. Mas é quase certo que Ed e sua esposa viajaram juntos. Direito? Então tinha que haver uma quarta pessoa na parada de descanso. *Mas onde?*
Ela olhou de Ashley, para Ed, para a esposa de Ed, examinando a sala de frente para trás, seu coração batendo com terror escorregadio. *Onde mais poderia—*
Então ela sentiu um hálito quente tocar sua nuca. Alguém estava atrás dela.
“Valete de paus.”
"Vai pescar."
Darby ficou imóvel, os pêlos arrepiando-se em sua pele. Um calafrio percorreu sua espinha. Ela queria se virar, mas não conseguia. Seu corpo não se movia.
Ele está bem atrás de mim.
Ele estava respirando na nuca dela. Uma lufada de boca, levantando seu cabelo, fazendo cócegas em sua pele nua. Assobiando suavemente em seu ouvido. De

alguma forma, ela já sabia que este quarto viajante era um homem – as mulheres simplesmente não *respiravam* assim. Ele estava a menos de dezoito polegadas atrás dela. Perto o suficiente para tocá-la nas costas, ou alcançar sua garganta e colocar os dedos ao redor de sua traqueia.
Ela desejou poder se virar e encarar essa quarta pessoa, quem quer que fosse, mas o momento parecia estranho, flutuante. Como tentar dar um soco em um pesadelo.
Vire- se, ela pediu a si mesma. *Vire-se agora.*
Na frente dela, o jogo de cartas continuou: “Rainha de copas?”
“Ah! Aqui está."
“Nove de diamantes?”
"Não."
Atrás dela, a respiração parou por alguns segundos – tempo suficiente para que ela brevemente esperasse que estivesse imaginando, tudo – e então sugou em um gole mais pesado. Respiração pela boca. De pé ali em rígido silêncio, Darby percebeu que tinha feito isso de novo. Ela entrou na sala sem verificar o canto à sua esquerda.
Jesus, Darby, apenas se vire.
Enfrente-o.
Finalmente, ela o fez.
Ela se virou devagar, casualmente, com uma palma para cima, como se estivesse apenas atendendo ao pedido de Ed para garantir que a porta estivesse fechada corretamente. Ela se virou — virou-se até ficar cara a cara com o homem.
O homem era um estiramento. Ele era alto, mas desleixado, magro, com dezenove anos no máximo. Um perfil de doninha em seu rosto incrustado de acne, todo overbite acima de um queixo disforme envolto com bigodes de pêssego. Um gorro Deadpool e uma jaqueta de esqui azul bebê. Seus ombros estreitos estavam molhados com neve derretida, como se ele tivesse acabado de sair também. Ele estava olhando para ela, então ela encontrou seu olhar – pequenas pupilas cor de avelã, como roedores em sua estupidez plana – e ela devolveu um sorriso tímido.
O momento manchado.
O hálito de Rodent Face cheirava a chocolate ao leite misturado com a acidez terrosa de Skoal. Seu braço direito levantou sem aviso — Darby se encolheu — mas ele estava passando por ela para fechar a porta. Ele engatou com um clique de trava.
"Obrigado", disse Ed, voltando-se para Ashley. "Ás de Copas?"
"Não."
Darby quebrou o contato visual e deixou o homem na porta. Seu coração batia

contra suas costelas. Seus passos soaram ampliados. Ela apertou as duas mãos em punhos para esconder o tremor e se sentou à mesa com os outros. Ela puxou uma cadeira entre Ashley e o casal mais velho, e as pernas de madeira buzinaram nos azulejos.
Ashley cerrou os dentes com o som áspero. "Uh, nove de copas."
"Merda."
A esposa de Ed deu um tapa no cotovelo dele. "Língua."
Darby sabia que Rosto de Roedor ainda a observava com aqueles olhinhos turvos, estudando-a. E ela percebeu que estava sentada rigidamente – rigidamente demais – então ela se esparramou um pouco na cadeira e fingiu brincar com seu iPhone. Curvando os joelhos até a mesa. Ela estava fingindo agora, apenas uma Art Major com excesso de cafeína com um Honda cheio de ruínas de lápide e uma bateria de telefone esgotada, encalhada aqui no limite da civilização como todo mundo. Apenas um inofensivo segundo ano de CU-Boulder.
Ele ficou na porta. Ainda a observando.
Agora Darby começou a se preocupar. Ele poderia saber? Talvez ele estivesse olhando pela janela voltada para o oeste e a tivesse visto espiando dentro de sua van. Talvez ele tivesse visto as pegadas dela. Ou talvez seu comportamento entregasse tudo no segundo em que ela cambaleou de volta para dentro do saguão com os nervos à flor da pele e o coração na garganta. Ela geralmente era uma boa mentirosa, mas não esta noite. Agora não.
Ela tentou encontrar uma explicação comum para o que ela testemunhou – tipo, o garoto ainda não mencionado de uma dessas quatro pessoas estava apenas cochilando na parte de trás de sua van. Isso era plausível, certo? Tinha que acontecer o tempo todo. É para isso que servem as paradas para descanso. Em repouso.
Mas isso não explicava o cadeado circular que ela vislumbrou. Ou as barras de arame que a mão estava segurando. Ou, pensando bem, a colocação deliberada das toalhas nas janelas traseiras – para esconder o que estava acontecendo lá dentro. Direito?
Estou exagerando?
Pode ser. Talvez não. Seus pensamentos estavam se dispersando; sua alta cafeína a abandonando. Ela precisava de um maldito café.
E por falar em *exagero* , ela já havia tentado ligar para o 9-1-1 lá fora. Ainda sem sinal. Ela tentou várias vezes perto das Crianças do Pesadelo, no local mágico que Ashley havia descrito para ela. Nenhuma coisa. Ela até tentou enviar uma mensagem de texto para 9-1-1 - ela se lembra de ter lido uma vez que os arquivos de texto ocupam uma fração da largura de banda necessária e são a

melhor maneira de chamar ajuda de zonas mortas de celular. Mas isso também não funcionou : **Rapto de criança, placa cinza da van VBH9045, rota estadual 7 Wanapa, parada, mande a polícia.**
Esta mensagem de texto, marcada como UNABLE TO SEND, ainda estava aberta. Ela a fechou, para o caso de Rosto de Roedor olhar por cima do ombro.
Ela também tentou abrir a porta traseira da van (o que poderia ter sido um erro fatal se o veículo tivesse um alarme de carro), mas estava trancada. Claro – por que *não* estaria trancado? Ela ficou lá fora, olhando para a escuridão com as mãos em concha, batendo no vidro com os nós dos dedos, tentando persuadir a pequena forma a se mover novamente. Sem sorte. O interior da van estava escuro como breu, e as portas traseiras estavam cheias de cobertores e lixo. Ela só vislumbrou aquela mãozinha por alguns segundos. Mas foi o suficiente. Ela não tinha imaginado isso.
Direito?
Direito.
"Ás de Espadas."
“Maldição.”
“Idioma, Eddie—”
“Pelo *amor de Deus* , Sandi, estamos nevados dentro de uma merda financiada pelos contribuintes no Colorado e é quase véspera de Natal. Vou colocar vinte na minha jarra de juramentos quando chegar em casa, ok?
A senhora com o corte tigela preta - Sandi, aparentemente - olhou para Darby por cima da mesa larga e murmurou: *Desculpe por ele* . Ela estava faltando um dente da frente. Em seu colo, sua bolsa de strass estava bordada com o Salmo 100:5: *POIS O SENHOR É BOM E SEU AMOR PERMANECE.*
Darby sorriu educadamente. Sua sensibilidade delicada poderia lidar com um pouco de xingamento. Além disso, Ashley ainda achava que Bing Crosby era um dos Beatles, e isso fazia de Ed um cara decente em seu livro.
Mas . . . ela estava ciente de que estava desenvolvendo outro ponto cego aqui, exatamente como quando ela entrou no prédio sem verificar seus cantos. Seu instinto dizia que Rosto de Roedor era o motorista da van cinza. Mas era uma suposição. Ela sabia que o sequestrador/abusador de crianças poderia ser qualquer um aqui. Qualquer um dos quatro estranhos presos neste abrigo à beira da estrada poderia ser – não, *era* – suspeito.
Ashley? Ele estava limpando a Go Fish agora. Ele era espirituoso e amigável, o tipo de encantador sanguíneo que ela namorou uma vez, mas nunca duas, mas havia algo nele em que ela não confiava. Ela não podia colocar o dedo exatamente por quê. Seria um maneirismo? Uma escolha de palavras? Ele apenas se sentiu *falso* com ela, seus compromissos sociais cuidadosamente

administrados, do jeito que um balconista de loja faz uma cara alegre para os clientes, mas fala merda sobre eles na sala de descanso.
Quanto a Ed e Sandi? Eles eram legais, mas algo estava errado sobre eles também. Eles não pareciam casados. Eles nem pareciam gostar particularmente um do outro.
E cara de roedor? Ele já era um alerta AMBER ambulante.
Todos aqui eram culpados até provarem que eram inocentes. Darby precisaria combinar cada indivíduo com cada veículo do lado de fora, e então ela poderia ter certeza. Ela não podia simplesmente perguntar abertamente também – ou o verdadeiro sequestrador/pai abusivo saberia que ela estava atrás deles. Ela precisaria passar essa informação gentilmente. Ela pensou em perguntar a Ashley, Ed e Sandi a que horas eles chegaram e deduzir pela quantidade de neve empilhada nos carros do lado de fora. Mas isso também poderia atrair muita atenção.
Então, novamente, e se ela esperasse demais?
O sequestrador não ficaria aqui. No instante em que a nevasca passasse, ou os limpa-neves CDOT chegassem, ele (ou *ela* , ou *eles*) dariam o fora do Colorado. Deixando Darby com apenas uma descrição suspeita e um número de placa.
Seu telefone tocou em seu bolso, assustando-a. Cinco por cento de bateria.
Ashley olhou para ela por cima de um punhado de cartas sujas. "Sinal?"
"O que?"
“Alguma sorte em pegar um sinal de celular? Pelas estátuas?
Ela balançou a cabeça, entendendo que esta era uma oportunidade. Ela sabia que seu telefone não duraria a noite toda, então agora seria um momento apropriado para perguntar, no personagem: “Alguém aqui tem um carregador de iPhone, por acaso?”
Ashley balançou a cabeça. "Desculpe."
"Eu não", disse Sandi, cutucando o cotovelo de Ed, e seu tom mudou de doce para venenoso. “E você, Eddie? Você ainda tem o carregador do seu telefone ou penhorou isso também?”
“Você não penhora coisas no século XXI”, disse Ed. “Chama-se Craigslist. E não é minha culpa que a Apple seja superfaturada—”
"Língua-"
"Lixo. Eu ia dizer *lixo superfaturado* , Sandi.” Ele jogou suas cartas na mesa e olhou para Ashley, forçando um sorriso. “Eu quebrei um iPhone no bolso uma vez, ao me sentar. Um gadget de setecentos dólares, destruído pelo simples ato de *sentar* . A coisinha frágil dobrada como uma folha contra o meu...
"Língua-"
"-Quadril. Meu quadril. Veja, apesar do que Sandi aqui pensa, na verdade sou

capaz de completar uma frase inteira sem recorrer a...
Ashley interrompeu: “Quatro de paus?”
“ *Foda -se* .”
Sandi suspirou e estourou outra bolha em seu tablet. “Cuidado, jovem. Eddie-boy vira a mesa quando perde.
“Era um tabuleiro de xadrez”, disse Ed, “e foi *uma vez* .”
Ashley sorriu, pegando seu novo quatro de paus.
“Sabe, Eddie, você nunca vai conseguir outro emprego se não controlar esse xingamento.” Sandi bicou sua tela com uma miniatura, e um som de falha de desenho animado soou – *whomp-whomp* .
Ed forçou um sorriso. Ele começou a dizer alguma coisa, mas reconsiderou.
A sala esfriou.
Darby cruzou os braços e deixou as palavras penetrarem – linha de fundo, sem fio branco de carregamento da Apple por quilômetros. Ela adivinhou que seu telefone tinha cerca de noventa minutos de bateria. Rosto de Roedor não respondeu sua pergunta, é claro, nem mesmo falou. Ele ainda estava parado na porta da frente, bloqueando a saída com as mãos nos bolsos, o queixo felpudo para baixo, o gorro vermelho e preto do Deadpool cobrindo a metade superior do rosto.
Ele está me observando. Assim como eu estou olhando para ele.
Ela tinha que agir naturalmente. Sua melhor amiga uma vez lhe disse que ela sofria de RBF (“descansando cara de puta”), e sim, era verdade que Darby raramente sorria. Não porque ela era mal-humorada, ou mesmo infeliz. Sorrir a deixou constrangida. Quando os músculos de seu rosto ficaram tensos, a cicatriz longa e curva sobre sua sobrancelha tornou-se visível, tão clara quanto uma foice branca. Ela o tinha desde os dez anos. Ela odiava isso.
CRACKLE-SNAP.
Um som áspero, como tecido rasgando, e Darby sacudiu em seu assento. Era o rádio atrás da veneziana de segurança assobiando para a vida. Todos olharam para cima.
"É aquele-"
"Sim." Ed se levantou. “A aberração de emergência. Está de volta."
Darby sabia que freak era uma abreviação do Exército para *frequência* . Outro gole de estática suja, atingindo um pico distorcido. Como um telefone caído debaixo d'água.
Ela não percebeu que Rosto de Roedor havia se aproximado até que ele estava parado diretamente sobre seu ombro esquerdo, ainda respirando pela boca, juntando-se ao grupo em atenção congelada enquanto a antiga Sony AM/FM vazava raspadinha eletrônica do balcão. Sob o ruído de feedback, ela

reconheceu. . . sim, lá estava. . . o mais leve murmúrio—
"Uma voz", disse ela. “Alguém está falando.”
“Não consigo ouvir nada...”
"Espere." Ed estendeu a mão pela grade de segurança e girou o botão de volume, levantando pequenos fragmentos da lama. Parecia a voz automatizada, empolada com pausas desumanas: “— emitiu um w-nter st-rm w-rn-ng -ffecting Backb-ne Pass com condições bl-zzard e prec-pitação extr-me. A rota estadual Sev-n está fechada para todos os tr-ffic entre as saídas f-rty-nine e 68 unt-l p-r outro aviso __”
Ashley piscou. “Em que marco de milha estamos?”
Ed levantou um dedo, fazendo barulho nas venezianas. “Ssh.”
“—As equipes de emergência e manutenção rodoviária esperam atrasos significativos de seis a oito horas devido a múltiplas colisões e fortes quedas. Todos os mot-ristas são aconselhados a ficar fora das estradas e permanecer dentro de casa até que as condições impr-vem.”
Uma pausa longa e crepitante. Em seguida, um bipe fraco.
Todos esperaram.
“O serviço meteorológico nacional emitiu um aviso de tempestade w-nter afetando a Passagem de Backb-ne. . .” A transmissão se repetiu, e todos na sala esvaziaram ao mesmo tempo. Ed baixou o volume e bufou.
Silêncio.
Sandi falou primeiro. “Seis a oito *horas* ?”
As pernas de Darby quase se dobraram sob ela. Ela estava meio de pé, arqueada para frente para ouvir, e agora ela caiu de volta em sua cadeira como uma boneca de pano. O resto da sala processou essa informação em vozes abafadas, girando em torno dela:
"Isso está certo?"
“Seis a oito malditas horas.”
“A noite toda, basicamente.”
“Melhor ficar confortável.”
Sandi fez beicinho e fechou o estojo de couro de seu tablet. “Figuras. Já estou no último nível do Super Bubble Pop.”
A noite toda . Darby se balançou na cadeira barata, os nós dos dedos entrelaçados ao redor dos joelhos. Uma estranha sensação de alarme a invadiu, uma espécie de horror lento, como o que sua mãe deve ter sentido quando encontrou aquele primeiro caroço sob sua axila. Sem pânico, sem briga, sem fuga, apenas aquele pequeno momento trêmulo em que a vida cotidiana fica rançosa.
Vai ser a noite toda até os limpa-neves chegarem aqui—

Rosto de Roedor limpou a garganta, um gorgolejo suculento, e todos olharam para ele. Ele ainda estava de pé atrás da cadeira de Darby, ainda respirando em seu pescoço. Ele se dirigiu a toda a sala, suas palavras lentas e coaguladas: “Eu sou Lars.”
Silêncio.
"Meu . . .” Ele inalou pela boca. "Meu nome é . . . Lars.”
Ninguém respondeu.
Darby ficou tenso, percebendo que esta era provavelmente a primeira vez que Ashley, Ed e Sandi o ouviram falar também. A estranheza era tangível.
"Uh . . .” Ashley abriu seu sorriso fácil. “Obrigado, Lars.”
"Você sabe . . .” Lars engoliu em seco, ambas as mãos nos bolsos do paletó. “Já que seremos . . . ah. . . aqui um tempo. Melhor fazer apresentações. Então, ah, olá, meu nome é Lars.”
. . . *E provavelmente sou eu que tenho uma criança trancada na minha van.*
A mente de Darby disparou, seus pensamentos flutuando fora de controle, seus nervos se retorcendo e faiscando como fios vivos.
E estamos presos aqui com você.
Nesta pequena parada de descanso.
A noite toda.
"Prazer em conhecê-lo", disse Ed. “Qual é a sua opinião sobre os produtos da Apple?”

* * *

Vinte minutos de conversa fiada estratégica depois, Darby tinha todos os veículos estacionados combinados com seus motoristas.
O enterrado pertencia a Ashley. Ele tinha sido o primeiro aqui, tendo chegado por volta das 15h desta tarde para encontrar uma área de descanso deserta com um rádio murmurante e café velho. Ele não estava com pressa para cruzar a passagem, e achou que jogaria pelo seguro. Ele era um estudante universitário, como ela – Instituto de Tecnologia de Salt Lake City ou algo assim. Agora que o gelo estava quebrado, ele era um tagarela absoluto com um sorriso Cheshire cheio de dentes brancos. Darby agora sabia que estava planejando uma viagem a Las Vegas com seu tio para ver algum show de ilusionismo. Ela sabia que ele odiava cogumelos, mas adorava coentro. Meu Deus, ele poderia falar: “E *Ashley* ainda é um nome masculino perfeitamente bom.”
"Uh-huh", disse Ed.
As duas pessoas mais velhas eram mais cautelosas, mas Darby agora sabia que o F150 vermelho era na verdade de Sandi – não de Ed, como ela havia imaginado originalmente. Ela também ficou surpresa ao saber que eles nem eram casados,

embora com certeza brigassem o suficiente para ser. Eles eram *primos* , na verdade, e Sandi estava levando os dois para Denver para visitar a família no Natal. Uma viagem de 11 horas, pelo que parece. Ed estivera com algum tipo de problema recente, já que não tinha carro ou (aparentemente) um emprego fixo. Tempo de prisão? Pode ser. Ele parecia ser uma espécie de macho encalhado; um homem-criança de cinquenta e poucos anos com brinco e cavanhaque de motoqueiro, e Sandi parecia adorar cuidar dele, se ao menos tivesse uma desculpa para odiá-lo.
Então Darby eliminou três motoristas e dois veículos.
Isso deixou Lars.
Ele não tinha falado nada desde que disse seu nome, então Darby não podia ter uma idéia exata de quando ele chegou aqui, mas a julgar pela neve que ela estimou talvez trinta minutos antes de Ed e Sandi. Ela observou Lars encher um copo de isopor com COCO e retornar ao seu posto de sentinela na porta, tomando um gole infantil. Ela não o tinha visto sentar-se uma vez.
Enquanto bebia sua própria droga de escolha, COFEE, Darby tentou planejar seus próximos movimentos. Mas havia muitas incógnitas. Ela não podia envolver Ed, Ashley ou Sandi — ainda não — porque então ela perderia o controle da situação. Envolver outras pessoas tinha que ser um último recurso. Você não pode colocar o pino de volta na granada. Bem aqui, agora, ela tinha o elemento surpresa, e a pior coisa que ela poderia fazer era desperdiçá-lo.
Ainda assim, sua mente conjurou os piores cenários. Ela se imaginou dizendo a Ashley (a mais jovem e fisicamente capaz) que ela suspeitava que eles estavam compartilhando oxigênio com um molestador de crianças, e Ashley empalidecendo compreensivelmente. Lars notaria isso, arrancaria uma arma de sua jaqueta azul-bebê e mataria os dois. Ed e Sandi seriam testemunhas, então morreriam também. Quatro corpos crivados de balas em uma poça brilhante de sangue. Tudo porque Darby abriu a boca.
E o outro lado – e se não houvesse uma criança na van de Lars?
E se eu imaginasse?
E se ela tivesse visto uma mão de boneca de plástico? Uma pata de cachorro? A luva vazia de uma criança? Isso não explicaria as barras ou a combinação da fechadura, mas ainda assim, tudo poderia ter sido sua imaginação torturada, um truque de luz e sombra, e durou apenas alguns segundos de qualquer maneira. Sua mente girou um pouco.
Ela tinha certeza trinta minutos atrás, mas de repente sua convicção desapareceu. Ela podia imaginar uma dúzia de cenários mais prováveis do que este. Quais eram as chances de tropeçar em um sequestro em andamento? Enquanto preso durante a noite em uma parada de descanso na neve? Era muito fantástico fazer

parte da vida de Darby.
Ela tentou reconstruir mentalmente a cena. Passo a passo. A janela traseira da van estava coberta de gelo. O interior estava escuro. E a própria Darby? Ela estava um desastre – ansiosa, privada de sono, seu sangue fervendo com Red Bull, vislumbrando estrelas por trás de suas próprias pálpebras secas. E se isso fosse apenas sua imaginação vívida trabalhando, e Lars fosse apenas um viajante inocente como os outros? Atacá-lo seria uma carga de bateria.
Se eu estiver errado sobre isso . . .
Ela terminou seu último gole de café e, por algum motivo, sua mente disparou para sua irmã mais velha. Devon de 23 anos, que tinha sua primeira tatuagem gravada na omoplata direita. Alguns caracteres chineses, em negrito e elegantemente desenhados. Eles traduziram para: “Força em chinês”.
A lição lá? Verifique tudo duas vezes.
Ela precisava voltar para fora da van. Ela precisava ver essa criança. Realmente *ver* esta criança.
E ela não podia correr para a ação. Ela tinha muito tempo; ela tinha de seis a oito horas disso, na verdade. Tempo suficiente para pensar. E ela precisava ter certeza antes de fazer seu movimento.
Direito?
Direito.
Ela esfregou os arrepios em seus braços e examinou a sala. Na mesa, eles terminaram Go Fish - Ashley estava agora tentando convencer Ed a jogar um novo jogo de cartas chamado War. Sandi tinha tirado um livro de bolso amarelado de sua bolsa e o ergueu como um muro de defesa. E Lars, a estrela do pesadelo desta noite, ainda estava guardando a porta da frente, bebendo seu copo de isopor de COCO. Ela estava contando; esta foi a sua terceira recarga. Ele estaria indo ao banheiro em breve.
Foi quando , ela decidiu. Foi quando ela escapuliu para fora. A última vez que ela tropeçou na cena, desprevenida e assustada. Desta vez, ela estaria pronta.
Ashley folheou as cartas, tendo desistido de Ed, e acenou para o livro de Sandi. “O que você está lendo?”
Ela resmungou. “Um mistério de assassinato.”
“Eu gosto de mistérios de assassinato.” Ele hesitou. “Bem, na verdade, para ser honesto, eu não leio muito. Acho que gosto da *ideia* de mistérios de assassinato.”
Sandi forçou um sorriso educado, virando uma página. *Por que você perguntou, então?*
Mal haviam passado duas horas da estada de Darby na área de descanso de Wanapa, e ela já estava ficando irritada com Ashley. Ele era um falador, tudo bem. E ele ainda estava indo como um brinquedo de corda, seus ganchos presos

em Sandi: “Até que ponto . . . uh, quantos capítulos você tem?”
"Nao muitos."
“A vítima já foi assassinada?”
"Sim."
“Eu gosto de gore. Foi sangrento?”
Ed se mexeu desconfortavelmente e sua cadeira resmungou. Ele observou Sandi, que estava virando outra página e ainda não havia respondido a primeira pergunta de Ashley quando ele atirou outra: “Você consegue adivinhar quem é o assassino?”
“Ainda não,” ela disse secamente. "Essa é a questão."
"É sempre o cara legal", disse Ashley. “Mais uma vez, eu realmente não leio, mas já vi muitos filmes, e isso é ainda melhor. Quem parece ser o personagem mais legal, no começo, sempre se tornará o idiota no final.”
Sandi o ignorou.
Por favor, pare de falar , pensou Darby. *Simplesmente pare.*
“Aquela caminhonete,” ele continuou, olhando pela janela. "Isso é seu, certo?"
"Mm-hum."
“Lembra uma piada. O que a *Ford* representa?”
"Eu não sei."
“ *Encontrado na estrada, morto* .”
Sandi grunhiu e continuou lendo.
Finalmente, Ashley entendeu a dica. "Desculpe. Vou deixar você ler.”
Lars observou essa interação da porta. Ele lambeu os lábios, e Darby ficou impressionado com o quão pequenos eram seus dentes. Apenas duas pequenas fileiras de grãos atrofiados, como dentes de leite, meio formados, ainda envoltos em gengivas rosadas. Ele engoliu o resto de seu COCO e jogou seu copo de isopor vazio na lata de lixo, errando por um metro.
Ninguém comentou isso.
Nem mesmo Ashley.
Darby observou a xícara branca girar no azulejo e considerou – supondo que suas suspeitas fossem confirmadas – talvez ela pudesse arrombar a van de Lars e silenciosamente levar a criança para seu Honda. Esconda-o no banco de trás, talvez, sob a pilha de papel de embrulho que ela usava para as gravuras da lápide. Ou melhor ainda, o porta-malas – se houvesse oxigênio e calor suficientes. Quando os limpa-neves chegassem amanhã de manhã, todos poderiam seguir caminhos separados, e Lars poderia ir embora sem nem perceber que sua presa havia escapado...
Não. Isso foi uma ilusão. Já que eles ficariam presos aqui a noite toda, Lars teria que ligar seu motor periodicamente para manter a criança aquecida. Ele notaria

que seu cativo havia desaparecido.
Ela respirou fundo. Ela contou até cinco antes de deixá-lo sair, assim como sua mãe uma vez lhe ensinou.
Neste momento, a vantagem é minha.
Eu não posso desperdiçá-lo.
Ela desejou que pudesse ser outra pessoa nesta situação. Alguém mais inteligente, mais corajoso, mais firme, mais capaz. Alguém do programa ROTC de sua faculdade, uma daquelas garotas suadas em camuflagem digital urbana carregando mochilas pesadas para cima e para baixo no campus. Alguém que sabia ju-jitsu. Inferno, *qualquer* outra pessoa.
Mas era só ela.
Apenas Darby Thorne, a garota esquisita que se escondia das festas dentro de um dormitório coberto com papel de parede com giz de cera preto roubado de túmulos de estranhos, como uma espécie de vampiro espiritual.
À medida que a tempestade de neve se intensificava lá fora, ela pegou seu iPhone e rapidamente digitou outro texto. Apenas um rascunho de mensagem. Apenas um backup, no caso do impensável, mas trouxe lágrimas aos olhos do mesmo jeito.
Mãe, se você encontrar esta mensagem no meu telefone, algo aconteceu comigo. Estou preso durante a noite em uma parada de descanso enquanto escrevo isso, e uma das pessoas aqui pode ser perigosa. Espero que eu esteja apenas sendo paranóico. Mas se eu não for. . . só sei que sinto muito por tudo. Todas as coisas que eu disse e fiz para você. Sinto muito pelo nosso telefonema no Dia de Ação de Graças. Você não merece nada disso. Mãe, eu te amo muito. E eu sinto muito.
Amor, sua filha.

* * *

Quinze minutos depois, Lars foi ao banheiro.
Ele passou pela cadeira de Darby, e ela notou algo estranho. Ele tirou as luvas pretas de esqui, expondo a pele pálida das costas da mão esquerda. Estava salpicado de pequenas saliências levantadas. Como picadas de mosquito. Ou talvez tecido cicatricial, embora ela não pudesse imaginar que ferramenta horrível poderia fazer isso com uma mão humana, exceto um ralador de queijo...
Então Lars passou e desapareceu no banheiro masculino. A porta se fechou, levando uma eternidade antes de finalmente clicar.
Agora .
Darby puxou sua cadeira para fora e se levantou sobre os joelhos trêmulos. Ed e Ashley olharam para ela. Esta era sua chance, sua janela de trinta segundos para

se esgueirar para fora e confirmar o impensável. Com o telefone na mão, ela se moveu para a porta da frente, seus pulmões inchando com a respiração presa – mas no caminho ela se surpreendeu. Ela fez algo totalmente ilógico.

Ela se aproximou da segunda garrafa, rotulada COCO, e rapidamente encheu seu copo de isopor de oito onças. Ela nem gostava de chocolate quente.

Mas as crianças sim. Direito?

Ela ouviu uma descarga de mictório. Lars estava voltando.

Apressando-se agora, ela tomou um gole da bebida quente enquanto cruzava de volta para a porta da frente, e abriu a porta, ciente de que Ashley ainda a observava. "Ei, Darbs, onde você está indo?"

Darbs. Ela não era chamada assim desde a quinta série.

“Tentando novamente obter um sinal de celular. Minha mãe está com câncer no pâncreas e está em um hospital em Provo.” Sem dar tempo para Ashley responder, ela saiu para a tempestade uivante, encolhendo-se contra uma parede de ar gelado, e se lembrou de um pequeno ditado improvisado que ouvira uma vez de sua mãe: *As mentiras mais fáceis de contar são as verdadeiras.*

NOITE

21h25

Darby caminhou primeiro para as Crianças Pesadelos.
Isso era parte de seu plano – seria suspeito ir direto para os carros, e ela tinha que assumir que Lars olharia pela janela depois que ele saísse do banheiro e não a encontrasse lá. Além disso, ela estava deixando rastros na neve. Ela reconheceu o seu de uma hora atrás, e o de Ashley e o de Lars (seus sapatos tamanho oito eram muito menores que os deles). Todo o recheio com flocos de neve.
Esta noite, cada decisão deixaria pegadas.
Quanto às decisões, o chocolate quente tinha sido estúpido. Tão idiota quanto a tatuagem “Força em chinês” de Devon. Ela não sabia por que se deu ao trabalho de servir uma bebida enquanto um possível predador de crianças fazia um vazamento em um quarto. Ela acabou de fazer isso. Ela queimou a língua quando bebeu no caminho para fora, como uma verdadeira foda.
Ela circulou as estátuas mastigadas, e então deu a volta pelo centro de visitantes. O prédio oscilava na beira do penhasco - apenas um precipício estreito atrás de uma parede de fundação de cimento, tornado mais estreito por mesas de piquenique empilhadas. Na parede dos fundos do prédio, ela viu mais duas janelas. Um para cada banheiro. Eram pequenos e retangulares, a cerca de três metros do chão, aninhados sob a saliência coberta de gelo do telhado. Ela tinha certeza de que Lars já tinha terminado lá – ela tinha ouvido a descarga do mictório minutos atrás – mas ela se moveu silenciosamente, só por precaução.
Ela caminhou morro acima, ainda interpretando o papel de Garota Sem Serviço de Celular. Claro, seu iPhone não detectou nada. Ela tentou reenviar sua mensagem de texto do 9-1-1 a cada poucos passos, mas nunca deu certo. Sua bateria agora era de quatro por cento.
Daqui de cima, ela podia inspecionar toda a área de descanso, disposta como um diorama. Wanapa — *Little Devil* , na língua local. O pequeno edifício robusto. O mastro da bandeira. O tronco de cedro. As Crianças do Pesadelo. O amontoado de carros nevados. Particularmente, ela observou a porta da frente do centro de visitantes, esperando Lars sair sob o brilho laranja da lâmpada de vapor de sódio. Esperando para ver se ele seguiria seu rastro.
A porta não abriu.
Nenhum sinal de Rosto de Roedor.
O Pico de Melanie se erguia à esquerda, uma sombra inclinada. A intensa queda de neve obscureceu a maior parte, mas ainda era a montanha mais alta à vista. Seria um marco útil para a navegação.

Deste ponto de vista, ela também podia ver a State Route Seven, banhada em círculos de luzes no teto. Parecia uma rampa de esqui gigante, brilhando com pó fresco. Totalmente intransitável para tudo aqui, exceto (talvez) a caminhonete de Sandi. Blue não chegaria a um metro e meio de altura — ou *abaixo* — disso.
Ela esperou lá com flocos de neve em seu cabelo, ouvindo as rajadas distantes de vento de alta altitude. Entre eles, um silêncio sombrio. E nele, os próprios pensamentos torturados de Darby corriam soltos, como uma câmara de eco.
Você é a razão pela qual papai foi embora. E se eu pudesse tê-lo escolhido em vez de você, eu o teria feito em um piscar de olhos.
Num piscar de olhos, Maya.
Antes de desligar, sua mãe havia respondido: *Se ele realmente quisesse você, Darby, ele teria te levado.*
Ela tomou um gole de chocolate quente novamente. Morno.
Agora que ela tinha certeza de que Lars não a estava seguindo, ela poderia finalmente se aproximar de sua van. Ela cruzou a rampa de saída e veio do norte, seus olhos nunca deixando a fachada frontal de Wanapa. Da janela interna, você podia ver o lado direito da van, mas não o esquerdo, e ela tinha que supor que Lars estaria de olho. Andar na neve profunda era exaustivo; ela escalou e ofegou, derramando sua bebida. O ar era abrasivo em sua garganta. O nariz dela queimou. Ela sentiu a umidade congelar em seus cílios, tornando-os crocantes.
Estranhamente, porém, seu próprio corpo não parecia frio. Seu sangue estava quente com adrenalina. Ela se sentiu radioativa. Ela nem tinha luvas, mas sentiu que poderia passar a noite toda aqui.
Atravessando a seção do estacionamento designada para trailers e semi-caminhões, ela estava perto o suficiente agora do prédio para distinguir figuras sentadas através do vidro manchado. Ela viu o ombro de Ashley. O topo da cabeça calva de Ed. Nenhum sinal de Lars, porém, o que de repente a preocupou. E se ele a tivesse seguido para fora, afinal? E se ele tivesse acabado de sair do prédio quando ela estava *atrás dele* , e ele estivesse rastreando suas pegadas agora, rastejando atrás dela na escuridão?
Ela não conseguia decidir o que era mais assustador – ver Rosto de Roedor ou não vê-lo. Seu chocolate quente logo congelaria em sua xícara.
Ela continuou se movendo em direção àquela van misteriosa, e a estúpida raposa dos desenhos animados flutuou mais perto a cada passo cambaleante. Esse slogan: TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS. A poeira no estacionamento era mais rasa; apenas até o tornozelo sob uma pele de gelo. Tinha sido arado nas últimas vinte e quatro horas, o que era reconfortante. Aproximando-se pela esquerda, ela usou o lado comprido da van como cobertura.
Ela se aproximou das portas traseiras da van. Um Chevrolet Astro. Ela assumiu

que AWD significava tração nas quatro rodas. Um modelo mais antigo, a julgar pelo desgaste. Arranhões sujos no para-choque. Tinta cinza carvão, descascando em bolhas crocantes. À direita, ela reconheceu o leve contorno de suas próprias pegadas de uma hora atrás, passando entre a van e seu Honda, e parando bem aqui. Foi aqui que aconteceu. Foi aí que sua noite deu uma guinada difícil.
E agora, este era seu momento da verdade.
Ela colocou seu copo de isopor na neve e se inclinou para as janelas retangulares traseiras do Astro, meio obscurecidas com facas de gelo rastejante. Ela colocou as mãos em concha no vidro novamente e olhou para dentro. Estava ainda mais escuro do que ela se lembrava. Sem formas. Nenhum movimento. Apenas escuridão turva, como olhar no armário de um estranho.
Ela bateu no vidro com as duas pontas dos dedos. "Ei."
Nenhuma resposta.
"Ei. Tem alguém aí?" Era estranho estar falando com uma van.
Nenhuma coisa.
Apenas Darby Thorne, de pé aqui como um ladrão de carros, sentindo-se cada vez mais estranho a cada segundo que passava. Ela considerou usar a lanterna LED em seu iPhone, mas isso consumiria bateria e, pior, seria tão brilhante quanto uma supernova. Se Lars estivesse de frente para a janela, ele definitivamente a veria.
Ela bateu na porta de metal duas vezes com o nó do dedo, logo acima da placa da Califórnia, e esperou por uma resposta. Nenhuma atividade no interior. Nada mesmo.
Eu imaginei.
Ela se afastou da porta, sugando uma respiração fria. "Ouça," ela sussurrou, sua voz rouca. "Se houver alguém preso lá, faça barulho agora mesmo. Ou eu vou embora. Esta é a sua última chance."
Ainda sem resposta. Darby contou até vinte.
Imaginei aquela mãozinha . Foi o que aconteceu.
Agora, com o luxo da retrospectiva, ela sabia exatamente por que tinha tomado o tempo para encher uma xícara de chocolate quente no centro de visitantes. Era sua própria forma de negação. Ela fez a mesma coisa depois que Devon mandou uma mensagem na noite passada com uma mensagem que implodiu seu mundo :
Me chame de mãe tem câncer.
A primeira coisa que ela fez?
Ela largou o telefone, vestiu uma jaqueta e depois caminhou do Dryden Hall até o prédio da união estudantil e pediu um cheeseburger. Ela o viu chegar até ela, gorduroso e amassado, pagou US$ 5,63 com uma nota de dez amassada, encontrou um lugar no refeitório deserto e deu duas mordidas sem entusiasmo

antes de correr para o banheiro e vomitar. Ela ligou para Devon ali mesmo na cabine, seus cotovelos em porcelana branqueada, suas bochechas queimando com lágrimas.

Há refúgio na normalidade – se você puder segurá-la.

Do lado de fora da van de Lars, ela continuou contando.

A essa altura, ela havia chegado aos cinquenta e ainda não via sinal dessa criança imaginária. Fazia sentido, certo? Da mesma forma que pessoas perfeitamente racionais juram ver luzes vermelhas no céu, ou fantasmas em espelhos, ou Bigfoot em parques nacionais – Darby Thorne tinha acabado de imaginar a mão de uma criança dentro do carro de um estranho, e quase tomou uma ação séria e violenta naquele meio-termo. miragem vislumbrada. Muita cafeína, pouco sono.

Isso não era um filme. Esta era apenas a vida real.

E tudo isso foi apenas um mal-entendido, um alarme falso, e Darby de repente mal podia esperar para voltar àquele pequeno centro de visitantes abafado. Agora a empresa não parecia tão ruim assim. Ela tentaria jogar cartas com Ashley, talvez conversar com Ed e Sandi. Talvez cochile no banco até que o CDOT atualizou sua frequência de emergência com mais detalhes sobre o clima.

Porque Lars não era um sequestrador, afinal. Ele era um idiota com gagueira e uma condição de pele irregular em suas mãos, claro, mas o mundo estava cheio de medo. A maioria era inofensiva. Como o dono deste Astro provavelmente também era, ela recuperou um pouco de coragem e pressionou o telefone na janela traseira da van e ligou a lanterna LED, desencadeando uma onda de azul-branco ofuscante. Apenas para colocar a última de suas suspeitas de lado, para finalmente confirmar que não havia nada...

Atrás do vidro, ela viu o rosto de uma garotinha olhando para ela.

Darby deixou cair o telefone.

A luz de LED pousou de lado a seus pés, de frente para o centro de visitantes de Wanapa como um farol, lançando sombras irregulares na neve. Ela mergulhou para pegá-lo, cobrindo-o com as mãos em concha e procurando o botão do ombro.

Silêncio na van novamente. A garota havia recuado de volta para a escuridão.

E de novo, Darby só a tinha visto de relance. Mas no flash áspero a pós-imagem foi queimada em suas retinas, como olhar para o sol. Os detalhes demoraram. A forma oval de seu rosto. Talvez seis ou sete anos, com cabelo emaranhado. Olhos arregalados, estremecendo com o brilho. A fita escura se prendia cruelmente ao redor de sua boca, brilhante com o ranho pingado. Ela estava atrás de algo metálico e gradeado, como uma gaiola de arame preto. Como ela inicialmente suspeitara. Uma casinha de cachorro.

Meu Deus. Sua boca está fechada com fita adesiva e ela está enfiada dentro de

uma caixa de cachorro.
Pela primeira vez desde que saiu, Darby estremeceu. Todo o calor pareceu deixar seu corpo em um único e revigorante instante. Foi tudo confirmado. Era tudo verdade. Era tudo exatamente como ela suspeitava. Tudo estava realmente acontecendo, agora mesmo, em cores vivas, e a vida de uma garotinha estava realmente em jogo, e a disputa pelo título desta noite seria entre um estudante de arte privado de sono e um predador humano.
Ela se levantou novamente.
Estupidamente, ela tentou abrir a porta traseira do Astro. Ainda trancado. Ela já sabia disso. Ela foi para a porta do motorista ao lado. Ela não estava pensando; ela estava agindo por instinto. Apenas reflexos, nervos à flor da pele. Ela ia invadir a van de Rodent Face. Ela ia tirar essa garotinha *dali* e escondê-la em seu Honda. O tronco, talvez. Ela estaria segura lá, certo?
Quebrar vidro seria barulhento e deixaria evidências. Em vez disso, Darby espiou pela janela do motorista. O interior do Astro estava cheio de recibos no painel e embalagens amarelas de hambúrguer nos bancos. Os porta-copos estavam inchados com os grandes goles vazios de Lars. Ela varreu o pó fresco e procurou o pino da fechadura da porta atrás do vidro gelado - sim, lá estava. Graças a Deus pelos carros antigos—
Darby, pense nisso.
Ela se agachou e arrancou o cadarço branco do sapato direito. Apertando os dentes, ela amarrou um nó corrediço no meio. Puxou-o apertado, como um laço em miniatura. Ela só tinha feito isso uma vez antes.
Darby, pare.
Sem chance. Ela espalmou mais neve do topo da porta, soltando crostas de gelo, e apertou o cadarço no canto superior. Com as pontas dos dedos, ela agarrou o metal e puxou, apenas o suficiente para aliviar a pressão entre a porta e seu batente. Apenas um milímetro ou dois. Depois de trinta segundos de inquietação, a renda escorregou e ficou pendurada atrás do vidro.
Pare.
Ela não podia. Ela passou o cadarço com cuidado, abaixando o laço até a fechadura. E algo milagroso aconteceu – o laço caiu no pino e o circundou em sua primeira tentativa. Esta era a parte mais difícil, a parte que tinha demorado quarenta e cinco minutos frustrantes da última vez, mas surpreendentemente, Darby teve isso aqui em sua primeira tentativa. Este era um presságio promissor, como se Deus estivesse do lado dela. Ela com certeza esperava que Ele estivesse. Esta noite, ela precisaria de toda a ajuda que pudesse conseguir.
Seu melhor julgamento ainda estava protestando: *Darby, não seja impulsivo. Depois de soltá-la, e daí? Você não pode levá-la para dentro. Você não pode*

escondê-la no porta-malas de Blue a noite toda. Primeiro, dê um passo para trás —

Não. Ela só conseguia pensar naquela garota. Aquele rostinho aterrorizado, ainda queimado em sua mente.

Pense nisso—

Ela se reposicionou à esquerda, deslizando ao longo do perímetro da porta, e puxou o cadarço na horizontal. O nó corrediço apertou ao redor da fechadura, como um laço apertando um pescoço. Então ela se reposicionou verticalmente, ajustou sua pegada e puxou um pouco mais forte (muito forte, e ela perderia o controle sobre o pino e teria que começar de novo) e um pouco mais forte, e ainda mais forte, e o cadarço estremeceu com a tensão suada , e o pino estalou, e agora ela estava comprometida e não conseguia parar. . .

Darby, você vai morrer esta noite.

CLIQUE.

A porta destrancou.

Com o coração acelerado, Darby agarrou a maçaneta da porta e a abriu, e para seu horror, a luz do teto do Astro se acendeu. Um brilho gritante.

* * *

Larson Garver viu uma luz lá fora.

Ele estava curvado ao lado da estante de folhetos, estudando o panfleto da Colorado Air e tentando dizer se o helicóptero de turbina Robinson deles era um R66 ou um R44, quando notou. Brilhando na borda de sua visão periférica. Um pequeno flash silencioso dos carros estacionados, refletido para trás na janela. De *sua van* .

Ele sentiu um nó de pânico apertar em seu estômago.

O resto da sala estava alheio. O jogo de cartas de Ashley e Ed continuou, suas vozes um suave vai-e-vem:

“Nove de diamantes?”

“Ah. Você me pegou."

Lars prendeu a respiração. Seu ângulo na luz desconhecida lá fora não era bom o suficiente; pode ser apenas um reflexo no vidro. Então, ele enfiou o folheto da Colorado Air no bolso – onde se juntaria Springs Scenic (um Cessna 172) e Rocky Vistas (um DHC-3 Otter) – e correu para a janela com painéis, esticando o pescoço para uma visão mais clara.

* * *

Darby encontrou o botão da luz do teto e o desligou.

Escuridão novamente.

Puta merda. Ela engasgou, seu coração batendo forte, seus tímpanos zumbindo,

cheios de sangue. Isso tinha sido estúpido. Imprudente. Perigoso. Ela agiu sem pensar e se permitiu ser emboscada por uma lâmpada ativada pela porta.
Ainda assim, ninguém tinha visto. *Nenhum dano, nenhuma falta, certo?*
. . . Direito?
A van cheirava a suor rançoso. Isso a lembrou de um vestiário de academia. A capa de couro do assento estava pegajosa sob seus dedos. Um aeromodelo no painel. O chão era um mar de sacos amarelos amassados de Jack in the Box e Taco Bell, viscosos e transparentes com gordura congelada. Ela tateou em busca do console central e o abriu — mais lixo volumoso. Ela estava esperando por uma arma ou algo assim. Ela queria experimentar o porta-luvas, mas ela sabia que haveria outra lâmpada lá, pronta para explodir como um fio de armadilha. Ela não podia arriscar isso novamente.
Dentro do painel da porta, ela encontrou as fechaduras internas.
CLIQUE-CLIQUE.
As portas traseiras do Astro estavam agora destrancadas. A cabine era separada do compartimento de carga por uma tela de metal, como um confessionário católico. Com tanto cuidado, ela voltou para fora, pegou o nó corrediço do cadarço, apertou o pino da fechadura e fechou suavemente a porta do motorista com as palmas das mãos. Ela podia ver a janela do prédio sobre o capô da van. Ela temia ver a silhueta de Lars atrás do vidro – investigando a luz da cúpula – mas a janela ainda estava vazia. Apenas o topo da cabeça de Ed e parte do ombro de Ashley, enquanto Go Fish continuava.
Até agora tudo bem.
Darby rastejou de volta pelo lado esquerdo da van, refazendo seus passos passando pela estúpida raposa dos desenhos animados, escalando a neve amontoada. Ela enfiou o cadarço no bolso do jeans; não há tempo para amarrar o sapato agora. Ela circulou a traseira do Astro, agarrou a maçaneta esquerda da porta e a abriu.
A menina estava dentro de uma gaiola de cachorro. Uma daquelas grades pretas que podem ser recolhidas para armazenamento plano. Este era do tamanho de um collie, reforçado com um cadeado e dezenas de braçadeiras com nós. Ela estava curvada sobre os joelhos porque não havia espaço suficiente para ficar de pé. Seus dedos minúsculos agarraram as barras de arame como uma cela de prisão. A fita adesiva estava enrolada em torno de sua boca em torções desajeitadas.
Darby sentiu um cheiro azedo úmido. Urina.
Por um longo momento, ela não conseguiu falar. O que você poderia dizer? Não havia palavras para esta situação. Como engolir um bocado de manteiga de amendoim, ela finalmente conseguiu mover os lábios e dizer: “Oi”.

A garota a encarou com os olhos arregalados.
"São . . . você está bem?"
Ela balançou a cabeça.
Bem, sem merda.
"Eu estou . . .” Darby estremeceu sob uma rajada de vento gelado, percebendo que não tinha planejado tão cedo. “Ok, vou tirar a fita adesiva do seu rosto, para que você possa falar comigo. É que tudo bem?"
A garota assentiu.
“Pode doer.”
A garota assentiu com mais força.
Darby sabia que *iria* doer; estava colado em seu cabelo. Lars o havia enrolado preguiçosamente em torno de sua cabeça, e era do tipo elétrico preto. Ela estendeu a mão pelas aberturas do canil e encontrou as costuras da fita com as unhas. Com cuidado, ela tirou o primeiro laço, depois o segundo, e enquanto a garotinha trabalhava o resto, Darby perguntou: “Qual é o seu nome?”
“Jay.”
“Você conhece o homem que dirige esta van?”
"Não."
“Ele levou você?”
"Sim."
“Da sua casa?” Darby reformulou: “Espere, tudo bem, Jay, onde você mora?”
“1145 Fairbridge Way.”
"Onde fica isso?"
“Por Costco.”
"Não. Qual é o nome da *cidade* em que você mora?”
“São Diego.”
Isso fez Darby estremecer. Ela nunca tinha dirigido para a Costa Oeste antes. Lars deve estar nas estradas há dias, com essa garota presa nos fundos. Isso explicava o lixo do fast food. Ela vislumbrou mais do interior da van enquanto suas pupilas se ajustavam à escuridão – cobertores e tapetes empilhados para cobrir a gaiola. Prateleiras de compensado nas paredes, todas vazias. Garrafas de Coca-Cola, do tipo de vidro, tilintando no chão de metal. Serragem solta. Unhas. Uma lata de gás vermelha com um bico preto. Roupas infantis embrulhadas em sacolas brancas do K-Mart, embora Darby duvidasse que Lars tivesse trocado Jay uma vez desde que a raptou de sua cidade natal. Todo o caminho no sul da *Califórnia.*
“Perto do Costco,” Jay esclareceu.
Darby notou um logotipo circular na camisa da garota e o reconheceu - o dispositivo em forma de bola dos jogos Pokémon. Uma *Pokébola* , ela se

lembrava, do aplicativo para iPhone que havia tomado de assalto o campus da CU-Boulder. "Qual é o seu sobrenome?"
“Nissen.”
"É . . .” Darby sacudiu o cadeado circular que prendia a porta do canil. “Jay é curto para alguma coisa?”
“Gaivota.”
"Não. Um nome mais longo. Como . . . Jéssica?”
“Apenas Jay,” a garota disse.
Jay Nissen. Idade sete. Dado como desaparecido em San Diego.
A percepção surgiu em Darby – isso estaria nos noticiários. Ela tinha acabado de invadir o carro de um homem (já tecnicamente um crime) e decisões estavam sendo tomadas, agora, que mais tarde seriam recitadas em um tribunal. Os advogados decifravam os detalhes minuto a minuto. Se ela sobrevivesse, ela teria que responder por cada escolha que ela fez, boas e ruins. E até agora, tudo o que ela realmente conseguiu foi perguntar à garota sequestrada com a boca fechada com fita adesiva se ela estava *bem* .
Darby sempre foi horrível em falar com crianças. Mesmo de volta aos seus dias de babá, ela não tinha esse instinto maternal. As crianças eram apenas pequenas criaturas confusas e beligerantes que a estressavam. Ela muitas vezes se perguntou como sua própria mãe poderia ter lidado com ela, especialmente porque ela não foi planejada.
Sua irmã mais velha Devon tinha sido deliberada, é claro. O primogênito querido. Mas então, três anos depois, veio o bebê Darby na sequência de uma separação conjugal devastadora. Papelada do divórcio, aluguel atrasado e um lado do enjoo matinal. *Eu pensei que você fosse uma gripe estomacal* , sua mãe lhe disse uma vez com um sorriso torto. Darby nunca soube muito bem como se sentir sobre isso.
Eu pensei que você fosse a gripe.
Tentei te matar com Theraflu.
Agora esta menina raptada levantou a outra mão para agarrar o canil, e Darby percebeu que estava enfaixado. A palma de Jay foi embrulhada e selada com mais voltas de fita isolante desleixada. Muito escuro para distinguir os detalhes.
Darby o tocou — e Jay recuou bruscamente.
“Ele. . . ele te machucou?"
"Sim."
Seu intestino se agitou com raiva. Ela não podia acreditar – o quanto esta noite parecia piorar a cada segundo que passava – mas ela firmou a voz e perguntou entre dentes trêmulos: “O que ele fez com sua mão, Jay?”
“Chama-se cartão amarelo.”

“ *Cartão amarelo* ?”
A garota assentiu.
A mente de Darby agitou-se – como no futebol?
Jay baixou a mão ferida e se inclinou para trás, rangendo o canil, e Darby sentiu algo crocante cobrindo as barras de arame. Descascou sob suas unhas, cheirando a cobre. Escamas de sangue seco.
Um cartão amarelo.
Esse é o tipo de psicopata que eu estou enfrentando—
A quinze metros de distância, a porta da frente do prédio se abriu e depois se fechou.
Jay congelou.
Passos se aproximando, vindo rápido. Gelo triturando sob botas com piso. Darby hesitou ali onde estava, apoiando-se na traseira do Chevrolet Astro do sequestrador de crianças. Metade dentro, metade fora. Medo de se mexer, medo de ficar. Paralisada pelo terror crescente, ela olhou nos olhos arregalados da garotinha enquanto os passos se aproximavam na escuridão.
E outro som, se aproximando rapidamente.
Respiração pela boca.

21h39

Correr ou se esconder?
Quando Lars se aproximou de sua van, Darby escolheu *se esconder* . Ela correu todo o caminho para dentro do veículo, dobrando os joelhos para dentro e fechando suavemente a porta traseira atrás dela - mas ela se fechou em uma toalha.
Seus passos se aproximaram.
“ *Merda— ”*
Ela puxou a toalha para dentro e fechou a porta. Ele clicou em casa. Ela agora estava trancada dentro da van do predador, espremida entre a porta traseira e o canil de Jay. Ela afundou o mais baixo que pôde no chão, contorcendo-se para caber no espaço apertado, e se cobriu com cobertores empilhados e tapetes ásperos. Garrafas de Coca-Cola tilintaram embaixo dela. O cheiro de mofo de cobertores de cachorro. Sua testa pressionada contra a fria porta de metal, seu cotovelo direito espremido torto atrás das costas. Ela lutou para controlar sua respiração, para manter seus goles de ar em pânico: *Inspire. Conte até cinco. Expire.*
Inalar. Conte até cinco. Expire.
Inalar. Contar até-
Agora ela ouvia os passos de Rosto de Roedor circulando pelo lado direito do veículo, passando pela raposa de desenho animado empunhando uma pistola de pregos, passando pelo NÓS TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS. lema, passando entre sua van e seu próprio Honda. Ela provou uma mistura enjoada de medo e vingança – se ela tivesse escolhido *correr* em vez de *se esconder* , ele certamente a teria visto. Ele continuou vindo, chiando suavemente entre seus dentes muito pequenos, e ela viu sua silhueta passar pela janela traseira acima de sua cabeça. Ele parou ali, olhando para dentro, a trinta centímetros dela, sua respiração embaçando no vidro.
Darby segurou a dela.
Se ele abrir aquela porta, eu estou morto—
Mas ele não o fez. Ele continuou andando, completando um círculo completo ao redor da van, e veio até a porta do motorista. Agarrou a maçaneta. Darby ouviu a porta ranger nas dobradiças ruins, e o veículo afundou em sua suspensão quando um terceiro corpo humano entrou cambaleando. O tilintar das chaves do carro em seu cordão vermelho.
Com um olho descoberto, cuidando para não mexer nas garrafas de vidro debaixo dela, Darby olhou para Jay dentro de seu canil e levou um dedo trêmulo

aos lábios: *Shhh.*
Jay assentiu.
No banco do motorista, Lars fungou, se inclinou para frente e clicou uma chave na ignição – mas ele não a virou. Darby ouviu um longo e pensativo suspiro. Então silêncio. Muito silêncio.
Algo está errado.
Ela esperou, seus tímpanos zumbindo com a pressão crescente. Os músculos do intestino se contraíram. Uma respiração presa em pulmões inchados. Rosto de Roedor era uma forma escura ao volante, separada por uma divisória enjaulada e recortada contra a neve opaca no pára-brisa. Com seu único olho descoberto, Darby pôde ver que sua cabeça estava virada de lado. Ele estava olhando para cima e para a direita. Na luz do teto do Astro.
A luz do teto que ela desligou.
Ah não.
Ela podia imaginar os pensamentos avançando por seu cérebro. Ele estava se perguntando por que a lâmpada não acendia automaticamente quando ele abria a porta do motorista, como sempre acontecia. Agora, o que isso sugere? Que outra pessoa havia entrado em sua van. Que, após um exame mais atento das pegadas mistas do lado de fora, alguém *ainda estava dentro* de sua van, enterrado na parte de trás sob um tapete mofado navajo, suando e tremendo com um pânico destroçando os nervos...
Lars girou a chave.
O motor girou suavemente e Darby exalou com alívio. Ele se curvou para frente em seu assento e inclinou as saídas de ar. Clicou o botão do aquecedor no máximo. Coloque seu gorro Deadpool no painel ao lado de seu aeromodelo, amassando uma embalagem de fast food.
Darby ouviu um movimento ao lado dela. Era Jay, enrolando silenciosamente a fita isolante em torno de sua boca. *Garota esperta* , ela pensou.
Os próximos vinte minutos pareceram horas, enquanto a van se enchia lentamente de calor e umidade. Lars ligou o motor e escaneou as estações de rádio. Ele encontrou apenas diferentes sabores de estática distorcida, a voz robótica repetitiva daquela transmissão CDOT e, mais uma vez, o maldito *Natal Branco de Bing Crosby* .
Não posso escapar dessa música , pensou Darby. *Provavelmente vai tocar no meu funeral.* Ela sempre imaginou que eles teriam inventado carros voadores até então. Agora, afundada na van úmida de um sequestrador, respirando pelo nariz, ela não tinha tanta certeza.
Naturalmente, Lars ouviu a música inteira, o que significava que Darby tinha que ouvir também. Ouvir as letras a fez apreciar um pouco mais. Ela sempre

assumiu que era sobre a neve, mas havia uma saudade e saudade nisso. Enquanto Bing Crosby cantava, ela imaginou um pobre menino de fazenda recém-saído do ensino médio, encolhido em terra congelada estrangeira, lutando na guerra de outra pessoa, sonhando com entes queridos em casa. Ela poderia se relacionar com essa parte.

Lars provavelmente não estava pensando tão profundamente sobre isso. Ele mastigou uma barra Baby Ruth, mastigando alto. Ele cutucou o nariz e estudou suas descobertas no brilho do painel. Peidou duas vezes. A segunda o fez rir, e então de repente ele se virou e sorriu para a parte de trás da van com a boca cheia de dentes pequenos e pontudos, e o peito de Darby se apertou, seu coração um punho cerrado.

"Aqueci para você", disse ele.

Ele estava olhando para o canil de Jay na escuridão, mas não tinha ideia de que também estava olhando diretamente para Darby. Apenas uma camada de tecido cobrindo-a e um olho exposto. Bastaria um pouco mais de luz.

Ele está olhando diretamente para mim.

O sorriso de Rosto de Roedor desapareceu. Ele continuou olhando.

Oh Deus, ele pode me ver, pensou Darby, sentindo cãibras laterais, sentindo aranhas rastejando em sua pele. *Seus olhos estão se ajustando à escuridão, e agora ele sabe que estou aqui, e ai meu Deus, ele vai me matar...*

Ele peidou uma terceira vez.

Ou isso, eu acho.

Esta foi longa, uma buzina estridente, e então ele explodiu em uma gargalhada. Ele *gritou* sua risada, socando o banco do passageiro. Ele estava imensamente satisfeito consigo mesmo, mal engasgando as palavras para seu cativo: “Você é . . . ah, você é bem-vindo para o rugidor de bochechas. Agradável e quente, hein, Jaybird?

Darby ouviu a fita isolante de Jay se dobrar enquanto sua cabeça se inclinava ligeiramente. Ela imaginou a garota fazendo um *“Viu com o que eu estou lidando?”* revirar os olhos.

Então as gargalhadas de Lars se transformaram em tosses. Eles estavam molhados, borbulhantes, como se ele estivesse cuidando de uma infecção sinusal. Isso explicava a respiração pela boca.

Os pés de Darby estavam pressionados contra a lata de gasolina de cinco galões que ela tinha visto antes, e ao lado dela, ela agora notou um segundo jarro branco. Um logotipo Clorox, pouco visível na luz do painel. Alvejante, provavelmente.

Cinco galões de gasolina.

E alvejante.

Materiais para limpar uma cena de crime, talvez?
Depois que o rádio passou por mais algumas músicas natalinas (*Gravma Got Run Over By A Reindeer* , que ele cantou junto, e *Silent Night* , que ele não fez), Lars desligou o motor do Astro e enfiou as chaves no bolso do paletó. A essa altura, a van era uma caixa de suor de oitenta graus; as janelas embaçavam com a condensação. Gotas de luz de lamparina orvalhada brilhavam no vidro. Preso sob aquele cobertor sufocante, o suor e a neve derretida deixaram a pele de Darby úmida. As mangas grudavam nos pulsos e, por baixo, o moletom Art Walk estava encharcado de suor.
Lars correu para fora, deslizou seu gorro Deadpool sobre seu couro cabeludo e olhou para a luz do teto. Ele ainda estava levemente perplexo com esse detalhe. Mas então ele se virou, deu uma última e enfática vez no táxi, abriu a porta, selou Jay (e Darby) dentro com ela e saiu.
Darby ouviu seus passos desaparecerem. Então, distante, ela ouviu a porta da frente do centro de visitantes abrir e fechar com um baque surdo.
Silêncio.
Jay tirou a fita isolante da boca dela. “Ele peida muito.”
"Percebi."
“Acho que são os hambúrgueres.”
Darby atirou o cobertor eriçado de seus ombros, enxugando emaranhados úmidos de cabelo de seu rosto. Ela chutou a porta traseira do Astro e voltou para fora. Parecia escapar de uma sauna. Seu Converse estava encharcado, suas meias grosseiramente moles dentro delas, e seu sapato direito ainda estava sem um cadarço.
“Ele coloca molho ranch em tudo,” Jay continuou. “Ele pede ao drive-thru um copo para molhar suas batatas fritas, mas isso é mentira. Ele apenas despeja-”
"Direito." Darby não estava ouvindo. O frio abaixo de zero era revigorante, como perder cinquenta quilos de suéteres. Ela se sentiu ágil e viva novamente. Ela sabia o que tinha que fazer - ela só não sabia como diabos ela iria fazer isso. Ela deu um passo para trás, levantou o iPhone e tirou duas fotos rápidas.
Jay não piscou, seus dedos manchados de sangue nas barras do canil. "Tome cuidado."
"Eu irei."
“Prometa que vai ter cuidado—”
"Eu prometo."
A garota estendeu a mão ilesa para Darby. A princípio ela pensou que fosse um aperto de mão, ou um juramento de dedo mindinho, ou algum outro artefato meio lembrado de sua própria infância, mas então Jay deixou cair algo na palma da mão de Darby. Algo pequeno, metálico, frio como um cubo de gelo.

Foi uma bala.
“Encontrei no chão,” Jay sussurrou.
Era mais leve do que Darby teria imaginado, como um pequeno torpedo. Ela rolou da esquerda para a direita em sua pele. Sua palma estava tremendo; ela quase o deixou cair. Isso não era exatamente uma surpresa, mas apenas uma confirmação sombria de seu pior cenário.
Claro que Lars tem uma arma.
Claro.
Ela deveria ter adivinhado. Esta era a América, onde policiais e ladrões carregam armas. Onde, como a NRA nos diz, a única coisa que impede um cara mau com uma arma é um *cara bom com uma arma* . Hokey, mas verdadeiro como o inferno. Ela nunca tinha manuseado uma arma de fogo antes, muito menos atirou em uma, mas ela venderia sua alma para ter uma agora.
Ela percebeu que Jay ainda estava olhando para ela.
Normalmente, ela odiava falar com crianças. Sempre que ela estava presa com suas sobrinhas ou irmãos mais novos de seus amigos, ela sempre os tratava como adultos menores e mais burros. Mas agora, veio fácil. Ela não precisava medir palavras. Ela quis dizer cada pedacinho disso, e reformulá-lo apenas diluiria seu poder simples:
“Jay, eu prometo que vou tirar você daqui. Eu vou salvar você."

22h41

Darby não via seu pai há onze anos, mas como presente de formatura do ensino médio dois anos atrás, ele lhe enviou uma multiferramenta. A parte engraçada? O cartão Hallmark da drogaria a parabenizou por se formar na *faculdade* .
Opa, hein?
Mas como presentes, não foi ruim. Era uma daquelas variantes vermelhas do Exército Suíço que se desdobravam em leque — saca-rolhas, tesoura, lixa de unha. E, claro, uma lâmina serrilhada de duas polegadas. Ela só o usou uma vez, para ajudar a abrir o pacote de bolhas que envolvia os novos fones de ouvido de sua colega de quarto, e então ela se esqueceu disso pelo resto de sua carreira na faculdade. Ela o guardava no porta-luvas de Blue.
Estava no bolso de trás agora. Como uma faca de prisão.
Ela estava sentada no balcão de pedra do café, de costas contra a veneziana de segurança, os joelhos dobrados contra o peito. Dali ela podia assistir a sala inteira – Ed e Ashley terminando seu milionésimo jogo de Go Fish, Sandi lendo seu livro de bolso e Lars guardando a porta em seu lugar de sempre.
Do banco de trás de seu Honda do lado de fora, debaixo de suas folhas de papel de arroz para esfregar lápides, ela também pegou uma caneta azul e um de seus blocos de notas da faculdade. Estava no colo dela agora.
A primeira página era de rabiscos. Formas abstratas, sombras hachuradas.
Página dois — mais rabiscos.
Página três? Cuidadosamente protegida da vista, Darby havia esboçado possivelmente sua melhor representação de um rosto humano. Foi quase impecável. Ela estudou Lars, cada centímetro dele. Seus bigodes loiros, sua mordida frouxa, seu queixo mole e testa inclinada. A pronunciada forma em V de sua linha do cabelo. Ela até capturou o brilho turvo de seus olhos. A polícia acharia útil; talvez eles até o liberassem para a mídia para ajudar na próxima caçada. Ela também tinha a marca, modelo e placa da van. Além de uma foto borrada da garota desaparecida de San Diego. Ficaria ótimo na CNN, ampliado em telas de LCD de quarenta polegadas em todo o país.
Mas foi o suficiente?
Dirigir era impossível agora, mas amanhã de manhã, quando os limpa-neves chegassem e abrissem o Backbone Pass ao tráfego, Lars pegaria Jay e partiria. Mesmo que Darby conseguisse ligar para o 9-1-1 imediatamente depois, a polícia ainda estaria agindo em um último local conhecido. Talvez ele fosse pego, mas *talvez não* . Ele teria tempo suficiente para escapar pela rede irregular,

para desaparecer de volta ao mundo, e isso seria uma sentença de morte para Jay Nissen, de sete anos. Jaybird Nissen. Qualquer que fosse o nome dela.
De acordo com o mapa regional na parede, a State Route Seven cruzava duas outras rodovias perto da passagem. Além de uma grande interestadual correndo como uma veia para o norte. Se Lars dirigisse para leste ou oeste, ele teria muitas rotas de fuga. Em uma inspeção mais próxima, ela também descobriu que a parada de descanso de Wanapa (Little Devil) estava a vinte milhas de descida. Este, aquele em que todos estavam presos, era na verdade Wanapani. Ela tinha lido mal o mapa mais cedo. Eles estavam vinte milhas *mais longe* da civilização. Em Paiute, Wanapani traduziu a *Grande Diabo* .
Claro que sim.
Darby ainda tinha a bala no bolso também. Ela o inspecionou sob luzes fluorescentes verdes no banheiro feminino. O nariz rombudo da bala foi dividido em quatro cortes transversais, que pareciam deliberados, por algum motivo desconhecido. A parte inferior, a borda de latão, tinha letras estampadas: 0,45 lic. Ela tinha ouvido falar de armas chamadas *quarenta e cinco* antes, em filmes policiais. Mas era assustador pensar que havia um de verdade bem aqui, no quarto com ela, enfiado sob a jaqueta de Lars. A poucos metros de distância.
Darby sabia disso em seu íntimo há uma hora, mas sua mente finalmente estava pensando nisso também. Uma descrição suspeita e uma foto borrada e meia boca não seriam suficientes. Seria suficiente para a mídia classificá-la como uma heroína se as coisas funcionassem bem, mas não foi suficiente para garantir o resgate de Jay.
E depois, se os policiais nunca encontrassem Lars, o que ela diria aos pais da pobre garota? *Desculpe, seu filho está morto, mas liguei para a polícia, anotei a placa do carro e passei tudo pelos canais apropriados. Até fiz um desenho.*
Não, ela precisava agir.
Aqui. Esta noite. Nesta pequena área de descanso coberta de neve. Antes que os arados chegassem ao amanhecer, ela mesma precisava parar Lars.
De alguma maneira.
Isso foi até onde seu plano foi.
Ela tomou um gole de café. Esta era sua terceira xícara, amarga e preta. Ela sempre amou seus estimulantes – shots de café expresso, Red Bull, Full Throttle, Rockstar. Comprimidos sem cochilo. Adderall da colega de quarto dela. Qualquer coisa para aquele pequeno zumbido viciante. Combustível de foguete puro para suas pinturas e pastéis de óleo. Depressores — álcool, maconha — eram o inimigo. Darby preferia viver sua vida de olhos arregalados, atormentada, fugindo, porque nada pode te pegar se você nunca parar. E graças a Deus por isso, pelo pequeno chute ácido da cafeína. Porque esta noite, de todas as noites,

ela precisaria ficar bem afiada.
Acima do mapa regional, ela notou um velho relógio analógico. Com tema Garfield. Em seu centro, Garfield cortejou a personagem feminina rosa - Arlene - com um punhado de flores grosseiramente desenhadas. O ponteiro das horas do relógio indicava que era quase meia-noite, mas ela percebeu que estava uma hora adiantada. Alguém havia perdido o horário de verão no inverno.
Não eram nem onze ainda.
Pensando nisso, ela não tinha certeza do que era mais estressante – ficar sem tempo ou ter muito tempo. Enquanto ela completava seu esboço (sombreando a inclinação irregular de sua testa, que a lembrava de um feto humano), ela notou que Lars estava finalmente se aquecendo para os outros. Pelo menos, havia um pouco mais de dinâmica de grupo agora. Ashley estava mostrando a Lars e Ed um truque de cartas, algo que ele chamava de uma virada mexicana. Pelo que Darby ouviu, você vira uma carta usando outra em sua mão – mas, na verdade, você está trocando-as. À vista de todos. Lars ficou fascinado com a manobra, e Ashley parecia encantada por ter uma audiência.
“Então é por isso que você continua ganhando”, disse Ed.
"Não se preocupe." Ashley deu um sorriso de vendedor ambulante, mãos para cima. “Eu venci você de forma justa. Mas sim, se me permitirem tocar minha própria trompa, uma vez ganhei a prata em uma competição de mágica de palco.
Ed bufou. "Sim?"
"Sim."
"Isso é uma coisa?"
“ *Claro* que é uma coisa.”
“Segundo grau?”
“Terceiro, na verdade.” Ashley embaralhou as cartas. "Muito obrigado."
"Você usou um pequeno smoking?"
"Voce tem que."
“Como está o mercado de trabalho atual para mágicos com medalha de prata?”
“Incrivelmente pobre.” Ashley guardou as cartas com uma tagarelice de cascavel. “Então eu fui para a faculdade de contabilidade. E deixe-me dizer-lhe, é aí que está a *verdadeira* magia.”
Eder riu.
Lars estava ouvindo a conversa deles, seus lábios peludos franzidos, e agora ele aproveitou essa pausa para se envolver nela: . . ah, os truques de mágica eram reais?”
A nevasca se intensificou lá fora. A janela rangeu sob a pressão das rajadas de vento. Ashley olhou para Ed por um momento de sorriso malicioso (*A magia é real? Sério?*), e Darby o observou decidir se jogava direito ou se entregava a um

pouco de sarcasmo às custas do sequestrador de crianças armado.
Não faça isso, Ashley.
Ele se virou para Lars. "Sim."
"Mesmo?"
O sorriso de Ashley se alargou. "Absolutamente."
Ela sentiu uma piscina trêmula de pavor crescendo em seu estômago. Como testemunhar os momentos antes de um acidente de carro. O grito de pneus travados, o poder cinético inflexível do impulso: *Pare com isso, Ashley. Você não tem ideia de com quem está falando...*
"Então é real?" Lars sussurrou.
Para para para-
"Oh, é tudo real", disse Ashley, ordenhando agora. “Eu posso dobrar o tempo e o espaço, tirar surpresas das minhas mangas, fazer as pessoas se lembrarem mal. Eu posso enganar a morte. Eu posso desviar de balas. Sou um *homem mágico* , Lars, meu irmão, e posso...
“Você sabe como cortar uma garota ao meio?” Lars perguntou abruptamente.
A sala ficou em silêncio. A janela rangeu sob outro uivo de vento.
Darby olhou para baixo e fingiu rabiscar de novo com sua caneta azul, mas percebeu com um tremor azedo que ele estava olhando para ela do outro lado da sala. Lars, o sequestrador de crianças sem queixo com um gorro de Deadpool e uma fascinação infantil por truques de mágica, estava olhando *diretamente para ela* .
Ashley hesitou. Sua máquina de merda estava sem gasolina. "EU . . . Ah bem . . .”
“Você sabe como cortar uma garota ao meio?” Lars perguntou novamente, ansiosamente. Mesmo tom, mesma inflexão. Seus olhos ainda estavam fixos em Darby enquanto falava. "Você sabe. Você a coloca em uma grande caixa de madeira, como um caixão, e então você. . . ah, você cortou com uma serra?”
Ed olhou para o chão. Sandi baixou o livro.
Novamente: “Você pode cortar uma garota ao meio?”
Os dedos de Darby se apertaram ao redor de sua caneta. Seus joelhos se curvaram mais perto de seu peito. Rosto de Roedor estava a cerca de três metros dela. Ela se perguntou - se ele fosse buscar a .45 debaixo da jaqueta, ela poderia arrancar o canivete suíço do bolso, retrair a lâmina e atravessar a sala rápido o suficiente para esfaqueá-lo na garganta com ela?
Ela descansou a mão direita na bancada. Perto de seu quadril.
Lars perguntou novamente, mais alto: “ *Você pode cortar uma garota...”*
– Posso – respondeu Ashley. “Mas você só ganha ouro se ela sobreviver.”
Silêncio.

Não foi particularmente engraçado, mas Ed forçou uma risada.
Sandi riu também. Assim como Ashley. Lars inclinou a cabeça – como se tivesse que espremer a piada através do mecanismo de seu cérebro – e finalmente cedeu e riu junto com eles, e a sala trovejou com gargalhadas. Tocando no ar pressurizado, até que a enxaqueca de Darby voltou e ela quis fechar os olhos.
"Veja, eu tenho prata", acrescentou Ashley. “Não é ouro—”
Sob outro crescendo de risadas tensas, e ainda sorrindo amplamente, Lars puxou seu casaco para o lado e pegou algo em seu quadril. Darby pegou a faca no bolso, mas ele estava apenas ajustando o cinto.
Jesus. Essa foi por pouco.
Ele se moveu rapidamente, no entanto. Se ele realmente estivesse indo para sua arma, ela percebeu, ele poderia ter matado todos na sala. Lars só parecia desajeitado e lento - até que ele te surpreende e ataca.
"Medalha de ouro", ele riu, puxando o cinto em torno de sua bunda esquelética, apontando o polegar para Ashley. “Eu, ah, gosto das piadas dele. Ele é engraçado."
"Oh, me dê tempo", disse Ashley. “Você vai me achar bastante irritante.”
Quando o riso falso desapareceu, Darby processou outra coisa. Um pequeno detalhe, mas algo profundamente perturbador na forma como o sequestrador riu. Ele parecia muito alerta. Pessoas normais piscam e baixam a guarda. Mas não Lars. Seu rosto riu, mas seus olhos *observaram* . Ele examinou os rostos de todos, os alunos vasculhando a sala, avaliando friamente enquanto ele mostrava sua boca cheia de dentes pontudos.
Essa é a cara estúpida e sorridente do mal , Darby percebeu.
Esse é o rosto de um homem que roubou uma garotinha de sua casa na Califórnia.
As luzes piscaram. Uma apreensão de escuridão gelada. Todos olharam para as lâmpadas fluorescentes, mas enquanto conversavam e a sala se encheu de novo de luz, Darby ainda estava estudando o rosto ruivo de Lars.
É contra isso que estou lutando.

* * *

Há um tempo, no meio da noite, quando se diz que as forças do mal estão no seu auge. *A hora das bruxas* , a mãe de Darby costumava chamá-la, com um tom bobo de vodu em sua voz.
são 3 da manhã
Supostamente esta era a zombaria do Diabo da Santíssima Trindade. Crescendo, Darby respeitou essa superstição, mas nunca acreditou realmente - como pode uma hora do dia ser mais maldosa do que qualquer outra? Mas ainda assim,

durante toda a sua infância, sempre que ela acordava de um pesadelo, com a respiração ofegante e a pele vidrada de suor, ela olhava para o telefone. E, estranhamente, a hora sempre foi perto das 3 da manhã. Todas as vezes que ela conseguia se lembrar.

A vez que ela sonhou que sua garganta fechou na aula de Estudos Sociais da sétima série e ela vomitou uma larva de sete centímetros, pálida e inchada, se contorcendo em sua mesa?

3h21

A vez que um homem a perseguiu a caminho do Seven-Eleven, assobiando para ela, e depois a encurralou no banheiro, pegou uma pequena arma e atirou na nuca dela?

3h33

A vez em que aquele fantasma alto – uma mulher de cabelos grisalhos com uma saia florida e joelhos dobrados, ambos dobrados para trás como as patas traseiras de um cachorro – veio cambaleando pela janela do quarto de Darby, meio flutuando e meio andando, leve e etéreo, como uma criatura debaixo d'água?

03h00 exatamente.

Coincidência, certo?

Horas de bruxaria , sua mãe costumava dizer, acendendo uma de suas velas de jasmim. *Quando os demônios estão mais poderosos.*

Então ela fechava o isqueiro Zippo para dar ênfase — clique.

Aqui e agora na área de descanso Wanapani, eram apenas 23 horas, mas Darby ainda imaginava uma escuridão se formando no quarto com ela, com todos eles. Algo senciente se acumulando nas sombras, esperando vertiginosamente a violência.

Ela ainda não tinha decidido como atacaria Lars.

Ela já havia memorizado a planta baixa do centro de visitantes. Era simples, mas cheio de detalhes significativos. Um saguão principal retangular com dois banheiros separados por gênero, bebedouros sujos e um armário de suprimentos trancado com a etiqueta SOMENTE FUNCIONÁRIOS. Um balcão de café de pedra e argamassa, cercando um café fechado, fechado com venezianas de segurança com cadeado. Uma porta frontal altamente visível com uma dobradiça estridente. Uma ampla janela com vista para o estacionamento, meio bloqueada por uma prateleira de neve varrida pelo vento. E uma pequena janela triangular em cada banheiro, aninhada no teto, três metros acima do piso de cerâmica. Como uma janela de prisão, menos as grades. Ela se lembrava disso, porque parecia um detalhe que os outros esqueceriam.

Lá fora parecia outro planeta inteiramente. O luar abafado pelas nuvens. A temperatura caiu para menos dois, de acordo com o termômetro de mercúrio

pendurado do lado de fora. A neve amontoada se amontoava na janela, ainda se acumulando. O vento vinha em jatos estridentes, cortando rajadas de flocos de neve secos que batiam no vidro como seixos.
“Eu com certeza poderia ir para algum aquecimento global agora”, disse Ed.
Sandi virou uma página. “O aquecimento global é uma farsa.”
"Só estou dizendo, graças a Deus estamos dentro de casa."
“Isso é verdade,” Ashley murmurou, inclinando a cabeça na direção de Lars, “até que alguém seja trancado em uma caixa de madeira e serrado ao meio.”
Rosto de Roedor voltou a pairar perto da porta, mexendo na prateleira de brochuras. Darby não sabia se tinha ouvido a piada de Ashley. Ela desejou que ele parasse de tentar o destino. Esta situação não poderia se sustentar por mais oito horas. Mais cedo ou mais tarde, Ashley vagaria em uma mina terrestre verbal.
Armas, então.
Isso era o que esta noite chegaria. E até onde Darby podia dizer, esta área de descanso pública era tão inofensiva quanto uma pré-escola. Do lado de fora das persianas de segurança, o café tinha apenas garfos e colheres de plástico. Pratos de papel e guardanapos marrons. Havia um armário de zeladoria, mas estava trancado. Nada de ferros para pneus, pistolas sinalizadoras ou facas para bifes. Sua melhor opção ofensiva, infelizmente, era a lâmina serrilhada de duas polegadas em sua multiferramenta do Exército Suíço. Ela deu um tapinha no bolso da calça jeans, assegurada de que ainda estava lá.
Ela poderia esfaquear Lars com isso? Mais importante, isso o impediria? Ela não sabia. Era apenas uma arma, improvável para perfurar uma caixa torácica. Ela precisaria pegar Rosto de Roedor desprevenido, e ela precisaria mergulhá-lo diretamente na carne macia de sua garganta, ou em seus olhos. Não há tempo para hesitação. Era possível, ela sabia, mas não exatamente o plano A.
A argamassa rachada embaixo do balcão, ela se lembrou. *A pedra solta.*
Isso pode ser útil.
Ela se levantou e se aproximou do balcão de café, fingindo encher outro copo de isopor. Quando ninguém estava olhando, ela levantou o pé direito, apoiou-o na pedra trêmula e se inclinou para frente. Ela aplicou um pouco de pressão, depois mais, depois mais — mexendo na alavanca da jarra de COFEE para esconder o barulho — até que a pedra se soltou e bateu no chão de ladrilhos. Lars, Ed e Ashley não perceberam. Sandi ergueu os olhos brevemente e depois retomou a leitura.
Quando os olhos da mulher voltaram para seu livro, Darby o pegou. Era um pouco menor que um disco de hóquei, liso e em forma de ovo. Apenas grande o suficiente para quebrar alguns dentes ensanguentados ou arremessar com força.

Ela guardou a pedra fria no bolso e voltou ao seu lugar no banco, fazendo um inventário mental.
Uma faca de duas polegadas.
Uma rocha de tamanho médio.
E uma única bala de calibre .45.
Vou precisar de ajuda , ela percebeu.
Ela poderia tentar derrubar Lars sozinha, é claro. Surpreenda-o, machuque-o, tire a arma de sua jaqueta e o detenha com ela até que os limpa-neves cheguem ao amanhecer. Amarre-o com sua própria fita isolante, talvez. E se as coisas fossem para o inferno, ela supôs que estaria mentalmente preparada para matá-lo. Mas tentar agora, sozinho, seria irresponsável. Ela precisava compartilhar sua descoberta com outra pessoa aqui, no caso de Lars conseguir dominá-la e esconder silenciosamente seu corpo sem que os outros percebessem. Ela não poderia salvar Jay se ela se matasse primeiro.
A diferença entre um herói e uma vítima?
Tempo.
Na mesa, Ashley abriu as cartas em um arco-íris suave, todas viradas para baixo, exceto um único ás de copas virado para cima. “E *aqui está o* seu cartão.”
Lars ofegou, como um homem das cavernas descobrindo o fogo.
Ed deu de ombros. "Nada mal."
Do banco, Darby avaliou seus potenciais aliados. Ed estava chegando aos sessenta e carregava uma barriga. Seu primo Sandi poderia muito bem ser feito de madeira balsa e laca. Ashley, no entanto - tão irritantemente tagarela como ele era, ele também era largo, musculoso e rápido em seus pés. A maneira como ele se movia para pegar as cartas caídas, a maneira como se movia com confiança em torno das cadeiras - ele tinha a graça de um jogador de basquete. Ou um mágico de palco.
Um mágico de palco *com medalha de prata* .
“Faça outro,” disse Lars.
"Esse é o único truque autêntico de que me lembro", disse Ashley. “Todo o resto era coisa de criança. Mangas falsas, alçapões em copos, esse tipo de coisa.”
“Você perdeu seu chamado”, disse Ed.
"Sim?" Ele sorriu, e por uma fração de segundo, Darby vislumbrou dor em seus olhos. “Bem, a contabilidade também é muito foda.”
Lars caminhou para a porta, desapontado que o show havia acabado.
Darby decidiu que seu próximo passo tinha que ser Ashley. Ele era forte o suficiente para lutar, pelo menos. Ela o pegaria sozinho, talvez no banheiro, e lhe contaria sobre a garota. Ela se certificaria de que ele entendesse a gravidade da situação; que agora, a vida de uma criança estava em jogo lá fora. Então ela teria

reforço, quando ela escolhesse seu momento para atacar e deter Lars—
"Oh!" Ashley bateu palmas, assustando a todos. “Eu sei como podemos passar o tempo. Podemos jogar o tempo do círculo.”
Ed piscou. "O que?"
"Hora do círculo."
“ *Tempo do círculo* ?”
"Sim."
"Que diabos é o tempo do círculo?"
“Minha tia é professora de pré-escola. Ela usa isso para quebrar o gelo com pequenos grupos. Basicamente, vocês estão todos sentados em círculo, mais ou menos como estamos agora, e todos concordam em um tópico, como *meu animal de estimação favorito* , ou qualquer outra coisa. E então você se reveza, no sentido horário, compartilhando sua resposta.” Ashley hesitou, olhando de rosto em rosto. "E isso é . . . é por isso que é chamado de tempo de círculo.”
Silêncio.
Finalmente, Ed falou. "Atire na minha cara, por favor."
Todo mundo estava distraído de novo, então Darby caminhou de volta para o balcão do Espresso Peak e pegou um guardanapo marrom. Ela o enfiou no caderno, clicou na caneta e rabiscou uma mensagem.
“Pessoal, estamos todos nevados aqui juntos, e temos mais sete horas pela frente.” Ashley tentou bravamente. "Vamos. Vamos pegar febre na cabine se não nos abrirmos e conversarmos um pouco mais.”
Ed resmungou. “Estamos conversando agora.”
“Então, circule o tempo, então—”
“Eu não estou jogando o tempo do círculo.”
"Eu vou primeiro."
"Então me ajude, Deus, Ashley, se você me fizer jogar o tempo do círculo, os limpa-neves chegarão amanhã de manhã e encontrarão um ponto de descanso cheio de cadáveres ensanguentados."
Darby clicou em sua caneta. *Esperemos que não.*
“Eu gosto do tempo do círculo,” Lars entrou na conversa.
Ed suspirou. "Sim, claro *que ele* faz."
"Tudo bem. Uma boa pergunta para quebrar o gelo são fobias, ou maiores medos”, disse Ashley. "Assim . . . Vou começar esta rodada, e vou contar todo o meu maior medo. Parece bom?"
“Não”, disse Ed.
Lars havia largado seu folheto. Ele estava ouvindo.
"Vocês todos vão pensar que minha fobia é estranha", disse Ashley. “Não é um medo normal, você sabe, como agulhas ou aranhas. . .”

Darby dobrou o guardanapo duas vezes com sua mensagem dentro. Ela sabia que estava prestes a fazer algo que não poderia ser desfeito. Este era o ponto sem retorno desta noite. A partir de agora, um olhar errado, ou uma palavra mal colocada, e a área de descanso Wanapani pode explodir em violência.

“Então, eu cresci nas Montanhas Azuis”, Ashley disse à sala. “Quando eu era criança, costumava andar pelas ferrovias e explorar essas antigas minas de carvão fechadas com tábuas. As colinas são apenas queijo suíço lá fora. E essa mina em particular não estava em nenhum mapa, mas localmente, chamava-se Chink's Drop.”

Sandi franziu o cenho. "OK."

"Você sabe", disse Ashley. “Como em, o termo depreciativo para o povo chinês __”

“Sim, eu imaginei.”

“Acho que um mineiro deve ter caído e morrido, e...”

"Entendo-"

“E ele deve ter sido chinês...”

"Eu *entendo* , Ashley."

"Desculpe." Ele hesitou. “Então, uh, eu tenho sete anos e sou burro pra caramba. Rastejei por baixo da barricada e fui sozinho, sem avisar ninguém, e trouxe apenas uma lanterna e uma corda. Como um Indiana Jones minúsculo. E, quero dizer, não foi assustador no começo. Segui o túnel que se estreitava cada vez mais fundo, passando por esses antigos vagões de minério, por esses trilhos de trem destroçados do século XVIII, através de uma porta bloqueada após a outra. O som é engraçado lá embaixo, todo gorjeio e zumbido. E eu estou deslizando em torno desta velha porta de madeira, e eu descansei minha mão na dobradiça corroída por talvez um segundo. E . . . algo terrível acontece.”

Darby notou que a atenção de Lars havia voltado para seu folheto da Colorado Air, então ela aproveitou o momento. Ela escorregou do banco, e seu Converse molhado caiu no chão com baques moles.

Ashley fez um movimento abrupto de *corte* . “A porta se fecha. A dobradiça se fecha, como essas duas garras de metal enferrujado, obliterando meu polegar, fraturando três metacarpos. Estrondo. Não doeu nada no começo. Apenas choque. E esta porta era de trezentos quilos de carvalho maciço, completamente imóvel. E lá estava eu, sozinho na escuridão, 800 metros abaixo da superfície.”

Darby caminhou para ele.

“Dois dias sem comida ou água. Eu dormi algumas vezes. Sonhos assustadores. Fadiga, desidratação. Eu não tinha uma faca, mas considerei seriamente perder meu polegar. Lembro-me de olhar para ele com minha lanterna morrendo, imaginando o quanto eu teria que torcer o peso do meu corpo contra a dobradiça

para. . . você sabe."
Ed se inclinou para frente. “Você ainda tem os dois polegares.”
Darby passou pela cadeira de Ashley e discretamente deixou cair o guardanapo dobrado em seu colo. Como crianças passando um bilhete na escola.
Ele percebeu – mas terminou sua história sem problemas, dando a Ed um irônico sinal de positivo: “Correto-amundo. Acontece que tudo que eu tinha que fazer era esperar. Alguns adolescentes de uma cidade diferente invadiram Chink's Drop e foram direto para mim. Salvo por pura, burra, sorte de bilhete de loteria.”
"E . . .” Sandy olhou para ele. “Sua fobia é. . . o que, estar preso?”
"Não. Dobradiças das portas.”
“Dobradiças da porta?”
“Eu *odeio* dobradiças de portas,” Ashley disse, fazendo um arrepio exagerado. “Eles me assustam, sabe?”
"Huh."
Darby parou na janela, observando os flocos de neve baterem no vidro, e esperou que Ashley lesse seu bilhete. Em sua periferia, ela o viu levantar o guardanapo e desdobrá-lo sob a borda da mesa para lê-lo furtivamente em seu joelho, fora da vista de Ed e Sandi. Com uma caneta azul áspera, Darby havia escrito: ENCONTRE-ME NO BANHEIRO TENHO ALGO QUE VOCÊ PRECISA VER.
Ele fez uma pausa.
Então ele tirou uma caneta preta do bolso, pensou por um momento e rabiscou uma resposta. Então ele se levantou e casualmente se aproximou da janela também, deslizando o guardanapo de volta na mão de Darby enquanto ele passava. Ele fez isso tão naturalmente quanto um batedor de carteiras.
Ela o desdobrou e leu sua caligrafia.
EU TENHO UMA NAMORADA.
Ela suspirou. "Jesus Cristo."
Ele olhou para ela.
Ela murmurou: *Não é o que eu quis dizer.*
Ele murmurou: *O quê?*
Não. O que. Eu quis dizer.
Agora ambos estavam de pé visivelmente perto da janela, de costas para o quarto. Lars provavelmente os estava observando, imaginando o que eles estavam murmurando um para o outro. Ed e Sandi também...
Ashley tocou seu ombro, murmurando novamente: *O quê?*
Darby sentiu, aquela paralisia familiar travando seus ossos. Como subir no palco e esquecer suas falas. Se ela falasse, eles ouviriam. Se não o fizesse, arriscava-se a fazer uma cena. O mundo inteiro oscilava no fio da navalha. Ela arriscou um

olhar por cima do ombro direito, na direção de Rosto de Roedor, e como ela temia, ele os observava. Ela notou outra coisa também, e seu sangue se transformou em água gelada.
Lars havia colocado algo branco na prateleira de folhetos. Um copo de isopor.
Seu copo.
Os oito onças de COCO com erros ortográficos que ela estupidamente encheu e levou para fora uma hora atrás. Ela a colocou na neve perto da porta traseira do Astro, logo antes de entrar e falar com Jay. Então ela se esqueceu da xícara, deixando-a no escuro para ele encontrar. Perto de suas pegadas agrupadas.
Ele sabe , ela percebeu. E algo ainda pior lhe ocorreu – que agora, o perigo silencioso cortava os dois lados.
Ele está planejando me atacar.
Da mesma forma que estou planejando atacá-lo.
“Preso em uma mina de carvão”, repetiu Sandi para Ed. "Coisas assustadoras."
"Eh." Ed deu de ombros. “Eu teria cortado meu polegar.”
“Não acho que seja tão fácil.”
"Apenas dizendo. Quando você está enfrentando um almoço com o Ceifador, o que são alguns ossinhos e tendões?”
Lars continuou a observá-los em silêncio, e o que mais assustou Darby foi a calma profunda e muda em seus olhos. Um criminoso com algum senso de autopreservação já teria sua arma em mãos. Mas Lars estava assustadoramente desinteressado, despreocupado, seus olhinhos insípidos olhando para ela como nada mais urgente, ou perigoso, do que um derramamento no chão que precisava ser limpo na próxima hora ou algo assim. Isso foi tudo.
Outro pensamento negro deslizou em sua mente, e de alguma forma, ela estava certa de que era profecia, aparecendo como uma das cartas de tarô mofadas de sua mãe: *Aquele homem vai me matar esta noite.*
É assim que eu morro.
Ela olhou de volta para Ashley e sussurrou: “Siga-me. Agora mesmo."

23h09

No banheiro masculino, ela contou tudo a Ashley.
A van. O canil. A garotinha chamada Jay de San Diego. A fita isolante, a mão ensanguentada, a ameaça desconhecida de um cartão amarelo. Até os peidos. E não importa o quão baixinho ela sussurrou, suas palavras pareciam ecoar dentro do banheiro, ressoando em azulejos e porcelanas. Ela tinha certeza de que os outros podiam ouvir.
Ashley exalou, visivelmente abalada. Suas órbitas oculares sombrearam duramente sob as luzes fluorescentes, como hematomas escuros, e pela primeira vez em toda a noite, parecia tão cansado quanto Darby se sentia. E, outra novidade – ele ficou sem palavras.
Ela o observou, tentando ler. "Assim."
"Assim?" ele respondeu.
"Assim. Nós temos que fazer alguma coisa."
“Obviamente, mas o quê?”
“Nós o paramos.”
“ *Detê* -lo? Isso é vago.” Ashley olhou para trás, observando a porta do banheiro, aproximando-se dela. "Você quer dizer matá-lo?"
Ela não tinha certeza.
“Jesus, você está falando em matá-lo...”
“Se for para isso.”
"Meu Deus." Ele esfregou os olhos. “ *Agora mesmo* ? Com o que?"
Darby abriu sua lâmina de cinco centímetros do Exército Suíço.
Ashley engasgou com uma risada. "Ele vai ter uma arma, você sabe."
"Eu sei."
“Você não está pensando nisso...”
“Eu disse, *eu sei* .” Darby estendeu o cartucho calibre .45 na palma da mão trêmula. “Tipo, eu literalmente *sei* que ele tem uma arma.”
Ele estudou a bala. "Então, qual é o seu plano, então?"
“Nós o paramos.”
“Isso não é um plano.”
“É por isso que eu te disse. E adivinha, Ashley? Você está envolvido agora. São 23h10, em uma noite de quinta-feira, e há um sequestrador de crianças no quarto ao lado, e uma garotinha trancada em sua van de merda do lado de fora, e essa é a mão que nos deram. E eu estou pedindo a você agora – você vai me ajudar?”
Isso pareceu atingi-lo. "Você é . . . você tem certeza?"
"Positivo."

“Que Lars a sequestrou?”
"Sim." Ela reconsiderou. “Se esse for mesmo o nome verdadeiro dele.”
Ashley passou a mão pelo cabelo e deu um passo para trás, encostando-se na porta da cabine. PEYTON MANNING LEVA NA BUNDA tinha sido arranhado nele. Ashley respirou fundo, olhando para seus sapatos, como se estivesse tentando não desmaiar.
Ela tocou o braço dele. "Você está bem?"
“Apenas asma.”
"Você não tem um inalador?"
"Não." Ele sorriu timidamente. "Eu, uh, não tenho médico."
Darby percebeu que poderia ter julgado mal este estranho alto e moreno. Talvez Ashley – ex-mágica, tagarela, estudante do Salt Lake Institute of Tech – não fosse tão capaz quanto ela pensava. Mas então ela se lembrou de seu impressionante truque de mão quando ele devolveu seu bilhete. Ela nem tinha sentido isso. O guardanapo tinha acabado de se materializar entre seus dedos, como. . . bem, *magia* .
Isso era algo. Direito?
Ele prendeu a respiração agora, e olhou para ela incisivamente. “Preciso de provas.”
"O que?"
"Prova. Você pode provar nada disso?”
Darby folheou a galeria de fotos em seu iPhone. Atrás dela, a porta do banheiro se abriu.
Era Lars.
Rosto de Roedor entrou pisando forte, botas molhadas guinchando nos ladrilhos. Simples assim, o sequestrador estava dentro do quarto com eles, respirando o mesmo ar. A mente de Darby gritou — *estamos encurralados aqui, estamos ambos expostos, não há tempo para nos esconder em uma baia* — e a figura desleixada de Lars virou-se para enfrentá-los, aquele rosto barbudo e sem queixo chiando por uma boca cheia de dentes de leite—
Então Ashley agarrou o rosto dela, as palmas das mãos em suas bochechas—
"Esperar-"
— E ele amassou a boca dela na dele.
Que?
Então Darby compreendeu. E depois de outro segundo emocionante, ela jogou junto, pressionando seu corpo contra o dele, apertando os dedos atrás de seu pescoço. As mãos de Ashley acariciaram suas costas, seus quadris. Seu hálito quente estava dentro de sua boca.
Por alguns longos segundos, Lars os observou. Então ela ouviu seus passos

estridentes novamente, movendo-se para as pias. Uma torneira torcida. Uma corrente de água. O dispensador de sabão bombeou uma vez, duas vezes. Ele estava lavando as mãos.
Darby e Ashley continuaram, olhos bem fechados. Para Darby não tinha sido tão dolorosamente estranho desde o nono ano de Tolo, apenas movimentos de patas e apertos mal colocados e respirações meio presas. Ele era um beijador horrível ou não estava tentando; sua língua era como uma lesma morta em sua boca. Depois de uma eternidade dolorosa – *não pare, não pare, ele ainda está nos observando* – ela ouviu a pia girar, então uma toalha de papel se rasgou e amassou. Outro longo silêncio e, finalmente, Lars saiu do banheiro.
A porta se fechou.
Darby e Ashley se separaram. "Sua respiração está rançosa", disse ele.
“Desculpe, bebi seis Red Bulls hoje.”
“Nada de merda—”
"Aqui." Ela empurrou o telefone para ele – uma foto obscura de Jay enjaulado atrás daquelas barras pretas do canil. Apenas as unhas ensanguentadas da garota estavam em foco. “Você queria provas? É isso que está em jogo. Ela está lá fora, na van dele, a quinze metros deste prédio, aqui e agora.
Ashley mal olhou para a foto – ele já tinha conseguido sua prova. Ele assentiu nervosamente, engolindo outra respiração. "Ele . . . ele não veio aqui para lavar as mãos. Ele estava nos verificando.”
"E você está envolvido agora."
"OK."
"OK?"
"OK." Ele suspirou. “Vamos. . . faça isso, eu acho.”
Darby assentiu atentamente. Mas sua mente voltou para o câncer de pâncreas de sua mãe.
Tudo isso — as miseráveis vinte e quatro horas que levaram a isso — parecia uma vida inteiramente diferente; um que ela felizmente se afastou. Lembrar disso agora a atingiu como um tiro no estômago. Ela ainda não tinha recebido sinal de celular. Ela ainda não tinha decifrado o significado por trás do texto estúpido e enigmático de Devon, agora com várias horas: Ela está bem agora...
“Darby?”
Ashley estava olhando para ela.
“Ok, sim.” Ela se recompôs, limpando a saliva de seu lábio, piscando na luz forte. “Precisamos surpreender esse idiota. E como ele suspeita que sabemos, ele não vai virar as costas para nós.
"Mesmo que ele faça, essa sua faca de manteiga não será suficiente."
"Então, vamos bater na cabeça dele."

"Com o que?"
"O que você tem?"
Ashley considerou. "EU . . . Eu tenho um macaco no meu carro, acho...
Muito óbvio, ela sabia. Não ocultável. Mas ela teve uma ideia melhor. Ela enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou a pedra decorativa que ela pegou do balcão de café Wanapani. “Isso vai funcionar melhor.”
"Uma pedra?"
“Tire o sapato.”
Ele hesitou, então se encostou na porta da cabine e tirou o sapato esquerdo.
"Agora sua meia", disse ela. "Por favor."
“Por que o meu?”
“Meias de menina são muito curtas.”
Ele entregou a ela uma meia branca até o tornozelo, quente como um aperto de mão e levemente amarelada. Ele estremeceu. “Minha lavadora está quebrada.”
Darby esticou a meia, enfiou a pedra dentro dela e a selou com um nó quadrado apertado. Ela balançou uma vez, batendo na palma da mão. O arco deu à pequena pedra uma alavanca feroz; mesmo um movimento rápido do pulso poderia fraturar uma órbita ocular. Ou pelo menos, essa era a ideia.
Ashley olhou para ele, depois para ela. "O que é isso?"
“É chamado de rock-in-a-meia.”
"EU . . . ver por que, eu acho.”
Ela tinha visto em um programa de sobrevivência na TV. "Rock-in-a-meia", ela repetiu.
“A arma preferida do Gato de Chapéu.”
Ela sorriu, deixando a cicatriz sobre sua sobrancelha ficar brevemente visível. "OK." Ela ergueu a arma. “Aqui está minha ideia. Lars gosta de ficar na porta da frente e monitorar a saída, certo?
"Direito."
“Um de nós – Pessoa A – passará por ele. Pela porta da frente. Lá fora, em direção à sua van. Ele está atrás de nós agora, então ele seguirá a Pessoa A para fora. Ele vai ter que. E para fazer isso, ele passará pela porta, virando as costas para a Pessoa B.”
Ela bateu a pedra em uma meia contra a palma da mão. Isso machuca.
“A pessoa B – que é mais forte que a pessoa A – virá atrás de Lars e o acertará na parte de trás do crânio. Basta um bom golpe para derrubá-lo. Mas se isso não acontecer, a Pessoa A, que está com a faca, vai se virar e nós dois vamos atacá-lo...
"Você quer dizer equipe dupla?"
"Sim. Tag-equipe.”

“Isso não significa a mesma coisa.”
"Você sabe o que quero dizer, então." Ela estava sendo intencionalmente vaga sobre essa parte. Em teoria, um balanço do rock-in-a-sock faria o trabalho. Se chegasse a uma briga, ainda seria dois contra um, e *os* dois agora estavam armados. Lars pode ser um sociopata violento, mas quão preparado ele poderia estar para um ataque surpresa vindo de duas direções?
Mais importante: quão rápido ele poderia sacar sua .45 e disparar?
Ashley estava começando a entender agora. “Então a Pessoa B sou eu, hein?”
“Vai ser dois contra um, usando a porta como um gargalo—”
“Eu sou a Pessoa B?”
Darby colocou a pedra-em-meia na mão de Ashley e fechou os dedos ao redor dela, um por um. "Você é mais forte do que eu, não é?"
"Eu fui . . . Eu meio que esperava que você fosse Rhonda Rousey ou algo assim.
"Eu não sou."
“Então eu acho que sou mais forte.”
"Dois contra um", ela repetiu, como um mantra.
“E se o matarmos?”
“Vamos jogá-lo no chão e esvaziar seus bolsos. Pegue a arma dele. Pegue as chaves desse cordão. Se ele continua lutando, nós também. Eu estava dentro da van com ele. Eu sei o que estamos enfrentando e eu *mesmo cortarei a garganta dele se for preciso...*
Ela fez uma pausa, surpresa com o que ela disse.
Surpreso que ela quis dizer isso, também.
"Você não respondeu minha pergunta", disse Ashley, aproximando-se. “E só para você entender, Darbs, isso é uma acusação de agressão se você estiver errado.”
Ela fez - e ela sabia que não era. Ela passou trinta minutos deitada de bruços na van suada de Lars sob um cobertor indiano, ouvindo aquela criatura de olhos chatos comer, peidar e rir com uma menina de sete anos mantida em cativeiro dentro de um canil. Ela sabia que o que quer que acontecesse, ela estaria vendo aquele sorriso malicioso em seus pesadelos: *Aqueci para você, Jaybird.* Mas quanto a Ashley... bem, ela entendia por que ele tinha dúvidas. Isso tudo desabou sobre ele como um deslizamento de rochas. Tudo em cerca de dez minutos.
Em seu outro bolso, ela ainda tinha a munição .45. Pressionado firmemente contra sua coxa. Esse era seu verdadeiro medo – a arma de Lars. Ele certamente o usaria se não o derrubassem rapidamente. Mesmo que ele só conseguisse dar um tiro cego ou dois, havia espectadores – Ed e Sandi – a serem considerados. Darby nunca tinha estado em uma briga antes, então ela não sabia exatamente o que esperar, mas ela sabia que os filmes estavam errados.
“Se puder”, acrescentou ela, “tente manter um olho fechado”.

"Por que?"
“Nós vamos lutar com ele do lado de fora, talvez no escuro. Então tente manter um de seus olhos fechados agora, enquanto você está dentro de casa, na luz, e então você terá um olho com um pouco de visão noturna. Faz sentido?"
Ele assentiu, sem entusiasmo.
"E . . . você disse que tem asma?”
“Falta de ar leve. Tenho desde criança.”
“Bem, quando eu era pequena”, disse Darby, “eu costumava ter ataques de pânico. Realmente ruins que me fizeram hiperventilar e desmaiar. Eu ficava em posição fetal no chão, engasgando com meus próprios pulmões, e minha mãe sempre me segurava e dizia: *Inspire. Conte até cinco. Expire* . E sempre funcionou.”
"Inalar. Conte até cinco. Expire?”
"Sim."
“Então, em outras palavras, *respirar* ? Isso é brilhante."
"Ashley, estou tentando ajudar."
"Desculpe." Ele olhou para a porta. "Eu estou apenas . . . Só estou tendo problemas com isso.”
— Você também o viu.
“Eu vi um esquisito comum.” Ele suspirou. “E agora estamos prestes a dar uma surra nele.”
"Sinto muito", disse ela, tocando seu pulso. “Sinto muito por arrastá-lo para isso. Mas também fui arrastado para isso. E eu não posso salvá-la sozinho.”
"Eu sei. Eu ajudo."
“Se não fizermos algo agora, Lars pode nos atacar primeiro. Cada segundo que esperamos aqui é um segundo que *damos* a ele, para decidir como lidar conosco. Se ficar mais fácil para você, pare de pensar na vida dessa menininha hipotética, que você nunca conheceu. Pense no seu—”
"Eu disse que vou fazer isso", disse ele, e as luzes da bandeja de gelo piscaram atrás dele.
"Obrigada."
“Não me agradeça ainda.”
— Estou falando sério, Ashley. *Obrigado— ”*
“Eu ajudo,” ele disse com um sorriso nervoso, “se você me der seu número de telefone.”
Darby sorriu também, todo dentes: “Se você ajudar a espancar um completo estranho com uma pedra só para mim, talvez eu me case com você.”
* * *

Lars os viu sair do banheiro.
Ele estava de volta ao seu posto de sentinela, alguns passos à direita da porta da frente no pequeno ponto cego natural do saguão. Ele estava tentando em vão dobrar novamente um mapa do Monte Hood, mas inclinou a cabeça para seguir Darby e Ashley enquanto cruzavam a sala. Darby manteve a cabeça baixa. Seu Converse cinza rangeu, suas meias ainda chacoalhando com a neve derretida.
Sem contato visual.
Sair do banheiro ao mesmo tempo tinha sido um grande erro, Darby percebeu. Tanto Ed quanto Sandi provavelmente perceberam e tiraram suas próprias conclusões. Atrás dela, Ashley bateu ruidosamente em uma cadeira. Suave.
Seu próprio coração batia tão alto que ela ficou chocada que os outros não pudessem ouvi-lo. Suas bochechas queimaram vermelho-tomate. Ela sabia que estava visivelmente abalada, mas convenientemente, poderia se encaixar na cena bizarra. Se ela acabasse de conhecer um estranho para uma rapidinha no banheiro mais imundo de todo o Colorado, ela se sentiria muito ansiosa com essa caminhada de dez passos da vergonha.
Ela carregava seu canivete suíço escondido em seu pulso. O metal gelado contra sua pele. Ela tinha que estar pronta – se o primeiro golpe de Ashley não derrubasse Rosto de Roedor, ela o esfaquearia na garganta. O rosto. Aqueles olhinhos fracos.
Cortarei a garganta dele se for preciso.
Ela pensou em Jay no Chevrolet Astro do lado de fora, agachado dentro de um canil molhado com sua própria urina, sua mão ensanguentada e enfaixada, com cinco galões de gasolina e um jarro de clorox espirrando nas proximidades. Ela se perguntou o que aconteceria com esta pobre criança se eles falhassem.
Ela ainda estava com raiva de si mesma por sair do banheiro ao mesmo tempo que Ashley. Isso tinha sido estúpido.
Ed definitivamente notou. Ele olhou para eles, sorveu seu café e acenou para o rádio. "Você perdeu."
Ashley se arrepiou. “Perdeu o quê?”
“O loop de emergência foi atualizado novamente. É mau. Eastbound é bloqueado por um semi jackknifed na parte inferior da encosta. Múltiplas fatalidades.”
“A que distância de nós?”
“Marcador de milha noventa e nove. Então, sete, oito milhas?”
Muito longe para andar.
Darby suspirou, olhando para o grande mapa do Colorado na parede. Isso colocaria o naufrágio em algum lugar perto de Coal Creek, a meio caminho entre os pontos azuis que significam as áreas de descanso de Wanapa (Little Devil) e Wanapani (Big Devil). Era um pouco surreal como eles estavam perfeitamente

presos – uma nevasca vindo do oeste e um caminhão de dezoito rodas acidentado oito milhas a leste, cortando a saída atrás deles. Como uma emboscada, tão encenada quanto a que eles estavam prestes a tentar. Ela se perguntou se o amanhecer ainda era o ETA para a chegada das equipes de estrada, ou se sua linha do tempo havia voltado para amanhã à tarde. Se assim for, seria muito tempo para manter um criminoso sob a mira de uma arma.
Ashley estendeu a mão pela grade de segurança e ajustou a antena da Sony. Ele olhou para a mesa de café, para os espaços escuros sob os balcões. "E . . . você acha que eles têm um rádio de verdade lá atrás?”
"O que?"
“Um rádio bidirecional? Ou um telefone fixo? Eles teriam que fazer isso.
Calma aí, Ashley.
"Sim?" Ed resmungou. “Se o fizerem, é propriedade do estado, trancada—”
Ashley apontou. “Prendido por um cadeado de uma loja de um dólar. Uma boa pancada com algo pesado, e as venezianas se levantam.
“Ainda não estou em clima de crime.”
"Talvez você reconsidere", disse Ashley, "nos próximos minutos."
Darby sabia que sim. Ela ficou perto da janela, tentando parecer calma, e olhou para fora, para as árvores escuras. Os flocos de neve continuavam chegando, alguns subindo, outros caindo, pegando manchas de luz de lamparina de sódio como cinzas de uma fogueira. Alguns passos atrás dela, ela ouviu Ashley expirar com os dentes batendo. Ele tinha a pedra na meia enfiada na manga direita, pronta para cair na palma da mão e balançar.
Eles concordaram com um sinal secreto. Quando Ashley estivesse pronta, ele tossia uma vez. Esta seria a deixa de Darby para caminhar até a porta da frente, passar por Lars em seu caminho para fora e colocar a emboscada em movimento. Como acionar uma armadilha de urso.
Único problema? Ashley não estava pronta.
Ele pairou lá, os dentes cerrados, sugando em goles rasos de ar. Ela esperava que a falta de ar dele não fosse uma responsabilidade. Típico para a sorte dela - *eu peço a ajuda do cara mais jovem, mais alto e de aparência mais forte nas proximidades, e ele acaba tendo asma* . Simplesmente ótimo. E ela não conseguia nem imaginar o que se passava na mente da pobre Ashley. Uma hora atrás, ele estava demonstrando uma rotatividade mexicana para esse cara, e agora ele foi convidado a se esgueirar atrás dele e esmagar seu crânio.
Deveria ser eu , ela percebeu.
Eu sou um covarde por ser a Pessoa A.
Pode ser. Mas Ashley era, sem dúvida, fisicamente mais forte que ela. Então ela sendo a isca e Ashley sendo a armadilha fazia muito sentido lógico.

Simplesmente não *parecia* certo.
"Ei." Lars limpou a garganta. “Ah. . . Desculpe-me?"
Darby se virou para ele, centopéias enroladas em seu estômago, seu canivete suíço enfiado na manga.
Assim como Ashley.
"Faz . . .” O sequestrador de crianças ainda estava na porta, olhando para outro folheto de turismo: “Alguém sabe o que essa palavra significa?”
Sandi baixou o livro. “Pronuncie.”
"Resplandecente."
"Resplandecente. Significa lindo.”
"Lindo." Lars assentiu uma vez, mecanicamente. "OK. Obrigado, Sandy.” Seu olhar voltou para seu folheto – mas no caminho, encontrou o de Darby do outro lado da sala, e por meio segundo, ela ficou presa na estupidez de seus olhos.
Ele murmurou: *Linda* .
Ela desviou o olhar.
Já se passaram mais de sessenta segundos. Ashley ainda estava de pé ao lado dela, os pés enraizados no chão, e agora ela estava começando a se preocupar. Ela não podia simplesmente puxá-lo de volta ao banheiro para outra conversa estimulante – a primeira já havia chamado muito a atenção da sala. Ela estava presa esperando seu sinal.
Vamos, Ashley.
Ela desejou que ele apenas inalasse um pouco de poeira e acidentalmente tossisse, então ela teria uma desculpa para se aproximar da porta e iniciar o ataque. Sob a manga, ela espetou o polegar na lâmina do exército suíço. Foi satisfatoriamente afiado.
Por favor, tossir.
Ela o viu vacilar ali, como uma criança em um salto alto. Ele tinha sido tão legal, tão suave e confiante antes, e agora parecia que tinha acabado de testemunhar um assassinato. Darby sentiu um aperto nervoso subir por sua garganta. Ela havia escolhido o aliado errado, e agora a situação estava se desenrolando.
Tosse. Ou você vai nos entregar—
Ed notou. "Ashley, você ficou quieta de repente."
"Eu estou . . . Estou bem."
“Ei, olhe, cara, me desculpe pela hora do círculo.”
"Está tudo bem."
"Eu só estava te dando merda..."
“Eu estou *bem* . Mesmo." Ashley ajustou a manga enquanto falava, evitando que a pedra-em-meia aparecesse.
Ed sorriu, batendo na beirada da mesa com dois dedos. Uma pequena batida de

coração silenciosa, e por um momento a sala ficou em silêncio, e Darby pôde sentir aquele som em seus ossos. “Seu grande medo é . . . você disse que eram *dobradiças de porta* . Direito?"
Ashley assentiu.
Sandi largou o livro. “As minhas cobras.”
“Cobras, hein?”
"Mm-hm."
Ed tomou um gole de café, ainda batendo. "O meu é . . . Bem, eu realmente não sabia como colocar isso em palavras. Mas acho que agora posso.”
Outro rosnado de vento, e as luzes piscaram no alto. A sala ameaçou cair na escuridão.
Lars assistiu como uma sombra.
Ashley lambeu os lábios. “Vamos. . . uh, vamos ouvir, então.”
"OK." Ed respirou desconfortável. "Assim . . . aqui está uma sabedoria suada para vocês, crianças. Você quer saber o segredo para arruinar sua vida? Nunca é uma grande decisão em preto e branco. São dezenas de pequeninos, que você faz todos os dias. São desculpas, principalmente, no meu caso. Desculpas são veneno. Quando eu era veterinária, eu tinha todos os tipos de coisas boas, como: *Esta é a minha vez. Eu ganhei isso.* Ou: *Ninguém pode me julgar por esta bebida; Acabei de operar uma golden retriever que bateu em uma cerca de arame farpado, com o globo ocular pendurado em uma pequena corda hoje* . Ver? Horrível. É assim que você se engana. E então um dia eu estava na casa de Jan - quero dizer, na casa da irmã da minha esposa - alguns anos atrás para a grande festa de casamento da minha afilhada. Vinho, cervejas caseiras. Eu trouxe champanhe. Mas também trouxe uma garrafa de Rich and Rare para mim e a guardei no banheiro deles, dentro do tanque do vaso sanitário.
"Por que?"
“Porque eu não queria que ninguém visse o quanto eu estava bebendo.”
Silêncio.
Darby percebeu que sua batida na mesa havia parado.
Ashley assentiu com simpatia. “Minha mãe lutou com isso também.”
"Mas . . .” Ed cutucou o ombro de Sandi. “Bem, graças a Deus por minha prima Sandi, aqui, porque ela me ligou às duas horas ontem e me disse que ia me levar até Denver para o Natal da família. Sem desculpas.”
Sandi fungou. "Nós sentimos sua falta, Eddie."
"Então sim." Ele se endireitou. “Para responder à pergunta do tempo do círculo, meu maior medo é este Natal em Aurora. Receio que minha esposa e filhos estarão lá na casa de Jack amanhã à noite. E tenho ainda mais medo de que *não o façam* .”

Por um longo momento, ninguém falou.
Ashley engoliu em seco. Alguma cor estava de volta em suas bochechas. “Ah, obrigado, Ed.”
"Sem problemas."
“Isso não poderia ter sido fácil de dizer.”
“Não foi.”
“Está sóbrio há algum tempo?”
“Não”, disse Ed. “Eu bebi esta manhã.”
Silêncio.
“Isso, uh. . .” Ashley hesitou. “Isso é péssimo.”
“Conte-me sobre isso.”
Outro silêncio volátil, e as luzes piscaram novamente, enquanto cinco pessoas compartilhavam oxigênio nesta pequena sala com três armas escondidas.
“Desculpas são venenosas”, repetiu Ed. “Fazer a coisa certa é difícil. Falar sobre isso é fácil. Isso faz sentido?"
"Sim", disse Ashley. "Mais do que você sabe." Então ele olhou propositalmente para Darby e levou um punho à boca.
Ele tossiu uma vez.
A armadilha engatou. Ela caminhou, sentindo os pelos minúsculos se arrepiarem em sua pele. Ela olhou Lars nos olhos enquanto se movia em direção à porta da frente – ele ergueu os olhos de seu panfleto e a viu passar, torcendo seu pescoço esquelético para segui-la – e então Darby abriu a porta. Uma rajada de ar abaixo de zero. Vento cortante. Flocos de neve arenosos salpicando seus olhos.
Ela saiu, seus ombros tensos, a faca apertada em seus dedos.
Siga-me, Rosto de Roedor.
Vamos acabar com isso.

23h55

Lars não a seguiu.
A porta se fechou. Ela deu alguns passos trêmulos para fora, seu Converse afundando na neve fresca, seu coração batendo contra suas costelas. Ela tinha certeza que Lars a seguiria. Ele deveria estar *bem atrás dela* , seguindo-a, seu corpo desleixado preenchendo a porta, de costas para o quarto para que Ashley pudesse atacar...
Ele não era.
Darby estremeceu e olhou a porta. Não há necessidade de ocultação agora; ela segurou o canivete suíço como um picador de gelo enquanto estava na luz laranja, esperando a porta se abrir. Mas isso não aconteceu.
O que deu errado?
O contato visual . O contato visual com Lars tinha sido demais, ela percebeu. Ela exagerou sua mão. E agora o criminoso armado ainda estava dentro do prédio, com Ashley e os outros, e a armadilha falhou.
OK.
Certo, tudo bem.
Ela tinha uma escolha agora.
Voltar para dentro? Ou continuar andando até a van dele?
Outro uivo de vento açoitou seu rosto com neve. Por um momento ela não conseguiu ver. Ela piscou furiosamente, esmagando os olhos com os polegares. Quando sua visão voltou, o mundo havia escurecido. Ela percebeu que a lâmpada de vapor de sódio que pairava sobre a porta da frente do centro de visitantes tinha se apagado. Outro presságio sombrio para adicionar à lista.
Segundos contam , ela lembrou a si mesma.
Faça uma escolha.
Então ela fez – ela decidiu continuar andando até a van de Lars. Ela abriria a porta, verificaria Jay novamente e acenderia a luz do teto. Talvez até os faróis altos. Isso daria a Lars outra razão para sair. E Ashley teria sua chance de atacar – se ainda estivesse pronto. Se a emboscada ainda pudesse ser recuperada.
Algo mais lhe ocorreu enquanto caminhava — e se houvesse uma arma na van? Sua primeira busca foi breve e frenética. Lars certamente estava carregando um, é claro, mas e se houvesse outro?
Sim, uma arma seria um divisor de águas. Seu estômago roncou.
Cambaleando pela neve até os joelhos, seu sapato esquerdo batendo sem cadarço, ela cruzou os quinze metros até a van de Lars. A neve havia se reunido novamente no pára-brisa, endurecida em camadas de gelo onde derreteu. Ela fez

questão de deixar a porta traseira do Astro destrancada, e ela estava feliz por ter feito isso.
Ela circulou para a parte de trás da van agora. Ela passou pelo decalque desbotado do desenho animado da raposa — as letras empoladas de NÓS TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS — e se perguntou se Lars havia comprado o veículo de uma empresa que foi do Capítulo 11. Ou talvez ele tivesse assassinado alguém por isso. Ou talvez Rosto de Roedor fosse ele mesmo um faz-tudo freelance. Talvez tenha sido assim que ele entrou na sua casa e vasculhou os quartos dos seus filhos, abrindo gavetas e cheirando travesseiros.
Darby olhou por cima do ombro, de volta ao centro de visitantes Wanapani. A porta da frente ainda estava fechada. A lâmpada ainda estava morta. Nenhuma silhueta parada perto da janela, o que foi surpreendente. Ela esperava ver Lars olhando para ela, ou pelo menos Ashley. Ela nem conseguia ver Ed e Sandi; eles estavam sentados muito para trás. Exceto pelo fraco brilho âmbar por trás do vidro meio enterrado, você nunca imaginaria que a pequena estrutura estava povoada.
O que está acontecendo lá?
Esperemos que nada. Ainda.
Ela considerou pular em seu Honda e soar a buzina – isso com certeza chamaria alguma atenção. Lars certamente sairia para investigar isso. Mas Ed e Sandi também podem. A situação pode desmoronar. O elemento surpresa pode ser perdido. Tiros podem ser disparados. As balas podem ricochetear.
Ela puxou a porta traseira do Astro. Ainda desbloqueado. Ela se abriu, deixando cair uma prateleira de neve, revelando uma escuridão como uma sopa enquanto suas pupilas se ajustavam.
Ela sussurrou: “Ei”.
Silêncio.
“Jay. Está bem. Wsou eu."
Outro momento tenso, longo o suficiente para Darby se preocupar - e então finalmente a garota se mexeu, seus dedos agarrando as barras do canil para se equilibrar. A estrutura fez um ruído agudo, como cabos esticados. Darby enfiou a mão no bolso do jeans para pegar o telefone, para acender a lanterna de LED, mas não estava lá. Ela deu um tapinha no outro bolso. Também vazio. Ela deixou o telefone na bolsa. Na beirada daquela pia de porcelana, dentro do banheiro masculino.
Estúpido, estúpido, estúpido.
Dentro da van, ela sentiu os mesmos odores – cobertores de cachorro, urina, suor rançoso – e identificou um novo e fétido.
“Eu vomitei,” a garota sussurrou. Timidamente.

"Seu . . . está tudo bem."
"Desculpe. Meu estômago dói."
A minha também , pensou Darby. Ela se inclinou para trás e olhou ao redor da luz traseira gelada do Astro — sim, a porta do prédio ainda estava fechada. “Desculpe, Jay. Nós dois estamos tendo uma noite ruim. Mas vamos passar por isso. OK?"
“Eu não queria vomitar.”
"Está bem."
“Eu nunca vomito. Sempre."
“Acredite em mim, Jay, isso vai mudar na faculdade.”
“A faculdade faz você vomitar?”
"Algo parecido."
“Eu *odeio* vomitar. Se é assim que é a faculdade, eu não vou—”
“Tudo bem, Jay, ouça.” Darby tocou o canil, e os dedos da menina apertaram os dela através das grades. “Eu vou te ajudar. E para ajudá-lo, preciso que primeiro me ajude. OK?"
"OK."
“Eu preciso que você tente se lembrar. O homem peidor. . . você pode descrever a arma que ele está carregando?”
“É pouco. Preto. Ele guarda no bolso”.
"Claro." Ela se inclinou e verificou a porta da frente do prédio novamente – ainda fechada – e perguntou: “Você o viu guardar alguma faca aqui? Morcegos? Machetes?”
"Eu não sei."
“Alguma outra arma?”
"Um outro."
O coração de Darby bateu duas vezes. “ *Onde* ?”
“Não, não é uma arma comum—”
Sua mente correu com possibilidades — e ela mal engasgou: “Por quê? É maior?”
“Ele atira pregos.”
"Como um . . .” Darby hesitou. “Como uma pistola de pregos?”
Jay assentiu.
"E você é . . . você tem certeza?"
Ela assentiu com mais força.
Uma pistola de pregos.
Assim como a raposa dos desenhos animados na van. Darby se lembrou do curativo na mão de Jay, da pequena mancha de sangue em sua palma, e tudo se encaixou. Punição por uma tentativa de fuga, talvez? Ou talvez isso, essa coisa

que ele chamava de *cartão amarelo* , fosse apenas um aperitivo para qualquer prato principal horrível que Lars tinha em mente para ela uma vez que a levasse para sua cabana remota nas Montanhas Rochosas.
Suas mãos estavam tremendo novamente. Não com terror — raiva.
Uma maldita pistola de pregos.
Esse é o tipo de psicopata que estamos enfrentando.
“E a pistola de pregos está aqui?” ela perguntou. "Está na van com a gente?"
"Eu penso que sim."
Darby duvidava que uma ferramenta elétrica fosse um jogo equilibrado contra a .45 de Lars, mas era um tremendo aprimoramento de um canivete suíço de duas polegadas. Ela nunca tinha operado uma pistola de pregos antes, ou mesmo visto uma fora de uma loja Lowe's Hardware - mas ela esperava que fosse simples de aprender. Quão longe poderia disparar um prego? Foi pesado? Alto? Um prego no crânio mataria a vítima ou apenas mutilaria? Aponte e clique, certo?
Ela tocou a mão direita de Jay através das barras e descobriu que os dedos do menino de sete anos estavam escorregadios com sangue fresco e frio. A crosta em sua palma deve ter quebrado.
Aponte e clique.
Darby jurou que mataria Lars esta noite. Talvez quando ela e Ashley finalmente encurralassem esse doentio e o esmurrassem em uma pilha quebrada e choramingando - bem, talvez ela continuasse esfaqueando. Talvez ela tivesse cortado sua garganta. Talvez ela gostasse.
Pode ser.
Ela se inclinou para trás e verificou o prédio novamente – ainda sem atividade. Agora ela estava ficando preocupada com Ashley, Ed e Sandi. Lars estava realmente apenas parado ali, de braços cruzados, permitindo que Darby vasculhasse o estacionamento do lado de fora? Depois de encontrar seu copo de isopor na neve? Depois de perseguir ela e Ashley no banheiro? Depois que ela fez contato visual com ele ao sair pela porta?
Jesus - o que diabos estava acontecendo?
Cenários sangrentos circulavam por sua mente como flashes de câmeras. Ela se preparou, meio que esperando o baque de um tiro. Mas não havia nada. Apenas silêncio gelado. Apenas o gemido distante do vento. Apenas Jay e ela, de pé com as pernas trêmulas naquele estacionamento desolado.
A pistola de pregos, ela decidiu.
A pistola de pregos de Lars era seu novo objetivo. Ela iria encontrá-lo, descobrir como operá-lo, e então ela correria de volta para dentro do centro de visitantes, abriria a porta, e o que quer que estivesse acontecendo lá dentro, ela atiraria um prego direto no rostinho de Lars. Ka-thunk. Idiota morto. Criança inocente salva.

Pesadelo acabou.
Isso funcionaria.
Ela olhou de volta para Jay, seus dentes batendo. "Tudo bem. Onde você acha que Lars guarda sua pistola de pregos? Aqui atrás ou na frente?
“O outro guarda em uma caixa laranja.”
“Mantém onde?”
“Costumava estar aqui atrás, mas acho que eles o mudaram—”
Mas Darby não estava ouvindo. A vozinha de Jay sumiu e, em um lampejo de pânico escaldante, a frase anterior ficou presa em seu cérebro e ecoou: *A outra mantém uma caixa laranja.*
O outro.
O outro.
O outro-
Escorregando, cambaleando de volta para fora, ela bateu as rótulas na neve endurecida, firmou-se contra a luz do freio e olhou ao redor...
A porta do prédio estava agora aberta.
Lars estava na porta. Ao lado dele, Ashley.
O outro.
Eles a observaram, a quinze metros de distância, emoldurada pela luz interior. Eles pareciam estar falando um com o outro, em sussurros cautelosos para que Ed e Sandi não ouvissem de dentro. Seus rostos eram sombras negras, ilegíveis. Mas Lars tinha seu braço esquelético enfiado dentro de sua jaqueta, apoiado no cabo de sua pistola. E Ashley estava com a pedra na meia, na mão direita.
Ele estava balançando.
Batendo contra a palma da mão.

MEIA-NOITE

12h01

Dois contra um.
Ela estava certa sobre essa parte.
Ashley estava no sequestro. Ele mentiu para ela – sobre dirigir o outro carro, sobre não conhecer Lars, sobre tudo. Ele jogou junto com ela no banheiro. Ele colocou a língua na boca dela. Ele tinha sido tão autêntico, tão convincentemente humano e assustado. Ela acreditou em tudo. Ela lhe contou tudo. Todo o seu plano, todas as suas opções, seus processos de pensamento, seus medos.
Ela lhe deu *tudo* . Incluindo uma nova arma.
Ela se virou para encarar Jay. "Você não me disse que havia dois deles."
"Pensei que você soubesse."
"Como eu poderia saber?"
"Desculpe-"
— Por que você não *mencionou isso*, porra ?
"Eu sinto Muito." A voz de Jay falhou.
Darby percebeu que ela estava gritando com uma menina de sete anos que recentemente tinha enfiado um prego de aço na palma da mão. O que importava? Foi culpa de Darby. O erro dela. Seu horrível e fatal erro de cálculo, e agora eram dois contra um, e ambos estavam praticamente mortos. Ou pior.
Uma das silhuetas começou a caminhar em direção a eles.
Seu coração parou. "OK. Onde está a pistola de pregos deles?
"Eu não sei."
“Frente ou atrás?”
“ *Eu não sei* ,” a garota fungou.
Ela precisava encontrá-lo rápido. Sob os bancos da frente, talvez? Essa caixa laranja tinha que ser grande; havia apenas tantos lugares que poderia caber.
Ela correu para a porta do lado do motorista, seus pés afundando, como correr na areia movediça. Ela arriscou um olhar por cima do ombro — a figura que avançava estava a meio caminho deles. Vinte pés para trás, dando passos altos na trilha. Ela reconheceu o gorro, o andar desleixado. Era Lars. Sua mão direita passou por uma fatia de luz, e ela viu uma forma de bloco.
Sua pistola calibre .45.
“Jay,” Darby assobiou. "Feche seus olhos-"
"O que vai acontecer?"
"Apenas feche seus olhos." Ela alcançou a porta do motorista do Astro, batendo com as duas palmas, sua mente gritando: *Encontre a pistola de pregos. Mate esse idiota. E então pegue sua arma e mate aquela cobra mentirosa Ashley—*

Ela puxou a maçaneta da porta. Bloqueado.
Seu estômago afundou.
Porque . . . porque Lars o havia trancado novamente. Claro que sim; ele estava lá por último. Estava trancado, trancado, *trancado* .
“Você, ah. . . você pediu ao meu irmão para me matar,” a voz gorgolejante de Lars gritou, se aproximando. "É . . . Isso está certo?"
Eles são irmãos.
Merda, merda, merda.
Passos crocantes, como cascas de ovos quebrando, vindo em sua direção. “Ele diz que você. . . você pediu a ele para esmagar meus miolos. Sua voz estava tão assustadoramente *próxima* . Rouco, chocalhando no ar fresco, quente com a neblina exalada.
A porta do motorista do Astro era proibida. Darby voltou para a traseira do furgão, apoiando-se na porta entreaberta para se equilibrar, e olhou para dentro do veículo escuro. Nos olhos de Jay, cheios de lágrimas de pânico, cheios de luz refletida. Em suas bochechas vermelhas. Suas unhas minúsculas.
Ela implorou: “Corra...”
Os passos de Lars se aproximaram.
Darby pressionou seu canivete suíço nos dedos estendidos da menina, quase o deixando cair. "Use isso", disse ela, tocando as serrilhas da lâmina. “Movimentos de raspagem, ok? Para serrar nas barras do canil...
"Ele está vindo."
“Faça isso, Jay. Promessa?"
"Eu prometo."
“Continue cortando. Você vai sair.”
“O que você vai fazer?”
Darby saiu e bateu a porta traseira, deixando cair uma prateleira de neve. Ela não respondeu à pergunta de Jay, porque não tinha resposta alguma.
Eu não tenho nenhuma maldita ideia.

* * *

"Por que . . . ah, por que você está correndo?” Lars ligou.
Darby correu pela neve. Estava até a cintura fora do caminho, como se arrastar para fora de uma piscina rasa, repetidamente a cada passo cambaleante. Respirações duras e ofegantes. Sua garganta doeu. Suas panturrilhas queimaram.
“ *Ei.* Eu só quero conversar—”
Pela clareza de sua voz, ele estava a menos de três metros atrás dela. Perseguindo ela. Sua respiração pela boca se transformou em uma respiração firme. Baixo, gutural, parecido com um lobo. Seu sapato esquerdo — ainda

desamarrado — arrancou na neve. Ela o agarrou e continuou, meio descalço, enquanto sua respiração ofegante crescia atrás dela. Ele estava ganhando, ela sabia. Alguns passos mais perto e ele agarraria seu tornozelo—
"Eu estou . . . ah, eu vou te pegar de qualquer jeito—”
Um chocalho metálico. A arma, movendo-se em sua mão.
Mas ela sabia que a pistola era apenas para intimidação. Se Lars realmente quisesse atirar nela, ele já teria feito isso. Isso alertaria Ed e Sandi, então Ashley provavelmente ordenou que seu irmão a atropelasse, para matá-la discretamente, por asfixia ou um pescoço quebrado...
Seu irmão.
Seu *maldito* irmão.
Darby passou pelo mastro nu e olhou para trás. Lars era uma sombra perseguidora. Ele havia perdido seu gorro de Deadpool. Ela viu um cabelo louro esbranquiçado, leitoso na penumbra, uma linha do cabelo recuando. A névoa furiosa de sua respiração. Ele parou de gritar com ela; ele estava sem fôlego agora. A neve profunda era muito cansativa. Foi um pesadelo em câmera lenta.
Ele vai me pegar , Darby sabia.
Ela já estava cansada. Músculos latejando. Articulações moles.
Ele vai me atropelar até aqui, colocar as mãos em volta do meu pescoço e me sufocar até eu morrer...
Ele estava bem atrás dela agora. Ela podia sentir o cheiro de seu suor salgado. Ela perdeu a liderança e desistiu de suas duas armas – a pedra-em-meia para Ashley, o canivete para Jay – e agora tudo o que restava era uma bala no bolso e um sapato tamanho 8 no bolso. a mão dela. Ela considerou jogá-lo em Lars, mas isso seria apenas um incômodo. Ele o afastaria sem perder o passo.
Não havia para onde correr de qualquer maneira. Ashley estava guardando habilmente a porta da frente do prédio. Ela não tinha as chaves, então trancar-se dentro de Blue não era uma opção. Correr também não era — havia apenas quilômetros de taiga do Colorado irregular em todas as direções, frígida e antipática. Apenas árvores alpinas crocantes, cobertura de solo esparsa e quedas fatais escondidas pela neve. Quanto tempo ela duraria antes de sucumbir à morte rastejante da hipotermia?
Não posso continuar correndo.
Ela considerou parar, manter seu terreno instável e lutar contra Lars. Probabilidades ruins.
“Vire-se,” Lars bufou atrás dela. “Vamos. . . ah, vamos conversar—”
Ela precisava decidir. Se ela parasse agora, teria alguns segundos para recuperar o fôlego antes da luta. Mas se ela continuasse correndo e ele a atacasse, ela ficaria sem fôlego e suas chances seriam ainda piores...

Ou . . .
O layout do centro de visitantes Wanapani passou por sua mente novamente. Paredes, cantos, pontos cegos. Embora a porta da frente ainda estivesse bloqueada por Ashley, havia outra entrada no prédio. As pequenas janelas triangulares nos banheiros. Ela o tinha visto no banheiro masculino, não maior que uma porta de cachorro. Ela podia vê-lo daqui, vazando um sussurro de luz laranja através de pingentes de gelo pendurados, acima das mesas de piquenique empilhadas.
A bolsa dela estava dentro daquele banheiro. Com suas chaves e seu telefone.
Ok .
Vou subir naquelas mesas, quebrar aquela janela e entrar.
Ela mudou de direção.
Lars percebeu. "Onde . . . onde você está indo?"
Ela não tinha um plano para quando ela entrasse. Ela simplesmente foi para isso. Porque, como disse Sandi, dentro era muito melhor do que fora. Ed e Sandi estavam lá, e Ashley e Lars não se atreveriam a matá-la diante de duas testemunhas.
Eles iriam?
Sem tempo para pensar nisso.
As mesas de piquenique estavam empilhadas embaixo daquela janela, cobertas de neve, então ela as subiu, como uma escada gigantesca. Uma, duas, três mesas, balançando sob seu peso. Mas ela conseguiu e atingiu a janela triangular do prédio com as mãos estendidas. Vidro fosco, brilhando com a luz interior, esburacado com gelo. Muito grosso demais para quebrar com um cotovelo. Mas era uma janela de batente, abrindo-se para fora em uma dobradiça enferrujada, e parecia estar torta, então ela tateou pelas bordas, segurando com as pontas dos dedos dormentes...
Lars riu. “O que você está fazendo aí em cima?”
Um pingente de gelo de trinta centímetros caiu do telhado e bateu na mesa ao lado dela. Ela estremeceu, rangendo os dentes, ainda puxando, cravando as unhas na costura de borracha da janela...
"Ei, garota-"
Puxar . . . puxar . . .
Outro pingente de gelo caiu e explodiu, cobrindo-a com manchas de gelo. Como cacos de vidro em suas bochechas.
“Garota, eu estou *indo atrás de você—”*
Mais dois pingentes de gelo caíram à sua direita e esquerda, explodindo como dois tiros em seus tímpanos, e a mesa de piquenique balançou embaixo dela enquanto Rosto de Roedor subia em sua direção, escalando cotovelos e joelhos

como um animal correndo e correndo, mas ela estava apenas focada. naquela janela articulada. Naquele brilho quente atrás do vidro, tão provocantemente perto. Em suas pontas dos dedos apertadas, arrancando a coisa aberta—
Puxar . . .
Puxe puxe—
O mecanismo quebrou. A janela veio livre.
Ela o deixou cair, e ele se despedaçou de uma mesa de piquenique gelada. Lars levantou a mão para proteger seu rosto dos cacos - *Oh, Jesus Cristo, ele está bem atrás de mim* - e Darby estava sem tempo. Ela se lançou para dentro, de cara, realizando um mergulho desesperado de cisne pela pequena abertura...
Dedos gelados se fecharam ao redor de seu tornozelo. "Peguei vocês-"
Ela chutou livre.

12h04

Ela caiu um metro e oitenta e caiu em um vaso sanitário.
Espinhando primeiro, batendo no lábio de porcelana com a parte inferior de suas costas. Ela rolou para fora dele, chutando um dispensador de papel higiênico da parede, abrindo a porta de uma baia. Seu crânio bateu contra o piso. Flashes atrás de seus olhos.
O vaso sanitário deu descarga.
Ela se levantou, batendo na porta da cabine novamente, girando para encarar a janela vazia. Apenas um triângulo de escuridão. Flocos de neve rodopiavam lá dentro. A abertura provavelmente era pequena demais para Lars segui-la, mas ela não podia contar com isso. Além disso, Ashley ainda estava por perto.
Ela se afastou da janela, desceu o longo retângulo de um banheiro, passou pelas cabines, passou por PEYTON MANNING TOME NA BUNDA, pelos mictórios manchados, até esbarrar na pia com as costas machucadas. Outro surto de dor. Ela deixou sua bolsa aqui. Ela o pegou, sentindo o tilintar reconfortante de suas chaves Honda. E seu iPhone.
Bateria de três por cento.
Ela prendeu a respiração e escutou. Ela podia ouvir os passos de Lars do lado de fora da janela, e sua respiração ofegante sob o gemido do vento. Ele estava paralisado agora – sem vontade de escalar e arriscar ter seu traseiro ossudo preso, sem vontade de deixar a janelinha desprotegida e dar a volta na frente. Foi assustador. Ele desistiu de falar com ela. Apenas grunhindo, bufando sons de animais agora.
Continue andando, Darby .
Ela ouviu vozes no saguão do centro de visitantes. Abafado pela porta. Ed e Sandi provavelmente a ouviram cair. E ela reconheceu os tons robóticos do rádio — outra atualização do CDOT. Qual era o cronograma antes que a ajuda chegasse, agora? Amanhecer, certo? Seis horas? Sete?
Não pense nisso. Continue andando.
Ashley estava por perto, mas desaparecida, e isso a aterrorizou. Pior, ela estava desarmada agora. Ela esperava que Jay pudesse serrar através das barras do canil com sua faca serrilhada, ou tudo seria um desperdício. Ela só precisava dar à garotinha tempo suficiente para fazê-lo (supondo que ela pudesse sobreviver nos próximos minutos em locais próximos com dois assassinos) e depois levar os dois para um local seguro (supondo que Blue pudesse mancar por Snowmageddon). Ao todo, três suposições colossais. *Improvável* nem sequer fez justiça.

Não, Blue estava coberto de neve. A neve estava muito funda agora...
Mas e o caminhão de Sandi?
Correntes de pneu, boa sustentação - sim, essa coisa tinha uma chance.
Ela fechou um punho em torno de suas chaves, deixando as pontas afiadas se projetarem entre seus dedos. Ela poderia causar algum dano ao rosto de um atacante, ou arrancar um olho se tivesse sorte. A chave do dormitório dela no Dryden Hall era particularmente afiada, como uma pequena faca de filé.
Ela ouviu o barulho do lado de fora. Ela congelou, ouvindo. Algo pesado se moveu e raspou, seguido por um baque de neve deslocada. Uma mesa de piquenique se mexendo. Ela sabia que Lars estava tentando, pela segunda vez, escalar a pilha instável de mesas e segui-la para dentro. A qualquer momento, aquele rostinho sem queixo apareceria na janela, sorrindo com uma alegria demente...
Hora de ir.
Darby calçou o sapato esquerdo. Dê um nó duplo no cadarço. Então ela jogou a bolsa sobre os ombros – as chaves do carro ainda apertadas em seus dedos – e empurrou para o saguão do centro de visitantes Wanapani.
Ed estava mexendo na antena do rádio através do obturador de segurança. Ele deu uma olhada confusa na direção dela, e ela sabia por quê. Ela saiu do prédio vinte minutos atrás – e agora ela voltou pelos banheiros. Atrás dele, Sandi cochilava no banco, as pernas curvadas, o livro cobrindo o rosto.
"Encontrar um sinal de celular?" perguntou Ed.
Darby não respondeu. Ela olhou para frente, passando pelo Espresso Peak, na porta da frente. Era onde Ashley estava, seus ombros largos bloqueando sua saída. Ele estava olhando para ela. O asmático nervoso e vacilante com quem ela havia falado apenas uma hora atrás se foi, apenas um ato descartado. Esta nova Ashley estava imóvel e sólida, com olhos profundos e observadores. Ele a olhou de cima a baixo – ela tinha neve nos joelhos, suas bochechas estavam vermelhas, sua pele pegajosa de suor, suas chaves Honda apertadas em seu punho – e então ele olhou para a mesa de centro, como se ordenasse que ela tomasse uma assento.
Ela olhou para ele, rangendo os dentes e tentando parecer destemida. Desafiador. Como um herói corajoso cercado por forças do mal.
Em vez disso, ela quase chorou.
Ela tinha certeza agora - ela morreria esta noite.
"Ei." Ed se inclinou entre eles, esforçando-se para lembrar o nome dela. "São . . . você está bem, Dara?
Pelo amor de Deus, é Darby.
Ela engoliu em seco, sua voz de rato. "Estou bem."

Ela não estava. Ela sentiu soluços presos em seu peito, espasmos trêmulos lutando para escapar. Sua coluna doía onde ela caiu no vaso sanitário. Ela queria pular para frente, agarrar Ed pelos ombros, gritar com aquele velho e simpático veterinário e seu primo adormecido: *Corram. Pelo amor de Deus, corre agora mesmo* . Mas onde?

Ashley acenou com a cabeça novamente para a mesa, com mais força.

Na cadeira dela.

Ela notou um objeto marrom cuidadosamente colocado no centro de seu assento e reconheceu seu guardanapo marrom. O mesmo guardanapo que usaram antes, quando ela pensava que ele era um aliado.

Ela se aproximou da cadeira e pegou o guardanapo. Ainda olhando para ela, o lábio de Ashley se curvou. Foi o começo de um sorriso presunçoso, despercebido por Ed e Sandi.

Ela desdobrou o guardanapo com dedos dormentes e desajeitados.

SE VOCÊ CONTAR, EU MATO OS DOIS.

12h09

Ashley foi até a mesa e sentou-se bem em frente a ela. Ele cruzou a sala silenciosamente, e agora estava sentado com as palmas das mãos espalmadas sobre a mesa. Suas mãos eram grandes e calejadas.
Darby dobrou o guardanapo e o colocou no colo.
O rádio estalou.
- Estou farta de Go Fish - disse Ashley com firmeza. “Que tal outra coisa?”
Ela não disse nada.
"E quanto a . . .” ele pensou. "Oh! Que tal Guerra?”
Ela olhou para Ed e Sandi—
Ashley estalou os dedos. “ *Ei* . Estou aqui, Darbo. Não se preocupe com as regras. A guerra é muito simples. Mais simples que o Go Fish, até. Você apenas corta o baralho em dois, veja, e revezam-se no sorteio, um após o outro, e vemos quem tem a carta mais alta. A carta mais alta pega os dois e os adiciona ao seu baralho. Você sabe, porque toda guerra é travada uma batalha de cada vez.”
Ele sorriu, satisfeito consigo mesmo, e embaralhou as cartas com fluidez na frente dela. Então ele enrolou as cartas para trás com uma tagarelice áspera.
“O vencedor tem um baralho completo no final.” Ele a olhou nos olhos. “E o perdedor? Bem, ela ficou sem nada.”
Atrás dela, Ed bombeou a jarra de COFEE para encher sua xícara, e isso fez aquele grito de afogamento novamente. Como pulmões borbulhando com água. Algo sobre isso fez suas omoplatas tremerem.
“Más notícias, amigos.” Ed sacudiu o obturador de segurança. “O café acabou.”
Os olhos de Ashley se arregalaram com falso horror. “ *O que* ? Chega de cafeína?”
“Temo que sim.”
"Bem, eu acho que todos nós vamos começar a matar uns aos outros agora."
Ashley embaralhou as cartas uma última vez. Ocorreu a Darby, em um gotejamento lento, que essas cartas de baralho sujas provavelmente não eram um acessório da área de descanso de Wanapani. O suporte de folhetos estava aparafusado e o rádio e o café estavam presos atrás de uma grade de segurança. Ashley havia trazido esses cartões pessoalmente. Porque ele era uma espécie de malvado brincalhão, fascinado por jogos e truques. Prestidigitação, surpresas e desorientação.
Sou um mágico, Lars, meu irmão.
As pistas estavam todas lá. Ela simplesmente não os tinha visto.
“Você deveria descansar um pouco,” Ashley disse a ela. "Você parece cansado."

Sua garganta parecia papel seco. "Estou bem."
"Sim?"
"Sim."
"Não há descanso para os ímpios." Ele sorriu. "Direito?"
"Algo parecido."
— Quanto você dormiu ontem à noite?
"O suficiente."
“Chega, hein? O que é isso?"
"EU . . .” Sua voz quebrou. “Uma hora, duas—”
“Ah, não, isso não é suficiente.” Ashley se inclinou para frente, rangendo a cadeira, e dividiu as cartas entre eles. Ela ficou maravilhada; seus dedos eram tão assustadoramente *rápidos* .
“Os seres humanos são construídos para seis a nove horas de sono por noite”, ele disse a ela. “Recebo oito sólidos todas as noites. Isso não é uma recomendação, querida, isso é biologia. Veja, menos do que isso corrói sua função cerebral. Isso é tudo — seus reflexos, sua estabilidade emocional, sua memória. Até mesmo sua inteligência.”
“Então estaremos empatados”, disse Darby.
Ed riu, voltando ao seu lugar. “Chute a bunda dele. Por favor."
Mas ela não pegou suas cartas. Nem Ashley. Eles silenciosamente se entreolharam do outro lado da mesa enquanto o vento rosnava lá fora. Uma rajada de vento atravessou a janela quebrada do banheiro masculino, sacudindo a porta nas dobradiças. A temperatura na sala estava caindo, mas até agora ninguém havia notado.
“Felizmente para você,” Ashley disse, “o jogo de cartas War é inteiramente sorte. Você sabe, ao contrário da coisa real.”
Darby estudou seus olhos. Eram vastas, verde-esmeralda, salpicadas de âmbar. Ela os procurou por algo reconhecível, algo humano para se relacionar - medo, cautela, autoconsciência - mas não encontrou nada.
Os globos oculares estão nas hastes, ela aprendeu aleatoriamente, em uma galeria de arte em outubro. Ela esqueceu o nome do artista, mas ele estava lá se misturando com a multidão, bebendo um Dos Equis, explicando alegremente que havia incorporado fotos autênticas de autópsia em seu trabalho. Para Darby, a forma dos nervos oculares humanos parecia perturbadoramente insetóide, como antenas em uma lesma de jardim. Algo sobre isso fez sua pele arrepiar. Agora, ela imaginou os grandes olhos de Ashley pendurados em suas órbitas, disparando sinais elétricos ao longo daqueles caules caídos nas espirais de seu cérebro. Ele era um monstro, um feixe alienígena de nervos e carne. Totalmente desumano.

E ele ainda a observava.
“Ao contrário da coisa real,” ele repetiu.
As cartas de baralho estavam entre eles em duas pilhas ignoradas. Perguntas flutuavam em sua mente como pássaros presos, coisas que ela queria desesperadamente perguntar em voz alta, mas não podia. Não enquanto Ed e Sandi estivessem ao alcance da voz.
Por que você está fazendo isso?
Por que raptar uma criança?
O que você vai fazer com ela?
E aqueles olhos verdes de dragão continuavam olhando para ela, cheios de segredos. Como uma joia, escaneando seu corpo, avaliando suas dimensões, executando contingências e hipóteses. Eles eram assustadoramente inteligentes, da mesma forma que Lars tinha sido assustadoramente burro. Mas era uma inteligência gelada.
Outras perguntas surgiram em sua mente: *Quão rápido você é? Quão forte você é? Se eu cortar seu rosto com as chaves de Blue, posso te cegar? Agora mesmo, se eu corresse para a porta da frente do prédio, eu conseguiria?*
Uma porta se abriu. Uma corrente gelada entrou no quarto.
Ed olhou de relance. “Oi, Lars.”
Ashley sorriu.
Sobre um rosnado de vento desviado, Rosto de Roedor se posicionou ao lado da porta, a mão direita enfiada no bolso do paletó, enrolada no cabo daquela .45 preta. Ela tinha visto agora, vislumbrado duas vezes quando ele a perseguiu. Ela sabia pouco sobre armas de fogo, mas reconheceu esta como alimentada por revista, o que significava que tinha mais tiros do que cinco ou seis de um revólver. Ela mal conseguia identificar seu contorno sob seu casaco azul, uma protuberância em seu quadril direito – mas apenas porque ela sabia que deveria procurá-lo.
Ed não notaria.
E Sandi estava dormindo.
Darby foi cercado novamente. Ashley na mesa, e Lars postado na porta. Ela esteve cercada o tempo todo – eles estiveram tacitamente coordenando suas localizações a noite toda – embora ela certamente esperasse que seu mergulho de cisne pela janela do banheiro tivesse sido uma surpresa. Certamente salvou sua vida, pelo menos por mais alguns...
“Dara”, disse Ed, assustando-a. — Você nunca respondeu a pergunta, não é?
"O que?"
"Você sabe. A questão do tempo do círculo. Seu maior medo.” Ele girou seu copo de isopor vazio na mesa. “Eu dei o meu. Ashley contou sua história sobre a

dobradiça da porta. Sandi odeia cobras. E você?"
Todos os olhos se voltaram para ela.
Ela engoliu. Ela ainda tinha o guardanapo de Ashley.
"Sim." Ashley reprimiu um sorriso. "Nos digam. O que te assusta, Darbs?
Palavras entupidas em sua garganta. "EU . . . Eu não sei."
“Armas?” ele instigou.
"Não."
“Pistolas de pregos?”
"Não."
“Sendo assassinado?”
"Não."
"Eu não sei. Ser assassinado é bem assustador—”
– Fracasso – disse ela, interrompendo Ashley e olhando fixamente aqueles olhos verdes. “Meu maior medo é fazer a escolha errada, falhar e deixar alguém ser sequestrado ou morto.”
Silêncio.
No banco, Sandi se mexeu em seu sono.
"Isso é . . .” Ed deu de ombros. "Ok, isso foi estranho, mas obrigado."
– Ela... Ashley começou a dizer alguma coisa, mas se conteve. Ed não percebeu, mas Darby sim, e isso a emocionou. O que ele quase deixou escapar?
Ela é—
Ela , como em Jay Nissen. A garotinha de San Diego na van do lado de fora, cuja vida estava em jogo agora.
Foi apenas um pequeno erro, apenas uma fração de uma frase, mas disse a Darby que ela pegou seu inimigo desprevenido. Talvez Ashley e Lars a tivessem subestimado — aquela estudante de arte de 50 quilos de Boulder que tropeçou em seu plano de sequestro. Certamente, eles não poderiam ter previsto aquela fuga da janela do banheiro. Ela estava orgulhosa disso.
Ela esperava estar ficando sob a pele deles.
Eles não querem me matar aqui, na frente de testemunhas.
Porque então eles teriam que matar Ed e Sandi também, e isso parecia ser o último recurso. Um homicídio era provavelmente mais fácil de administrar do que três. Eles queriam matá-la ou incapacitá-la do lado de fora — discretamente, mas ela os enganou: foi arremessada de cara por uma janela minúscula, machucou a coluna no vaso sanitário e ganhou mais dez minutos de vida.
Aqueles dez minutos estavam quase acabando.
Inspire , ela lembrou a si mesma. *Conte até cinco. Expire.* Ela tinha que manter sua respiração cheia e constante. Ela não podia perdê-lo. Agora não.
Inalar. Conte até cinco. Expire.

Ashley olhou por cima do ombro, para seu irmão, e deu um aceno de cabeça leve, mas autoritário. Sem dúvida, ele era o alfa. Se Darby matasse um deles esta noite, teria que ser ele.
Ela se perguntou o quanto do que ele disse era verdade. O carro enterrado lá fora não era realmente dele. Ele estava mesmo estudando contabilidade em Salt Lake City? Ele realmente quase morreu em uma mina de carvão no Oregon com o polegar esmagado dentro de uma dobradiça enferrujada? Ashley parecia intoxicado pelo ato de mentir, enganar, usar chapéus diferentes, apresentar diferentes versões de si mesmo. Ele era uma criança realizando um show de mágica.
Já passava da meia-noite. Darby teve que aguentar mais seis horas até que os limpa-neves CDOT chegassem ao amanhecer e abrissem a estrada para uma fuga. Isso foi um monte de incrementos de dez minutos. Mas ela tentaria.
Ela não sabia o que o pequeno aceno de cabeça de Ashley para seu irmão significava – até agora, Lars tinha permanecido colado na porta da frente – mas ela não gostou. Os dois irmãos tinham acabado de fazer outro movimento de xadrez silencioso contra ela, e ela estava agora, novamente, na defensiva.
Mas enquanto Ed e Sandi estiverem aqui, eles não vão me matar.
Ela olhou para o relógio na parede e, por um momento sombrio, pensou em quão longe estava o amanhecer. Como era escura e fria a noite. Como ela estava em menor número e em desvantagem. Eles podem matar todos nesta sala. Talvez eles planejassem. Talvez a ameaça no guardanapo fosse apenas um joguinho.
Ashley sorriu, como se ele tivesse lido sua mente.
Este impasse não vai durar.
"Tudo bem, todos", disse ele alegremente. “Guerra com Darbs parece ser um fracasso. Quem está a fim de uma nova rodada de tempo de círculo?”
Ed deu de ombros. "Certo."
"Vamos fazer . . . primeiro emprego? Não. Vamos fazer filmes favoritos.” Ashley olhou ao redor da sala abafada, um apresentador de game show radiante. "Tudo bem se eu responder primeiro de novo?"
“Acabe com você mesmo.”
"Tudo bem. Na verdade – bem, eu não tenho um único filme favorito, mas sim um *gênero favorito* de filmes. Isso é aceitável para todos?”
Ed deu um aceno de mão *de quem se importa* .
"Filmes de monstros", disse Ashley, seus olhos correndo de volta através da mesa para Darby. “Não, tipo, pequenos monstros como lobisomens. Estou falando dos enormes, imponentes, com vinte andares de altura, como Godzilla e Rodan. Filmes Kaiju, eles são chamados no Japão. Você conhece o tipo, onde algo grande está aterrorizando uma cidade, arremessando carros modelo ao

redor?
Ed assentiu, sem realmente ouvir. Ele estava inclinando sua xícara de café, tentando capturar as últimas gotas preciosas.
Não importava, porque Ashley estava apenas olhando para Darby enquanto falava, suas palavras limpas e compostas, revelando seus dentes brancos: “Viu, caramba, eu *adoro* filmes de kaiju. E . . . a coisa que eu acho fascinante sobre eles é isso. Os heróis humanos – Bryan Cranston e aquele cara sem graça do Sargento Vanilla, no reboot de Godzilla de 2014, por exemplo – são apenas espaços reservados. São cifras para o público. Esses humanos insignificantes têm algum efeito na trama real?”
Ele deixou sua pergunta retórica flutuar por mais tempo do que o necessário.
“ *Não* ”, ele finalmente respondeu. "Zero. Seu papel na história é inteiramente reativo. Godzilla, Mothra, os MUTO – as verdadeiras estrelas do show – eles vão lutar e resolver seus negócios, e os humanos não podem esperar parar a carnificina. Isso faz sentido para você?”
Darby não respondeu.
“Não importa o que você tente, os monstros farão o que quiserem.” Ashley se inclinou para frente, rangendo sua cadeira, e ela soprou sua respiração úmida enquanto sua voz baixava em um coaxar rouco: do jeito deles, ou *você vai ser esmagado* .”
Silêncio.
Ela não conseguia desviar o olhar. Como encarar um animal raivoso.
Sua respiração era avassaladora. Como gemas de ovos cozidas e assadas francesas amargas, coalhando com odores de carne. Sessenta minutos atrás, sua língua tinha sido um gole quente em sua boca. Mas agora seu sorriso de menino voltou, como colocar uma máscara de borracha de Halloween de volta, e em outro momento, ele estava de volta a ser o tagarela jovial que ela conheceu pela primeira vez. “Então, e você, Darbs? Qual é o seu tipo de filme favorito? Horror? Fantasmas? Tortura-pornô?”
"Romcoms", ela respondeu.
Lars deu uma risadinha na porta da frente, um ruído rouco que a lembrou de uma motosserra em marcha lenta. Ashley trocou olhares com seu irmão, e seus lábios se curvaram um pouco quando a neve rodopiante se intensificou lá fora. "Isto é . . . esta vai ser uma noite divertida.”
Talvez sim , pensou Darby, olhando-o nos olhos.
Mas prometo que não vou facilitar.
"Mas", disse Ashley, esfregando os olhos em sonolência encenada. “Eu admito, eu mataria por uma xícara de café agora.”
"Na verdade. . .” Ed considerou. “Ei, você sabe, nós temos alguns no caminhão.

É o tipo de acampamento instantâneo barato, onde você apenas despeja o terreno e adiciona água quente. Tem gosto de lodo de rio, mas é café. Alguém interessado?"
“Café de caubói?” Ashley sorriu, como um garimpeiro descobrindo ouro. Ele havia planejado isso. "Isso seria maravilhoso."
“Sandi odeia isso.”
"Bem, felizmente ela está dormindo."
"Sim? Compradores? Tudo bem." Ed calçou um par de luvas pretas de inverno e foi até a porta. “Eu estarei de volta em um segundo—”
"Sem problemas." O sorriso de Ashley aumentou. “Não se apresse, amigo.”
Darby tentou pensar em algo para dizer - *espere, pare, por favor, não saia da sala* - mas sua mente estava tão densa quanto manteiga de amendoim. O momento passou e, em outro instante de revirar o estômago, Ed se foi. A porta da frente do centro de visitantes se fechou, não muito atraente.
Lars empurrou - clique.
Os dois irmãos se entreolharam, logo a Darby. Em um microssegundo, a pressão do ar da sala mudou. Os três estavam agora sozinhos. Por quanto tempo Ed levou para ir até a caminhonete de Sandi, vasculhar sua bagagem, encontrar seu café de acampamento e voltar. Sessenta segundos, talvez?
Agora . . . a única coisa que mantinha Darby vivo era Sandi.
E ela nem estava acordada. Ela roncava como um gato ronronando no banco azul, os braços cruzados sobre a barriga, o livro precariamente equilibrado no rosto. A brisa mais leve poderia perturbá-lo. Pela primeira vez em toda a noite, Darby pôde ler o título: *Sorte do Diabo* . Durante os sessenta segundos seguintes, a vida de Darby dependia de quão leve dormia essa mulher de meia-idade.
"Romcoms", Ashley murmurou baixinho. "Que bonitinho."
“Melhor que Godzilla.”
"Tudo bem, Darbs, estou cansado de falar sobre isso." Ashley manteve a voz baixa, controlada, observando Sandi com o canto do olho. “Então aqui está o que vai acontecer. Vou te fazer uma oferta.”
Ela escutou, mas no fundo de sua mente ela estava contando segundos, como um relógio constante: *sessenta segundos para Ed caminhar até a caminhonete de seu primo e voltar.*
Cinquenta segundos, agora?
“Esta oferta vai valer uma vez, Darbs, e então desaparecerá para sempre. Sem segundas chances. Então pense bem, por favor, antes de tomar uma decisão...
“O que você está fazendo com aquela garotinha?”
Ele lambeu os lábios. “Não estamos falando sobre Jay agora.”

— Você vai matá-la?
"Isso não é importante."
“É muito importante para mim— ”
“Darby.” Ele estava ficando irritado agora, mostrando seus dentes perfeitos de Colgate, sua voz um sussurro tenso: “Isso não é sobre ela. Você não entende? Isto é sobre você, e eu, e meu irmão, e todos os outros pegos no fogo cruzado nesta parada de descanso. Isso é sobre a decisão que você vai tomar agora.”
Quarenta segundos.
Ela pensou em Lars, guardando a porta atrás dela, e seu estômago se apertou com um horror nauseante. Seu sorriso de luar, a cicatriz brilhante salpicando suas mãos, seus olhinhos chatos. Ela não achou que poderia dizer isso em voz alta – mas então ela disse: “Ele está . . . Lars vai estuprá-la?”
"O que?" Ashley revirou os olhos. "Ai credo. Bruto. Darbs, você não está ouvindo...
"Responda-me", disse ela, olhando para Sandi. "Ou eu juro por Deus, eu vou começar a gritar assassinato sangrento agora-"
"Faça." Ele se inclinou para trás. “Veja o que acontece.”
Ela ainda estava com as chaves do Honda nos nós dos dedos, no colo. A mais afiada — a chave do dormitório do Dryden Hall — estava presa entre o polegar e o indicador. Mas ela não podia confiar em si mesma para limpar a mesa rápido o suficiente. Ashley veria seu ataque chegando; ele levantava a mão para proteger o rosto. Não funcionaria. Ela não era forte o suficiente ou rápida o suficiente.
"Eu te desafio", ele sussurrou. "Gritar."
Ela quase chamou seu blefe.
Então Ashley olhou por cima do ombro de Darby. Ele acenou com a cabeça novamente, e ela percebeu com um arrepio de pânico – Lars agora estava de pé bem atrás dela. Ela não o tinha ouvido se aproximar, mas agora ela ouviu a dobra de sua jaqueta de esqui flexionando, apenas alguns centímetros atrás dela. Como no momento em que se conheceram. Ela se encolheu, meio que esperando que aquelas mãos cheias de cicatrizes apertassem sua garganta e apertassem – mas Lars se ajoelhou em vez disso, pegando sua bolsa do chão ao lado de seu tornozelo.
"Yoink." Ele a levou de volta para a porta.
Ashley olhou de volta para ela, chupando o lábio inferior. “Darbs, então estamos claros, estou lhe dando uma chance de desfazer tudo isso. Um grande botão de reset vermelho. É fácil também, porque tudo o que você precisa fazer é nada. Apenas mantenha a boca fechada.”
Vinte segundos .

“Veja, Darbs, todos nós vamos concordar que esse pequeno acidente nunca aconteceu. Nós - meu irmão e eu - vamos fingir que você nunca invadiu nossa van. Você vai fingir que nunca viu Jaybird. Vamos todos apenas. . . apenas apague as últimas horas de nossos cérebros, e quando os limpa-neves ressoarem aqui ao raiar do dia, vamos todos entrar em nossos carros e seguir nossos caminhos separados. Uma resolução pacífica para todos.”
Pop-pop. Lars abriu os botões de sua carteira. Cartões de crédito estalaram no chão. Ele fungou, verificando sua carteira de motorista de Utah, e desdobrou uma nota de vinte amassada, que guardou no bolso.
Dez segundos.
"Eu serei honesto." Ashley se inclinou para frente. “Eu estou realmente, *realmente* esperando que você apenas olhe para o outro lado. Descanse um pouco. Você está cansado. Você parece uma porcaria fervida. Você não terá chance contra Lars e eu. Então apenas . . . deixe os monstros fazerem suas coisas, ok?”
Cinco segundos.
“Por favor, Darbs. Será mais fácil para todos nós.” Ele olhou para Sandi enquanto dizia isso, como se sua ameaça já não estivesse clara o suficiente.
Darby sentiu suas bochechas queimarem. “Eu não posso.”
“Nós não vamos machucar Jay, você sabe.” Ele inclinou a cabeça. "É isso? É disso que você tem medo? Porque se for assim, posso prometer a você...
"Você está mentindo."
"Ninguém vai se machucar esta noite, se você cooperar."
“Eu sei que você está mentindo.”
"Ela vai ficar bem", disse Ashley, acenando com a mão. “Ei, a propósito. Eu vi um monte de papéis no banco de trás do seu carro. Papéis pretos. O que é tudo isso?”
"Por quê você se importa?"
Seus olhos endureceram. “Você espiou os negócios da família Garver. Então eu espiei no seu. Responda à pergunta."
"Seu . . . apenas papéis”.
"Para que?"
“Esfregaços de lápide.”
"O que são aqueles?"
"Eu pego . . . Eu uso giz de cera para, uh. . . para fazer uma impressão de lápides.”
"Por que?"
“Porque eu os coleciono.”
"Por que?"

"Eu só faço." Ela odiava ser estudada por ele.
"Você é uma garota meio danificada", disse Ashley. "Eu gosto disso."
Ela não disse nada.
"E você tem uma cicatriz na sobrancelha." Ele se inclinou sobre a mesa, inspecionando-a na luz fluorescente. “Isso deve ter sido. . . o que, trinta pontos? Só é realmente perceptível quando você franze a testa. Ou sorria.”
Ela olhou para o chão.
"É por isso que você não sorri muito, Darbs?"
Ela queria chorar. Ela desejou que tudo acabasse.
"Sorria", ele sussurrou. “Você vai viver mais.”
Já faz mais de um minuto.
Onde diabos estava Ed? Possibilidades circulavam por sua mente. Talvez ele não tenha encontrado o café do acampamento. Talvez ele estivesse se infiltrando em uma bebida. Ou talvez . . . talvez ele tivesse detectado alguma pista sutil, montado o plano de sequestro, e agora ele estava tentando encontrar sinal de celular para entrar em contato com a polícia agora mesmo? Ou, e se Jay cortasse as barras do canil e corresse para ele? Ele seria uma segunda testemunha. Isso não daria a Ashley e Lars outra escolha a não ser começar a filmar.
Cada segundo parecia volátil. Ela olhou para o relógio Garfield, e Ashley notou. "Isso é uma hora rápido, você sabe."
"Eu sei."
“É apenas uma hora.”
"Eu sei."
Ele lambeu os lábios, estudando o relógio. A imagem nele; de um Garfield apaixonado oferecendo rosas para Arlene. “Ei, qual é o nome daquele gato? O rosa?”
“Arlene.”
“ *Arlene* . Esse é o nome de uma menina bonita. Como o seu."
“O seu também,” ela disse.
Ele sorriu, apreciando o vai-e-vem, olhando para trás em sua sobrancelha. "Como você conseguiu a cicatriz, afinal?"
“Uma luta,” ela mentiu. “No ensino médio.”
Ela bateu sua bicicleta em uma porta de garagem. Se isso pudesse ser chamado de briga, a porta da garagem havia vencido. Vinte e oito pontos e uma noite em São José. Os outros alunos da quinta série a chamavam de *Frankengirl* .
Ela não sabia se Ashley acreditava nela. Ele lambeu os lábios. “Eu deveria avisá-lo, Darbs, se você está. . . você sabe, planejando lutar conosco esta noite. Você está?"
"Eu sou o que?"

"Planejando lutar contra nós?"
"Estou pensando sobre isso."
“Bem, se você *é* , você deveria saber. Eu sempre fui meio especial.”
"Eu aposto que você é."
“Veja, eu não sou apenas sortudo – eu estou protegido, eu acho. Das consequências. É como uma mágica que eu tenho. No final, as coisas sempre acontecem do meu jeito.” Ele se inclinou para mais perto, como se estivesse contando um segredo delicado. “Você pode chamar isso de sorte, mas eu sinceramente acredito que é outra coisa. Minha torrada sempre cai com a gelatina para cima, pode-se dizer.
Ela tinha que perguntar. “Você realmente não tem asma, tem?”
"Não."
“Você vai ao Instituto de Tecnologia de Salt Lake?”
Seu sorriso se alargou. “Escola inventada”.
“E a sua fobia de portas?”
“ *Dobradiças das portas* . Essa é verdade, na verdade.”
"Mesmo?"
"Sim. Eles me dão arrepios.” Ele colocou a mão sobre o coração. "Juro por Deus. Não pode tocá-los, tente não olhar para eles. Desde que quase perdi meu polegar em Chink's Drop, eles só me incomodaram muito.
“Dobradiças de porta normais?”
"Sim."
“Eu tinha certeza que você tinha inventado isso também. Não parecia real.”
"Por que não?"
“Porque,” Darby disse calmamente, “eu não pensei que você seria tão maricas.”
Uma tábua do assoalho rangeu.
Ashley olhou para ela friamente, como se ela tivesse desafiado sua avaliação inicial, e as luzes piscaram no alto. Então ele suspirou, engoliu uma vez, e quando finalmente falou de novo, sua voz estava bem controlada: “Você está jogando com a vida de uma criança. Não se esqueça disso. Esta noite tem um final feliz, mas você está colocando em risco.”
“Eu não acredito em você.”
"Não é uma coisa de sexo", disse Ashley, franzindo a testa com desgosto exagerado. “É dinheiro. Se você apenas tem que saber.”
Sandi se mexeu novamente no banco. *Sorte do Diabo* deslizou alguns centímetros pelo rosto dela. Darby se perguntou se ela estava realmente dormindo. E se ela estivesse apenas fingindo? E se ela tivesse ouvido toda a conversa?
"Quero dizer, dizer-lhe o quê." Ashley reprimiu uma risada, soltando-se

novamente. Seu comportamento veio em arrepiantes mudanças de fase; claro para escuro e vice-versa. “Você deveria *ver* esta casa, Darbs. Parece a mansão do Sr. Burns. Papai é dono de uma startup de tecnologia, algo a ver com um player de vídeo. Você sabe, merda de computador, que está acima da minha cabeça de colarinho azul. Eu sou mais um cara prático de porcas e parafusos. É por isso que estamos pegando Jaybird emprestado aqui, levando-a para as Montanhas Rochosas por algumas semanas, deixando mamãe e papai ficarem realmente preocupados e sacarem seus talões de cheques, e assim que formos compensados pelo nosso trabalho, vamos sacar e deixá-la em uma rodoviária em alguma cidade de merda no Kansas. Ela não será prejudicada. Vai ser como férias. Inferno, talvez nós até a ensinemos a fazer snowboard enquanto estamos—”
“Você está mentindo de novo.”
Seu sorriso folclórico desapareceu novamente. “Eu já te disse, Darbs. Tente acompanhar. Nós não vamos machucá-la—”
"Você *já* a machucou", ela rosnou, meio que esperando que Sandi estivesse realmente acordada sob seu livro, realmente ouvindo. “Você atirou um maldito prego na mão dela. E juro por Deus, Ashley, se eu tiver a chance, farei pior com você.
Silêncio.
Na porta, Lars enfiou a carteira de volta na bolsa.
"Assim . . .” Ashley fez uma pausa. “Você viu a mão de Jay?”
"Sim."
Ele considerou isso por alguns momentos, chupando o lábio inferior novamente com um gole de lagarto. "OK. Boa." Ele endureceu, outra estranha mudança de fase. "Bom Bom. *Ótimo* , mesmo. Vamos chamar isso de momento de aprendizado, ok? Se for do meu interesse manter Jaybird vivo — abalado, mas vivo — e ontem de manhã eu me enjoei dela choramingando e coloquei um prego sem fio na palma da mão dela e puxei o gatilho. . . bem, Darbo, imagine o que vou fazer com alguém que *não* tenho que manter vivo. Imagine o que vou fazer com esta parada de descanso. O que vou fazer com Ed e Sandi. O que eu vou fazer você assistir. E tudo será culpa sua, porque você se sentiu moralmente superior demais para jogar bola aqui. Então estou perguntando de novo, Darby. E estou avisando também – pense muito sobre o que vai dizer em seguida, porque se for a coisa errada, eu *prometo* , você não será o único que morrerá esta noite.
Ela olhou para ele, com medo de piscar.
“Além disso”, acrescentou, “seu nariz está sangrando”.
Ela tocou seu nariz—
Ele pulou para frente, agarrou um punhado de seu cabelo e bateu seu rosto no tampo da mesa. Fogos de artifício atrás de seus olhos. Dor vertiginosa. A

cartilagem em seu nariz fez um *estalo úmido* e ela recuou para trás, quase caindo da cadeira, levando as duas mãos ao rosto.
Do outro lado da sala, Sandi acordou. Seu livro caiu no chão. "O que . . . o que aconteceu?"
"Nada, nada", disse Ashley, olhando para Darby. "Estamos bem."
Darby assentiu, apertando o nariz. Sangue quente escorria por seus pulsos, vermelho vivo. Seus olhos ardiam, lutando contra as lágrimas.
Não chore.
"Oh, querida, seu nariz-"
"Sim. Estou bem." Darby sentiu gosto de sangue acobreado em seus dentes. Grandes gotas bateram no tampo da mesa. Seus dedos grudaram.
"O que aconteceu?"
“Alta altitude,” Ashley disse secamente. “Baixa pressão do ar. Ele apenas se aproxima de você. Meu nariz estava sangrando como uma *torneira* em Elk Pass...
Sandi o ignorou. “Precisa de um lenço?”
Darby sacudiu a cabeça bruscamente, apertando as narinas. O sangue desceu por sua garganta em bocados entupidos. Gotas salpicaram seu colo.
Oh, Jesus, não chore.
Sandi atravessou a sala, balançando sua bolsa grande. Ela pegou um pedaço de guardanapos marrons do balcão de café e os colocou no colo de Darby. Ela tocou seu ombro. "Tem certeza? Seu . . . está realmente sangrando.”
Darby sentiu seu rosto se contrair, como se sua pele estivesse esticada ao redor de seu crânio. Calor ardente em suas bochechas. Sua visão turvou com as lágrimas, sua respiração sibilando entre os dentes, enquanto Ashley a observava calmamente do outro lado da mesa com as mãos cuidadosamente dobradas no colo.
Não chore, Darby, ou ele matará todos aqui.
"Eu estou bem", ela engasgou. “É apenas a elevação—”
“Eu tomei minha primeira cerveja a 2.500 metros,” Ashley entrou na conversa novamente. “Cortei minha mão em uma luz fluorescente e sangrei água vermelha pura por dois dias seguidos...”
“Oh, *cale a boca* ,” Darby rosnou.
Ele congelou, assustado por sua ferocidade repentina. Esta deveria ter sido outra vitória para Darby, outro pequeno momento de presa pegando o predador desprevenido, mas ela já sabia que era um grande erro.
Porque Sandi tinha notado.
"EU . . .” A senhora hesitou, palmas para cima. Ela olhou entre eles, sua parka amarela enrugando enquanto ela se movia. "Esperar. O que realmente está

acontecendo aqui?”
Silêncio.
Ashley mordeu o lábio pensativamente, e então acenou para Lars.
Não não não-
Lars enfiou a mão no bolso do casaco para pegar sua pistola. Mas a porta da frente se abriu ao lado dele, batendo na parede, assustando-o...
“Finalmente encontrei o café.” Ed entrou, as botas rangendo, salpicadas de flocos de neve, e jogou um saquinho de carne assada colombiana na mesa entre eles. “A receita é duas colheres de sopa para cada oito onças de fervura – oh, puta merda, isso é *sangue* .”
“A altitude,” Darby engasgou.
Sandi não disse nada.
"Droga." Ed olhou Darby de cima a baixo. “Você realmente entendeu. Mantenha a pressão no nariz e incline-se para a frente, não para trás.”
Ela inclinou a cabeça para frente.
"Boa. Para a frente faz coagular. Para trás, e tudo desce pela sua garganta e você fica com o estômago cheio de sangue.” Ele limpou a neve de seus ombros. “E use esses guardanapos. Eles são gratuitos.”
"Obrigado."
Quando Ed passou, Darby olhou para Sandi, fazendo uma ponte entre um momento de contato visual trêmulo. Sandi estava desconfiada agora, olhos arregalados, olhando entre os dois irmãos. O contorno da pistola escondida de Lar estava claramente sombreado pela luz do teto.
Darby levou um dedo indicador aos lábios: *Shhh.*
Sandi assentiu uma vez.
Ao mesmo tempo, Ashley devia estar fazendo um sinal com a mão para Lars. Darby voltou-se e apanhou apenas a ponta, mas parecia um gesto frenético de mão na garganta: *Pare, pare, pare* . Era isso; a sala estava a uma fração de segundo de explodir em violência. Ed não tinha ideia de que ele poderia ter salvado a vida de todo mundo se atrapalhando de volta para dentro quando o fez com um saco de café instantâneo.
Agora, ele estendeu a mão pela veneziana de segurança e distribuiu água quente. “Não está fervendo, mas está quente o suficiente para o chá. Deve ser bom para um café de merda.”
"Mana do céu", disse Ashley. “Doce, doce cafeína.”
“Sim, essa é a ideia.”
“Você é meu herói, Ed.”
Ele assentiu, sua paciência para a conversa de Ashley claramente se esgotando. "Bom ouvir."

Sandi recuou e sentou-se no banco do canto, de onde podia monitorar toda a sala. Darby a observou levantar seu livro, mas o segurava no colo. A outra mão cuidadosamente enfiada na bolsa, atrás das letras bordadas do Salmo 100:5. Segurando uma lata de spray de pimenta, talvez.

Por favor, Sandi, não diga nada.

A área de descanso de Wanapani era um barril de pólvora. Bastaria uma única faísca – e esta sala estava cheia de atrito. Cuidadosamente, fora de vista, Darby abriu o bilhete SE VOCÊ DISSE A ELES, EU MATO OS DOIS em seu colo, embaixo do tampo da mesa, e escreveu outra mensagem em sua coxa. Ela tampou a caneta e dobrou o guardanapo com força novamente, deixando uma impressão digital ensanguentada.

“Quem mais quer café?” perguntou Ed.

“Eu”, disse Lars.

Sandi assentiu, mas não falou.

"Eu também", disse Darby enquanto se levantava, segurando o nariz dolorido e entregando o bilhete para Ashley, depois virando-se para Ed. “Sem açúcar, sem creme. E faça-o forte, por favor. Esta noite vai ser um *inferno* de uma longa noite.”

Atrás dela, ela ouviu Ashley avidamente desdobrar o guardanapo.

Ele estava lendo sua mensagem agora.

1h02

VOCÊ GANHA. NÃO VOU DIZER UMA PALAVRA.
Ashley sorriu – ela não tinha ideia de como estava certa.
Essa garota CU-Boulder era uma complicação inesperada, mas ele já a tinha entendido. Ele tinha visto seu tipo antes, embora nunca em carne e osso. Veja, Darby Elizabeth Thorne era um herói de boa-fé. Ela era um daqueles espectadores em uma fita de CCTV da Shell Station que vai para a arma do ladrão, ou presta ajuda a um funcionário sangrento. Ela era do tipo que se jogaria sob as rodas do moedor de carne de um trem para salvar um completo estranho. Proteger os outros, fazer *a coisa certa* , era um instinto para ela, sabendo disso ou não.
Ao contrário da crença popular, isso não é um ponto forte.
É uma fraqueza, porque te torna previsível. Controlável. E com certeza – com apenas uma conversa de trinta minutos, meia volta de círculo e um jogo de cartas abortado – Ashley já era dona dela.
Quebrar o nariz? Essa foi apenas uma pequena e divertida volta da vitória.
E ele ficou surpreso com o quanto ele gostou de ver Darby lutar contra as lágrimas na frente de Ed e Sandi, seu nariz uma torneira vermelha jorrando. Havia algo ótimo nisso, algo que ele não conseguia identificar. Ela foi humilhada, sofrendo em público, como alguns de seus pornôs favoritos. Ele adorava aqueles em que a garota estava secretamente usando calcinha vibrando em uma rua ou restaurante, tentando não mostrar. Tentando segurar.
Ajudou que Darby fosse inegavelmente bonito, também, de uma forma selvagem. Ela tinha ferocidade; um traço vicioso para ir com seu cabelo ruivo de fogo. Ela não sabia o quão duro ela poderia ser, se empurrada para o limite. Ele adoraria levá-la lá. Ele adoraria levá-la para Rathdrum, levá-la até o cascalho e ensiná-la a disparar o SKS de seu tio. Aperte a coronha soviética de madeira até o ombro pequeno, guie a unha pintada ao redor do gatilho, cheire seu suor nervoso enquanto ela alinha as miras de ferro entalhadas.
Tão chato, então, que ele teria que matá-la esta noite.
Ele não queria.
Ashley Garver nunca tinha tecnicamente matado ninguém antes, então esta noite seria definitivamente a primeira vez. O exemplo mais próximo que ele conseguia pensar era ainda mais homicídio culposo do que assassinato. E não por ação direta – mas por inação.
Ele era uma criança quando isso aconteceu.
Isso foi um ou dois anos antes de ele quase perder o polegar em Chink's Drop.

Então ele tinha cinco, talvez seis. Naquela época, seus pais costumavam descarregar ele e Lars (apenas uma criança na época) nos meses de verão com o tio Kenny, que morava nas pradarias secas de Idaho. Ele se chamava Fat Kenny (*Ei, ei, ei!),* o que Ashley só agora entendia ser um riff de Fat Albert. Ele era um homem alegre que bufava quando subia escadas, fumava cigarros de cravo e sempre tinha uma piada na mão.
O que você diz a uma mulher com um olho roxo?
'Deveria ouvir.'
O que você diz a uma mulher com dois olhos negros?
Nada'. Ela já foi informada duas vezes.
A cada ano, Ashley voltava para a escola primária armada com um arsenal de piadas assassinas. Todo mês de setembro ele era o garoto mais popular do parquinho, deixando-os viralizar. Por volta de outubro, o distrito escolar sempre realizou uma assembleia de emergência sobre tolerância.
Mas havia muito mais no tio Kenny do que suas piadas estrondosas. Ele também possuía um posto de diesel no local em uma rodovia de pista única ao sul de Boise, popular entre os caminhoneiros e ninguém mais. Ashley costumava escalar as macieiras com Lars e observar os caminhões de dezoito rodas entrando e saindo. Às vezes eles estacionavam nas terras de Kenny, mastigando torrões enlameados na grama amarela, chegando tarde da noite e saindo de manhã cedo. Mas raramente entravam na casa do tio Kenny — iam para o porão de tempestade.
Era como um bunker de precipitação, uma única porta de escotilha saindo do mato a vinte metros da lavanderia. Esta porta do submarino estava sempre, *sempre trancada com* cadeado. Até uma manhã em que, sob uma cortina de neblina úmida, descobriu que não era.
Então ele tinha ido para dentro.
Ashley se lembrava de alguns detalhes sobre o quarto escuro ao fundo da longa e podre escada. Principalmente apenas os odores - um ranço doce e bolorento que era ao mesmo tempo pútrido e estranhamente sedutor. Ele nunca tinha cheirado nada assim desde então. Cimento frio sob seus pés. Fios elétricos no chão; grandes luzes montadas em tripés. Formas indistintas, espreitando no escuro.
Ele estava saindo, subindo as escadas quando uma voz de mulher o chamou: *Ei.*
Ele se virou, quase tropeçando. Ele esperou por um longo momento, metade na escada, metade fora, arrepios arrepiando em seus braços, imaginando se ele apenas imaginou, até que finalmente a voz feminina falou novamente.
Ei. Garotinho.
Isso foi um choque — ele não sabia como a mulher no porão poderia vê-lo. Estava escuro como breu lá embaixo. Somente quando adulta, Ashley poderia

começar a raciocinar que suas pupilas estavam ajustadas à escuridão, enquanto as dele não. Como o truque de fechar um olho do Darby.
Você é um bom menino, não é?
Ele se encolheu nos degraus, cobrindo os ouvidos.
Não. Não tenha medo. Você não é como eles. A voz fantasmagórica baixou, como se ela estivesse divulgando um segredo: *Você pode? . . oi, pode me ajudar em algo?*
Ele estava com medo de responder.
Você pode me trazer um copo de água?
Ele não tinha certeza.
Por favor?
Finalmente ele cedeu e correu de volta pelos degraus podres, correu de volta para o rancheiro de seu tio e encheu um copo azul na pia da cozinha. A água da torneira tinha gosto de ferro aqui. Quando voltou para fora, tio Kenny estava parado junto à porta aberta do porão, as mãos apoiadas nos quadris flácidos.
A pequena Ashley congelou, derramando um pouco de água.
Mas o tio Kenny não estava zangado. Não, ele nunca ficou bravo. Ele era todo sorrisos alegres, mostrando dentes de cavalo amarelos, arrancando o copo dos dedinhos petrificados de Ashley: *Obrigado, garota. Está tudo bem, eu vou levar isso para ela. Ei, por que você não vai levar seu irmãozinho até o posto de gasolina e pegar duas flautas de frango, por conta da casa?*
As flautas estavam secas como uma lixa, murchas pela lâmpada de calor. Lars não se importou, mas Ashley não conseguiu terminar o dele.
Naquele mesmo ano, um ou dois meses depois, Ashley voltou à casa do tio Kenny pela segunda vez para o fim de semana do Memorial Day, e ele se lembrou de ter encontrado a mesma porta do porão escancarada, com um ventilador barulhento soprando o ar. Quando desceu os degraus desta vez, encontrou as luzes acesas, revelando um bunker vazio e eviscerado, as paredes de concreto úmidas de condensação. Marcas de esfoliação no chão. O odor acre do alvejante. A mulher se foi.
Muito longe.
Mesmo naquela idade, Ashley sabia que deveria confrontar seu tio sobre isso, ou melhor ainda, contar a seus pais e deixá-los chamar a polícia. E ele chegou muito perto, sentado nesse conhecimento todo o fim de semana como uma arma carregada. Mas naquela noite de sábado, Fat Kenny fez macarrão com queijo com jalapenos e fatias inteiras de bacon, e contou uma piada tão épicamente engraçada que fez Ashley borrifar um bocado meio mastigado.
Oi, Ashley. Como você pode dizer que um negro esteve no seu computador?
Como?

Seu computador está faltando.
No final, ele simplesmente gostou demais de Fat Kenny. Ele era muito divertido. E ele foi genuinamente decente com Lars de quatro anos também – deixando-o carregar ferramentas na oficina, ensinando-o a atirar em corvos com uma arma de ar comprimido. Então, no final das contas, o que quer que aqueles caminhoneiros estivessem fazendo com a mulher no bunker não importava para Ashley. Ele tinha acabado de arquivar em um canto escuro de seu cérebro.
Isso foi há dezessete anos.
E agora, na área de descanso de Wanapani, no Colorado, na gélida noite de 23 de dezembro, esses papéis foram embaralhados, como um programa de TV clássico retornando com um elenco de novos atores. O próprio Ashley era o novo Fat Kenny, lutando para proteger um segredo prejudicial. E Darby foi a testemunha acidental.
A história não se repete, mas caramba, com certeza pode rimar.
Ed enfiou a mão atrás da grade de segurança, testando o dispensador de água quente, e então separou dois sacos de borra de café. "Eu tenho um assado francês escuro e uma luz."
"Qualquer um está bem", disse Sandi.
"Assado escuro, por favor", disse Ashley. “Tão escuro quanto fica.”
Na verdade, ele não tinha preferência; ele apenas gostava de como *o torrado escuro* soava. Suas papilas gustativas estavam mais ou menos mortas, então todo café tinha o mesmo gosto para ele. Mas diabos, se alguma vez houvesse uma noite para um café preto, seria essa. Ele enfiou o guardanapo marrom de Darby no bolso de sua calça jeans, notando que estava manchado com uma impressão digital crescente de seu sangue.
Ele percebeu que a tinha perdido de vista.
Rapidamente, ele examinou a sala. Ed estava lá perto da mesa de café trancada, Sandi estava sentada como uma abelha amarela gorda, Lars estava guardando a porta da frente - mas sim, Darby tinha ido embora. Ela tinha desaparecido. Ela se aproveitou de sua desatenção e fez um movimento.
Mas estava tudo bem. Sem problemas. Ashley Garver também faria um movimento.
Banheiro?
Banheiro.
Ele acenou para seu irmão.

* * *

Darby sabia que ela só tinha alguns segundos.
Ela fechou a porta do banheiro masculino atrás de si sem perder o passo,

passando pelas pias manchadas, seu sósia seguindo-a nos espelhos. Cicatriz visível, como uma foice branca. Olhos assombrados no vidro.
Sim, a área de descanso Wanapani era uma panela de pressão. Ela quase matou Ed e Sandi. Ela precisava *sair* . Ela precisava reformular essa batalha, transferi-la para outro lugar. Em algum lugar sem o risco de danos colaterais.
Eu vou correr, ela decidiu. *Vou correr pela estrada. Tão rápido e tão difícil quanto eu puder. Não vou parar até encontrar o sinal e ligar para o 9-1-1.*
Ou eu congelei até a morte.
Ela verificou seu iPhone novamente. A tela deve ter quebrado quando ela caiu no vaso sanitário, espalhando uma teia de aranha de rachaduras profundas. A bateria agora era de dois por cento.
Ela olhou para a janela vazia - uma pequena fatia triangular de céu noturno e copas das árvores. Estava a quase dois metros e meio do chão. Entrar fora fácil, graças às mesas de piquenique empilhadas do lado de fora. Sair seria muito mais difícil. Mesmo na ponta dos pés, ela não conseguia alcançar a moldura da janela. Ela precisaria de um grande salto voador para pegá-lo com a ponta dos dedos. Ela precisaria de um começo de corrida, e cada centímetro dele.
Ela recuou, passou pelas barracas verdes, passou por PEYTON MANNING TOME NA BUNDA, todo o caminho de volta para a porta, suas costas tocando a parede, e o banheiro retangular se estendia diante dela como uma pista de seis metros. Linóleo liso sob seus pés, escorregadio com a umidade. Ela arqueou as costas, se agachou como uma corredora e fechou as mãos em punhos.
Ela respirou fundo — o cheiro amargo de amônia. Ela deixou meio fora.
Vai.
Ela correu.
Espelhos, mictórios, portas de baias, tudo correndo por ela. O ar assobiou em seus ouvidos. Sem tempo para pensar demais. Não há tempo para ter medo. Ela achatou as mãos em lâminas, bombeando as pernas, e deu um salto kamikaze arremessado na pequena abertura—
No ar, ela pensou: *Isso vai doer...*
Ele fez. Ela se chocou contra a parede de ladrilhos de joelhos, machucando o queixo, tirando o ar de seus pulmões, mas (*sim!*) ela pegou a moldura da janela com dois dedos desesperados. Unhas na madeira velha encharcada. Ela apoiou seu Converse molhado contra a parede. Então ela arqueou as costas novamente, trancou os cotovelos e puxou o corpo para cima, ofegando por entre os dentes cerrados, como a barra de flexão mais infernal do mundo, e puxou e puxou e *puxou ...*
Ela ouviu respiração pela boca. Lado de fora.
Não.

Não, não, não, por favor, não seja real—
Mas sim, lá estava. Diretamente do lado de fora, do outro lado da parede. Aquele chiado suave que ela conhecia muito bem, aquele pequeno bufo suculento. Lars, Rosto de Roedor, havia circulado ao redor do prédio e agora esperava por ela do lado de fora. Olhando para aquela janela, pistola na mão, pronta para colocar uma bala em seu cérebro no instante em que ela subiu e expôs o rosto.
O que agora?
Ela ficou pendurada nas pontas dos dedos doloridos, seus sapatos balançando a um metro do chão, desejando desesperadamente ter ouvido mal o rosnado do vento lá fora. Mas ela sabia que não. Ela sabia que Ashley tinha enviado o pequeno Lars obediente para impedir sua fuga. O que deixou um inimigo muito mais astuto e perigoso sem explicação.
Então ela ouviu a porta do banheiro se fechar.
Ele está na sala com—
Um saco plástico cobriu o rosto de Darby por trás. Ela gritou, mas estava preso dentro de sua boca.

1h09

Jay Nissen serrou a última barra do canil.
Ela os cortou um de cada vez, serrando com a faca dentada do jeito que a jovem ruiva havia instruído. Como um cortador de árvores em miniatura. Sua mão esquerda latejava com alfinetes e agulhas, então demorou muito. Duas vezes, ela deixou cair a faca e teve que tatear por ela na escuridão. Uma vez, ela temeu que tivesse saltado para fora do canil e se perdido para sempre. Mas ela encontrou.
E agora?
Com um empurrão, a grade caiu e bateu na porta da van.
Esta foi a primeira vez que a gaiola foi aberta desde que a levaram. Ela não sabia há quantos dias. Ela não estava contando. Passar mais de uma noite sem suas injeções a deixou tonta, e desde então ela caiu em um ritmo irregular de sonecas de quatro horas. O sol estava subindo e descendo, subindo e descendo de diferentes janelas. O cheiro de ketchup, molho ranch e suor rançoso no vidro. O amassado das embalagens de Jack in the Box. Suas vozes murmurantes, as piadas de Ashley de tapinhas no joelho, o zumbido do asfalto, o tique-taque urgente do pisca-pisca da van. Já pode ter sido uma semana? O que seus pais estavam fazendo agora?
Seu controle Wii U estava carregando quando chegaram à sua casa.
Ela estava conectando o fio cinza na porta da Nintendo quando uma única batida forte veio da porta da frente. Como uma bola de tênis. Ela correu até a porta e a abriu alguns centímetros – há uma pequena corrente de latão na porta – e foi quando ela o viu pela primeira vez, aquele que ela agora conhecia como Lars. Naquela época, ele não tinha desenvolvido sua cabeça fria ainda. Ele sorriu e disse a ela que estava aqui com a Fox Roofing Service, que seu pai, o Sr. Pete, havia dado permissão para entrar na casa.
Jay disse que não.
Lars havia perguntado a ela mais algumas vezes, de algumas maneiras diferentes. Ele parecia pensar que o “sr. Pete” estava no supermercado, o que era falso (o pai dela havia ligado do escritório para dizer que a babá estava gripada e que havia sobras do Mongolian Grill na geladeira). Mesmo assim, Jay teve a impressão de que Lars não era como os outros adultos em sua vida. Ela suspeitava que, mesmo na idade dela, ela já era mais inteligente do que ele jamais seria.
Lars perguntou menos educadamente. Inclinando-se. Seus dentes cheiravam a folhas mortas.
Jay fechou a porta.

Quando ela se virou, aquela que ela agora conhecia como Ashley estava sentada à mesa oval da cozinha. Suas botas tinham deixado marcas lamacentas no parquet. Ele olhou para ela casualmente, mastigando um punhado de chips de banana da tigela de cerâmica. Ela ainda não sabia como ele entrou na casa — uma janela, talvez? A garagem?
Ela correu para a sala de estar. Ela não conseguiu.
Aqui e agora, Jamie Nissen – ou Jay, como ela era desde a primeira série – rastejou para fora do canil nas palmas das mãos, sobre os cobertores e toalhas que coçavam sob os quais seu socorrista havia escondido duas horas atrás. As barras de metal batiam e vibravam ao redor dela; ela esperava que Ashley e Lars não estivessem por perto para ouvir. Ela alcançou a porta traseira da van, esperando que estivesse trancada. Lars sempre teve o cuidado de trancar novamente as portas da van, toda vez que ele...
A maçaneta estalou em seus dedos sangrentos.
A porta se abriu.
Jay congelou ali em suas mãos e joelhos, olhando para a escuridão. Milhares de flocos de neve rodopiantes. Uma rajada trêmula de ar noturno. Um estacionamento de um branco liso e imperturbável, brilhando com cristais. Foi estranhamente emocionante. Ela nunca tinha visto tanta neve antes em toda a sua vida.
E agora ?

* * *

"E agora, Darbs?"
Ela não conseguia respirar ou ver. Plástico esticado sobre seu rosto, aspirando contra seus dentes da frente. Mãos juntas ao redor de sua garganta, torcendo o saco, apertando suas vias aéreas fechadas. Pânico escorregadio e enterrado vivo.
“Sh, sh.”
Ela se debateu, mas Ashley era muito forte. Ele tinha os braços dela torcidos para trás em algum tipo de luta livre. Ambas as omoplatas estavam entreabertas e suas mãos estavam em algum lugar bem atrás dela, presas e inúteis. Como lutar contra o abraço de uma camisa de força. Ela chutou, seus pés procurando a parede do banheiro para usar como alavanca, mas encontrou apenas espaço vazio. Sua espinha dorsal quebrou.
“Não lute,” ele sussurrou. “Está tudo bem.”
Pressão crescendo dentro de seu peito. Seus pulmões queimando, inchando contra sua caixa torácica. Ela sentiu seu próprio último suspiro – um meio suspiro que estava dentro de sua garganta quando a bolsa desceu – preso contra seu rosto, nebuloso e molhado. Cobre quente se espalhando por seu queixo. Seu

nariz estava sangrando novamente.
Ela lutou novamente, se contorcendo, se debatendo. Suas pernas chutaram para o espaço. Seus dedos arranharam e arranharam; ela encontrou o laço do cordão em sua jaqueta. Chaves bateram. Mas não havia nenhuma arma, nenhuma arma para pegar. Ela estava perdendo energia também. Este thrash tinha sido mais fraco do que o primeiro.
É isso , ela percebeu. *Eu vou morrer aqui.*
Bem aqui, em um banheiro sujo na State Route Seven. Ao lado dos banheiros branqueados, dos espelhos esculpidos, das portas descascadas das cabines rabiscadas com grafite. Bem aqui, agora, com aquele gosto de Lysol ainda na boca.
"Shh." Ashley moveu a cabeça, como se estivesse checando por cima do ombro. "Está quase acabando. Apenas deixe acontecer-"
Ela gritou silenciosamente dentro do saco Ziploc. O plástico flexionou uma pequena bolha. Então seus pulmões inalaram reflexivamente - um gole estimulante - mas encontraram apenas pressão negativa, sugando poucos centímetros de ar reutilizado.
“Eu sei que dói. Eu sei. Eu sinto Muito." A bolsa girou mais apertada, no sentido horário, e agora ela viu a janela. Através de um olho fechado, borrado pelo plástico turvo e pelas lágrimas, ela viu aquela janelinha triangular, a dois metros e meio do chão, salpicada de flocos de neve. Tão perto. Tão dolorosamente perto. De alguma forma, ela desejou que estivesse mais longe, do outro lado da sala, sem esperança e inalcançável. Mas não, estava *bem ali* , e ela quase podia estender a mão e tocá-lo, se suas mãos não estivessem presas.
Ela se debateu uma terceira vez, mas foi descoordenada e mole. Desta vez Ashley mal teve que segurá-la. Ela sabia que este era o último; que não poderia haver um quarto rali. Ela era um caso perdido agora. Ed e Sandi estavam no mesmo prédio, do outro lado de um muro, a três metros de distância, alheios enquanto ela sufocava até a morte nos braços de um assassino. Ela sentiu o tempo dilatar. Um descanso espesso e confortável caiu sobre ela, como um pesado cobertor de lã.
Ela odiava como era bom.
"Descanse agora." Ashley plantou um beijo molhado no topo de sua cabeça, enrugando o plástico. “Você se esforçou muito, Darbs. Descanse um pouco agora.”
Sua voz revoltante estava tão distante agora. Parecia que ele estava em outro quarto. Falando com outra pessoa. Sufocando outra garota até a morte. A dor em seus pulmões já estava desaparecendo. Todas essas sensações terríveis estavam acontecendo com outra pessoa, não com Darby Thorne.

Sua mente vagava agora, desconectando, vagando, fazendo um balanço de todos os itens inacabados em sua vida. Sua pintura principal, incompleta. Seus empréstimos de Stafford, não pagos. Sua senha do Gmail, bloqueada para sempre. Sua conta bancária com $291 nela. Seu dormitório. Sua parede de ruínas de lápide. Sua mãe no Utah Valley Hospital, acordando de uma cirurgia, prestes a descobrir que sua filha havia sido assassinada aleatoriamente em uma parada de descanso a trezentos quilômetros de...
Não.
Ela lutou contra isso.
Não não não-
Ela se agarrou a isso, a Maya Thorne, de 49 anos, definhando na UTI. Porque se Darby morresse aqui, agora mesmo, neste banheiro, ela nunca conseguiria se desculpar por todas as coisas que ela disse a sua mãe no Dia de Ação de Graças. Tudo se tornaria história imutável. Cada palavra feia disso.
E de repente ela não estava com medo. Não mais. Ela provou algo muito mais útil do que medo – raiva. Ela estava lívida. Ela estava absolutamente *furiosa* com a injustiça de tudo isso, do que Ashley estava tentando fazer com ela e sua família, furiosa contra a escuridão envolvente. E algo mais . . .
Se eu morrer aqui , ela sabia, *ninguém vai salvar Jay* .
“. . . Darbs?”
Ela arqueou as costas e ordenou que seus pulmões cansados fizessem uma tarefa final - abrir e inalar o mais forte possível. Para chupar o plástico hermeticamente contra a boca aberta, de modo que ficasse contraído entre os dentes da frente como chiclete, apenas um centímetro fino e retraído...
Ela mordeu.
Não é difícil o suficiente. O plástico escorregou de sua boca.
"Câncer de pâncreas?" Os lábios de Ashley deslizaram contra sua orelha, como se ele tivesse lido sua mente. “Sua mãe tem. . . você disse câncer de pâncreas, certo?”
Ela tentou novamente. Ela chupou o saco com os pulmões queimando.
Um pouco para baixo.
Nenhuma coisa.
— Não é engraçado, então? Seu aperto denso, sua voz podre. “Você tinha tanta certeza de que enterraria sua mãe, mas acontece que você fez tudo ao contrário, seu idiota, porque *ela vai enterrar você—”*
Darby mordeu novamente, e o plástico rasgou.
Uma alfinetada de ar gelado assobiou lá dentro. Correndo pela garganta em uma pressa pressurizada, como inalar por um canudo.
Ashley fez uma pausa - "Oh" - e em meio segundo de confusão, seu aperto

enfraqueceu e os sapatos de Darby tocaram o chão. Meio segundo era tudo o que ela precisava. Ela encontrou o equilíbrio, chutou o ladrilho e jogou seu corpo para trás no dele.
Ashley tropeçou, desequilibrada.
Ela continuou correndo para trás, continuou empurrando-o...
Ele engasgou: “Espere, espere, *espere—”*
Ela o jogou, de costas, em uma pia. Vértebras contra porcelana. A torneira clicou. Ele grunhiu e soltou, seus braços torcendo de seu aperto. Suas mãos finalmente livres. Ela pegou o saco molhado e arrancou-o de seu rosto, sugando uma respiração completa. Um grito invertido, entupido de sangue, ranho e lágrimas.
Ela viu a cor novamente. Ar em suas bochechas. Oxigênio em seu sangue. Ela caiu longe dele, seus joelhos moles, pegando-se no chão com a palma da mão estendida. Azulejos frios, salpicados com seu sangue.
Atrás dela, Ashley tirou algo do bolso.
Ele levantou um braço—

* * *

— E ele balançou a pedra-em-meia na parte de trás da cabeça de Darby, arqueando a pedra como uma bola de açoite, pronta para o esmagamento de porcelana molhada do crânio da garota — mas ela já estava se arrastando para frente, afastando-se.
Acariciou seu cabelo.
Ele se lançou atrás dela, desequilibrado de seu balanço, a pedra batendo na parede à sua esquerda, deixando uma lasca de cerâmica. Ele se ajoelhou e a viu escapar e correr pelo banheiro, em direção àquela janelinha triangular, com o saco plástico esvoaçando atrás dela. *Ela não vai conseguir* , disse a si mesmo. Mas em outro instante, ela saltou até o batente da janela, agarrou-se pelas unhas e arremessou seu corpo através da pequena abertura como uma ginasta. Tornozelos para cima, depois para fora.
Bem desse jeito.
Ela se foi.
Ashley Garver estava de repente sozinha no banheiro. Ele cambaleou, quase escorregando no saco Ziploc manchado de sangue.
Não importava, ele percebeu, alisando o cabelo para trás com a palma da mão, recuperando o fôlego. Ele designou Lars do lado de fora da parede dos fundos, perto das mesas de piquenique empilhadas, para essa mesma situação. Seu irmão, armado com aquela fiel Beretta Cougar, era o reforço. Darby escapou de sua zona de matança no banheiro, sim, mas ao fazer isso ela praticamente se

jogou nos braços de Lars, e agora ela estava muito fraca para lutar de forma eficaz.
A porta do banheiro se abriu atrás dele. Ele se virou, esperando ver o rosto confuso de Ed, aqui para investigar a algazarra, e já tinha uma história preparada — *escorreguei no chão molhado, acho que bati a cabeça* — só que não era Ed parado ali no porta.
Era Lars.
Ashley chutou o saco plástico. “Ah, *vamos lá* .”
“Você parecia que, ah, precisava de ajuda—”
"Sim. Eu precisava de você lá fora.”
"Oh-"
"Lá fora." Ashley apontou furiosamente. “ *Fora* , não dentro.”
Os olhos de Lars se arregalaram, indo de seu irmão mais velho para a janela vazia. Ele percebeu o que tinha feito, o que tinha permitido que acontecesse, e seu rosto se enrugou e ficou vermelho com as lágrimas: “Sinto muito. Sinto muito, eu não queria...
Ashley o beijou nos lábios.
“Foco, irmãozinho.” Ele deu um tapa na bochecha. "O estacionamento. É para onde ela está correndo, agora.
Ele esperava que ele ainda pudesse correr, também. A parte inferior das costas latejava onde o ruivo o havia jogado na pia de porcelana. E enquanto ele recuperava seus sentidos, ele notou outra coisa. Uma leveza repentina no bolso direito do jeans.
Seu cordão havia desaparecido.
"E . . . a cadela pegou nossas chaves.”

* * *

Darby caiu pelas mesas de piquenique empilhadas, caindo com força. Ela deixou cair as chaves de Ashley na neve, mas as recuperou, subindo.
O cordão vermelho ficou enganchado em seu polegar na briga. Pura sorte, realmente. Quando ela o carregou na pia e se libertou, a carga de chaves batendo veio com ela. Agora ela os tinha. E ele não o fez.
Eles tilintaram em sua palma. Meia dúzia de chaves incompatíveis e um pen drive preto. Ela enfiou o punhado inteiro no bolso enquanto um novo plano tomava forma.
O que é melhor do que correr para pedir ajuda?
Roubar a van dos sequestradores e *dirigir* para pedir ajuda.
Com Jay dentro.
Uma aposta desesperada. Ela ainda estava em choque, seus dedos ainda

escorregadios de suor, sua respiração ainda acelerada. Sua mente correndo com pensamentos de pânico. Ela não tinha certeza se o Astro deles poderia dirigir mais longe do que Blue em Snowmageddon, mas ela com certeza tentaria. Ela pisaria no acelerador, balançaria a tração nas quatro rodas em seus amortecedores, tentaria de tudo. Ela não tinha outras opções. Se ela ficasse aqui em Wanapani, Ashley e Lars a matariam.

Ela circulou o prédio, atravessando montes de neve, e o ar da noite ardia em sua garganta. Ela passou pela multidão de Crianças do Pesadelo meio enterradas à sua esquerda. Formas de bronze mastigadas na escuridão, vítimas de pit-bulls congeladas no recreio. Aquele mastro de bandeira nu, balançando sob outra rajada de vento cortante.

À frente, o estacionamento. Os carros. A van deles.

Só mais quinze metros—

A porta da frente do centro de visitantes se abriu atrás dela. Um retângulo de luz projetada, e ela lançou uma sombra impressionante na neve. Um par de passos crocantes a seguiu. A porta se fechou e sua sombra desapareceu.

"Não." A voz de Ashley, firme, como se estivesse repreendendo um cachorro: “Não atire nela.”

Ela escorregou, cortando um joelho no gelo irregular. Continuou correndo. Os passos que a perseguiam agora a flanqueavam, um movendo-se para a direita, outro cortando para a esquerda. Como lobos cercando suas presas. Ela os reconheceu pela respiração — a respiração ofegante de Lars à esquerda, os bufos controlados de Ashley à direita. Ela continuou correndo e se concentrou no Astro. Chaves tilintando em sua mão.

“Lars! *Não atire nela* .”

“Ela está tentando roubar a van—”

“Você quer um cartão amarelo?”

Ela escorregou novamente, se segurando. Sua bolsa ricocheteou em seu joelho. Apenas dez passos do veículo dos sequestradores agora. Ela podia ver a raposa de desenho ao lado, correndo mais perto, ainda segurando aquela pistola de pregos laranja—

“Ela não vai chegar a lugar nenhum. A neve está muito funda—”

"E se ela fizer isso?"

“Ela não vai.”

"E se ela *fizer isso* , Ashley?"

Darby derrapou, alcançando a porta do motorista, seu coração batendo na garganta. Ela tirou a neve da fechadura e procurou o chaveiro, mas estava escuro demais para identificar a chave do Chevy. Pelo menos três delas pareciam grossas o suficiente para serem chaves de carro. Ela tentou o primeiro. Não se

encaixava. Ela tentou o segundo. Encaixou, mas não virou—
“Ela está destrancando a porta—”
Ela estava na terceira chave, enfiando-a na fechadura gelada, quando notou algo à esquerda. Um pequeno detalhe, mas descontroladamente errado.
A porta traseira do Astro.
Deveria estar fechada — mas estava entreaberta, o vidro refletindo uma foice de luz de lamparina, a borda superior recolhendo uma borda de flocos de neve. Darby não a tinha deixado aberta. Não poderia ter sido Lars ou Ashley. Isso deixou. . . Jay?
Lars ofegou. “Ela é. . . ela está parando.”
"Eu sei."
"Por que ela está parando?"
Quando os dois pares de passos se aproximaram, Ashley entendeu. “Ah, *inferno*.”

1h23

Do seu ângulo, Darby não conseguia ver.
Mas ela sabia o que Ashley viu – o canil de Jay desajeitadamente serrado por dentro, a porta traseira do Astro aberta e um par de pequenas pegadas batendo na neve e saindo para a escuridão.
Ele olhou, boquiaberto com o choque surdo, antes de olhar de volta para Darby: “Se ela tentar correr, atire nela.”
Ela se virou - mas Lars já havia circulado a van e apareceu atrás dela com aquela arma curta na altura da cintura, apontada para sua barriga.
Ela prendeu a respiração. Cercado novamente.
"Eu não . . . Eu não acredito.” Ashley andava de um lado para o outro, seus dedos cravando-se em seu couro cabeludo, e Darby notou que sua linha do cabelo era tão severa quanto a de seu irmão mais novo. Ele apenas deixou a franja crescer para cobrir os pedaços que se afastavam.
Ela não pôde deixar de sentir uma satisfação sombria. Ela adorou. Apesar de toda a presunção e postura de Ashley esta noite, ela ainda conseguiu lançar uma chave infernal em seu plano. O pequeno Jaybird estava solto.
Ashley chutou o lado do Astro, machucando o metal. “Eu não acredito nisso *porra— ”*
Lars recuou.
Mas Darby não resistiu. Muita adrenalina incandescente em suas veias. Dois minutos atrás, ele a estava asfixiando com um saco plástico e ela ainda estava furiosa com isso, ainda cheia de energia imprudente. “Ei, Ashley. Não sou especialista em sequestros, mas só funciona se houver uma criança lá dentro?
Ele virou para encará-la.
Ela deu de ombros. “Apenas minha opinião amadora.”
"Você . . .” Lars ergueu sua pistola. “Você deveria parar—”
“E você deveria comer uma maldita *hortelã de hálito* .” Darby olhou de volta para Ashley, suas palavras trêmulas e cruas, desenrolando-se como um barbante: “Tem certeza sobre esse seu pequeno discurso? Humanos indefesos apenas deixando os monstros grandes e assustadores fazerem suas coisas? Porque acho que apenas *influenciei o enredo* , filho da puta...
Ele pisou em direção a ela.
Ela estremeceu - *Oh Deus, é isso, estou morto* - e Ashley levantou a pedra-em-meia enquanto ele atacava, acabando por um impacto de fratura de crânio, mas então, no último instante, ele passou por ela e jogou.
Ela abriu os olhos.

Ele estava mirando em um poste de luz. Duzentos metros de distância. Depois de alguns momentos aéreos de vôo, a pedra atingiu o poste em cheio, ricocheteando no metal com um tinido. Ecoou duas vezes.
A maioria dos quarterbacks da NFL não poderia fazer isso.
Lars sussurrou: “Mágica”.
Sou um mágico, Lars, meu irmão.
Eles estavam brincando com ela esta noite inteira, ela percebeu. Manipulando ela. Fingindo ser estranhos, trabalhando na sala, soltando mentiras flagrantes e pequenas insinuações obtusas e estudando como ela reagia. Como um rato em seu labirinto.
Você pode cortar uma garota ao meio?
Eu posso. Mas você só ganha ouro se a garota sobreviver.
Aquela sala cheia de risadas ansiosas soou novamente dentro de seu cérebro, tão metálica quanto o feedback do microfone. Sua enxaqueca estava de volta.
Ashley limpou a saliva de sua boca e se voltou para Darby, sua respiração se curvando no ar da montanha. “Você ainda não entendeu, Darbs. Está tudo bem. Você irá."
Obter *o quê* ?
Isso lhe deu um calafrio doentio. Sua adrenalina alta, seu destemor louco e estúpido - tudo estava se esvaindo, desaparecendo como um zumbido fraco. Duas cervejas, divertidas enquanto duram, mas acabadas na sobremesa.
Lars espiou dentro da van. “Há quanto tempo ela estourou?”
Ashley estava andando novamente. Pensando.
O silêncio incomodou Darby. Como qualquer bom showman, Ashley era difícil de ler, apenas telegrafando sua violência quando queria. Seu irmão mais novo ainda a segurava obedientemente sob a mira de uma arma, nunca deixando o cano tocar suas costas. Nunca deixando a arma balançar a uma distância de alcance.
Lars perguntou novamente. “Há quanto tempo ela estourou?”
Mais uma vez, Ashley não respondeu. Ele parou com as mãos nos quadris, estudando as pegadas de Jay na neve. Eles levaram para o norte. Longe da parada de descanso. Subindo o terreno ascendente, passando pelo viaduto, ao longo da rampa de acesso. Em direção à Rota Estadual Sete.
Suas palavras ferviam em sua mente. *Você ainda não entendeu, Darbs.*
Você irá.
Ela estimou, com base na pólvora que se acumulou na porta traseira da van, que Jay havia escapado cerca de vinte minutos atrás. Antes do ataque ao banheiro, pelo menos. As pegadas da garota já estavam ficando fracas, se enchendo de flocos de neve empoeirados.

"O que é isso?" perguntou Lars.
Ashley se ajoelhou para pegar algo, como uma pele de cobra preta enrugada. Mas Darby a reconheceu — a fita isolante que tinham selado na boca de Jay. Ela o descartou aqui enquanto fugia.
Sabiamente, Jay evitou o centro de visitantes, porque sabia que Ashley e Lars estavam lá dentro. Então ela foi para a estrada, provavelmente na esperança de sinalizar para um transeunte e chamar a polícia – exceto que essa pobre garota não sabia onde ela estava. Ela não sabia que eles estavam muito além da periferia de Gypsum, muito além da periferia de *qualquer coisa* notável, nove mil pés acima do nível do mar. Ela não sabia que eram dez quilômetros de subida até o cume e dez de descida até a estação de energia; que esse clima sombrio e devastado pelo vento poderia muito bem pertencer à Antártida.
Jay era um garoto rico da cidade de San Diego - uma terra de palmeiras de mandioca, sandálias e invernos de 18 graus.
Darby vasculhou sua mente, agora latejando como uma ressaca – o que Jay estava vestindo dentro do canil? Um casaco fino. Aquela camiseta vermelha de Pokébola. Calças leves. Sem luvas. Sem proteção contra intempéries.
Finalmente, em um lampejo de horror, ela *entendeu* .
Lars também. “Ela vai morrer de frio lá fora...”
"Vamos seguir seus rastros", disse Ashley.
“Mas ela pode estar a um quilômetro e meio da estrada—”
"Nós vamos chamá-la."
“Ela não vai ouvir nossas vozes.”
"Você tem razão." Ashley acenou para Darby. “Mas ela virá para a *dela* .”
Agora os dois irmãos estavam olhando para ela.
Por um momento, os ventos diminuíram e o estacionamento ficou em silêncio. Apenas o suave tamborilar dos flocos de neve caindo ao redor deles, enquanto Darby calmamente percebia por que Ashley ainda não a tinha matado.
“Bem, aqui vamos nós.” Ele encolheu os ombros. “Acho que isso nos coloca no mesmo time, hein? Nenhum de nós quer um pequeno Jay-cicle de dedos pretos.
Piadas. Tudo era uma piada para ele.
Ela não disse nada.
Ele clicou em uma lanterna de bolso, iluminando as pegadas da garota com um feixe de LED azul-branco. Flocos de neve acenderam como faíscas. Então ele apontou a luz para o rosto dela, um brilho de dar água nos olhos. “Comece a chamar o nome dela.”
Darby olhou para seus pés, sentindo o gosto do ácido estomacal em sua garganta. Uma espécie de azia rançosa e gordurosa, borbulhando com pensamentos terríveis. *Eu não deveria ter dado a ela aquela faca. E se, intervindo esta noite,*

eu piorasse as coisas?
E se eu matar Jay?
A pistola de Lars espetou sua espinha, um gesto áspero que significava *andar* . Se ela estivesse pronta para isso, ela poderia ter se virado, pegado a arma, e talvez, apenas talvez, tomado o controle dela. Mas sua oportunidade passou.
“O nome dela é Jamie,” Lars disse. “Mas chame ela de Jay.”
"Continue. Siga os rastros e comece a gritar.” Ashley varreu a luz de LED para as pegadas, e então olhou para ela com olhos escuros. “Você queria tanto salvar a vida dela? Bem, Darbs, aqui está sua chance.

* * *

As pegadas da garota os levaram ao longo da rampa de acesso, até os bancos de gelo sujos da State Route Seven antes de virarem morro acima para a floresta. Subindo uma encosta rochosa de montes de neve e pinheiros precários. A cada passo do caminho, Darby silenciosamente temia chegar ao final dessas trilhas e encontrar um corpinho caído em uma camisa vermelha de Pokébola. Em vez disso, algo ainda pior aconteceu – as pegadas de Jay simplesmente desapareceram, apagadas pela neve varrida pelo vento.
Darby juntou as mãos e gritou novamente: “Jay”.
Fazia trinta minutos agora. Sua voz era crua.
Aqui em cima, o único marco de navegação era a sombra mal-humorada do Pico da Melanie, a leste. A terra ficava mais íngreme à medida que subiam. Pedregulhos romperam a camada de neve, faces de granito vitrificadas com riachos de gelo. As árvores aqui oscilavam em raízes rasas, inclinando-se, galhos caídos. Bastões estalaram sob os pés, como pequenos ossos quebrando na neve.
“Jay Nissen.” Darby varreu a lanterna, lançando sombras irregulares. “Se você pode me ouvir, venha para a minha voz.”
Nenhuma resposta. Apenas o rangido das árvores.
“É seguro,” ela adicionou. “Ashley e Lars não estão aqui.”
Ela odiava mentir.
Mas persuadir Jay de volta era a única chance de sobrevivência da pobre garota agora. A possível morte nas mãos dos irmãos Garver ainda era melhor do que a morte certa em uma nevasca abaixo de zero. Direito? Fazia sentido, mas ela ainda se desprezava por mentir. Foi humilhante. A fez se sentir nua. Ela se sentiu como o pequeno animal de estimação de Ashley, falando obedientemente em seu nome, suas narinas ainda cobertas de sangue seco de quando ele recentemente bateu seu rosto em uma mesa.
Os irmãos a seguiram, mas mantiveram distância, demorando dez passos para trás à sua esquerda e direita. Envolto na escuridão enquanto Darby carregava a

única fonte de iluminação - a lanterna LED de Ashley. Tudo estava de acordo com o plano de Ashley. Jay não ousaria emergir se ela visse seus sequestradores atrás de Darby, segurando-a sob a mira de uma arma. Pelo menos, essa tinha sido a ideia.

Até agora, não tinha funcionado.

Jamie Nissen . A filha desaparecida de uma família rica de San Diego com uma árvore de Natal em cima de uma pilha de presentes fechados. Agora ela estava em algum lugar aqui nas Montanhas Rochosas uivantes, as pontas dos dedos enegrecidas pelo frio, seus órgãos desligando, enterrados por flocos de neve agitados, lágrimas congelando em suas bochechas e congelando suas pálpebras fechadas. Eles já poderiam ter passado por cima do corpinho dela, cinco minutos atrás, sem nem perceber.

A hipotermia é um caminho pacífico, lembrou Darby de ter lido em algum lugar. Aparentemente, o desconforto do frio passa rapidamente, substituído por um estupor quente. Você não morre tanto quanto cai em um sono mudo, alheio ao terrível dano infligido às suas extremidades. Dedos crocantes, bolhas escuras de carne ulcerada que se tornam necróticas e devem ser cortadas com uma faca – mas em seu cérebro, você está longe, enrolado em um cobertor confortável. Darby esperava que fosse verdade. Ela esperava que Jay não tivesse sofrido.

Ela gritou novamente na escuridão.

Ainda sem resposta.

À sua esquerda, ela ouviu Lars sussurrar: "Quanto tempo mais?"

À sua direita, “O tempo que for preciso.”

Ela sabia que Ashley não era estúpido - ele estava executando os mesmos números em sua mente. Trinta minutos passados seguindo essas pegadas meio enterradas, mais vinte minutos de vantagem (pelo menos), significavam que as chances de sobrevivência de Jay naquela floresta gelada eram baixas e pioravam a cada segundo.

Sem entusiasmo, Darby avaliou suas próprias opções aqui sob a mira de uma arma. Lutar? Levar um tiro. Corre? Leve um tiro nas costas. Ela considerou virar e apontar a lanterna para os olhos dos atiradores para cegá-los, mas eles estavam em volta por mais de meia hora, então suas pupilas já estavam ajustadas. Este era o problema um. E mesmo que ela *pudesse* cegá-los por alguns segundos, o terreno coberto de neve era muito acidentado para uma fuga rápida – o que era o problema dois.

À sua esquerda, Lars se preocupava. “E se matarmos Jay?”

À sua direita: “Nós não.”

“E se fizéssemos?”

"Nós não fizemos, irmãozinho." Uma pausa. “ *Ela* pode ter, no entanto.”

Isso atingiu Darby como uma adaga em seu estômago, como Ashley estava dolorosamente certa. Fazia sentido, de uma maneira maligna. Se ela não tivesse intervindo esta noite, Jay ainda estaria encurralado naquele canil dentro de sua van, cativo, mas muito vivo. Dedos gelados alcançaram seu estômago e lentamente, muito lentamente, começaram a apertar. *Por que eu tive que me envolver?*

Por que eu não poderia ter chamado a polícia de manhã?

Ela tentou se concentrar em sua própria sobrevivência, em resolver o problema um (a luz) e o problema dois (o terreno), mas não conseguiu.

Ela desejou poder retroceder esta noite horrível e desfazer suas decisões. Todos eles. Cada última escolha que ela fez, desde que ela olhou pela primeira vez pela janela gelada e viu a mão de Jay segurando a barra do canil. Ela desejou ter se contentado em simplesmente brincar de detetive e coletar informações. Ela poderia ter esperado calmamente até a manhã seguinte, mantendo sua vantagem, e talvez depois que os limpa-neves chegassem e os refugiados-paradas-descanso-se separassem, ela poderia ter seguido discretamente a van de Ashley e Lars em seu Honda. Um quarto de milha atrás, uma mão no volante, seu iPhone na outra, fornecendo à Polícia Estadual do Colorado informações detalhadas para encenar sua prisão. Ela ainda poderia ter salvado Jay.

(*E mamãe ainda teria câncer de pâncreas*)

Mas não. Em vez disso, Darby Elizabeth Thorne, uma estudante do segundo ano da faculdade com zero treinamento policial ou militar, tentou resolver o problema com as próprias mãos. E agora aqui estava ela, andando pela floresta com uma .45 apontada para as costas, procurando uma criança morta.

À sua direita, uma risada mórbida. “Tenho que dizer, Darbs, no que diz respeito aos bons samaritanos, você está apenas rebatendo mil. Primeiro você confia em um dos sequestradores, e então você faz com que o abduzido seja morto. Bom trabalho."

Tudo era uma piada para Ashley Garver. Mesmo isso, de alguma forma.

Cristo, ela o *detestava* .

Mas agora ela se perguntava - ele estava dizendo a verdade afinal? Talvez fosse realmente um plano de resgate de livro didático, exatamente como ele havia descrito para ela, e pós-pagamento, os irmãos realmente pretendiam devolver Jay vivo para sua família. Ela os imaginou abandonando-a em algum ponto de ônibus branqueado pelo sol na região do viaduto. Pequeno Jaybird piscando ao sol do Kansas depois de duas semanas de escuridão, correndo para o estranho mais próximo em um banco, implorando para que ligassem para seus pais...

Até que Darby interveio, claro. E entregou à garotinha um canivete suíço para que ela pudesse escapar para um clima hostil para o qual estava totalmente

despreparada. E outro pensamento venenoso deslizou em sua mente - ela se sentiu culpada por sequer pensar nisso, dado o que já havia acontecido - mas ele se enterrou como uma lasca e não saiu.
Eles vão me matar agora.
Darby tinha certeza disso.
Agora que Jay está perdido, agora que eles não precisam da minha voz. E agora que—

* * *

Agora que eles estavam fora do alcance dos ouvidos da área de descanso, Lars estava esperando por permissão para atirar na nuca de Darby, e Ashley finalmente deu a ele. A frase “batendo mil” foi a dica.
Significava *matar* .
Chamava-se Código Espião. Desde que eram crianças, Ashley enterrava dezenas de mensagens secretas em diálogos cotidianos. “Sorte minha” significa *ficar* . "Sorte sua" significa *ir* . “Queijo extra” significa *correr como o inferno* . “Ás de espadas” significa *fingir que somos estranhos* . Deixar de obedecer a um significava um cartão amarelo instantâneo, e os dedos de Lars estavam marcados com as cicatrizes pálidas de erros passados. Esta noite já tinha apresentado uma chamada assustadoramente por pouco - ele quase perdeu "Ás de espadas" na área de descanso.
Mas ele sabia que este estava vindo.
A pistola estava gelada em suas mãos. Sua pele grudada no metal. Era uma Beretta Cougar, uma arma de fogo robusta e atarracada que se projetava sob seu casaco e nunca parecia muito bem em suas mãos. Como agarrar uma grande jujuba. O Cougar geralmente era compartimentado em 9 milímetros, mas esse modelo em particular era o 8405, então ele disparava o cartucho mais gordo .45 ACP (Automatic Colt Pistol). Mais poder de parada, mas recuo mais forte e menos rodadas armazenadas no pente (a *revista* , Ashley insistiu). Oito tiros, empilhados.
Lars gostou bastante. Mas ele secretamente desejou a Beretta 92FS, como a pistola icônica que o detetive Max Payne usa em sua série de jogos do Xbox. Ele nunca admitiria isso para Ashley, é claro. A arma tinha sido um presente. Você nunca, nunca questiona os dons de Ashley, ou suas punições. É assim que os irmãos mais velhos são – um dia ele trouxe para Lars um gato de rua do abrigo. Um pequeno torby enérgico (uma mistura entre uma carapaça de tartaruga e um gato malhado) com um ronronar alto. Lars a batizou de Listras. Então, no dia seguinte, Ashley encharcou Stripes com gasolina e a atirou em uma fogueira.
Como qualquer irmão mais velho, Eu dou, e eu tiro.

Lars levantou a Beretta Cougar agora.
Enquanto caminhavam, ele apontou para a nuca de Darby (*mira pequena, falha pequena*). As vistas noturnas pintadas se alinharam; dois pontos verde-néon traçavam uma linha vertical em sua espinha dorsal. Ela ainda estava alguns passos à frente deles, varrendo a lanterna de Ashley por entre as árvores, seu corpo perfeitamente recortado por sua própria luz. Ela não fazia ideia.
Ele apertou o gatilho.
À sua direita, Ashley tapou o ouvido, preparando-se para o tiro. E Darby continuou se arrastando pela neve até os joelhos, apontando a lanterna à frente, sem saber que estava habitando os últimos segundos de sua vida, sem saber que o dedo indicador de Lars estava apertando o gatilho da Beretta, aplicando uma pressão suave, meia onça de distância. perfurando uma ponta oca calibre .45 através dela—
Ela desligou a lanterna.
Escuridão.

* * *

Darby ouviu suas vozes assustadas atrás dela: "Eu não posso ver-"
"O que aconteceu?"
“Ela desligou a lanterna—”
“ *Atire nela* , Lars—”
Ela correu como o inferno. Cambaleando pela neve profunda. Ofegos duros picando sua garganta. Ela cegou os dois à noite. Não piscando para eles com o feixe de LED, ao qual suas pupilas já haviam se ajustado – mas *tirando-o* . Ela estava protegendo seus próprios olhos para preservar sua visão noturna. Esta era sua solução para o problema um. Quanto ao problema dois—
A voz de Ashley atrás dela, calma, mas urgente: “Dê-me a arma.”
"Você pode vê-la?"
"Dê-me a arma, irmãozinho-"
Mesmo em declive, era como correr com água até a cintura. Cambaleando sobre montes de neve, esquivando-se de árvores, tropeçando, batendo o joelho contra uma rocha gelada, se recuperando, seu coração batendo forte em seus ouvidos, sem tempo para parar, *não pare* ...
A voz de Ashley se elevou: "Eu a vejo."
"Como você pode vê-la?"
Ele manteve um olho fechado , ela percebeu com pânico acelerado. *Assim como eu ensinei a ele—*
Ele gritou atrás dela: “Obrigado pelo truque, Darbs...”
Ele estava mirando nela agora, assumindo uma postura de atirador. Ela sentiu a

mira pintada da pistola formigando em suas costas como um laser. Inevitável. Sem chance de ultrapassá-lo. Apenas microssegundos diminuindo, agora, quando Ashley apertou o gatilho e Darby executou sua solução desesperada para o problema dois...
O que é mais rápido do que correr?
Queda.
Ela se jogou morro abaixo.
O mundo invertido. Ela viu um turbilhão de céu negro e galhos congelados, mergulhando em meio segundo de queda livre, e então uma parede de granito tosquiado correu para encontrá-la. Impacto estrondoso. Estrelas perfuravam sua visão. Ela perdeu a lanterna. Ela rolou de joelhos e cotovelos, levantando flocos de neve em uma queda contundente—
"Onde ela está?"
"Eu vejo-a-"
Dez cambalhotas para baixo, o chão aplainou novamente e ela caiu dura e tonta. Ela se endireitou. Continuou. Atirou-se através de arbustos espinhosos com as mãos estendidas, galhos quebrando contra as palmas das mãos, cortando a pele nua. Então o terreno caiu novamente, e novamente ela caiu—
Suas vozes cada vez mais distantes: “Eu . . . Eu a perdi."
"Pronto pronto-"
Deslizando em suas costas agora. Trombas de abeto passando voando. Direito. Deixou. Direito. Sem parar desta vez. A encosta continuou, e ela também, escorregando sobre montes de neve em rampa, acelerando a uma velocidade perigosa. Ela ergueu os braços, tentando desacelerar, mas bateu em outra prateleira de pedra. Outro impacto socou o ar de seu peito, jogando-a de lado. Para cima e para baixo perdeu todo o significado. Seu mundo tornou-se uma violenta máquina de secar, um caleidoscópio interminável e ruidoso.
Então acabou.
Ela levou alguns segundos para perceber que tinha parado de rolar. Ela caiu esparramada de costas, seus tímpanos zumbindo, uma dúzia de novos hematomas latejando em seu corpo. O tempo parecia borrar. Por um momento sonhador, ela quase desmaiou.
À sua esquerda, um abeto fez um pequeno arrepio estranho, deixando cair uma braçada de neve e salpicando-a com lascas de madeira.
Então ela ouviu um eco subindo a colina – como um estalo – e ela entendeu exatamente o que tinha acontecido, e ela cambaleou e continuou correndo.

* * *

Ashley piscou para afastar o flash do cano da Beretta e apontou para um segundo

tiro, mas ele a perdeu em meio ao mato e pedras cravejadas. Excesso de cobertura de árvores.
Ele abaixou a pistola. Fumaça ondulando no ar.
— Você a pegou? perguntou Lars.
"Acho que não."
“Ela é. . . ela está fugindo—”
"Está bem." Ele a seguiu ladeira abaixo, descendo com cuidado, encontrando pontos de apoio na rocha com cristas de neve. "Nós vamos pegá-la no fundo."
“E se ela voltar para dentro e contar a Ed...”
“Ela correu para o lado errado.” Ashley apontou para baixo com a arma. "Ver? A cadela burra está indo para o norte. Mais fundo na floresta.”
"Oh."
“A parada de descanso está de volta por ali. *Sul* .”
"OK."
“Vamos, irmãozinho.” Ele enfiou a pistola no bolso da jaqueta e estendeu os dois braços para se equilibrar, as botas na pedra escorregadia. Ele encontrou sua lanterna LED em pé na neve onde ela a deixou cair.
Ao pegá-lo, notou algo ao longe, algo incongruente – a sombra branca do Pico de Melanie. O mesmo marco oriental de sempre, envolto em nuvens baixas, mas agora aparecia em seu horizonte *direito* . Não a esquerda dele.
O que significava que o sul era na verdade. . .
"Oh." De repente ele entendeu. “Ah, essa *cadela* .”
"O que?"
"Ela . . . ela deve ter nos transformado. Ela está correndo de volta para o prédio —”

* * *

Darby estava ao alcance da vista da área de descanso agora.
Como uma fogueira na escuridão, se aproximando a cada passo dolorido. O brilho âmbar quente da única janela do centro de visitantes, os carros estacionados, o mastro da bandeira e as Crianças do Pesadelo meio enterradas...
Na floresta atrás dela, Ashley uivou: “Daaaarby.”
Nenhuma enunciação, nenhuma emoção legível – apenas o nome dela, vindo da escuridão. Isso gelou seu sangue.
Ela ganhou algum tempo. Não exatamente um incremento de dez minutos, mas tempo suficiente para roubar o Astro dos irmãos (onde as chaves ainda estavam na porta) e tentar uma fuga. Cinqüenta e cinquenta chances de que ela conseguisse sair do estacionamento submerso, mas diabos, essas eram chances melhores do que seu próprio Honda, e provavelmente as melhores chances que

ela teve a noite toda. Ela pensou no pobre pequeno Jay enquanto corria, e isso a atingiu novamente como uma onda esmagadora, um enxame de pensamentos terríveis correndo atrás dela, mordendo-a com dentes perversos...

Por que me envolvi?

Ela não conseguia pensar nisso.

Isto é minha culpa-

Agora não.

Ai Jesus, Eu matei uma criança esta noite—

Ela estava se aproximando do estacionamento, passando por uma placa verde, quando Ashley gritou para ela novamente das árvores, mais perto dela agora, a voz dele quebrando em um tom feio de adolescente: “Nós vamos pegar você.”

O Astro estava agora a quinze metros de distância. A neve era mais rasa no estacionamento e renovou suas energias; ela se lançou em uma corrida mais rápida e mais leve. Ela passou por uma forma indistinta enterrada sob a neve varrida – o que ela inicialmente acreditou ser o carro de Ashley. Deste novo ângulo, ela vislumbrou metal verde. Poços de ferrugem vertical. Um estêncil branco. Sob a neve, não era um carro estacionado – era uma *lixeira* .

Eu deveria saber. Eu deveria ter olhado mais de perto—

Ela continuou correndo, passos pesados, o ar ardendo em sua garganta, suas panturrilhas queimando, suas juntas doendo. A carrinha Astro dos raptores aproxima-se.

Ela desejou nunca ter parado nessa parada estúpida de descanso. Ela desejou nunca ter saído de sua cidade natal para ir para a faculdade no ano passado. *Por que não posso ser como minha irmã Devon?* Quem estava perfeitamente feliz servindo mesas na Cheesecake Factory em Provo? Quem aspirava a casa da mamãe todo domingo de manhã? Quem tinha “Força em chinês” tatuado na omoplata? *Por que eu sou assim? Por que eu sempre mato por conta própria e afasto as pessoas? Por que estou aqui, a quilômetros de casa, correndo pela minha vida em um estacionamento congelado no Colorado, enquanto mamãe faz tratamento para câncer de pâncreas...*

A van Astro estava agora a dez metros de distância.

Vinte.

Dez.

“E quando pegarmos você, sua putinha, *eu vou fazer você implorar por aquele saco Ziploc—* ”

Ela bateu na porta do motorista do Astro com as palmas das mãos. Bolhas de neve deslizaram do vidro irregular. O cordão de Ashley ainda pendurado na fechadura, onde ela o havia deixado. Ela abriu a porta e olhou para o edifício Wanapani. Ela poderia girar as chaves na ignição, agora mesmo, e tentar uma

fuga. E talvez ela conseguisse. Talvez ela não iria.
Mas seria uma sentença de morte para Ed e Sandi.
Pensando em avançar, ela sabia que os irmãos não teriam escolha a não ser matá-los pelas chaves da caminhonete de Sandi, para que pudessem perseguir Darby e matá-la na estrada.
Não, Não posso deixar Ed e Sandi.
Não posso matar mais ninguém esta noite.
Ela vacilou ali, segurando a porta para se equilibrar. Seus joelhos estavam lamacentos; ela quase desmaiou por dentro. A ignição estava *bem ali* , perto o suficiente para tocar. O volante estava grudento, remendado com fita adesiva. Um mar crocante de lixo Taco Bell no chão. O aeromodelo de plástico de Lars. O interior da van ainda estava quente e úmido como uma respiração exalada, o estofamento ainda cheirando a suor pegajoso, cobertores de cachorro e mijo e vômito de uma garota morta.
A ignição estava *bem ali.*
Não. A neve era muito profunda. Ela tinha visto a estrada com seus próprios olhos. A State Route Seven estava enterrada, irreconhecível, toda em pó sem esperança. Com tração nas quatro rodas ou não, o Astro iria para o centro em segundos, prendendo-a na rampa de acesso, e então os irmãos a atropelariam e atirariam nela pela janela...
E se não?
E se isso, agora, for minha única chance de escapar?
As chaves batiam em sua mão direita. Ela fechou um punho em torno deles. Ela queria desesperadamente entrar no veículo dos assassinos, ligar o motor, engatar a marcha, apenas tentar dirigi-lo, por *favor, tentar* ...
Chegando mais perto: “Daaaaarby—”
Faça uma escolha.
Então ela fez.
Ela bateu a porta. Embolsou as chaves de Ashley. E, com os Irmãos Garver ainda perseguindo em algum lugar atrás dela, ela circulou ao redor do veículo com os ossos doloridos e correu para o brilho laranja do centro de visitantes. Ela tinha que avisar Ed e Sandi. Ela tinha que fazer a coisa certa. Todos eles escapariam da área de descanso Wanapani juntos. Ninguém mais morreria esta noite.
Ed e Sandi, Eu ainda posso salvar vocês dois.
Ela teve, na melhor das hipóteses, sessenta segundos antes que Ashley e Lars a alcançassem. Sessenta segundos para fazer um novo plano. Ela olhou para aquela raposa de desenho animado, para a pistola de pregos em sua mão peluda, aquele slogan estúpido agora uma promessa macabra:
TERMINAMOS O QUE COMEÇAMOS.

2h16

Darby congelou na porta.
Ed estava murmurando alguma coisa (“Sem sinal tão longe de...”) e parou no meio da frase quando a viu, a meio passo perto do Espresso Peak com seu Android na palma da mão. Sandi estava ajoelhada ao lado da mesa, e se virou para Darby, revelando uma pequena forma de pé atrás dela.
Era . . . era Jay.
Oh! Graças a deus.
O cabelo escuro da garota estava salpicado de flocos de neve. Suas bochechas estavam vermelhas. Ela estava envolta na parka amarelo-abelha de Sandi, ofuscada por suas mangas caídas. Esta foi a primeira vez que Darby viu a menina em plena luz, do lado de fora daquele canil, e por um momento de calafrio, ela só queria diminuir a distância entre eles, levantar esta criança que ela mal conhecia e apertá-la em uma órtese. abraço.
Você se virou.
Oh, graças a Deus, Jay, perdemos seus rastros, mas você se virou.
Sandi se levantou, uma lata de spray de pimenta preta levantada em uma mão, seus olhos duros como pedra. “Nem um passo mais perto.”
Jay agarrou seu pulso. "Não. Ela me resgatou...
– Sandi – sibilou Ed. "Pelo amor de Deus-"
A porta se fechou atrás de Darby, sacudindo-a de volta ao momento. Ela tentou descobrir – quão longe dela estavam os irmãos agora? Cem metros? Cinquenta? Ela prendeu a respiração, lágrimas nos olhos, lutando para falar: “Eles estão vindo. Eles estão armados e estão bem atrás de mim—”
Ed sabia quem *eles* eram. "Você tem certeza que eles estão armados?"
"Sim." Ela trancou a trava.
"Com o que?"
“Eles têm uma arma.”
“Você já viu?”
“Confie em mim, *eles têm uma arma* .” Darby olhou entre Ed e Sandi, agora percebendo que a trava era inútil. “E eles não vão parar até que estejamos mortos. Precisamos pegar seu caminhão e dirigir. Agora mesmo."
“E se eles nos perseguirem?” Sandy perguntou.
“Eles não vão.” Darby mostrou as chaves de Ashley.
Ed parou de andar atrás dela, considerando isso. Ele pareceu gostar disso.
Darby percebeu que o ex-veterinário estava segurando uma chave inglesa na mão direita, meio escondida sob a manga do Carhartt. Uma arma contundente.

Ele passou por ela, enxugando o suor de sua sobrancelha. "OK. Certo, Darby, fique com as chaves da Honda com você também. Não podemos permitir que roubem seu carro e nos sigam...
Jay se levantou. “Vamos , então.”
Darby já gostava dela.
E ela notou uma pulseira amarela brilhando no pulso de Jay. Ela não tinha visto isso antes na escuridão escura da van dos sequestradores. Parecia vagamente médico. Ela se perguntou brevemente — *o que é isso* ?
Sem tempo para perguntar. Todos se aglomeraram na porta da frente, e Ed abriu a trava com um golpe forte. Ele reuniu o grupo, como um treinador relutante. “Em três, nós vamos, uh . . . todos nós vamos correr para o caminhão. OK?"
Darby assentiu, notando o odor de vodka em seu hálito. "Parece bom."
"Eles estão lá fora?"
Sandi espiou pela janela manchada. "EU . . . Ainda não os vejo.”
"Tudo bem. Sandi, você vai levar Jay para o banco da frente e ligar o motor. Acelere e dirija, ré, dirija, ré—”
“Eu sei *dirigir na neve* , Eddie.”
“E Dara, você está nos pneus traseiros comigo, para que possamos empurrar.”
"Negócio."
Ele apontou para Jay, estalando os dedos: “E alguém a carregue.”
Sandi ergueu a garota por cima do ombro, apesar de seus protestos (“Não, eu também posso correr.”) e verificou a janela novamente. “Eles vão chegar aqui a qualquer minuto—”
“Não tente lutar contra eles. Apenas corra como o diabo”, Ed sussurrou, encostado na porta, começando a contagem: “Um”.
Corra como o diabo.
Darby se agachou trêmula como corredora na parte de trás do grupo, atrás de Sandi, sentindo suas panturrilhas cansadas queimarem. Sem armas – elas só iriam atrasá-la. Da porta, ela se lembrou que eram quinze metros até o estacionamento, por uma trilha estreita cortada na neve.
"Dois." Ed girou a maçaneta.
Ela ensaiou o minuto seguinte em sua mente. Ela estimou que os quatro poderiam correr quinze metros talvez. . . vinte segundos? Trinta? Mais dez segundos para entrar na caminhonete, para Sandi enfiar as chaves na ignição. Mais tempo para o Ford começar a se mover, arrastando-se pela neve densa. E isso supondo que Ed e Darby não precisariam forçar. Ou desenterrar os pneus. Ou raspe as janelas.
E de alguma forma, no fundo de sua mente, ela sabia: *faz muito tempo.*
Ashley e Lars estavam apenas um minuto atrás de mim.

Eles já estão de volta—
"Três." Ed abriu a porta—
Darby agarrou seu pulso, apertado, todo unha. "Pare-"
"O que você está fazendo?"
"Pare, pare, pare", disse ela, o pânico apertando em seu peito. “Eles já estão aqui. Eles estão se escondendo atrás dos carros. Eles estão *esperando por nós lá fora—”*
"Como você sabe?"
"Eu só faço."

* * *

“Eu vejo Lars,” Sandi sussurrou da janela, suas mãos em concha contra o vidro. “Ele é. . . ele está agachado lá fora. Atrás do meu caminhão.
Bastardos inteligentes.
“Eu também o vejo”, disse Ed.
Darby voltou a trancar a fechadura. “Eles iam nos emboscar.”
Teria sido ruim. Os irmãos poderiam ter abatido todos eles, pegando-os em fila indiana naquele caminho estreito sem ter para onde correr. Prática de alvo. Deu a Darby uma dose doentia de adrenalina, tão azeda quanto tequila – eles estavam a uma única decisão ruim de serem assassinados. Seu pressentimento tinha acabado de salvar suas vidas.
Inteligente, inteligente, inteligente.
"Como você sabia?" Ed perguntou a ela novamente.
"Seu . . . é o que eu teria feito.” Darby deu de ombros. “Se eu fosse eles.”
Jay sorriu. “Estou feliz que você não esteja.”
“Acho que vejo Ashley também”, disse Sandi. “Atrás da van.”
Darby imaginou Ashley Garver lá fora no frio, agachado na neve com seus olhos verdes fixos na porta. Ela esperava que ele estivesse desapontado. Ela esperava que ele estivesse percebendo, agora mesmo, que sua pequena armadilha desagradável havia falhado, que sua presa o havia enganado pela terceira ou quarta vez esta noite. Ela esperava que ele estivesse mantendo o placar. Ela esperava que o *homem mágico* autoproclamado estivesse ficando puto.
Sandi olhou através do vidro. “Eu não posso. . . Eu não posso dizer o que eles estão fazendo—”
"Eles estão guardando os carros", disse Darby.
As palavras de Ashley ecoaram em sua mente, como fios meio lembrados de um pesadelo: *Nós vamos pegar você. E quando o fizermos, sua putinha, eu vou fazer você implorar por aquele saco Ziploc—*
Na janela, Ed deu um puxão no ombro de Sandi. "Fique abaixado."

"Eu vejo eles. Eles estão se movendo—”
“Fique longe da *maldita* janela, Sandi. Eles vão atirar em você.”
Darby mordeu o lábio, sabendo que Ed estava certo – o vidro era uma grande fraqueza estrutural. Uma bala, ou mesmo uma grande pedra, e os dois irmãos poderiam escalar o monte de neve e deslizar para dentro.
Ela estava no centro da sala, iluminada por luzes fluorescentes, passando as pontas dos dedos pela superfície arranhada da mesa. Ela deu uma cambalhota de trezentos e sessenta graus, varrendo de leste a norte, a oeste, a sul. Quatro paredes em uma fundação de cimento. Uma porta da frente com um ferrolho. Uma grande janela. E dois menores, em cada banheiro.
Nós temos o prédio.
Mas eles têm os carros.
"É um impasse", ela sussurrou.
Sandy olhou para ela. “Então o que acontece a seguir?”
"Eles vão fazer o seu movimento", disse Ed sombriamente. “Então vamos fazer o nosso.”
Cada movimento seria um risco calculado. Se saíssem, seriam fuzilados. Se os irmãos atacassem o prédio, eles deixariam os carros desprotegidos. Se um irmão atacasse, ele estaria vulnerável a uma emboscada de perto. As possibilidades e consequências fizeram a cabeça de Darby girar, como tentar pensar seis lances à frente no xadrez.
Ela percebeu que Jay tinha se movido para o lado dela e agora segurava a manga do moletom, segurando o tecido com os nós dos dedos brancos. “Não acredite em Ashley. Ele mente por diversão. Ele vai dizer qualquer coisa para entrar aqui —”
“Não vamos cair nessa”, disse Darby, olhando para Ed e Sandi em busca de apoio. Eles ofereceram apenas um silêncio cansado. Talvez *impasse* fosse a palavra errada, ela percebeu na crescente tensão. Talvez um melhor fosse o *cerco* .
E ela percebeu outra coisa – todos agora estavam olhando para ela.
Ela odiava isso. Ela não era uma líder. Ela nunca se sentiu confortável como o centro das atenções – ela praticamente sofreu um ataque de pânico no ano passado quando os servidores do Red Robin lotaram sua mesa para cantar parabéns. Mais uma vez, ela se viu desejando desesperadamente por outra pessoa em seu lugar. Alguém mais inteligente, mais forte, mais corajoso, a quem todos pudessem recorrer. Mas não havia.
Há apenas eu.
E nós.
E os monstros circulando lá fora.

“E nunca insulte Ashley também,” Jay avisou. "Ele . . . ele age como se estivesse tudo bem no começo, mas ele se lembra para depois. E ele se vinga se você ferir os sentimentos dele...
“Confie em mim, Jay. Esta noite, estamos *muito* além dos sentimentos feridos.”
Darby esvaziou os bolsos, colocando o chaveiro de Ashley, suas chaves Honda e seu iPhone no balcão. Então ela desdobrou o guardanapo marrom, expondo sua mensagem manuscrita para Ashley, e a mensagem dele para ela: SE VOCÊ DISSE A ELES EU mato os dois.
Ed leu e seus ombros caíram.
Sandi engasgou, cobrindo a boca.
"Quando . . . quando eles perceberem que não estamos correndo para o caminhão,” Darby disse a todos, “eles vão mudar suas táticas e vir atrás de nós. Eles não têm escolha, porque agora somos todos testemunhas e temos o refém deles. Este edifício será o nosso Alamo. Nas próximas quatro horas.”
Ela tirou o último item do bolso – quase o esquecera – e o colocou na bancada de granito falso com um clique enfático. Era o cartucho calibre .45 de Lars, brilhando dourado na luz forte.
Ver a bala fez Sandi desabar em seu assento, enterrando as bochechas vermelhas nas mãos. “Ah, Jesus Cristo. Não vamos durar quatro *minutos*...
Darby a ignorou. “Primeiro, precisamos bloquear a janela.”
"Tudo bem." Ed apontou. “Ajude-me a virar essa mesa.”

* * *

Ashley observou a janela escurecer.
Uma forma larga se moveu contra o vidro por dentro, girando para cima, reduzindo a luz laranja a rachaduras brilhantes. Ele imaginou o vidro rangendo com a pressão.
“Ah, Darbs.” Ele cuspiu na neve. "Eu amo Você."
Lars olhou para ele. Ele estava agachado em uma postura de tiro diligente perto da porta traseira do Ford, o cotovelo apoiado no para-choque, sua Beretta apontada para a porta da frente.
"Não se preocupe", disse Ashley. “Eles não estão saindo. Ela chamou a emboscada.
"Quão?"
“Ela acabou de fazer.” Levantou-se e deu alguns passos, estalando as vértebras doloridas, esticando as pernas, inalando o ar alpino. “Jesus, ela não é alguma coisa? Eu acabei de . . . Eu simplesmente *amo* aquela ruivinha.”
Empoleirado contra um mundo vertical de abetos, abetos brancos e cumes rochosos, o centro de visitantes de Wanapani parecia uma noz a ser quebrada. A

nevasca havia terminado; o céu se abriu para um vazio intocado. As nuvens se esvaindo, revelando um pálido crescente e estrelas penetrantes, e o mundo havia mudado com ele, desenhado nas sombras de gelo do luar novo. Uma lua implorando por sangue.

A diversão, como sempre, foi decidir *como* . Ele passou por dezenas de animais de estimação de Lars - tartarugas, peixes, dois cachorros, mais gatos resgatados de abrigos do que ele podia contar - e se fosse água sanitária, balas, fogo ou o clique carnudo de uma faca batendo no osso, não há dignidade na morte. Todo ser vivo morre com medo.

Apesar de toda sua astúcia, Darby aprenderia isso também.

Ashley ficou em silêncio por um longo momento, chupando o lábio inferior. Finalmente, ele decidiu. "Mudança de planos", disse ele. “Faremos dentro de casa.”

"Todos eles?"

“Sim, irmãozinho. Todos eles."

* * *

"Armas", disse Darby. "O que nós temos?"

“Meu spray de pimenta.”

"O quê mais?"

Sandi apontou para o Espresso Peak. “Quero dizer, há uma cozinha de café lá, mas está trancada—”

"Espere." Ed atravessou a sala. “Deixe-me experimentar minha chave.”

"Uma chave? Onde você conseguiu um—”

Ele quebrou o cadeado com sua chave de roda, enviando pedaços pelo chão. Então ele agarrou a veneziana de segurança pela maçaneta e a enrolou até o teto. “Espresso Peak está aberto para o Natal.”

Darby saltou sobre o balcão, aterrissando com força sobre os tornozelos doloridos, e vasculhou a fachada frontal — máquinas de café, uma torradeira, uma caixa registradora, garrafas de xarope. Então ela abriu as gavetas, começando por baixo e subindo. Grãos de café ensacados, baunilha, leite em pó, colheres tilintantes—

"Nada?"

“Nada útil.”

Ed verificou a parte de trás. “Nenhum telefone fixo também.”

“Tem que haver um.” Darby vasculhou o próximo conjunto de gavetas, tirando um post-it amarelo: LEMBRETE, POR FAVOR, LIMPE OS BANHEIROS — TODD.

“Alguma faca?”

“Colheres, colheres.” Ela bateu outra gaveta. “Nada além de colheres.”
“Que tipo de cafeteria não tem facas?”
“Este, aparentemente.” Darby enxugou o suor de seus olhos, olhando para a caixa registradora (muito pesada), para a caixa de doces (não uma arma), para a torradeira (não), para as máquinas de café alinhadas na bancada. "Mas . . . ok, essas coisas vão dispensar água escaldante. Alguém, por favor, encha uma garrafa.”
"Para uma arma?" Sandy perguntou.
"Não. Para a porra *do café* .”
“Já tomamos café.”
"Eu estava sendo sarcástico."
Passos batendo atrás dela — ela esperava que Sandi se aproximasse — mas era Jay. A garotinha carregou a jarra de COFEE e a colocou sob o bico. Ela ficou na ponta dos pés para apertar o botão. A máquina resmungou.
“Obrigado, Jair.”
"Sem problemas."
Sandi ainda estava na frente da sala. De joelhos, espiando para fora através de um espaço de três polegadas entre a mesa virada e a moldura da janela. "Ashley e Lars acabaram de se mudar de novo", disse ela. "Eles estão . . . eles estão na van agora.
"Fazendo o que?"
“Eu não posso dizer.”
“Mantenha a cabeça baixa,” Ed a lembrou.
"Está bem."
Darby abriu a última gaveta abaixo da caixa registradora e encontrou algo chacoalhando no fundo com canetas e papel de recibo - uma chave de prata. Ela o pegou, tirando outro post-it: NÃO DUPLIQUE — TODD.
O armário , ela se lembrou.
Ela correu para ele, inserindo a chave, girando a maçaneta. “Por favor, por favor, Deus, que haja um telefone aqui...”
Escuridão por dentro. Ela apertou um interruptor de luz – revelando um pequeno armário de zelador, 1,5 metro por 1,5 metro, com prateleiras tortas e prateleiras de caixas de papelão murchas. O odor abafado de mofo. Um balde de esfregão no canto, salpicado de água cinzenta. E uma caixa branca de primeiros socorros na prateleira de cima, coberta de poeira.
E, à sua esquerda, preso à parede. . . um telefone fixo bege.
“Ah, *graças a Deus...* ”
Ela pegou o receptor de plástico e o amassou no ouvido – sem tom de discagem. Ela tentou apertar botões. Sacudiu. Verifiquei o cordão espiral. Nenhuma coisa.

"Alguma sorte?" perguntou Ed.
Ela notou outro post-it na parede — FIBER LINE DOWN NOVAMENTE — TODD — e desligou o telefone. “Estou realmente começando a odiar Todd.”
“A água quente está cheia,” Jay gritou.
Darby recuou para fora do armário, quase esbarrando em Ed, e pegou a garrafa da bandeja de gotejamento. “Obrigado, Jair. Agora encha outro, por favor.”
"OK."
Então ela carregou a jarra até a porta da frente do centro de visitantes, sentindo o vapor na palma da mão. A água estava quente o suficiente para queimar a pele e talvez cegar temporariamente um atacante. Mas também estava esfriando rapidamente. Em poucos minutos, seria apenas um jarro inofensivo de água morna.
Ela estava no meio do caminho quando notou algo – um guardanapo marrom enfiado sob a alça prateada da garrafa.
O guardanapo dela.
Ela parou e desdobrou. De um lado, ela ME ENCONTRE NO BANHEIRO e a resposta provavelmente falsa de Ashley: TENHO UMA NAMORADA. Por outro lado, se você disser a eles que eu mato os dois. E finalmente, por baixo disso, na caligrafia torta de uma criança, ela encontrou a mensagem de Jay para ela.
NÃO CONFIE NELE.
Que?
Ela olhou para cima. Jay estava enchendo a segunda garrafa agora, segurando o botão vermelho, mas olhando para ela com expectativa.
Darby sussurrou: “Não. . . não confio em quem?”
Ed e Sandi ?
Jay não respondeu. Ela apenas acenou com a cabeça em movimentos curtos. Escondendo o gesto dos outros dois adultos na sala.
Darby quase perguntou em voz alta, mas não conseguiu.
Por quê? Por que não podemos confiar em Ed e...
Uma mão áspera bateu em sua clavícula, assustando-a. “Três entradas, então três possíveis rotas de ataque para Beavis e Butthead,” Ed bufou, contando nos dedos. "Porta da frente."
“Bloqueado”, disse Darby.
"Janela da frente."
“Barricada.”
“Janelas do banheiro?”
“Há dois. Eu quebrei um deles, hoje à noite, para entrar. Ela sentiu seus ombros caírem. “É com isso que estou preocupado.”

Ela não estava apenas preocupada; agora ela tinha certeza — essa era a rota que Ashley e Lars tentariam primeiro. As mesas de piquenique empilhadas do lado de fora formavam uma escada até a janela quebrada do banheiro masculino. Era outra fraqueza estrutural, e Ashley tinha plena consciência de sua existência. Salvou a vida de Darby duas vezes esta noite.

Ed ainda estava pensando nisso e, novamente, ela sentiu aquele cheiro no hálito dele — vodca, ou gim, talvez. *Por favor* , ela pensou. *Por favor, não fique bêbado.*

“Eles podem passar por isso?” ele perguntou.

“Eles vão tentar.”

"Nós não temos muito para bloqueá-lo com-"

"Pode ser . . .” Darby considerou isto, olhando para a chave na mão de Ed. Ela se lembrou do spray de pimenta de Sandi, além das garrafas de água fervente. Ela correu para os banheiros, sua mente correndo: "Talvez usemos isso a nosso favor."

"Como assim?"

Ela abriu a porta com uma cotovelada e apontou para a sala comprida, passando pelas barracas verdes, para a janela triangular vazia na parede oposta. “Ashley e Lars terão que rastejar, um de cada vez, para entrar em nós. Eles não podem ir com os pés primeiro. Eles terão que ir de cabeça, para que possam cobrir a sala com sua arma, e então eles terão que se virar e cair para pousar de pé.”

Ed olhou para ela, impressionado. — E *você* escalou isso?

“Aqui está meu plano. Um de nós vai. . .” Darby parou, lembrando-se de sua conversa neste mesmo banheiro, sob as mesmas luzes vibrantes, com o próprio Ashley. Duas horas atrás, eles brigaram sobre quem seria a Pessoa A (o atacante) e quem seria a Pessoa B (o backup). *A partir de agora esta noite* , ela decidiu com a respiração presa, *eu sou a Pessoa* A.

Não há mais desculpas.

“Dara?”

“Vou me espremer contra a parede,” ela continuou, apontando para a barraca mais distante. “Bem naquele canto ali, e eles não vão me ver quando entrarem, e __”

Eder sorriu. "Nós podemos spray de pimenta nele."

“E pegue a arma dele.”

E mate os dois.

Os irmãos estavam armados e fisicamente mais fortes, então permitir que um ou ambos entrassem seria fatal. Mas essa janela era um gargalo natural, e seria sua única rota realista para dentro, a menos que conseguissem quebrar a trava ou passar pela janela barricada. E, Darby sabia, se Ashley entrasse primeiro com a

arma, teria uma chance decente de dominá-lo com spray de pimenta ou água fervente. Se ela conseguisse roubar o .45 deles, seria um divisor de águas.
Ed abriu a porta da cabine. “Vou guardar a janela.”
"Não. Eu estou fazendo isto."
“Dara, deveria ser eu—”
"Eu disse *que estou fazendo isso* ", ela retrucou. “Eu sou o único pequeno o suficiente para me esconder aqui. E fui eu que comecei isso.”
E eu nunca serei a Pessoa B novamente.
Enquanto eu viver.
Ela esperava mais uma discussão, mas Ed apenas encarou. Ela também quase o corrigiu sobre seu nome, de uma vez por todas. Mas ela não o fez, porque diabos, esta noite, *Dara* estava perto o suficiente. E ela estava grata por não ter que mencionar o álcool em seu hálito.
Pode ser . . . *pode ser isso é por que Jay não confia em você* ?
Ele fez uma pausa. “Então, foi você quem encontrou Jay?”
"Sim. Eu a tirei.”
“E eles estavam viajando com ela? Estacionado do lado de fora, bem debaixo de nossos narizes, enquanto eu jogava Go Fish com o saco de lixo?
"Sim."
"Jesus Cristo. Você é . . . você sabe que é uma heroína, Dara—”
"Ainda não." Ela estremeceu, olhando para o chão, lutando contra um frio doentio. Hora a hora, ela passou a detestar aquela palavra. “E nem perto. Não se eu matar você e seu primo esta noite...
“Você não vai”, disse Ed. "Ei. Olhe para mim."
Relutantemente, ela o fez.
"Algumas palavras de sabedoria para você", disse ele. “Você sabe a primeira coisa que eles dizem no centro de reabilitação de Clairmont? Quando você entra por aquelas portas e faz o check-in de seus itens, assina todos os formulários de admissão e se senta?
Ela balançou a cabeça.
"Eu também não." Ele sorriu. "Mas eu vou deixar você saber, ok?"
Ela riu.
Isso não a fez se sentir melhor. Mas ela fingiu que sim, como se uma pequena conversa apressada no banheiro fosse tudo o que ela precisava. Ela sorriu, deixando sua cicatriz se materializar em sua sobrancelha. "Eu vou te segurar nisso, Ed."
"Pode apostar."
Quando ele voltou para o saguão, ela sentiu algo ainda no bolso direito – o chaveiro de Ashley. Ela o puxou e o inspecionou, abanando as chaves na palma

da mão. Uma unidade USB preta. Uma chave para um local de armazenamento chamado Sentry Storage e, por último, a chave mais importante para o Chevrolet Astro dos sequestradores.

Então ela fechou um punho em torno deles, e antes que pudesse reconsiderar, atirou-os pela janela. Um baque suave quando eles pousaram do lado de fora.

Chame isso de oferta de paz.

Uma chance para Ashley e Lars reduzirem suas perdas, pegarem sua van Astro e tentarem fugir antes do sol nascer. Antes dos limpa-neves chegarem. Antes que os policiais entrassem com suas armas em punho.

Pegue suas chaves , ela queria gritar.

Ninguém tem que morrer esta noite.

Por favor, apenas pegue suas chaves, Ashley, e todos seguiremos nossos caminhos separados.

Foi uma bela fantasia. Mas de alguma forma ela percebeu que não havia chance de esse impasse terminar sem derramamento de sangue. Os Irmãos Garver tinham muito em jogo para simplesmente ir embora. Ela já tinha se sentado à mesa de Ashley esta noite, olhou-o nos olhos e viu a clareza implacável neles. Como a luz refratada através de uma joia. Um jovem que via as pessoas como carne. Nada mais.

E a hora das bruxas se aproximava. Aquele tempo do mal, das entidades demoníacas, das coisas rastejantes que vivem no escuro. Apenas superstição, mas Darby estremeceu de qualquer maneira enquanto digitava outro rascunho de texto.

Ei mãe. Se você encontrar esta mensagem no meu telefone. . .

Ela hesitou.

. . . Eu quero que você saiba que eu não parei de lutar. Eu não desisti. Eu não sou uma vítima. Eu escolhi me envolver. Desculpe, mas eu tinha que fazer. Por favor, saiba que eu sempre amei você, mãe, e não importa o que aconteça, eu sempre serei sua garotinha. E eu morri esta noite lutando para salvar a de outra pessoa.

Amor, Darby.

2h56

Em seu caminho de volta para o saguão, ela dobrou o guardanapo enigmático de Jay não confie neles e o enfiou no bolso de trás.
Por quê? Ela se perguntou, um buraco dolorido crescendo em seu estômago.
Por que não devo confiar em Ed e Sandi?
Ela queria perguntar à garota, mas Ed estava perto demais. "Jay, aqueles idiotas mencionaram onde eles estavam levando você?" ele perguntou. "Antes de ficarem presos aqui na passagem, quero dizer?"
"Não." Jay balançou a cabeça. “Eles estão aqui de propósito.”
"O que?"
“Eles estavam procurando por essa parada de descanso. Eles estavam olhando mapas hoje na estrada, encontrando...
"Por que?"
"Eu não sei", disse ela. “Só sei que eles *queriam* estar aqui.”
Esta noite , pensou Darby, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo. Outra peça solta do quebra-cabeça. Outro fragmento não resolvido. Isso fez seu estômago doer. Ela não conseguia imaginar por que Ashley e Lars pretendiam ficar presos ali com seu refém, a 3 mil metros de altitude, entre um punhado de viajantes.
A menos que eles planejassem matar todos aqui o tempo todo? Os irmãos homicidas viajavam com um revólver, cinco galões de gasolina e uma jarra de alvejante. Talvez Ashley tivesse algo maligno em mente. Enquanto ela pensava nisso, Ed perguntou a Jay outra coisa que chamou sua atenção: “Eles tomaram seus remédios? Quando eles levaram você?
As orelhas de Darby se animaram. *Medicamentos?*
Jay torceu o nariz. "Meus tiros?"
"Sim. Medicamentos, injeções, canetas. O que quer que seus pais os chamassem.
"Acho que não."
"OK." Ele suspirou, empurrando seu cabelo ralo para trás. “Então, me diga, Jay. Quão . . . quanto tempo você ficou sem eles?”
“Eu mantenho um no bolso para emergências, mas usei.” Ela contou nos dedos. “Então três. . . não, quatro dias.”
Ed exalou, como se tivesse levado um soco no estômago. "Uau. Tudo bem."
"Eu sinto Muito-"
"Não. Não é sua culpa."
Darby agarrou seu cotovelo. "Isso é sobre o quê?"
"Aparentemente . . . bem, ela tem Addison. Ed baixou a voz e apontou para a

pulseira amarela de Jay. “ *Doença de Addison* . É uma condição adrenal com as glândulas endócrinas, onde elas não produzem cortisol suficiente para o seu corpo funcionar. Uma em, tipo, quarenta mil pessoas tem. Requer uma medicação diária, ou seu açúcar no sangue cai e você. . .” Ele parou.
Darby tocou o pulso de Jay e leu a pulseira: DOENÇA DE ADDISON/DEPENDENTE DE ESTERÓIDE. Ela o entregou, esperando mais detalhes, como instruções de dosagem, número de telefone de um médico ou um tratamento de emergência recomendado – mas foi isso. Isso foi tudo. Quatro palavras carimbadas.
Dependente de esteróides .
"Então, o que então?" perguntou Darby. "Ashley não sabia como medicá-la?"
“Eles a estão medicando incorretamente, eu acho. Idiotas provavelmente pesquisaram no Google, depois invadiram uma drogaria e pegaram a primeira coisa com *esteróide* no nome. Apenas a deixou mais doente—”
"Eu pensei que você disse que era um veterinário."
"Eu sou." Ed forçou um sorriso. “Os cães também têm Addison.”
Ela se lembrou do cheiro forte de vômito na van de Lars. Os tremores de Jay, sua exaustão, sua pele pálida. Isso explicava tudo. E agora Darby se perguntava - se você recebe uma dose diária de esteróides, quão ruim pode ser perder quatro delas?
Para Ed, ela duplicou: *Quão sério?*
Ele murmurou de volta: *Mais tarde.*
“Ashley e Lars ainda estão na van,” Sandi gritou da janela. "Eles estão . . . eles estão fazendo alguma coisa. Eu simplesmente não posso dizer o que—”
“Preparando-se para nos atacar,” disse Darby. Não adianta adoçar.
Ela andou pela sala, inventariando armas. Duas jarras de água quente. O spray de pimenta de Sandi. A chave de boca de Ed.
Era um plano de batalha apressado, mas fazia sentido. Quando o ataque chegasse, Sandi monitoraria a porta da frente trancada e faria uma barricada com Jay, chamando os movimentos dos atacantes. Darby guardaria a janela do banheiro masculino. Se os irmãos tentassem entrar lá, como ela previra, ela atacaria Lars ou Ashley de surpresa do canto cego com um jato de água fervente. E Ed, com sua chave inglesa, seria um vagabundo, movendo-se para qualquer lado do centro de visitantes que fosse necessário.
"O que é . . .” Sandi limpou o hálito do vidro, apertando os olhos para fora. “Já se passaram dez minutos. Por que eles ainda não tentaram entrar?
“Para mexer com a gente,” Darby adivinhou. “Para nos deixar nervosos.”
"Está funcionando."
No silêncio do edifício, seus ouvidos começaram a zumbir. O ar parecia

pressurizado. As vigas do teto pareciam mais baixas. O chão estava nu, manchado de guardanapos soltos e rastros de esfregão. De alguma forma, mover a mesa realmente fez a sala parecer menor. O ar estava abafado, todo dióxido de carbono reciclado e suor.

Darby ficou esperando que alguém fizesse uma piada para aliviar a tensão.

Ninguém fez.

Na longa viagem de Boulder, ela odiou os trechos tranquilos entre as músicas, porque foi quando sua mente entrou em ação. Lembrando-se de coisas que ela chamava de mãe. Novas dores. Novos arrependimentos. E agora ela repensou a resposta de Ed à sua pergunta, quando ela perguntou a gravidade das quatro injeções perdidas de Jay. Ele não tinha falado *mais tarde* .

Não, ela percebeu com o coração afundando. Ele disse algo diferente.

Ele disse *fatal* .

Jay morreria se ela permanecesse sob os cuidados de Ashley e Lars esta noite. Mesmo que eles não tivessem planejado assassiná-la, eles ainda não sabiam como lidar com sua condição adrenal. E seu tempo estava se esgotando.

Mas, na verdade, fazia todo o sentido que os irmãos Garver se tornassem sequestradores tragicamente ineptos. Ashley pode ter tido uma veia cruel de um quilômetro e meio de largura, mas ele claramente não era metódico o suficiente para o quarterback de uma operação de resgate. Ele improvisava demais e brincava com suas vítimas. E Lars? Apenas um homem-criança bigodudo, uma psique suave e subdesenvolvida que Ashley havia moldado em sua própria imagem mórbida. Essas duas crianças crescidas não estavam preparadas para a complexidade e escala do que estavam tentando. Eles não eram remotamente qualificados para isso. Eles eram algo muito pior.

Em um estacionamento escuro do Walmart alguns anos atrás, vendo um viciado em crack com um corte de zumbido invadir seu Subaru das luzes seguras da seção Casa e Jardim, ela se lembrou de sua mãe segurando seu ombro e dizendo a ela: *Não tenha medo do prós, Darby. Os profissionais sabem o que estão fazendo e fazem isso de forma limpa.*

Temer os amadores.

"Eles estão . . .” Sandi colocou as mãos em concha contra a janela. "OK. Ashley acabou de carregar algo de sua van. Um . . . caixa laranja.”

Ed se ajoelhou para Jay. “Quando eles vierem, você vai ficar atrás do balcão. Você vai fechar os olhos. E aconteça o que acontecer, você não vai sair. Compreendo?"

A garota assentiu. "OK."

Sobre a cabeça de Jay, Darby murmurou para Ed: *Como a tratamos?*

"Nós . . . nós a levamos para um hospital. Isso é tudo que podemos fazer,” ele

sussurrou, inclinando-se para perto. “Só lidei com isso em cães, e mesmo assim só vi isso algumas vezes. Eu só sei que ela está em um período de choque agora. Seu corpo não está criando adrenalina – é chamado de crise Addisoniana – então, se as coisas ficarem assustadoras ou intensas, seu corpo pode desencadear uma convulsão, coma ou pior. Precisamos controlar o nível de estresse dela. E mantenha seu ambiente o mais calmo e pacífico possível—”
Sandi engasgou da janela. “Ashley tem um . . . Oh Deus, isso é uma *pistola de pregos* ?”
"Sim", disse Darby, voltando-se para Ed. “Não está acontecendo.”

* * *

Ashley encaixou uma bateria em seu pregador sem fio Paslode IMCT e esperou que a luzinha verde piscasse.
Nos dias de seu pai (os anos dourados da Fox Contracting), para obter qualquer tipo de energia por trás de um prego queimado, você precisava de um compressor de ar e vários metros de mangueira de borracha. Agora eram todas as baterias e células de combustível – coisas que você pode carregar no bolso.
O modelo de Ashley era brilhante, Vila Sésamo laranja. Dezesseis libras. O decalque Paslode gasto. Pregos alimentados por um pente cilíndrico, que sempre lembrara Ashley do tambor da metralhadora de John Dillinger. Os comprimentos dos pregos são medidos em centavos, por alguma razão medieval retrógrada, e esses eram de 16 centavos, ou aproximadamente três polegadas e meia. Projetado para lançar em madeira 2x4. Eles podem penetrar na carne humana até três metros de distância, e a distâncias além disso, eles ainda estão girando cacos de metal vicioso, gritando no ar a 300 metros por segundo.
Legal certo?
Ashley pode ter falhado espetacularmente no gerenciamento diário da Fox Contracting, mas, caramba, ele com certeza adorou os brinquedos que vieram com ela. Felizmente, seu pai agora estava muito ocupado esquecendo seu próprio nome e cagando em um saco para ver o que havia acontecido com o legado da família sob a liderança de Ashley. Ambos os especialistas demitidos sem cerimônia, o domínio da web expirou, o telefone ainda tocando esporadicamente, mas indo para o correio de voz. Às vezes, dirigir a van da Fox Contracting com aquele personagem de desenho animado parecia pilotar um grande cadáver; uma casca seca dos sonhos e trabalho duro de seu pai.
Veja, quando Wall Street falhou, os federais intervieram e os resgataram com dinheiro de outras pessoas. Quando sua pequena roupa de mamãe e papai falha, bem, você tem que tomar o resgate em suas próprias mãos. É o jeito americano.
Ashley ergueu o prego Paslode e apalpou o cano com a mão esquerda,

derrubando a trava do nariz com um empurrão sem esforço. Em seguida, um aperto no gatilho. . .
THWUMP.
Uma moeda de 16 centavos perfurou o pneu dianteiro da Honda de Darby. A borracha preta esvaziou com um silvo.
Lars observou.
Ashley chutou o pneu, sentindo-o amolecer. Então ele se inclinou e disparou outro — THWUMP — no pneu traseiro do Honda.
“Não fique nervoso, irmãozinho. Nós vamos resolver isso.” Ashley deu a volta no carro e furou os outros pneus enquanto falava — THWUMP, THWUMP. “Apenas algum trabalho sujo esta noite, e então vamos ver o tio Kenny. OK?"
"OK."
Sua voz baixou, como se ele estivesse compartilhando um segredo perigoso: “E outra coisa que esqueci de mencionar. Lembra do Xbox One dele?”
"Sim?"
“Ele tem o mais novo *Gears of War* .”
"OK." O sorriso de Lars se solidificou, e Ashley sentiu uma pontada de simpatia por seu querido irmãozinho. Ele não foi feito para isso, mas não foi culpa dele. Como isso poderia ser? Ele não tinha controle sobre se sua mãe bebia dois vinhedos por dia enquanto ela o carregava. O pobre Lars tinha sido geneticamente tolhido antes mesmo de respirar pela primeira vez. O pior dos negócios de merda.
Rapidamente, ele verificou novamente a luz em seu Paslode – ainda verde. O tempo frio era notoriamente difícil para suas baterias, e ele só tinha duas. A última coisa que precisaria seria que seu prego ficasse impotente quando o pressionasse contra a têmpora de Darby. Como *isso seria embaraçoso* .
Em termos de poder de fogo bruto, a Beretta Cougar calibre .45 de Lars foi a vencedora óbvia - você não entra em um tiroteio com um prego sem fio e espera vencer. E seriam necessários alguns centímetros e meio para derrubar um humano de maneira confiável. Pior, os próprios projéteis raramente penetram em algo além de três metros. Mas Ashley Garver adorava o prego, ele supôs, por todas as coisas que o tornavam uma arma profundamente impraticável para matar homens. Ele adorou porque era pesado, pesado, impreciso, assustador e horrível.
Todos os artistas se expressam através de seus instrumentos, certo?
Este era o de Ashley.
“Vamos, irmãozinho.” Ele apontou com seu prego. “Coloque sua cara de guerra.”
O pente de cilindros do Paslode continha trinta e cinco pregos de 16 centavos,

colocados em pequenos suportes de cinco pregos. Ele disparou quatro. Ele ainda tinha mais do que suficiente para transformar um humano em um porco-espinho gritando. Caminhando ao lado dele, Lars colocou a lâmina na Beretta da maneira que lhe ensinaram, verificando obedientemente se havia uma bala no compartimento.
" *Gears of War 4* , certo?" ele perguntou enquanto caminhavam. "Não do ano passado?"
"Foi o que eu disse."
"OK."
“E não se atreva a atirar em Darby,” Ashley o lembrou. "Ela é minha."

* * *

"Eles estão vindo."
"Eu sei."
“Agora eles têm uma pistola de pregos—”
“Eu *sei* , Sandi.”
Jay apertou suas têmporas como se estivesse evitando uma dor de cabeça, balançando contra as pernas da mesa viradas. “Por favor, por favor, não discuta...”
“Ed, eles vão nos *matar—”*
Ele apontou sua chave de roda para ela. "Cale-se."
Darby pegou a menina pelos ombros e a puxou de volta, longe da janela barricada, em direção ao centro do saguão Wanapani. Qualquer estresse ou trauma pode desencadear uma convulsão. *Isso é literalmente vida e morte. Eu tenho que mantê-la calma.*
Isso seria possível esta noite? Ela tentou se lembrar da frase exata que Ed havia usado — *uma crise addisoniana?* — e ela se agachou para Jay. "Ei. Jay. Olhe para mim."
Ela o fez, com os olhos cheios de lágrimas.
“Jaybird, vai ficar tudo bem.”
“Não, não vai—”
"Eles não vão te machucar", disse Darby. “Eu prometo, não vou deixá-los.”
Na porta, a discussão se intensificou: “Ed, eles vão entrar...”
“Então vamos lutar contra eles.”
“Você está apenas bêbado. Se tentarmos combatê-los, morreremos.” A voz de Sandi tremeu. "Eu vou *morrer* , você vai *morrer* e ela vai *morrer..."*
“Ela está errada.” Darby puxou Jay mais para trás, para trás do balcão de café. Ela deu um tapinha nas pedras compactadas com a palma da mão – sólida o suficiente para parar uma bala. “Mas fique atrás deste balcão, como Ed disse,

ok? Apenas no caso de."
“Eles não vão me machucar,” Jay sussurrou. “Eles vão *te* machucar .”
“Não se preocupe comigo.” Ela se lembrou da mensagem misteriosa da garota no guardanapo e se aproximou, baixando a voz para um sussurro para que os outros não ouvissem: “Mas me diga. Por que você não quer que eu confie em Ed e Sandi?
Jay parecia envergonhado. "EU . . . nao e nada."
“Por que, Jay?”
"Eu estava errado. Não é nada-"
"Conte-me."
Na porta da frente, a discussão de Ed e Sandi atingiu um nível de febre gritante. Ele estendeu a chave de roda para seu primo, brandindo-a como uma arma, sua voz trovejando agora: “Se cooperarmos, eles vão nos matar de qualquer maneira.”
Ela o empurrou para longe. “É nossa única chance—”
"Eu pensei . . .” Jay hesitou, apontando por cima do balcão para Sandi, finalmente respondendo: “Pensei, a princípio, que tinha reconhecido aquela senhora. Porque ela se parece exatamente com um dos meus motoristas de ônibus escolar.”
Todo o caminho em San Diego .
O mundo de Darby congelou.
“Mas isso é impossível”, disse Jay. "Direito?"
Ela não tinha uma resposta. Quais eram as chances disso? Quais eram as chances de dois outros viajantes terem vindo da mesma cidade da Costa Oeste que a criança sequestrada? De todos os lugares? Aqui, centenas de quilômetros para o interior, encalhado em uma remota parada de estrada nas Montanhas Rochosas?
O oxigênio parecia drenar da sala.
São Diego.
"Mas . . . mas não é ela,” Jay adicionou rapidamente, segurando seu pulso. “Ela só se parece com ela. É apenas uma coincidência.”
Não, não é , Darby quis dizer. *Não essa noite.*
Esta noite, não há coincidências—
Na porta da frente, Ed e Sandi pararam de discutir. Ambos estavam ouvindo agora, parados em uma atenção petrificada. Então Darby também ouviu - um par de passos abafados, botas rangendo na neve compacta do lado de fora, aproximando-se da porta. Um esquadrão da morte de dois homens.
Ed se afastou da porta, com o rosto vermelho. "Ai Jesus. Todos se preparem—”
"Ed", disse Darby. "De onde você disse que vocês são?"
"Agora não-"

"Responda a questão por favor."
Ele apontou. “Eles estão bem do lado de fora da porta—”
“Responda a *maldita pergunta* , Ed.”
Os passos dos irmãos pararam do lado de fora. Eles ouviram Darby levantar a voz e agora estavam ouvindo também. Ashley estava a menos de um metro e oitenta, esperando do outro lado daquela porta fina de madeira. Ela até ouviu a respiração bucal familiar de Rosto de Roedor do lado de fora, como um ventilador de hospital.
"Nós . . . nós dirigimos da Califórnia”, respondeu Ed. "Por que?"
"Em qual cidade?"
“ *O quê* ?”
“Diga-me de que cidade você é.”
“Por que isso importa?”
"Me responda." A voz de Darby tremeu com a adrenalina, com dois estranhos dentro e dois assassinos na porta do lado de fora. Eles também estavam ouvindo. *Todo mundo* estava ouvindo. Tudo dependia do que esse ex-veterinário disse a seguir—
"Carlsbad", disse Ed. “Somos de Carlsbad.”
Não São Diego.
Darby piscou. *Oh! Graças a deus.*
Ele ergueu os braços. “Pronto, Dara. Você feliz?"
Ela exalou, como se esvaziasse os pulmões depois de emergir de um mergulho profundo. Foi apenas uma coincidência. Jay estava enganado. É fácil combinar rostos entre estranhos meio lembrados, e aparentemente Sandi tinha um sósia em San Diego com uma rota de ônibus matinal. A Califórnia era um grande centro populacional, então não seria inédito que Ed e Sandi fossem do mesmo estado que a garota sequestrada. Todo o resto - apenas nervos. Apenas paranóia.
Silêncio lá fora. Os irmãos ainda estavam ouvindo pela porta.
“Eu te disse,” Jay sussurrou. "Ver? Eu estava errado-"
“Carlsbad,” Ed sibilou para Darby, seu rosto brilhando de suor. “Carlsbad, EUA. O que mais você precisa, pelo amor de Cristo? Estado? Califórnia. CEP? 92018. População? Cem mil-"
“Desculpe, Edu. Eu só tinha que ter certeza—”
Ela estava vagamente ciente de Sandi se movendo atrás dela, e ela estava se virando para encarar a mulher mais velha quando Ed continuou – “Condado? *Condado de San Diego ”* – e esse foi o último pensamento claro que passou pela mente de Darby antes de um jato pressurizado de líquido gelado disparar em seus olhos.
Então dor.

Dor incandescente.

HORAS DE BRUXO

3h33

Ed gritou: “SANDI—”
Mas o mundo de Darby ficou vermelho. Um respingo de ácido. Ela sentiu as células de suas córneas chiando com a violação, ao mesmo tempo escaldante e fria. Como água sanitária sob suas pálpebras. Isso esvaziou todos os seus pensamentos.
Ela caiu no chão com as rótulas, os olhos bem fechados, arranhando o rosto, esfregando as gotas de queimadura química. Dedos minúsculos agarraram seu cotovelo, puxando-a. A voz de Jay em seus ouvidos: “Darby. Esfregue os olhos —”
"Sandi, o que *diabos* você está fazendo?"
“Eddie, me desculpe. Eu sinto muito-"
A voz de Jay, mais alta: “Esfregue os olhos.”
Darby o fez, furiosamente, ofegante de dor. Esmagando-os até seus globos oculares espremerem em suas órbitas. Ela forçou as pálpebras a abrirem, puxando-as para trás com as unhas, e viu uma sopa turva de vermelho e laranja, borrada com lágrimas incendiárias. Os contornos aquosos dos ladrilhos do piso. A sala girou, girando em torno dela como um palco giratório. Ela tossiu, sua garganta grossa com ranho borbulhante. Ela viu gotas escuras caindo no chão. Seu nariz estava sangrando novamente.
"Segure firme." Jay levantou algo pesado. Darby estava prestes a se perguntar o que era, mas então um estrondo de água quente caiu em seu rosto. *A garrafa* , ela percebeu, esfregando os olhos. *Garota esperta*.
Sombras enfurecidas moviam-se acima dela. Pisando passos.
“Darby.” Jay puxou o cotovelo dela com mais força. Torcendo-o contra seu ombro: “Darby, vamos lá. Arrastar. *Rastejar* .”
Ela fez. Palmas e rótulas no azulejo frio, meio cegos, pingando. Jay guiando-a com empurrões e puxões. Atrás dela, as vozes se intensificaram, ressoando dentro da sala, pressurizando o ar:
“Sandi. Apenas me explique o que está acontecendo—”
“Eu posso te salvar.”
“Não toque nessa porta—”
"Por favor, deixe-me salvá-lo", Sandi ofegou, implorando. "Eddie, querido, eu posso salvar sua vida estúpida esta noite, mas só se você calar a boca e fizer exatamente o que eu digo..."
Darby ouviu um clique oco e metálico atrás dela. Era familiar, mas ela não conseguia identificá-lo. Ela tinha ouvido isso várias vezes esta noite, porém, o

suficiente para provocar uma tensão de déjà vu. Então através da névoa de dor, um raio atingiu, e sua mente gritou: *Deadbolt-deadbolt-deadbolt—*
Sandi acabou de destrancar a porta da frente.

* * *

A maçaneta girou livremente na mão de Ashley, surpreendendo-o, e ele pressionou as pontas dos dedos contra a porta e deu um empurrão suave, revelando o interior do centro de visitantes em uma limpeza lenta. Ele viu Sandi Schaeffer primeiro, parada na porta, com as bochechas vermelhas como tomate.
"Eu os tenho", ela ofegou. “Eu tenho os dois, presos no banheiro—”
Ambos? Isso foi um alívio para Ashley. “Jaybird está aqui, então?”
“Por que ela não estaria?”
"Longa história."
Sandi fez uma careta. "Claro. Claro— ”
“Está sob controle.”
"Sob controle? *Realmente* ? Porque acabei de bater em alguém...
“Sim, obrigado por isso.”
“Tudo o que você tinha que fazer esta noite era nada e você ainda estragou tudo.” Sandi tossiu no vapor do spray de pimenta, esfregando o nariz. "Quero dizer . . . Deus todo-poderoso, como você deixou isso acontecer? Como você deixou isso ficar tão ruim?”
Ashley estava cansada de falar. Ele empurrou seu caminho para dentro, seus olhos lacrimejando no ar ácido. Sandi cambaleou para trás, de repente alarmada, todas as suas palavras duras momentaneamente presas em sua garganta. Ela tinha visto o prego laranja Paslode em sua mão.
Cristo, ele *amava* essa coisa.
“Está sob controle,” ele assegurou a ela. "Está bem."
Lars entrou também, sua jaqueta de esqui azul-bebê faiscando sob um rosnado de vento, a Beretta Cougar em sua mão.
“Você está doente,” a senhora rosnou, dando outro passo trêmulo para trás. “Vocês dois estão doentes. Você não deveria machucá-la—”
“Nós improvisamos.”
“Eu estava certo sobre você. Sobre vocês dois...
"Oh sim?" Ashley bateu no peito de Lars. "Ouvir. Isso vai ser bom.
"Eu sabia que vocês dois eram apenas lixo branco caipira-"
"Ah, Sandi, você está machucando meus sentimentos."
“É como se você estivesse *tentando* ser pego.” Ela cuspiu enquanto falava, um fio de saliva balançando em seu queixo, ainda cambaleando para trás enquanto avançavam sobre ela com armas em punho. "Você me disse . . . você disse que

lhe daria roupas limpas todos os dias. Você disse que assistiria a dieta dela. Você daria livros a ela. Você me prometeu que não machucaria um fio de cabelo da cabeça de Jay—”
“Tecnicamente verdade. O cabelo dela está bom.”
“Como você pode achar isso engraçado? Você vai apodrecer na prisão. Você e sua pequena síndrome do álcool-fetal...
Irmão , ela teria terminado, se Ashley não a tivesse empurrado.
Ele não estava com raiva. *Está tudo sob controle, lembra?*
Mas ainda era um empurrão mais duro do que ele pretendia. Sandi derrapou para trás, seus sapatos chiando, batendo sua bunda larga contra o balcão de café. O rádio tombou, as antenas fazendo barulho. Seu horrível corte de tigela preta cobriu seu rosto, e ela se pegou no balcão, ofegante: “Você estragou *tudo...”*
Lars apontou sua Beretta. "EI."
Ashley não tinha notado Ed até agora – mas sim, lá estava ele. O ex-veterinário de cavanhaque que ele havia espancado no Go Fish, que odiava os produtos da Apple, cujo maior medo era enfrentar sua família distante em Aurora neste Natal, estava agora ao lado dos banheiros, uma ferramenta de pneu em forma de cruz na mão direita erguida, pronta balançar.
"Eu não posso deixar você", disse Ed. “Não posso deixar você chegar perto deles.”
– Sandi – disse Ashley baixinho –, por favor, diga ao seu primo para largar essa coisa.
“É uma *chave* de roda, idiota.”
"Ed, apenas faça o que ele diz."
Mas o homem se manteve firme. De costas para as portas do banheiro. Transpiração em sua testa. A chave de roda trêmula em sua mão.
Ashley não quebrou o contato visual, dando um pequeno passo para o lado para dar a seu irmão uma chance melhor. “Sandi”, ele disse calmamente, falando pelo canto da boca, “deixe-me ser claro. Se o primo Ed aqui não colocar a chave de roda no chão agora, ele vai morrer.
"Eddie, por favor, por *favor* , apenas faça o que Ashley diz."
Ed enxugou o suor dos olhos, olhando de volta para Sandi com horror crescente. Ele tinha que descobrir agora, mas isso parecia resolver tudo: “Jesus Cristo, como você . . . como você conhece essas pessoas? O que está acontecendo?"
Sandi estremeceu. “As coisas ficaram complicadas—”
“O que você estava *fazendo com aquela garotinha* , Sandi?”
— Largue isso — repetiu Ashley, dando mais um passo à frente. — Largue isso agora, e eu não vou te machucar. Eu prometo."
À sua direita, Lars assumiu uma postura de tiro diligente com a Beretta Cougar,

exatamente como Ashley havia lhe ensinado uma vez. Duas mãos juntas, polegares para cima, dedo indicador enrolando em torno do gatilho. Mas Ashley sabia que ele não atiraria. Não sem permissão. Ele estava esperando, oh tão obedientemente, por uma deixa para executar Ed, que poderia vir de várias formas – incluindo uma referência de beisebol.
Uma gota de suor caiu no chão.
"Eu prometo que não vamos machucá-lo", Ashley reafirmou. "Você tem minha palavra."
"Eddie, por favor." A voz de Sandi suavizou. "Você está bêbado. Apenas abaixe, e eu explico tudo."
Mas para seu crédito, ele não cedeu. Ele permaneceu firme, nem mesmo reconhecendo a arma de Lars, olhando para Ashley, apenas Ashley, como se ele fosse a única pessoa no mundo. Olhos duros como pedra, desafiando-o a fazê-lo.
A chave de roda chacoalhou com adrenalina. Quando ele finalmente falou, foi um grunhido baixo: "Eu sabia que te odiava."
"Mesmo?" disse Ashley. "Eu gostei de você."
"No momento em que te conheci esta noite, quando apertei sua mão, eu apenas. . . De alguma forma eu sabia." O velho médico animal deu um sorriso estranho e triste. "Eu peguei um flash, eu acho, de exatamente quem você é. Atrás do tempo do círculo, atrás das piadas ruins e dos jogos de cartas. Você é a soma de todos os traços que já odiei em um ser humano. Você é presunçoso, você é irritante, você fala demais, você não é tão inteligente quanto pensa que é, e sob tudo isso? Você é puro mal."
E você está rebatendo mil , Ashley quase disse.
Mas então Ed suspirou, e algo quebrou atrás de seus olhos, como se ele estivesse finalmente reconhecendo a futilidade desse pequeno impasse. Ele ergueu as duas mãos e abriu a direita em relutante rendição. A chave de roda caiu e bateu no chão de ladrilhos. O eco ressoou no ar e Ashley sorriu.
Lars abaixou sua Beretta.
"Obrigada." Sandi expirou, com lágrimas nos olhos. "Obrigado, Eddie, por—"
THWUMP.
Ed fez uma cara de imbecil, como um homem surpreendido por um arroto. Por um momento confuso, ele ainda manteve contato visual com Ashley, como antes. Mas seus olhos estavam arregalados agora, em pânico, procurando...
"Você esqueceu," Ashley disse a ele. "Eu também sou um *mentiroso* ."
Ele baixou o prego.
Os olhos de Ed o seguiram, brilhando com horror enjaulado. Seus lábios se apertaram molhados, contraindo a carne, como se ele estivesse tentando falar, mas uma coisa surreal aconteceu – sua mandíbula não estava se movendo. Nem

um centímetro. Sua voz escapou por suas narinas, um gemido estrangulado. Uma bolha vermelha desleixada – saliva engrossada com sangue – brotou em seus dentes da frente e caiu no chão.
Ashley deu um passo para trás, para que não respingasse em seus sapatos.
Sandi gritou. Foi ensurdecedor.
“Lars.” Ashley estalou os dedos e apontou. “ *Controle* -a, por favor.”
Ed levou as duas mãos à garganta, claramente tentando gritar também, mas seu corpo não o deixou. Sua boca foi pregada – literalmente – por um prego de armação de aço, perfurado em sua mandíbula inferior em um ângulo para cima, arpoando sua língua no céu da boca. Ashley imaginou-o se contorcendo ali como uma maldita enguia. E ele estava genuinamente curioso sobre o quão fundo o prego de 16 centavos havia cavado – a ponta da agulha poderia estar fazendo cócegas no chão do cérebro de Ed?
Ele empurrou o homem com o pé. Ed caiu contra o mapa regional do Colorado e deslizou pela parede, soluçando silenciosamente nas mãos, o sangue se acumulando nas palmas das mãos e gotejando manchas do tamanho de uma moeda de dez centavos no chão.
"Sente-se. Você deveria saber, garoto Eddie, eu *odeio* alcoólatras. . .”
Sandi estava histérica. Ela gritou novamente, um grito de hiena, outra grande bola de meleca brilhante pendurada em seu queixo. Lars enfiou o focinho da Beretta em seu rosto, e ela prontamente calou a boca.
“Mudança de plano,” Ashley disse, batendo no ombro de Lars, e as luzes fluorescentes estremeceram acima dele. “Veja, você e eu, irmãozinho, já bombardeamos este pequeno prédio com evidências forenses, e não temos alvejante ou tempo suficiente para esfregar tudo. Então, vamos ter que ser criativos, se você *me entende* .”
Lars assentiu uma vez. Mensagem de código espião recebida.
Ashley continuou, passando por cima de uma poça de sangue de Ed. “E quanto a Darby e—”
Esperar.
Ele percebeu algo.
"Espera espera . . .” Ele agarrou Sandi pelo cotovelo, estalando os dedos em seu rosto. "Ei. Olhe para mim. Você disse . . . você prendeu Darby e Jaybird no banheiro, certo? O banheiro masculino?
Ela fungou, olhando para ele com os olhos injetados de sangue, e assentiu.
Não.
Lars olhou para ele também, sem entender. Mas Ashley sim.
Não não não-
Ele jogou Sandi no chão, passando por ela, passando por Ed, em direção aos

banheiros, e deu uma cotovelada na porta dos HOMENS para ver. . . uma sala vazia. Flocos de neve flutuando pela janela triangular.
Lars observou.
Ashley Garver saiu e bateu a porta com violência. "Estou tão cansado dessa *porra de janela-"*

* * *

Darby girou a chave de Sandi e o motor da caminhonete ganhou vida. Um rugido de diesel quebrou o silêncio do estacionamento.
Jay se arrastou para o banco do passageiro. – E se Ashley ouvir?
Ela girou o botão do câmbio. “Ele acabou de fazer.”
Ela já tinha raspado um buraco de visão no pára-brisa e cavou algumas braçadas ao redor dos pneus traseiros. Apenas o suficiente para formar rampas de gelo, para ganhar impulso. Sandi veio preparada; este F-150 era uma fera de um caminhão com pneus cravejados, correntes tilintantes e um monstruoso dezoito polegadas de sustentação. Se alguma coisa estacionada aqui poderia descer a montanha, era esta plataforma. E se não pudesse. . . bem, Darby lembrou-se da piadinha idiota de Ashley sobre Ford: *Encontrado na estrada, morto.*
Esperemos que não. Ela esfregou a ardência química de seus olhos. Seu rosto ainda estava encharcado daquela jarra, a água quente esfriando rapidamente em sua pele.
“Todo mundo aqui é ruim,” Jay sussurrou.
"Eu não."
“Sim, mas todo mundo—”
Darby tentou não pensar nisso. Sua cabeça ainda estava girando também. Primeiro Ashley se apresentou como um aliado antes de traí-la. E agora Sandi havia revelado seu envolvimento na trama do sequestro. Ela não poderia saber onde Ed Schaeffer estava em todo esse caos, mas ela esperava que ele ainda estivesse vivo lá.
Se ele estiver do nosso lado para começar .
Ela esperava que ele estivesse, mas a cada segundo que passava, a área de descanso de Wanapani parecia se tornar mais hostil. O plástico apertou em torno de seu rosto. Seus aliados diminuíram. Seus inimigos se multiplicaram. A conspiração era vertiginosa.
“O que meu *motorista de ônibus estava* fazendo aqui?” perguntou Jay.
Darby agarrou o volante. "Momento da verdade."
Ela apertou o pedal do acelerador e o Ford avançou lentamente na neve lamacenta, os pneus girando, jogando camadas de gelo duro. Pressão constante sob os dedos dos pés. Nem muito duro, nem muito macio. Movimento de

trituração, derrapagem - mas era movimento.
"Vamos. Vamos, *vamos—”*
“A que distância está a polícia?” perguntou Jay.
Ela se lembrou da transmissão do CDOT que Ed havia descrito para ela. O jackknifed semi na parte inferior da passagem. "Sete, uh, talvez oito milhas."
"Isso não é longe, certo?"
Darby girou o volante em uma meia-volta desleixada, deslizando a caminhonete de Sandi em poças de gelo, torcendo para o sul agora. Descendo a ladeira, descendo a rampa de saída, enfrentando o tráfego em sentido contrário — se houvesse algum. Ela procurou os faróis do Ford e os acendeu. Ashley e Lars já haviam sido alertados pelo galope do motor, então a furtividade estava fora. Eles estavam vindo, agora.
“Você roubou a caminhonete dela,” Jay sussurrou.
“Ela passou spray de pimenta em mim. Estamos quites."
A garota riu, um pequeno som frágil, quando uma fatia de luz laranja apareceu no vidro atrás dela. Era a porta da frente do centro de visitantes se abrindo. Um raio de luz, e nele, uma figura esguia.
Era Lars.
Rosto de roedor. Toda sombra preta. A silhueta ergueu o braço direito, tão casualmente quanto um homem apontando um controle remoto de televisão, e Darby entendeu instintivamente, agarrando Jay pelo ombro e jogando-a contra o assento de couro frio...
"Abaixe-se-"
RACHADURA.
A janela do passageiro explodiu. Fragmentos de goma vibraram no painel. Jay gritou, cobrindo o rosto.
Darby se encolheu sob uma chuva de granizo de vidro. O tiro ecoou como um fogo de artifício no ar rarefeito. Seu corpo a encorajou a ficar em seu assento, o mais baixo possível, abaixo da linha de fogo de Rosto de Roedor, mas seu cérebro sabia melhor: *Ele está vindo em nossa direção. Agora mesmo.*
Vai! Vai! Vai-
Ela encontrou o pedal do acelerador com os dedos dos pés e pisou nele. O caminhão avançou, o motor roncando com força, jogando-os de volta nos assentos. O mundo agitou-se. A bagagem bateu ruidosamente na parte de trás. Então Darby endireitou-se contra o couro pegajoso, espiou de lado por cima do volante – apenas expondo um olho, uma polegada – e guiou o F150 de Sandi em direção à estrada.
Jay agarrou seu pulso. “Darby—”
"Fique abaixado."

“Darby, ele está atirando em nós—”
“Sim, eu *notei*— ”
RACHADURA. Uma bala perfurou o pára-brisa do caminhão e Darby se encolheu. Uma brisa fria assobiou à sua esquerda; sua janela lateral foi estourada também. Flocos de neve sopraram para dentro, cortando sua bochecha.
“Ele está nos perseguindo”, disse Jay. “Dirija mais rápido—”
Darby estava tentando. Ela aumentou a pressão sobre o acelerador, e o caminhão engasgou, mas acelerou. Os pneus espalharam lascas de gelo pelas janelas, salpicando o interior com areia fria. Lars disparou novamente — CRACK — e o retrovisor lateral da caminhonete explodiu. Jay gritou.
Darby a puxou para baixo com a mão livre. "Mantenha sua cabeça baixa. Está bem-"
"Não, não é."
“Ele não vai nos pegar—”
RACHADURA. Outro buraco atravessou o pára-brisa, uma forma de estrela irregular acima da cabeça de Darby. Mas os tiros de Lars soaram diferentes. Eles estavam ficando ocos, diminuindo ao longo de uma distância cada vez maior.
"Sim." Seu coração acelerou. "Sim Sim Sim-"
"O que está acontecendo?"
Eles estavam descendo a rampa de saída agora, ganhando velocidade. Agradeça a Cristo pelo impulso, pela gravidade, pelo grau de inclinação. Darby deu ao pedal outra bomba de gasolina. Outro rugido do motor. O mundo se inclinou para baixo e pedaços de vidro de segurança deslizaram frouxamente ao redor deles como cascalho.
"Ver? Eu te disse-"
Lars disparou novamente — CRACK — mas errou completamente o caminhão. Ele estava muito atrás deles agora. Desaparecimento. O brilho alaranjado do edifício Wanapani também estava desaparecendo, suas formas familiares afundando na escuridão nevada, e Darby estava tão feliz por ver tudo desaparecer. Como acordar de um pesadelo de suor e medo, ela nunca mais queria vê-lo novamente. Sempre. Boa viagem para aquele lugar de merda.
Jay olhou em volta de seu assento, observando a figura perseguidora de Rosto de Roedor encolher pela janela traseira perfurada – “Fique abaixada” – e ela ergueu um punho trêmulo. Seu dedo anelar para cima.
Levou um momento para Darby entender. "Uh . . . dedo errado.”
"Oh." Jay corrigiu. "Melhor?"
"Melhor."
“Obrigada,” disse a menina de sete anos lançando o pássaro pela janela traseira crivada de balas de uma caminhonete roubada, e Darby começou a rir. Foi

involuntário, sacudindo seus pulmões como uma tosse. Ela não conseguia parar.
Oh, meu Deus, nós realmente fizemos isso.
Nós escapamos.
Faltam apenas sete ou oito milhas. Ela tirou o iPhone do bolso e o jogou para Jay. "Ei. Observe a tela, ok? Se você vir uma barra de sinal, você a entrega para mim imediatamente—”
“A bateria está quase descarregada.”
"Eu sei."
Eles rasparam morro abaixo, pneus de caminhão agitando pó fresco como rodas d'água. Ela pisou no acelerador, mantendo o Ford em movimento. Mantendo a inércia ininterrupta. Isso é tudo o que era agora - impulso para a frente cru e desesperado. Como dirigir por dois estados com o estômago cheio de Red Bull e ibuprofeno, lutando para conter seu zumbido de cafeína com uma mensagem enigmática de Devon tremendo na palma da mão (Ela está bem agora), correndo com Snowmageddon pela passagem. Para a frente, para a frente, para a frente. *Não pare* .
Não-pare-não-pare—
Agora eles chegaram na State Route Seven, faróis altos cortando montes congelados de neve varrida pelo vento. Aqui ela planejava entrar na pista norte e passar sob o primeiro disco de luz. Darby sentiu outro lampejo de excitação no fundo de seu estômago. Isso estava realmente acontecendo. Ela tinha feito isso. Eles estavam realmente fugindo.
Mesmo assim, ela se preocupava – e se os irmãos pegassem sua van, a colocassem em movimento na neve e os perseguissem pela estrada? Então, outro estremecimento triunfante quando ela percebeu: *Ashley nem sabe onde estão suas chaves Astro.*
Ele nunca me viu jogá-los pela janela do banheiro.
Sim, sim, *sim* . Tudo parecia bom demais para ser verdade.
“Segure meu telefone.” Ela apontou. "Fora da janela."
Jay fez isso, agachou-se de joelhos para se inclinar para fora da janela do passageiro, e Darby de repente se imaginou dando uma parada brusca e jogando essa pobre garota para fora como um boneco de teste de colisão. Isso seria difícil de explicar aos pais dela.
"E aperte o cinto de segurança", acrescentou. "Por favor."
"Por que?"
“Porque é a lei.”
"E se precisarmos sair e correr?"
“Então... Jesus. Então você vai desatar isso.”
“O seu não está afivelado—”

“ *Ei* .” Darby sorriu sombriamente, fazendo sua melhor voz de pai zangado. “Não me faça virar esse carro.”
Jay afivelou o cinto de segurança com um estalo metálico e apontou para o assento atrás da cabeça de Darby. “Ele quase atirou em você.”
Ela tocou o encosto de cabeça atrás de seu rabo de cavalo. Com certeza, seus dedos encontraram uma ferida de saída irregular, vazando torrões esponjosos de espuma amarela. A bala de Lars tinha cortado uma polegada de altura, no máximo, roçando seu couro cabeludo antes de sair pelo pára-brisa. Salvo por sorte. Ela soltou uma risada rouca. "Ainda bem que eu tenho cinco e dois, hein?"
"Boa coisa", disse Jay. "Eu meio que gosto de você."
Darby guiou a caminhonete de Sandi até a rodovia, entrando nas ruas desertas que se aproximavam. Em condições normais de tráfego, isso seria uma manobra suicida. Ela reflexivamente cutucou o sinal de direção à direita, antes de se sentir estúpida. Suas mãos ainda estavam tremendo. Um silêncio estranho se instalou e ela limpou a garganta, lutando para preenchê-lo: . . Sandi é sua motorista de ônibus escolar, hein?
"Sra. Schaeffer, eu acho."
“Ela era legal?”
“Ela me sequestrou.”
"Além de que."
"Na verdade, não." Jay deu de ombros. “Ela subscreveu por um tempo. Eu mal me lembro dela.”
Mas ela com certeza se lembrou de você , pensou Darby. *Ela se lembrou de você, de sua elegante McMansão e das agendas diárias de seus pais yuppies.* Um motorista de ônibus escolar fez um observador lógico para uma operação de resgate, e Ashley e Lars estavam obviamente lidando com o trabalho sujo. Mas por que Sandi arriscaria conhecer Beavis e Butthead pessoalmente, todo o caminho até aqui? Em uma parada de descanso remota, dois estados de distância?
Ela observou a estrada nevada se desenrolar, sentindo o sangue retornar às suas extremidades, preparando-se contra o ar gelado que soprava pelas janelas. Só agora ela começou a ver o humor negro de toda a confusão, em seu próprio infortúnio e mau julgamento. Ela involuntariamente confiou em um sequestrador pela *segunda vez* esta noite. Aquela jarra de água fervente que ela planejava usar como arma? Jaybird o despejou sobre o rosto dela, que ainda formigava com queimaduras de primeiro grau. Nada tinha saído conforme o planejado. Ela não pôde evitar, batendo os dentes: “Juro por Deus, Jay, da próxima vez que você achar que reconhece outra pessoa aqui . . . tipo, se o primeiro policial do Colorado que vemos se parece com seu ortodontista em San Diego, por favor *me*

diga , ok?
“Meu ortodontista mora em Los Angeles, na verdade.”
"Los Angeles?"
"Sim."
“Você pega um avião para ver seu ortodontista?”
Jay estremeceu, envergonhado. "Às vezes."
"A sério?"
"Seu . . . meus pais realmente gostam dele—”
“Não merda. Seus pais inventaram o Google ou algo assim?
"Você está me provocando."
Darby sorriu. "É tarde demais para resgatá-lo eu mesmo?"
"Talvez não." Jay sorriu de volta. “Você é quem está dirigindo uma caminhonete roubada...”
Parada de arrepiar o cérebro.
O mundo inteiro parecia ancorar. A caminhonete mergulhou em uma elevação de neve profunda, os faróis afundando e escurecendo, duas toneladas de peças móveis batendo em uma parada brusca. Uma garrafa vazia de Gatorade voou do console. Cacos de vidro soltos saltaram. Darby bateu o queixo no volante, mordendo a língua, e em um microssegundo, eles estavam presos novamente, presos novamente, e toda a alegria se tornou azeda e metálica, como o gosto de sangue em seus dentes.
Ah não.
Não não não-
Jay olhou para ela. “Ainda bem que você me fez apertar o cinto de segurança.”

3h45

“Ah, *merda* .”
Darby deu marcha à ré. Tentei outra vez. Acelerou, de novo e de novo. Sem sorte; os pneus giraram até a cabine feder a borracha queimada.
O caminhão estava preso ali, virado para o lado errado na pista mais à direita da State Route Seven, logo à frente da placa azul de REST AREA. Ela esticou o pescoço para olhar para trás através da janela traseira estilhaçada – tudo somado, ela tinha feito menos de quinze metros pela estrada. A 400 metros do edifício Wanapani, no máximo. Ela ainda podia ver as luzes laranja do estacionamento através de um bosque de abetos Douglas irregulares. Na verdade, não importava se eles encontrassem suas chaves, porque Ashley e Lars ainda estavam a uma *curta distância* .
“Merda-merda- *merda* .” Ela deu um soco no volante, acidentalmente tocando a buzina.
Jay olhou para trás também. “Eles podem nos alcançar?”
Sim, sim, sim, cem por cento sim...
"Não", disse Darby. “Nós dirigimos muito longe. Mas fique por dentro.” Ela abriu a porta do motorista, espalhando cacos de vidro soltos, e deslizou para a neve profunda. Ela se sentia velha e cansada. Seus ossos doíam. Seus olhos ainda ardiam com spray de pimenta.
"O que você está fazendo?"
“Desenterrando-nos”. Ela circulou o pára-choque dianteiro do Ford, apertando os olhos com os faróis semi-submersos. Seu estômago embrulhou quando viu o enorme monte de neve deslocado, jogado em uma bola de neve rolante na frente da grade do caminhão. Devia pesar uns cinqüenta quilos, talvez mais, tão denso e sem esperança quanto cimento molhado.
Ela quase desmaiou ao vê-lo. A enormidade disso.
Mas então seus olhos caíram sobre a garotinha atrás do pára-brisa rachado, à beira de uma crise addisoniana. Uma bomba-relógio de ansiedade; um único momento ruim longe de uma convulsão, ou um coma, ou pior.
Então Darby caiu de joelhos machucados e começou a cavar.
"Posso ajudar?" perguntou Jay.
"Não. Você não pode se esforçar demais. Apenas se concentre no meu celular, por favor. Diga-me se receber um sinal. Ela levantou um pedregulho de neve em ruínas e o jogou de lado. Seus dedos nus latejavam com frieza.
Sete milhas , ela pensou, olhando para baixo.
Sete milhas para aquele semi-acabado. Isso poderia realmente ser tudo? Ela

imaginou uma cena de acidente movimentada lá embaixo, repleta de socorristas, movimentada com luzes e movimento. O pulso vermelho e azul das barras de luz da polícia. Equipes de manutenção de estradas em jaquetas refletivas. Paramédicos inserindo tubos nas gargantas. Vítimas atordoadas sendo evacuadas em macas barulhentas.
Tudo isso, apenas sete milhas abaixo na estrada escura. Não parecia possível.
Sete milhas .
A State Route Seven foi levantada aqui onde eles caíram, no topo de um ziguezague. As árvores coníferas eram as mais finas, a terra rochosa e vertical. À luz do dia, com tempo claro, isso pode ter se aberto em um deslumbrante panorama da montanha. Mas aqui e agora, talvez fosse o único trecho de Backbone Pass que tinha a menor chance de captar um sinal de celular. Para o inferno com as crianças do pesadelo de Ashley. Em retrospectiva, ela entendeu que quase certamente tinha sido outra de suas mentiras. Outro ardil perverso, para fazê-la gastar sua bateria.
Outra rajada de vento soprou montanha acima, rangendo galhos, puxando suas mangas, levantando estranhos redemoinhos de pó que deslizavam pela estrada como fantasmas que passavam.
"Ei, Jay," ela ofegou enquanto cavava, esforçando-se para conversar para preencher o silêncio assustador. Tentando manter o clima leve, agradável, sem pressa. "O que . . . O que você quer ser quando crescer?”
"Eu não estou dizendo."
"Por que?"
“Você vai me provocar de novo.”
Darby se inclinou ao redor dos faróis do Ford, verificando a rampa de saída do ponto de descanso para ver as figuras de Ashley e Lars avançando. Nenhum sinal deles ainda. “Vamos, Jair. Você me deve. Eu levei spray de pimenta na cara para você.
“Não era *para* mim. Foi direcionado a você.”
"Você sabe o que eu quero dizer-"
“Uma paleontóloga”, respondeu a garota.
“Um o quê?”
“Um paleontólogo.”
"Como . . . como um caçador de fósseis de dinossauro?
"Sim", disse Jay. “É isso que um paleontólogo faz.”
Mas Darby não estava ouvindo. Ela notou que o pneu do caminhão parecia estranhamente flácido, e agora seu sangue congelou. Ela limpou outra braçada de neve e viu um círculo de aço saindo da parede lateral do pneu. Uma cabeça de prego. Ela ouviu agora — o assobio suave e reptiliano. Vazamento de ar.

Ela rastejou para o outro pneu. Mais dois pregos perfuraram os degraus.
Oh Deus, este era o plano reserva de Ashley o tempo todo.
Ela deu um soco na neve. "Merda."
Ele desativou todos os carros, para o caso de conseguirmos escapar em um...
Mas isso não fazia sentido — por que, então, Ashley iria pregar os pneus da caminhonete de Sandi também? Se ela fosse parte integrante do plano de sequestro? Depois que eles tiveram todo esse cuidado de se encontrar aqui, nas Montanhas Rochosas congeladas?
Jay olhou por cima da porta. "O que é isso?"
"Nenhuma coisa." Darby voltou para a frente da caminhonete de Sandi e voltou a cavar, duas vezes. Seu coração acelerado, batendo contra suas costelas, enquanto ela tentava parecer calma. “Jaybird, diga-me. O que é . . . qual é o seu dinossauro favorito?”
"Eu gosto de todos eles."
“Sim, mas você tem que ter um favorito. T-Rex? Raptor? Tricerátopo?
“Eustreptospondylus”.
"EU . . . Eu não tenho ideia do que é isso.”
“É por isso que eu gosto.”
“Descreva, por favor.” Darby só precisava manter a conversa, pegando braçadas de neve, seus pensamentos frenéticos girando: *Ele está vindo para nós. Agora, ele está nos alcançando, e ele está carregando aquela pistola de pregos—*
“É um carnívoro”, disse a garota. “Anda sobre duas patas traseiras. Período Jurássico. Três dedos em cada mão, como uma ave de rapina...
"Você poderia ter dito apenas 'raptor', então."
"Não. É Eustreptospondylus.”
“Parece um dinossauro de merda.”
“Você não poderia soletrar,” Jay disse, fazendo uma pausa. "Oh. Seu telefone encontrou um sinal—”
Darby se levantou e correu para a porta do passageiro, alcançando a janela quebrada, pegando seu iPhone dos dedos de Jay. Ela não acreditou até que viu – uma barra de sinal solitária. Piscando com urgência. "Sua vez de cavar", disse ela.
“A bateria é um por cento—”
"Eu sei."
A porta rangeu, espalhando mais vidro, e Jay pulou para fora. Darby segurou o telefone com dedos vermelhos, esmagando 9-1-1 com o polegar - mas o telefone vibrou em sua mão, assustando-a. Uma bolha de NOVA MENSAGEM bloqueou sua tela sensível ao toque. Ela estava prestes a passar por ele, até que viu o número do remetente.

Foi 9-1-1.
Uma resposta à sua mensagem de texto; o que ela tentou enviar horas atrás hoje à noite, e só agora deve ter enviado com sucesso : **Rapto de criança van cinza placa VBH9045 rota estadual 7 Wanapa descanso parar enviar polícia.**
A resposta?
Encontre um lugar seguro. Oficial chegando ETA 30.
Darby quase deixou cair o telefone. *ETA* , como *tempo estimado de chegada . 30* devem ser minutos, certo? Não poderia ser horas, ou dias—
Trinta minutos.
"Está funcionando?" Jay perguntou, ofegante enquanto ela cavava.
Darby não podia acreditar. Parecia uma alucinação. Ela piscou, com medo de que tudo se dispersasse como um sonho, mas as letras ainda estavam lá, tremendo em suas mãos dormentes. Sua mensagem foi enviada com sucesso às 3h56. Ela recebeu a resposta do despachante do 9-1-1 às 3h58. Apenas alguns minutos atrás.
Oh, graças a Deus, os policiais estarão aqui em trinta minutos...
Seu peito inchou com respirações ofegantes. Eletricidade nervosa em seus ossos. Ela tinha perguntas. Toneladas deles. Para começar, ela não sabia como isso se conciliava com a situação do limpa-neves do CDOT — os arados também chegariam em trinta minutos? Deviam primeiro? Estariam todos carregando o Backbone Pass ao mesmo tempo – policiais e equipes de estrada – como um grande comboio? Ela não sabia, e sinceramente, ela não se importava, contanto que os policiais chegassem aqui e atirassem em Ashley Garver em seu rosto sorridente.
“Oh, Jay,” ela sussurrou. “Eu poderia te beijar—”
A voz da garota disse: “Darby, *pare* .”
"O que?"
Jay a encarava agora, de pé no clarão curvo dos faróis do Ford. Olhando com flocos de neve se acumulando em seus ombros, alarmantemente imóvel.
Darby tentou manter a voz calma. “Jay, eu não entendo—”
“Não se mova.”
“O que *é* ?”
Ela sussurrou: “Ele está atrás de você.”

* * *

Ashley estava puxando o gatilho do Paslode, preparando-se para lançar um 16 centavos na parte de trás de seu crânio, quando Darby se virou para ele.
Sua franja ruiva despencou de sua bochecha enquanto ela girava, seus olhos girando e subindo para encontrá-lo. Pegando um raio de luar, sua pele macia

como marshmallow. Aquela cicatriz branca ainda invisível – a menos que ela apertasse os olhos ou sorrisse. Como uma atriz atingindo sua marca, um floreio suave emoldurado pelo olhar de um diretor de fotografia, como Eva Green cumprimenta Daniel Craig em *Casino Royale* .
Apenas uma volta.
Mas Cristo, *que* virada.
Sob a jaqueta e a calça jeans de Darby, ele pôde localizar as formas luxuosas de seu corpo. Seus ombros. Seus quadris. Seus seios. Ele desejou poder imprimir este momento, este instantâneo de beleza comovente, e mantê-lo para sempre. Como toda arte mais verdadeira, você nunca tem certeza de como ela se sente no início, até desvendar seus sentimentos mais tarde. E ele teria muito para desembaraçar. Ele desejou que pudesse ser algo simples, como luxúria, porque luxúria pode ser saciada com Pornhub - mas desde que ele a beijou naquele banheiro sujo, seus sentimentos por Darby se tornaram mais complicados do que isso.
“Oi, Darbs.” Ele forçou um sorriso. "Noite longa, hein?"
Ela não disse nada.
Nenhum medo naqueles olhos. Nem mesmo um tremor.
Ela apenas o olhou de cima a baixo, avaliando-o, como se essa ruiva CU-Boulder de alguma forma já tivesse antecipado esse encontro, horas atrás, e tivesse um plano de contingência preparado, o que obviamente era impossível. Esta noite tinha sido uma tempestade de merda suada de sorte cega e surpresas de campo esquerdo. Nem mesmo um *homem mágico* como o próprio Ashley poderia ficar por dentro de tudo o tempo todo.
Mas ainda assim, ele pensou, *eu gostaria que você não tivesse se virado* .
Isso torna isso mais difícil.
Ele levantou o pregador sem fio novamente. Ele apertou o focinho do Paslode com a palma da mão esquerda, enganando a trava de segurança, apertando o gatilho de dois estágios, mirando cuidadosamente no olho esquerdo dela...
Darby não vacilou. “Isso seria um erro.”
"O que?"
“Você não quer me matar.”
"Sim? Por que isso?"
"Eu escondi seu chaveiro", disse ela. “Eu sei onde estão suas chaves Astro, e se você me matar agora, você *nunca as encontrará* . Agora que o caminhão de Sandi está preso aqui, e você atirou no meu Honda, você ficou preso aqui. Essa van é a única maneira de você e seu irmão escaparem desta parada de descanso esta noite.
Silêncio.

Ela levantou as mãos, como uma gota de microfone.
E da frente da caminhonete de Sandi, Ashley ouviu um estranho chiado. Um som que ele nunca tinha ouvido antes.
Era Jay rindo.

4h05

Trinta minutos.
Trinta minutos.
Sobreviva pelos próximos trinta minutos, até a polícia chegar.
Isso se repetiu em sua mente na caminhada de volta à área de descanso. Ashley ordenou que ela andasse na frente, com Jay ao seu lado, enquanto ele segurava a pistola de pregos nas costas deles. Ele também carregava o iPhone dela.
Ele a pegou da mão de Darby antes que ela pudesse deletar a mensagem de texto do 9-1-1. Ele passou por ele agora, a tela iluminando a neve com um azul espectral enquanto eles andavam, e ela calmamente se preparou para a reação apocalíptica de Ashley Garver quando ele descobriu a verdade – que os policiais estavam chegando neste exato segundo.
Mas nada aconteceu. Caminharam em silêncio. Ela o ouviu lamber os lábios, ajustando seu aperto na pistola de pregos enquanto ele percorria seu telefone, e ela percebeu - *ele não está lendo minhas mensagens.*
A possibilidade de Darby mandar uma mensagem para a polícia não lhe ocorreu. Ele estava apenas escaneando ela registros de chamadas, procurando chamadas de voz bem-sucedidas para 9-1-1. O que, é claro, ela já havia tentado, dezenas de vezes, às 21h e 22h.
“Falha na chamada”, ele leu. "Chamada falhada. Chamada falhada. Chamada falhada-"
Você não tem ideia . Ela queria rir, mas não podia.
Você está segurando em sua mão.
"Bom Bom." Ele parecia estar relaxando.
Ela apertou a mão ilesa de Jay, baixando a voz. “Não tenha medo. Ele não pode me matar, porque eu sei onde estão as chaves dele...”
"Isso é verdade, Darbs," Ashley interrompeu. “Mas eu posso te *machucar* .”
Sim ? Ela queria dizer. *Você tem meia hora, idiota.*
Ela esperava desesperadamente que trinta minutos fosse uma estimativa realista para quando a polícia chegaria aqui, e não apenas um palpite maluco de um despachante. Entre o semi-efeito canivete e a nevasca, havia uma série de possíveis complicações que poderiam não ser visíveis de uma mesa de alerta dentro de uma estação quente de xerife em algum lugar. E se não fossem trinta minutos, mas quarenta? Uma hora? Duas horas?
Ashley a apalpou enquanto ela andava. A pistola de pregos cutucando sua espinha dorsal, os dedos explorando seus bolsos, na frente e atrás. As pernas dela. As mangas de seu capuz. "Apenas me certificando", ele respirou em seu

pescoço.
Ele estava procurando por suas chaves.
A única coisa que me mantém vivo agora é aquele chaveiro estúpido . Ela imaginou aquelas chaves agora, descansando na neve do lado de fora da janela do banheiro onde elas caíram. Desaparecendo lentamente, um floco de neve de cada vez.
"Você deveria apenas me dizer agora o que você fez com eles", ele sussurrou. “Vai ser muito mais fácil para nós dois.”
Por um longo momento, enquanto caminhavam, Darby não entendeu muito bem o que queria dizer com isso. Então a compreensão veio a ela lentamente, como uma grande forma emergindo das profundezas, tomando forma monstruosa.
Quando voltassem para o centro de visitantes, Ashley iria torturá-la. Isso era uma certeza. Ele lhe daria um cartão amarelo, ou vermelho, ou pior, até que ela confessasse a localização do chaveiro. E no segundo que ela fizesse, ele a mataria. Ela sentiu o coração bater em seu peito, como um animal preso. Ela considerou correr, mas ele apenas a acertaria nas costas. E ele era muito forte para lutar.
A área de descanso se aproximou, tomando forma ao luar. Parecia falsamente sereno, como um modelo dentro de um globo de neve. Ela viu os carros — o Astro deles, o Honda dela, a lixeira enterrada que uma vez confundira com o carro de Ashley. O mastro gelado, de pé como uma agulha. A multidão de bronze das Crianças Pesadelos. E emergindo da escuridão, meio enterrado na neve varrida pelo vento, com sua lâmpada apagada e janela barricada, o próprio centro de visitantes Wanapani.
Grande Diabo , o nome significava.
Então Ashley a girou – “Vire, vire”, e eles seguiram a trilha do estacionamento até a porta da frente. Os cinqüenta pés finais.
Eu já salvei Jay , ela lembrou a si mesma. *Envolvi a polícia. Eles têm armas. Eles vão cuidar de Ashley e Lars.*
Tudo o que tenho a fazer é sobreviver.
Esta longa caminhada de volta tinha levado dez, talvez quinze minutos, ela adivinhou. Então ela já estava na metade do caminho.
Só mais quinze.
À medida que o edifício se aproximava, Darby se deu conta de algo: ela nem tinha mais medo. Ela estava animada, na verdade, bêbada com um tipo estranho de excitação. Ela já tinha sido baleada, pulverizada com spray de pimenta e asfixiada com um saco Ziploc, e como uma maldita barata, ela sobreviveu a tudo que Ashley e Lars – e até Sandi – tinham jogado nela. Contra todas as probabilidades, Darby ainda estava nessa luta. Era muito pessoal; este duelo

psicológico de oito horas com Ashley, todos os truques e reviravoltas da noite, vitórias e derrotas. E agora ela tinha que testemunhar seu terrível xeque-mate. Ela queria estar lá no segundo em que acontecesse, para ver o choque no rosto de Ashley quando o primeiro carro de polícia que se aproximava piscasse em vermelho e azul. Isso a emocionou, de uma forma sombria que ela não conseguia descrever.

Você vai me machucar, Ashley. Você vai me machucar muito. Durante estes últimos quinze minutos, mais ou menos, sou todo seu. Mas depois disso?

Você é meu.

E você não tem ideia...

“Ah, oi.” Ashley parou. "Você . . . recebi uma mensagem de texto na estrada.”

O brilho azul voltou. Ele estava lendo o telefone dela novamente.

Darby entrou em pânico. 9-1-1 deve ter enviado uma segunda mensagem de texto. Claro . _ O bem-intencionado despachante de emergência não tinha como saber que a própria Darby estava sob pressão, que seu telefone estava agora na mão do assassino.

"A partir de . . .” Ashley apertou os olhos. “De alguém chamado . . . Devon."

Então ele estendeu o iPhone rachado para ela, e quando seus olhos entraram em foco, o que restava do mundo de Darby se desintegrou.

Aconteceu. Mamãe morreu.

"Ooh," Ashley disse. "Desajeitado."

Então ele quebrou o iPhone dela ao meio. "Continue caminhando."

* * *

A porta da frente se fechou como um tiro.

Jay gritou quando viu Ed. Ashley sorriu, todos os dentes brancos, agarrando-a pelo colarinho e forçando-a a olhar. "Legal né?"

Ed Schaeffer estava caído sentado sob o mapa do Colorado, a frente de seu Carhartt brilhando com sangue escuro. Ele inclinou a cabeça para eles quando eles entraram na sala, e seus lábios tremeram fracamente, como se ele estivesse tentando falar.

"Não se mova, Eddie." Sandi se ajoelhou ao lado dele, tentando enrolar o comprimento certo de gaze médica em torno de sua mandíbula arruinada. A caixa branca de primeiros socorros estava aberta no chão, seu conteúdo espalhado. "Não se mova, estou tentando ajudá-lo-"

Sobre suas mãos trêmulas, os olhos de Ed se voltaram para Darby - um lampejo de reconhecimento - e ele tentou falar novamente, mas só conseguiu um gorgolejo gemido. Um bocado de sangue, cheio de coágulos parecidos com cobras, esguichou por seus dentes cerrados e caiu em seu colo.

Jay gritou, lutando para desviar o olhar, mas Ashley não a deixou. "Ver?" ele disse em seu ouvido. “Isso é um cartão vermelho.”
Do outro lado da sala, Lars observava tudo isso como um espantalho, segurando a .45 em uma mão e um jarro branco de alvejante na outra, enquanto o grito estrangulado de Ed atingia um pico febril no ar confinado.
Todo esse horror mal foi registrado com Darby.
Ela não estava lá. Na verdade, não. Ela estava em outro lugar, e este mundo tinha ficado escorregadio, tingido de óleo. Luzes manchadas em eixos. Seu corpo era uma roupa fria, seus batimentos cardíacos e respirações caindo em um ritmo lento e mecânico. Ela imaginou uma pequena criatura, talvez seu eu mais verdadeiro, puxando alavancas e visualizando imagens de câmeras dentro de seu próprio crânio. Ela tinha visto isso em um filme – *Homens de Preto* . Ela se lembrou de assistir ao DVD anos atrás, com sua mãe no sofá do porão, compartilhando um cobertor do Snoopy. *Eu gosto de Will Smith* , sua mãe lhe dissera, tomando uma bebida que cheirava a pêssegos. *Ele pode me resgatar quando quiser.*
Ela se foi agora, Darby percebeu.
O corpo de Maya Thorne permaneceria em algum hospital em Provo, Utah, mas o pequeno ser que vivia dentro de sua cabeça estava perdido para sempre.
Agora Ashley apertou sua mão direita, entrelaçando seus dedos gelados nos dela como adolescentes em um encontro, e ele a guiou pela sala. Passando por Ed e Sandi, passando pelo balcão de pedra, passando pelas máquinas de café. Ela não sabia para onde ele a estava levando, nem se importava. Ela notou entorpecida que seu pé direito estava deixando pegadas vermelhas – ela havia caminhado como sonâmbula pelo sangue acumulado de Ed. Como um pesadelo, ela só queria que tudo acabasse.
Por *favor* , acabe.
Ela torceu o pescoço, olhando para o velho relógio Garfield na parede. Dizia 5h19. Para o horário de verão, ela subtraiu uma hora.
Isso fez com que 4:19 da manhã
Ela recebeu a mensagem de texto do 9-1-1 às 3h58. A caminhada de volta levou 21 minutos. Subtraído de trinta, faltavam nove minutos para a polícia chegar aqui. Nove minutos curtos.
Sobreviva mais nove minutos.
Isso é tudo.
Ashley a deteve abruptamente – aqui, na porta do armário do zelador. Ainda meio aberto, de quando ela o destrancou. Ele a girou suavemente agora, como um tango lento e tonto, e a empurrou contra a parede.
"Sente-se aqui", disse ele.

Ela não.
"Sente por favor."
Ela balançou a cabeça e as lágrimas bateram no chão. Seus seios doíam.
"Você não vai sentar?"
Ela balançou a cabeça novamente.
"Você não está cansado?"
Ah, ela estava exausta. Seus nervos estavam em frangalhos, seus músculos flácidos como carne. Seus pensamentos embaçados. Mas de alguma forma, ela sabia que se ela se sentasse agora, tudo estaria acabado. Ela perderia sua vontade. Ela nunca mais se levantaria.
Por um momento, ela pensou em deixar escapar, dizendo o que não podia ser desdito: *Ashley, Joguei suas chaves pela janela do banheiro masculino. Eles pousaram a apenas dez, talvez seis metros de distância na neve.*
Você pode me matar. Terminei.
Do outro lado da sala, Jay chorou. Rosto de Roedor ajoelhou-se ao lado dela, tentando acalmá-la. “Não olhe para Ed. Não olhe para ele, ok? Ele está bem-"
Ed tomou outra respiração torturada pelo nariz enquanto Sandi envolvia outro curativo em torno de sua mandíbula, e então ele fez um som estranho, como um arroto molhado. A gaze branca limpa manchava de vermelho.
“Ele está *bem* , Jaybird. Quer, ah, jogar o tempo do círculo?”
"Eram todos . . .” Sandi suspirou, limpando o sangue de Ed nas calças. “Todos nós vamos para a prisão pelo resto de nossas vidas. Você sabe disso, certo?”
Ashley a ignorou. Ele era uma sombra negra, elevando-se sobre Darby, estudando-a. Ainda segurando seu pulso, prendendo-a contra a porta entreaberta do armário. Seus olhos se moveram para cima e para baixo em seu corpo.
Darby olhou para o chão, para seu Converse tamanho oito, cortado pelo gelo e bronzeado com sujeira e sangue. Dez dias atrás, eles eram novos em uma caixa.
"Estavam . . .” Ashley limpou a garganta. “Você era próximo da sua mãe?”
Ela balançou a cabeça.
"Não?"
"Na verdade, não."
Ele se inclinou para mais perto. "Por que não?"
Ela não disse nada. Ela lutou contra o aperto em seu pulso, e ele gentilmente retaliou com a outra mão, pressionando sua pistola de pregos contra sua barriga. Sua junta no gatilho. Algo sobre a cor da coisa - um laranja-Crayola doentio - fez parecer um brinquedo de criança enorme.
Ele repetiu, seu hálito quente formigando em seu pescoço: “Por que não, Darbs?”
"Eu fui . . . Eu era uma filha horrível.” Sua voz tremeu, mas ela se firmou. Então,

como um dique se rompendo, tudo veio à tona: “Eu tirei vantagem dela. Eu a manipulei. Eu a chamei de coisas horríveis. Eu roubei o carro dela uma vez, com um cadarço. Eu ia embora, por dias a fio, sem dizer a ela onde eu tinha ido ou com quem eu estava. Devo ter lhe dado úlceras. Quando eu . . . quando fui para a faculdade, nem nos despedimos. Acabei de entrar no meu Honda e dirigi até Boulder. Eu roubei uma garrafa de gim dela do armário ao sair.”
Ela se lembrava de beber sozinha em seu dormitório. O ardor azedo em sua garganta, sob um papel de parede sombrio de túmulos de estranhos, de nomes e datas de nascimento desenhados em sombras de giz de cera e giz de cera.
Ashley assentiu, cheirando seu cabelo. "Eu sinto Muito."
"Você não é."
"Eu sou."
"Você está mentindo-"
"Eu quero dizer isso", disse ele. “Sinto muito pela sua perda.”
“Eu não estaria,” Darby disse entre dentes. “Se fosse sua mãe.”
Ela sentiu mais lágrimas vindo, ardendo em seus olhos irritados, mas ela lutou contra elas. Ela não podia começar agora. Isso viria mais tarde. Mais tarde, mais tarde, mais tarde. Depois que os policiais arrombaram a porta e varreram Ashley e Lars com balas, depois que Sandi foi algemada, quando Darby e Jay estavam seguros em uma ambulância com cobertores de lã sobre os ombros. Então, e só então, ela poderia lamentar adequadamente.
Ashley franziu a testa. “Como você roubou um carro com um *cadarço* ?”
Ela não respondeu. Foi uma história inusitada. O Subaru de sua mãe já havia sido arrombado uma vez antes, e o ladrão idiota havia destroçado a ignição com uma chave de fenda tentando fazer uma ligação direta. Foram necessárias duas chaves — uma para a porta e outra para a ignição. Darby tinha adquirido um, mas não o outro.
Sua *putinha podre* , sua mãe havia dito da varanda, vendo seu próprio Subaru entrar na garagem às 3 da manhã
Sua putinha podre.
"E . . .” Ashley colocou tudo junto. "Foi assim que você invadiu nossa van, hein?"
Ela assentiu, e outra lágrima caiu no chão.
"Uau. É como se esta noite fosse para ser.” Ele sorriu novamente. “Sempre acreditei que as coisas acontecem por uma razão, se isso serve de consolo.”
Não era.
A morte deve transformar você de uma pessoa em uma ideia. Mas para Darby, sua mãe sempre foi uma ideia. De alguma forma, depois de dezoito anos vivendo na mesma casinha de dois quartos em Provo, comendo a mesma comida,

assistindo à mesma televisão, sentada no mesmo sofá, ela nunca soube realmente quem era Maya Thorne. Não como ser humano. Certamente não como a pessoa que teria sido se Darby nunca tivesse existido. Será que ela realmente estava apenas gripada.

Oh Deus, mãe, me desculpe.

Ela quase quebrou. Mas ela não podia – não na frente dele. Então, ficou grosso em seu peito como uma toalha molhada e cheia de nós, uma dor surda em sua alma.

Sinto muito por tudo—

Ashley a inspecionou por mais um longo momento. Outra respiração pensativa. O odor denso de seu suor. Ela ouviu a língua dele se mover atrás dos lábios, como se ele estivesse lutando com palavras que não conseguia dizer. Quando ele finalmente voltou a falar, sua voz estava diferente, dominada por alguma emoção que ela não conseguia identificar: “Gostaria que você fosse minha namorada, Darby.”

Ela não disse nada.

“Eu desejo, tanto, que você e eu. . . que nos conhecemos em circunstâncias diferentes. Isso, tudo isso, não sou eu. OK? Eu não sou mau. Não tenho antecedentes criminais. Eu nunca machuquei ninguém antes desta noite. Eu nem bebo ou fumo. Sou apenas um empresário que se envolveu em uma coisinha que deu errado, e agora tenho que limpar essa bagunça para proteger meu irmão. Compreendo? E você está atrapalhando isso. Então, estou perguntando de novo, antes que fique feio – onde estão minhas chaves?”

Ela olhou de volta, dura como pedra, sem dar nada.

Por cima do ombro de Ashley, ela podia ver o relógio. Os personagens nele. Orange Garfield ainda oferecendo aquelas rosas para a rosa Arlene. Seus olhos embaçados focaram no ponteiro dos minutos – quase na vertical agora. 4h22

Cinco minutos até os policiais chegarem.

— Você me ouviu, Ashley? Sandy se levantou. “Você está tendo um episódio psicótico? Chaves ou sem chaves, acabou. Vamos todos para a prisão.”

"Não. Não estivessem."

“Como você imagina?”

Ashley não respondeu. Em vez disso, sua silhueta escura se voltou para Darby, e seu aperto em seu pulso mudou. Seus dedos caminharam sobre sua pele como tentáculos de polvo pegajosos, reorganizando-se ao redor dela, apertando. E ele levantou a mão dela, deslizando contra a parede. . .

Sandi levantou a voz. — O que você está *fazendo* com ela?

Darby esticou o pescoço para ver - ele estava segurando sua mão direita contra a porta do armário de suprimentos. Bem na dobradiça da porta. Pressionando as

pontas dos dedos contra as mandíbulas douradas, onde o latão estava manchado com lubrificante antigo e cavidades marrons de ferrugem. Ela viu sua unha do dedo mindinho, pintada de azul crepitante, sua carne vulnerável assentada ali como uma cabecinha em uma guilhotina.
Cinco minutos .
Ela olhou de volta para Ashley, seu estômago se contorcendo de pânico.
Ele estava com a pistola de pregos enfiada na axila agora, inclinando-se para segurar a maçaneta com a mão livre. “Você pode não se lembrar disso, Darbs, mas mais cedo esta noite, você zombou de mim por minha fobia de dobradiças de porta. Lembre-se disso? Lembra do que você me chamou?
Ela fechou os olhos, espremendo lágrimas ácidas, desejando que tudo fosse embora...
"Sim, *opa* , hein?"
— Mas foi real. Tudo estava realmente acontecendo, agora, e nunca poderia ser desfeito, e seus dedos de artista estavam prestes a ser esmagados por um metal antipático.
Sandi ofegou. “ *Jesus Cristo* , Ashley—”
“Não faça isso,” Jay implorou, lutando contra Lars. “Por favor, não...”
Mas a sombra alta de Ashley Garver não estava ouvindo. Ele se inclinou para perto de Darby, lambendo os lábios, e ela cheirava algo docemente bacteriano, fétido, como carne podre. “Você não está me dando escolha. Se você me contar, eu prometo que não vou te machucar, ok? Você tem minha palavra. Onde. São. Meu. Chaves?"
Cinco minutos—cinco minutos—cinco minutos—
Ela se forçou a abrir os olhos, a piscar para afastar as lágrimas, a controlar a respiração, a olhar o monstro em seus olhos verdes. Ela não podia morder a isca. Ela não podia se submeter e jogar este jogo, porque no instante em que ele soubesse onde estava seu chaveiro, ele a mataria. Não havia outra opção. Ashley Garver era muitas, *muitas* coisas, mas acima de tudo, era um mentiroso patológico.
“Por favor, Darbs, apenas me diga, então eu não tenho que te machucar. Porque se você não fizer isso, você está me forçando a bater esta porta.”
Ele se ajoelhou para que ela pudesse ver o brilho de dor em seus olhos. Ela sabia que tudo isso era encenado. Outra cabeça da Hidra. Essa negociação era como qualquer outro ato que ela testemunhou esta noite, apenas outra versão de Ashley para ser usada por um tempo e depois descartada, do jeito que uma píton rasteja para fora de sua pele cinzenta enrugada.
A sala inteira ficou em silêncio, esperando sua resposta.
Inalar. Conte até cinco. Expire.

"Se eu te contar", ela sussurrou de volta, "você vai bater a porta de qualquer jeito."
Seus olhos escureceram. “Garota esperta.”
Então ele fez.

4h26

No caminho, o cabo da Patrulha Rodoviária Ron Hill pediu duas vezes ao Dispatch para esclarecer a chamada 2-zero-sete, mas não havia mais informações disponíveis. Nenhum nome. Sem fundo. Apenas um veículo (van cinza), uma placa (VBH9045) e uma localização aproximada, enviada para 9-1-1 via mensagem de texto. Sem mais contato. Sem chamadas. Todos os acompanhamentos falharam, provavelmente devido ao serviço de celular irregular e à tempestade de inverno recorde desta noite.
Parecia uma brincadeira.
As ligações mais desagradáveis sempre soam como brincadeiras no início.
Seu cruzador subiu a colina, cilindros disparando, areia e cascalho batendo ruidosamente contra o trem de pouso. Em teoria, o CDOT tem uma ordem específica para a manutenção de estradas nessa altitude – arado, depois degelo, depois areia e sal – mas aparentemente sua equipe A tirou a véspera de Natal. Todo o esforço parecia um exercício de pastorear gatos, enquanto lhes pagava horas extras. Bisbilhotando suas freqüências CB, lembrou-se da frase de seu antigo comandante para quando os fuzileiros navais saem da formação, arriscando a exposição ao fogo inimigo: um *gagglefuck* .
Ron tinha trinta e seis anos, com cara de bebê, uma esposa que estudara design gráfico, mas se contentara em ser esposa, e um filho de cinco anos que queria ser policial quando crescesse. Ela o odiava por isso. Ele foi repreendido duas vezes por dormir em radares de velocidade, e uma vez pelo que o relatório pós-ação chamou de 'força verbal desnecessária', que Ron ainda acreditava ser um oxímoro.
Antes do turno das sete da noite, ele encontrou a mala de sua esposa no armário.
Em pé e semi-embalado.
Pensando nisso, ele quase perdeu o sinal azul que surgiu à sua direita, com o cume de neve, brilhando em seus faróis altos:
ÁREA DE DESCANSO UMA MILHA.

* * *

"Ei." Dedos estalaram no rosto de Darby. “Perdi você por um segundo.”
Sua mão direita parecia ter sido submersa em água fervente.
A princípio, não doeu nada – apenas o ruído do ar deslocado e o estrondo do canhão da porta batendo ao lado de seu tímpano direito – e então a dor chegou um momento depois. Ensurdecedor, destruidor. Ao mesmo tempo sem corte e afiado como uma agulha. Atirou-a para fora de seu corpo, para fora deste

mundo. Por um momento sombrio ela não estava em lugar nenhum, e em outro, ela estava de volta à sua casinha de infância em Provo, com seis anos novamente, subindo correndo a escada rangente, arremessando-se nos cobertores quentes da cama de sua mãe, refugiando-se de uma bruxa. pesadelo da hora. *Eu tenho você* , sua mãe sussurrou, acendendo o abajur do criado-mudo.
Foi apenas um sonho, querida.
Você imaginou tudo.
Eu entendi você-
E então o quarto sangrou como tinta e Darby estava de volta a esta pequena parada de descanso do Colorado com luzes fluorescentes e café velho, este lugar infernal que ela nunca poderia escapar. Ela caiu agachada quando perdeu a consciência, de costas para a porta. Um gosto amargo em sua garganta. Ela estava com medo de olhar para a mão direita. Ela sabia o que tinha acontecido. Ela sabia que a porta estava fechada, que pelo menos dois de seus dedos estavam esmagados dentro dela, pulverizados entre dentes de latão impiedosos...
Eu tenho você, Darby—
“Terra para Darbs.” Ashley estalou os dedos. "Eu preciso de você lúcido."
– Ashley – sibilou Sandi. “Você é *louco* . Você perdeu a cabeça—”
Darby encontrou coragem para olhar sua mão, piscando as lágrimas. Seus dedos anelar e mindinho haviam sumido acima da dobradiça, dentro das garras de tesoura da porta. Foi. Deu-lhe uma sacudida nauseante e trêmula. Seu corpo *acabou* ali. Não poderia ser a mão dela, mas era. Ela não conseguia imaginar como seriam seus dedos dentro da porta – pele estourada, tecido rasgado, ossos quebrados em lascas. Tendões esmagados e emaranhados em macarrão de espaguete vermelho. Havia de alguma forma menos sangue do que ela esperava; apenas uma conta comprida e brilhante escorrendo pelo batente da porta.
Ela observou-o a alguns centímetros da madeira rachada.
"Ashley," Sandi latiu. "Você está mesmo ouvindo?"
Darby alcançou a maçaneta com a mão esquerda ilesa, deslizando, errando duas vezes, finalmente fechando os dedos dormentes ao redor dela, para abrir a porta do armário e libertar sua mão mutilada, para revelar o dano hediondo e doloroso - mas a maçaneta não vez. Ele a *trancou* , o bastardo.
Ashley atravessou a sala, guardando a chave no bolso, deixando-a presa ali. “Tudo bem, Sandy. É hora de eu nivelar com você.”
“Ah, *agora* é hora? Depois de tudo isso?”
"Sandi, deixe-me explicar-"
"Ah com certeza." Ela jogou a caixa de plástico de primeiros socorros nele, que ele atirou para longe, fazendo barulho no balcão de pedra. — Você me deu sua palavra, Ashley. *Ninguém deveria se machucar* com essa coisa toda...

Ele se aproximou. "Eu tenho uma confissão a fazer."
"Sim? O que é isso?"
Ele falou devagar, com precisão, como um cirurgião dando más notícias. “Nossa reunião aqui não foi sobre encontrar um local público discreto para você entregar sua chave de armazenamento para mim. Quero dizer, sim, esse era *o seu* plano, e talvez eu use essas injeções de esteróides para manter Jaybird vivo enquanto durarem. . .”
Os olhos de Sandi se arregalaram com terror gelado.
“Mas, veja, eu também tinha um plano.” Ele continuou se aproximando. “E, ao que parece, *seu* plano era apenas uma parte do *meu* plano.”
Sandi deu outro passo para trás, paralisado por seus ombros largos, sua presença pura, e as luzes fluorescentes piscaram no alto.
Silêncio.
"Você sabe . . .” Ashley deu de ombros. "Eu realmente pensei que você tentaria correr agora."
Ela tentou.
Ele foi muito rápido.
Ele agarrou seu cotovelo com aquele aperto muscular que Darby conhecia muito bem, e com um giro de aikido, arremessou Sandi no chão. Um sapato voou. Seu outro pé chutou a máquina de venda automática quando ela caiu, tornando o vidro opaco com rachaduras. Ashley já estava em cima dela, forçando-a a deitar de bruços, o joelho dele nas costas dela.
Ed lutou para a frente, mas Lars apontou sua .45. “Ah, não, não.”
Agora Ashley agarrou a mulher pelo couro cabeludo, ambos os punhos cerrados em seu corte de cabelo preto em forma de tigela, e puxou sua cabeça para trás, contra seu joelho apoiado. "Você chamou . . . Sandi, agora, você pode não se lembrar disso, mas esta noite, você disse algumas coisas muito desagradáveis sobre Lars, sobre sua condição. Por causa das escolhas que nossa mãe fez décadas atrás, quando ele era apenas um embrião. Quão justo é isso? Vamos, Sandy. Você sabe *que eu amo meu irmãozinho* ...
Ela gritou contra seu aperto grosso.
“Devolva, Sandi.” Ele torceu o pescoço dela com mais força. “Retire o que você disse.”
Ela gritou, todas as vogais.
"Tente novamente. Eu não posso te ouvir—”
Ela engasgou: “Eu . . . Eu pego de volta—”
"Ok, bem, isso é um gesto bonito." Ashley olhou para Lars. “Então, irmãozinho? Você aceita o pedido de desculpas de Sandi?”
Lars sorriu, saboreando o poder, e balançou a cabeça duas vezes.

"Por favor. *Por favor, eu ...*
Ashley ajustou seu aperto no couro cabeludo de Sandi, plantou sua bota mais alto entre suas omoplatas (para alavancar, Darby percebeu), e puxou com força.
O pescoço da mulher quebrou, eventualmente. Não foi rápido, nem indolor. Sandi gritou até ficar sem ar, seu rosto ficando roxo podre, seus olhos esbugalhados antes de ficarem planos, seus dedos arranhando, chutando. Ashley parou uma vez, ajustando seu aperto antes de puxar a cabeça dela com mais força, mais força, mais *força* , noventa graus para trás agora, até que suas vértebras finalmente se deslocaram em um fio audível e molhado. Como estalar os dedos. Se ela ainda estivesse consciente, ela poderia ter experimentado o horror paraplégico de seu corpo ficar dormente. Foi um processo cansativo, desajeitado e grunhido, e levou trinta segundos inteiros antes que a mulher estivesse visivelmente morta.
Então Ashley a soltou, deixando a testa de Sandi bater contra o azulejo, seu pescoço cheio de ossos separados. Ele se levantou, com o rosto vermelho.
Lars estava batendo palmas agora, rindo de excitação, como se tivesse acabado de ver o truque de cartas para acabar com todos eles.
Acabei de presenciar um assassinato , pensou Darby, aborrecido. Agora mesmo. À vista de todos. Sandi Schaeffer – motorista de ônibus escolar de San Diego, co-conspiradora dessa bagunça emaranhada de um plano de resgate – se foi para sempre agora. Uma vida humana, uma alma, extinta. Sejam as dobradiças das portas ou a síndrome alcoólica fetal de Lars — diga uma frase que desagrada Ashley Garver, mesmo de passagem, e ele não esquece. Ele faz uma anotação. E mais tarde, ele leva seu quilo de carne.
“Ei, irmãozinho.” Ele prendeu a respiração, apontando para o corpo quente da mulher. “Quer ouvir algo engraçado? Não que isso importe agora, mas essa aberração de Jesus disse a você no que ela estava planejando gastar sua parte?
"O que?"
“Abrigos para mulheres. Seis figuras doadas para abrigos de mulheres espancadas em toda a Califórnia, como uma Madre Teresa da vida real. Você pode *acreditar nisso* ?”
Lars riu pesadamente.
Darby olhou para o relógio Garfield, mas sua visão estava manchada de lágrimas de vaselina. Talvez três minutos até a polícia chegar? Dois minutos? Ela não sabia dizer. Sua mente era um redemoinho de lâminas de barbear. Ela fechou os olhos novamente, desejando desesperadamente ter seis anos novamente. Ela desejou que isso fosse apenas mais um pesadelo da hora das bruxas do qual ela tinha acordado, antes do ensino médio, antes de Smirnoff Ice e toque de recolher e biscoitos de maconha e Depo-Provera, antes que tudo se tornasse complicado,

embrulhada nos braços de sua mãe, piscando para conter as lágrimas, sem fôlego descrevendo a senhora fantasmagórica com as pernas de cachorro de articulação dupla que atravessou seu quarto...
Não, foi apenas um sonho.
Eu tenho você, querida. Foi apenas um Sonho.
Apenas inspire, conte até cinco e...
Ashley sacudiu a porta do armário. Como uma lixa nos nervos expostos, uma dor complexa e estridente que se contorceu em seu pulso como eletricidade. Ela gritou com uma voz embargada que ela nunca tinha ouvido antes.
“Desculpe, Darbs. Você estava cochilando de novo.” Ele enxugou o suor da testa. “Confie em mim, isso deveria ser um pouco fácil e único. Pegávamos Jaybird na mansão dela, levávamos doze horas até um depósito em Moose Head, onde Sandi tinha um estoque de dinheiro, chaves da cabine e as estúpidas doses de adrenalina de Jay, tudo sob um nome falso e um cadeado de combinação de cinco dígitos — um-nove-oito-sete-dois. Pegaríamos isso, desapareceríamos na cabana da família de Sandi e passaríamos uma ou duas semanas negociando um doce pagamento de resgate. Direito?"
Ele sacudiu a porta novamente — outro som de dor de violino.
“ *Errado* . Depois que adotamos Jaybird de surpresa, e estávamos no meio do Mojave, descobrimos que havia um arrombamento no estúpido Sentry Storage de Sandi, e todas as fechaduras de combinação foram comprometidas. Figuras, certo? Então eles voltaram a usar as chaves padrão, que só Sandi tinha, lá na Califórnia. E o problema dois – o Sr. Nissen chamou a polícia, mesmo que nossas instruções explicitamente lhe dissessem para não fazer isso, e agora Sandi estava sob todos os tipos de escrutínio, já que ela é a maldita *motorista de ônibus escolar* que viu Jay pela última vez. Enquanto isso, estamos aqui nas Montanhas Rochosas sem um lugar para ficar e um garoto doente na van, vomitando uma tempestade. O que deveríamos fazer? Huh?"
Ele estendeu a mão, como se fosse sacudir a maçaneta novamente — Darby estremeceu — mas mostrou um lampejo de compaixão e não o fez.
“Então, Sandi preparou uma viagem de Natal em família de última hora para Denver como uma reportagem de capa para a polícia, para que ela pudesse nos encontrar em um local público e nos dar a chave da unidade de armazenamento para que pudéssemos acessar os remédios de Jay e nosso suprimentos. O que me leva ao problema três.” Ashley apontou para fora. “Este maldito país das maravilhas do inverno.”
As peças se encaixaram na mente de Darby: *Snowmageddon prendeu todos aqui no ponto de entrega. Com o pobre Ed como adereço involuntário de Sandi.*
E então eu apareci.

A simples escala dela a fez parecer pequena, e fez sua cabeça girar. Este ninho de víboras em que ela entrou às sete da noite, viciado em Red Bull e exausto. Ela observou o gotejamento longo e redondo de seu próprio sangue. Quase tocava o chão agora.

"Eu não sou estúpido", disse Ashley. “Já vi filmes suficientes para saber que tudo deixa uma impressão digital. Já que a polícia está envolvida agora, coletar o resgate de Jaybird da mamãe e do papai é praticamente impossível. E os policiais também estão em Sandi. Ela roubou as injeções de cortisol de Jay da enfermaria da escola alguns meses atrás, então eles vão entregar isso a ela bem rápido. E então ela provavelmente gritaria conosco, o que a torna uma responsabilidade. Então viemos aqui para matá-la depois que ela nos deu a chave. Faça com que pareça um roubo que deu errado, um tiro na cara. Mas eu não esperava a nevasca, ou que ela trouxesse o primo Ed. E eu não estava esperando *você* , obviamente.”

Tudo se encaixou e fez um sentido macabro. Exceto por uma última incógnita, queimando no fundo da mente de Darby com uma tensão não resolvida. "Então . . . se não houver dinheiro do resgate, o que você vai fazer com Jay?”

"Ei." Ashley estalou os dedos em seu rosto novamente. “Responda o meu primeiro, ok? Onde estão minhas chaves?"

— O que você vai fazer com ela?

Ele sorriu culpado. “Isso só vai fazer você não cooperar.”

"Sim? O que diabos eu fui a noite toda?”

“Confie em mim, Darbs. Apenas confie em mim neste.” Ele se levantou, erguendo a pistola de pregos laranja, e andou pela sala. “Porque, aleluia, eu *descobri você* . Eu poderia bater essa porta em cada um de seus dedos até o sol nascer, até que você não tenha nada além de mãos de hambúrguer ensanguentadas, e você ainda não me diga o que eu preciso saber, porque você simplesmente não é esse tipo de pessoa . Você é um herói, um coração sangrento. Sua noite inteira foi para o inferno porque você invadiu uma van para salvar um estranho. Então adivinhe? Aqui está sua chance de salvar outro.”

Ele se agachou ao lado de Ed e pressionou a pistola de pregos na testa. As pálpebras do homem mais velho deslizaram meio grogues.

“Agora, Darbs,” Ashley disse, “vou fazer uma contagem regressiva de cinco. Você vai me dizer onde escondeu meu chaveiro, ou eu mato Ed.

Ela balançou a cabeça, se debatendo da esquerda para a direita, negação impotente. Na parede, o relógio Garfield agora marcava 5h30 (4h30)

Já se passaram trinta e dois minutos. A polícia está atrasada —

Ashley levantou a voz. "Cinco."

"Não. EU . . . Eu não posso—”

“Quatro”.
"Por favor, Ashley-"
"Três. *Vamos* , Darbs. Ele socou o cano da pistola de pregos na testa de Ed em impactos cruéis e contundentes: “Olhe. No. Ele."
Ed agora olhava para ela do outro lado da sala com os olhos lacrimejantes. Pobre Edward Schaeffer, o ex-veterinário com uma família distante esperando por ele em Aurora, Colorado. Uma história de capa humana; Os danos colaterais involuntários de Sandi. Ele estava movendo os lábios novamente, abafados por uma gaze vermelha pegajosa, tentando formar palavras com uma língua empalada no céu da boca. Ela podia sentir os olhos dele sobre ela, implorando para que ela dissesse a Ashley o que ele queria saber. *Apenas, por favor, diga a* ele –
“Se eu contar a Ashley,” Darby sussurrou para Ed, “eles vão matar nós dois...”
Isso era verdade, mas ela gostaria de poder contar a ele outra verdade maior, para tranqüilizá-lo: *a polícia está quase aqui. Eles estão alguns minutos atrasados. A qualquer segundo, eles vão derrubar aquela porta e atirar em Ashley e Lars...*
"Dois."
"EU . . . Eu não posso dizer isso.” Ela olhou para Ed, percebendo o que isso significava, e um soluço torturante ecoou por seus lábios. "Eu estou . . . oh Deus, eu sinto *muito— ”*
Ed assentiu lentamente, conscientemente, pingando gotas de sangue fibroso em seu colo. Como se ele de alguma forma, impossivelmente, entendesse.
Ela queria gritar para ele: *A qualquer segundo, agora, Ed. Os policiais estão vindo para nos salvar. Por favor, Deus, deixe-os chegar aqui a tempo—*
A paciência se esvaiu da voz de Ashley. "Um."

* * *

“Dez e vinte e três. Aproximando-se da estrutura a pé.”
O cabo Ron Hill apertou o rádio de ombro e tropeçou em um banco de neve, pegando a palma da mão enluvada. O gelo era duro como pedra aqui, como cimento esculpido. Ele estava a poucos passos do centro de visitantes de Wanapa.
Ele alcançou a porta da frente, pisando sob a lâmpada em forma de pires. Novamente, nenhuma informação adicional do Dispatch além da mensagem de texto inicial de dois zeros e sete, o que foi frustrante.
Ele bateu na porta com sua Maglite. "Polícia Rodoviária."
Ele esperou por uma resposta.
Depois, um pouco mais rouco: “Polícia. Alguém aqui?"
Ainda era tecnicamente apenas um prédio público, mas sua mão direita se

moveu para o calcanhar de sua Glock 17 enquanto ele segurava a maçaneta e se desviava para a neve crocante, usando a parede de tijolos como cobertura.
Nos exercícios de entrada, as portas são chamadas de *funis fatais* porque são o ponto focal natural do defensor. Não há maneira de contornar isso, a menos que você derrube uma parede – você está literalmente andando na mira do bandido. Se realmente houvesse um dois-zero-sete agachado dentro dessa parada de descanso, ele estaria vigiando a porta agora mesmo no cano de uma espingarda, talvez agachado atrás de seus reféns para se proteger.
Ou, apenas uma sala vazia e inofensiva. Não que a Dispatch soubesse.
Um vento cortante puxou sua jaqueta Gore-Tex, salpicando flocos de neve secos contra a porta, e agora o cabo Hill não tinha certeza do que estava esperando. Para Sara terminar de arrumar sua maldita mala? Para o inferno com isso.
Ele torceu a maçaneta.
A porta se abriu.

* * *

"Zero", disse Ashley.
Mas Darby não estava escutando, porque ela acabava de perceber algo. Ela olhou para além de Ashley agora, para o mapa do Colorado na parede atrás de Ed – e seu coração afundou com um pavor pesado e enjoativo. A State Route Seven era uma linha azul grossa no mapa, deslizando pela topografia da montanha, e as áreas de descanso estavam marcadas com círculos vermelhos. Wanapa, Wanapani, Colchuck, Nisqual.
Este era Wanapani. *Grande Diabo* .
Não Wanapa.
Mas ela havia digitado sua mensagem de texto para 9-1-1 no início da noite, por volta das 21h, antes de saber disso. Antes de voltar para dentro, reexaminar o mapa e perceber seu erro – que ela havia transposto dois nomes nativos americanos de aparência e som semelhantes, ambos relacionados a demônios.
Minha mensagem foi enviada aos policiais para a área de descanso errada.
Para um completamente *diferente* , vinte milhas abaixo de Backbone Pass. Do outro lado daquele caminhão de dezoito rodas canivete. A polícia não estava vindo afinal. Eles ainda estavam a quilômetros de distância, inalcançáveis, mal direcionados. Ninguém estava vindo para prender Ashley e Lars. Ninguém estava vindo para salvá-los.
Ela queria gritar.
Ela cedeu contra a porta trancada, sentindo seus dedos torcer dentro do batente da porta. Outro choque de dor de moedor de carne. Ela se sentiu leve, como cair em queda livre, mergulhando em alguma profundidade desconhecida. Ela

desejou que tudo acabasse.
Ninguém está vindo para nos salvar .
Estamos sozinhos.
Eu matei todos nós—
Ashley suspirou petulantemente, como uma criança frustrada, e agora ele enfiou a pistola de pregos na têmpora de Ed e apertou o gatilho...
“Pare,” Darby ofegou. "Pare. Eu lhe direi onde estão suas chaves, se você . . . se você prometer que não vai matá-lo.
"Eu prometo", disse Ashley.
Era mentira, ela sabia. Claro que era mentira. Ashley Garver era um sociopata. Palavras e promessas não tinham sentido para ele; você também pode tentar negociar com um vírus. Mas ela desmoronou e disse a ele de qualquer maneira, toda a sala ficou em silêncio, sua voz um sussurro fraturado: “Na neve. . . fora da janela do banheiro. Foi onde eu os joguei.”
Ashley assentiu. Ele olhou para Lars, então Jay. Então de volta para ela, seus lábios se curvando em um sorriso juvenil. “Obrigado, Darbs. Eu sabia que você passaria,” ele disse, levantando a pistola de pregos para a testa de Ed de qualquer maneira.
THWUMP.

4h55

“Não a mate até que eu volte com as chaves,” Ashley instruiu seu irmão. "Eu preciso ter certeza de que ela está dizendo a verdade."
Rosto de Roedor assentiu enquanto jogava gasolina sobre os corpos de Ed e Sandi, encharcando-os, escurecendo suas roupas, alisando seus cabelos, enrolando fitas no sangue no chão. Fumaça acre coagulando o ar. Então ele derramou um rastro ruidoso em direção a Darby, respirando pela boca enquanto se aproximava dela, levantando a jarra de combustível bem alto com ambas as mãos.
Ela fechou os olhos, preparando-se para isso.
Um galão gelado caiu sobre ela, batendo em sua nuca, espirrando em seus ombros, grudando seu cabelo no rosto. Gotas respingaram da porta atrás dela e se acumularam em seus joelhos, chocantemente frias. Gasolina em seus olhos, sua boca, um gosto pungente. Ela cuspiu no chão.
Lars recuou para o centro da sala, segurando o ombro de Jay. Ele pousou a lata de combustível e ela chacoalhou, ainda meio cheia. Bem ao lado de um rolo de toalhas de loja e aquele jarro branco de Clorox familiar. Tudo faz sentido agora.
Bleach para quebrar sua evidência de DNA. Toalhas para suas impressões digitais. Fogo para todo o resto.
Algo branco pendia do bolso de trás de Lars quando ele se inclinou para limpar a bancada. Ela o reconheceu – a pedra na meia que Ashley havia jogado no estacionamento horas atrás, agora obedientemente recuperada por Lars. Os irmãos estavam em modo de limpeza agora, realizando o trabalho sombrio de apagar quaisquer pistas forenses que pudessem ligá-los ao massacre aqui.
É por isso que as chaves são tão importantes , Darby percebeu entorpecida. *É por isso que Ashley não pode deixá-los aqui.*
São provas.
A pior parte disso tudo? Seu otimismo puro e estúpido. Esses irmãos não eram mentes criminosas. Nem mesmo perto. Mesmo que incendiassem cada centímetro quadrado deste prédio até as cinzas, a polícia do Colorado encontraria *algo* . Um cabelo solto. Um floco de pele. Algo distinto nas marcas de pneus do Astro. Uma impressão digital em um dos pregos de aço de Ashley. Ou mesmo algum detalhe circunstancial ligando Sandi a eles; algo que eles ignoraram em sua pressa para eliminá-la antes que ela cedesse sob o escrutínio da polícia. Eles foram descuidados. Todo este plano de resgate tinha sido ingênuo e estúpido, e quase certamente estava fadado ao fracasso, mas não antes de custar a vida a pessoas inocentes esta noite, e para Darby, essa era de alguma forma a parte mais

ofensiva de tudo.
Ela enxugou uma mecha oleosa de cabelo do rosto. Pingando com acelerador, momentos de queima até a morte, ela sabia que deveria estar aterrorizada, gritando, histérica, mas ela não conseguia reunir a energia. Ela só se sentia cansada.
A porta da frente rangeu – Ashley estava saindo agora. Faltam apenas alguns segundos. Ele sairia atrás do centro de visitantes e encontraria seu chaveiro na neve, e então a vida de Darby se tornaria tão inútil quanto a de Ed e Sandi. Um prego ou bala no crânio se ela tivesse sorte, e um fósforo aceso se não tivesse. De qualquer maneira, ela morreria bem aqui, com a mão direita esmagada em uma porta, e então seus ossos escureceriam nesta sepultura de fogo enquanto Ashley e Lars escapavam com Jay. O centro de visitantes em chamas seria uma distração útil até que as autoridades descobrissem os três esqueletos dentro dos destroços. A essa altura, os Irmãos Garver estariam horas à frente. Muito tempo para desaparecer em um mundo indiferente.
Mas isso deixou um desconhecido.
Uma última e irritante pergunta.
O que eles vão fazer com Jay?
Ashley estava planejando encontrar Sandi aqui, matá-la e cortar os laços. Mas e Jay? Se não for por um resgate. . . então o que?
Jay se aproximou dela agora.
"Não. Não se aproxime." Ela cuspiu novamente. "Tenho gasolina comigo."
Mas ela veio de qualquer maneira, seus pequenos passos ondulando a poça escura, e sentou-se calmamente no joelho de Darby. Então ela enterrou o rosto no ombro do moletom Art March de Darby. Darby envolveu seu braço ileso ao redor da filha deste estranho, e eles se amontoaram ali juntos, em um pequeno abraço trêmulo sobre seus próprios reflexos, enquanto os passos de Ashley desapareciam do lado de fora.
"Você não me disse que sua mãe morreu," Jay sussurrou.
"Sim. Simplesmente aconteceu."
"Eu sinto Muito."
"Está tudo bem."
— Ela foi má com você?
"Não. Eu fui malvado com ela."
"Mas vocês ainda se amavam?"
"Seu . . . complicado", disse Darby. Foi a melhor resposta que ela teve, e partiu seu coração. *É complicado* .
"São seus. . . seus dedos estão bem?"
"Eles estão trancados em uma porta. Então não."

"Isso doi?"
“Vamos falar de outra coisa.”
"Dói, Darby?"
"Dói menos agora", ela mentiu, observando uma segunda gota de seu próprio sangue a alguns centímetros do batente da porta, mais grossa que a primeira. A fumaça do gás estava nublando sua mente, manchando seus pensamentos como aquarelas. "Nós podemos . . . ei, podemos falar um pouco sobre seus dinossauros?
"Não." Jay balançou a cabeça. “Eu não quero.”
"Vamos."
“Não, Darby—”
"Por favor, me fale sobre o seu favorito, o Eustrepto-coisa-"
“Eu não *quero*— ”
As lágrimas vieram a Darby agora, agora de todos os tempos. Soluços duros e sufocantes, como uma convulsão em seu peito. Ela se virou. Ela não podia deixar Jay ver.
Então Jay deslocou seu peso, e Darby pensou que a garota estava apenas se acomodando em seu colo – até que sentiu algo tocar sua palma esquerda. Pequeno, metálico, gelado.
Seu canivete suíço. Ela tinha esquecido tudo sobre isso.
“Mais tarde,” Jay sussurrou. "Eu vou te contar sobre isso mais tarde."
Darby olhou para ela, entendendo em um flash silencioso. Aqueles olhos azuis vítreos agora implorando nos dela: *Aqui está sua faca de volta.*
Por favor, não desista.
Mas era muito pouco, muito tarde, porque a lâmina de cinco centímetros era melhor nas mãos de Jay do que nas dela. Faca ou sem faca, Darby estava prestes a morrer nesta sala. Ela estava presa aqui, com a mão quebrada trancada em uma porta, e Ashley estava voltando para acabar com ela. Qualquer segundo agora.
“Você deveria ficar com a faca,” ela disse para Jay. “Vai. . . só vai ser desperdiçado comigo. Você vai se salvar agora. Você entende?"
“Eu não acho que posso—”
“É tudo você agora.” Darby piscou para conter as lágrimas e revirou seu cérebro, tentando lembrar o layout de seu Astro, sussurrando para que Lars não ouvisse: “Eu . . . OK. Você quebrou o canil, então eles provavelmente vão amarrá-lo nos fundos, sob as janelas. Mas tente afrouxar um painel na parede e, se conseguir chegar lá dentro, arranque todos os fios que encontrar. Um deles pode alimentar as luzes de freio. E se as luzes de freio se apagarem, os policiais podem pará-los. . .”
Jay assentiu. "OK."

Tiros longos sobre tiros ainda mais longos. Era tão cruelmente fútil. E a crise adrenal de Jay era tão volátil quanto uma granada de mão; qualquer estresse adicional pode desencadear uma convulsão fatal. Mas Darby não podia ceder ao desespero, seus pensamentos nadando, suas palavras correndo: “Se . . . se eles se descuidarem, tente esfaquear um deles no rosto. Os olhos, ok? Uma lesão que precisa de atenção médica, então eles têm que ir ao hospital—”
"Vou tentar."
“O que for preciso. Prometa-me, Jay.
"Eu prometo." Os olhos da garota brilharam com lágrimas. Ela olhou para a mão esmagada de Darby na porta novamente, incapaz de desviar o olhar. "Seu . . . é minha culpa que eles vão te matar—”
"Não, não é."
"Isto é. Tudo isso é sobre mim—”
“Jay, isso não é *culpa sua* .” Darby forçou um sorriso atordoado. “Sabe o que é engraçado? Eu nem sou uma boa pessoa. Normalmente não. Eu era uma filha podre e planejava passar o Natal sozinha. Minha mãe pensou que eu estava gripada quando ela estava grávida de mim. Ela tentou me matar com Theraflu. Às vezes eu costumava desejar que ela tivesse. Mas esta noite, nesta parada de descanso, sou algo bom, e não posso dizer o quanto isso significa para mim. Eu tenho que ser seu anjo da guarda, Jay. Eu tenho que lutar por uma boa razão. E eu vou embora em breve, e será tudo você, e você precisa continuar lutando. OK?"
"OK."
"Nunca. Pare. Brigando."
E então, por um momento, a fumaça se dispersou, e Darby captou um pensamento cristalino. Tudo caiu em foco nítido.
Ela olhou para cima para o horror de sua mão direita – para o dedo superior do dedo anelar, esmagado entre os dentes da porta. Em seu dedo mindinho, esmagado além do reconhecimento. Nas gotas de sangue espremidas que revestem a dobradiça, como a gelatina vermelha sai de uma rosquinha. Ela sabia que poderia parecer impossível, mas não, havia uma última opção que ela poderia tentar. Talvez ela estivesse delirando com os vapores de gás. Talvez fosse pura fantasia. Mas talvez, apenas talvez. . .
Eu não estou preso.
Apenas dois dos meus dedos estão.
Seria uma coisa horrível. Seria um ato desesperado, desagradável e doloroso, e doeria mais do que ela poderia imaginar, mas então ela olhou para a figura escura de Larson Garver em seu estúpido gorro de Deadpool, que tinha acabado de limpar as impressões digitais e agora estava em pé. no centro da sala com sua

.45 apontada para ela e Jay, e ela fez uma promessa final com os dentes cerrados: *Eu vou te machucar ainda mais, Rosto de Roedor. Eu vou pegar sua arma.*
Então vou matar Ashley com ele.
Esta menina está indo para casa.
Esta noite.
“Eu tenho uma ideia,” ela sussurrou para Jay, escondendo o canivete suíço sob a palma da mão ilesa. “Uma última ideia. E vou precisar da sua ajuda.”

* * *

Lars os viu sussurrando.
"Ei." Ele levantou a Beretta. "Pare de falar."
Darby murmurou algo mais no ouvido de Jaybird, e a garotinha assentiu uma vez. Então ela se levantou, dando um passo para o lado com um propósito silencioso. Agora Darby olhava fixamente para ele através da sala, olhos duros como pedra.
“Pare *de olhar para mim* .”
Ela não.
"Vire sua cabeça. Ah, olhe para o chão.” Ele empurrou a Beretta para ela para dar ênfase, mas ela não vacilou. A pistola tinha perdido sua ameaça. Tornou-se um adereço. Ela não tinha mais medo disso.
Lars apontou – mas ele estava mirando o tempo todo; como você fica mais ameaçador do que isso? Ele tentou engatilhar com o polegar, como fazem nos filmes, mas o martelo já estava engatilhado. Já estava em ação única, porque já havia sido demitido esta noite. Para ela. Cinco vezes.
Darby continuou olhando para ele, fazendo suas tripas se revirarem. Algo sobre seus olhos. Algo havia mudado. Lentamente, lentamente, ela deslizou para frente, dobrou os joelhos e se levantou, sua mão mutilada torcendo atrás das costas. O cabelo dela grudava no rosto em emaranhados pretos enquanto ela se levantava, como um filme de terror que ele tinha visto onde um fantasma japonês gotejante emergia do chão.
Ele vacilou, olhando para a porta. "Ashley", ele gritou do lado de fora na noite. "EU . . . você, ah, já encontrou as chaves?”
Nenhuma resposta.
Seu irmão mais velho estava longe demais para ouvir. Ele considerou se mudar para o banheiro masculino, talvez, e gritar por aquela janela quebrada, mas isso exigiria virar as costas para eles.
"Ashley", ele gritou novamente, recuando, esbarrando na máquina de venda rachada. "Algo . . . ah, algo mudou. Ela está olhando para mim.”
Ele queria passar para a porta da frente, mas isso também exigiria que ele virasse

as costas para Darby. Ele estava com medo. Ela estava claramente presa lá, indefesa, com os dedos *trancados em uma porta* , mas de alguma forma ele não ousava perdê-la de vista. Com a mão ilesa, ela agora estava pegando algo – um pequeno painel de plástico na parede, ao qual ele não havia prestado atenção a noite toda, até aquele momento –
O interruptor de luz, ele percebeu, quando o quarto ficou escuro.
“Ashley.” Um tremor em sua voz agora.
Escuridão perfeita.
Lars se ajoelhou no chão e procurou a lanterna de seu irmão. As pontas de seus dedos o encontraram ao lado da lata de gasolina — batendo nele, fazendo-o rolar. Ele o perseguiu, com o coração batendo nas costelas, clicou no botão e apontou o feixe de LED azul-branco para a porta do armário.
Para seu alívio, Darby ainda estava lá, e Jaybird também, ambos de pé no centro das atenções, ambos olhando para ele com os olhos semicerrados. Claro que eram. Por que ele estava tão assustado? Ele estava cansado disso. Ele queria atirar em Darby agora. Agora mesmo. E incendeie este edifício estúpido com Ashley, e termine esta noite infernal, e vá até a casa do tio Kenny e mate algumas larvas em *Gears of War* .
“Ashley.” Sua voz estava rouca. “Já posso matá-la?”
Nenhuma resposta.
Apenas o ruído do vento lá fora.
"Ashley, posso *por favor* ..."
Jay se moveu de repente, assustando-o, e caminhou pelo perímetro escuro da sala. Lars apontou sua Beretta para ela, e sua lanterna, rastreando-a como um holofote enquanto ela passava pelos corpos de Ed e Sandi, passando pela janela com barricadas. “Jaybird, ah, o que você está fazendo?” Ela o ignorou e parou na porta. Então ela agarrou a porta da frente.
Ela a empurrou.
“Gaivota. *Pare* .” Ele se voltou para Darby, iluminando-a com a lanterna. Ele estava dividindo sua atenção agora entre as duas fêmeas no quarto escuro – Darby à sua esquerda, Jay à sua direita. Ele só podia iluminar um deles de cada vez.
Ele não gostou disso. De jeito nenhum.
Ele ouviu um clique atrás dele e virou-se para trás, apontando a viga – agora Jay estava na ponta dos pés dela, engatando a trava. Trancando a porta. Então ela se virou para ele, apertando os olhos no clarão, e ele reconheceu aquele mesmo olhar assustador de Darby. Sim, ambos estavam definitivamente envolvidos nisso, alguma piada velada que Lars não entendeu. Isso era normal. Ele nunca recebeu piadas. Na maioria das vezes, eram sobre ele.

Uma cavidade dolorida em seu estômago lhe disse que este também era. Como no momento antes de Ashley ter arremessado Stripes naquela fogueira dois verões atrás: *Ei, irmãozinho. Quer ver uma estrela cadente?*
“Jaybird,” ele repetiu.
Nenhuma reação.
“Jaybird, você é . . . ah, você vai receber um cartão vermelho quando Ashley voltar,” ele disse, olhando para a esquerda para a porta do armário, apontando sua lanterna para Darby—
Ela não estava lá.
Apenas a porta. Um fio de sangue. E um pedacinho vermelho amassado ainda enfiado na porta, como o interior suculento de um hambúrguer raro, e levou meio segundo para registrar na mente densa de Lars o que realmente era, o que significava, o que acabara de acontecer e o que *estava por vir* -

* * *

Darby se chocou contra Rosto de Roedor com força, de lado, fazendo com que a lanterna caísse em sombras selvagens. Não há tempo para o medo. Gritando de dor e adrenalina, algo cru, preto e selvagem.
Ela passou por baixo do braço direito de Lars, sob a pistola, e a empurrou para o lado, batendo contra o porta-folhetos. Ela tinha uma chance agora, uma chance de corrida – e ela também tinha o canivete suíço de seu pai na mão esquerda (*Parabéns pela graduação!*), sua lâmina embotada por serrar as barras do canil de Jay, mas ainda afiada o suficiente – e com isso, ela deu um soco na garganta de Larson Garver bem no pomo de Adão dele.
A faca entrou direto.
O sangue jorrou em seu rosto. Em seus olhos, sua boca. O sabor de níquel quente. A mão de Lars a golpeou, suas unhas afiadas arranhando sua bochecha, mas ele estava indo para seu próprio pescoço. Tentando conter o sangramento.
Sua outra mão se moveu também. Meio cega pelo sangue de Rosto de Roedor, ela pegou um instantâneo piscando, um borrão em movimento – *arma* .
Jay gritou.
Aquele .45 preto. Em um lampejo de pânico, ela percebeu que Lars não tinha deixado cair, afinal – o barulho que ela ouviu deve ter sido sua lanterna – e ele ainda tinha a arma em sua mão, torcendo o cano em direção a sua barriga.
Arma-arma-arma—

* * *

Ashley estava ajoelhado para pegar as chaves na neve quando ouviu um único tiro de dentro do prédio. Como um trovão preso, abafado por paredes e portas planas. Ele não podia acreditar.

Sério?
Ele suspirou. "Maldição, irmãozinho."
Rapidamente, ele verificou o chaveiro na lanterna de seu telefone - sim, lá estava. A estúpida chave do Depósito Sentinela de Sandi, prateada, circular, carimbada com um pequeno A-37, de outra forma nada digna de nota. Ele encontrou o chaveiro meio enterrado na neve onde ele caiu, a dez metros da janela do banheiro.
Darby estava dizendo a verdade, mais ou menos.
E ele estava grato por isso. Se ela estivesse mentindo, e Lars tivesse estourado seus miolos agora, eles estariam deixando para trás uma mina de ouro forense de impressões digitais perfeitamente preservadas. E eles nunca teriam acesso às injeções de esteróides de Jaybird, o que significa que a garotinha provavelmente morreria muito antes de chegarem ao seu destino. E então tudo – toda essa maldita confusão, o Alerta AMBER na Califórnia, o provável envolvimento do FBI, os assassinatos de Sandi, Ed e Darby – tudo isso seria desperdiçado sem ganhar um único centavo. Tudo porque querido, o doce Lars ficou nervoso e atirou em Darby sem permissão.
Graças a Deus ela disse a verdade.
Ashley enfiou o chaveiro no bolso, levantou o pregador sem fio da neve e correu de volta para a entrada.
“Larson James Garver”, ele uivou enquanto corria, exalando uma névoa furiosa: “Você acabou de ganhar *um cartão laranja* ...”

* * *

Darby lutou pelo controle da arma.
Rosto de Roedor estava na defensiva agora, cambaleando para trás, sangue quente bombeando de sua jugular para seu próprio batimento cardíaco frenético, tentando desesperadamente se livrar dela, ganhar distância suficiente para controlar a Beretta.
Darby não o deixaria. Ela segurou a arma, seus dedos escorregadios apertados firmemente sobre os dele. Então ela girou, mudando de direção, e *se afastou* dele, no sentido anti-horário, torcendo a pistola contra as juntas de seus dedos. Lars era mais alto e mais forte, mas Darby era mais inteligente, e ela sabia como usar a inércia contra ele...
Dentro do guarda-mato, ela sentiu o dedo indicador dele estalar.
Como uma cenoura bebê.
Ele gritou por entre os dentes. Havia um assobio molhado nele; ar vazando pelo buraco em sua traqueia. Sangue surgindo em bolhas estranguladas. Ambos estavam girando agora, um tango rodopiante, as mãos travadas na arma de fogo,

colidindo com a borda do balcão do café, derrubando cadeiras, atirando no teto — CRACK, CRACK, CRACK — derramando areia de gesso, explodindo uma luz fluorescente no teto, até que a arma slide bloqueado vazio e o gatilho perdeu folga.
Eles bateram no mapa do Colorado, ambos ainda segurando a Beretta.
Lars o soltou – sabendo que estava vazio.
Darby aguentou - sabendo que ainda era útil - e deu um soco nos dentes de Lars com ela. Ele cambaleou para longe dela, segurando o pescoço, mas tropeçou nos corpos de Ed e Sandi. Agora Darby estava em cima de Rodent Face, batendo de novo, de novo, de novo. Batendo com o calcanhar de alumínio da pistola. Ela acertou um golpe particularmente bom e sentiu sua bochecha quebrar com um estalo.
Ele a chutou para longe, e eles se separaram.
Darby recuou no chão escorregadio, a Beretta vazia fazendo barulho. Ela tentou se levantar, mas escorregou. Gasolina em todos os lugares. Suas palmas caíram, ainda meio cegas, piscando o sangue de seus olhos. A jarra de combustível tombou na briga; estava de lado, derramando com glugs rítmicos. E perto dele, ela viu seu canivete suíço, uma sombra serrilhada girando no azulejo.
Ela o agarrou.
Lars estava rastejando para longe dela, em direção à porta trancada. Não é rápido o suficiente. Ele estava gemendo palavras grossas, algo desesperado, coagulado com lágrimas e sangue: "Ashley-Ashley-mate-a-mate-a..."
Não acontecendo.
Não essa noite.
“Mate-a , *por favor* ...”
Darby o alcançou e ergueu a lâmina sobre a parte de trás do crânio de Larson Garver, o metal brilhando como um raio de luz LED. Suas palavras mais cedo esta noite voltaram como um eco – *eu corto a garganta dele se for preciso* – e do outro lado da sala, ela fez contato visual de soslaio com Jay.
Ela estava assistindo, impressionada.
“Jay,” Darby ofegou. “Não olhe.”

* * *

Ashley girou a maçaneta – trancada.
“Lars,” ele ofegou. "Abra a porta."
Nenhuma resposta.
Ele verificou a janela da frente, mas ainda estava bloqueada pela mesa virada de Ed. Sem acesso. Ele espiou pela abertura e viu apenas escuridão – as luzes estavam apagadas lá. Aturdido, ele voltou para a porta da frente, tropeçando em

montes de neve inclinados, quase derrubando seu pregador.
“Lars,” ele chamou, saliva congelando em seu queixo. "Por favor . . . irmãozinho, se você estiver vivo aí, diga alguma coisa.”
Nenhuma coisa.
“ *Las* .”
Aqueles tiros concussivos chacoalharam em sua mente, vazios e em pânico. Por que Lars dispararia uma série de tiros rápidos? Isso não foi tiroteio controlado; aquele era o som do desespero. *Pulverize e reze* , eles chamavam. Então o que aconteceu lá dentro?
Ainda sem resposta.
Ele recuou e chutou a porta. A estrutura rangeu, mas a trava aguentou. Ficando preocupado agora: “Lars. Eu não sou louco. OK? Apenas me responda...
Ele foi interrompido por uma voz.
Não de seu irmãozinho.
do Darby.
“Ele não pode falar agora”, ela respondeu, “porque eu *cortei sua garganta* .”
Os joelhos de Ashley ficaram fracos. Por um momento, sua mente entrou em curto-circuito, e ele esqueceu a trava e girou a maçaneta novamente. "Você é . . . não, você está mentindo. Eu sei que você está mentindo—”
"Quer saber suas últimas palavras?"
“É *melhor você* estar mentindo—”
“Ele gritou seu nome antes de eu matá-lo.”
“Darby, eu juro por Deus, se você realmente matou meu irmãozinho lá, eu vou *cortar a carne dos ossinhos de Jaybird—”*
“Você nunca a tocará,” disse Darby, suas palavras endurecendo com uma certeza assustadora. “Eu tenho a arma agora. E você é o próximo.”
Ashley socou a porta.
Um raio de dor devastadora explodiu através de seu punho. Um eco estridente pulsava em seu antebraço. Isso foi um erro - um grande erro - e ele cerrou os dedos, sua respiração se contorcendo entre os dentes cerrados, seus olhos cheios de lágrimas quentes.
Quebrado. Definitivamente torcido, no mínimo.
Ele gritou. Algo que ele não se lembraria. Começou como o nome de Lars, talvez, mas se transformou em um absurdo uivante. Ele queria bater na porta de novo, de novo, de novo, quebrar a outra mão, bater na testa, destruir-se contra um objeto imóvel. Mas isso não resolveria nada.
Mais tarde. Ele sofreria *mais tarde* .
Ele se inclinou contra a porta, sua testa tocando o metal gelado, controlando sua respiração. Ainda estava tudo bem. Ele ainda estava nessa luta. Em sua mão

ilesa, ele ainda tinha seu pregador sem fio. E muito aço de 16 centavos, comprado em segunda mão e sem impressões digitais, empilhado na revista da bateria. Pronto para o dever. O tempo frio ainda não havia esgotado a bateria. A luz indicadora ainda estava verde.
Tudo bem, Darby.
Você perdeu sua mãe. Perdi meu irmãozinho. Havia uma simetria inebriante em seu sofrimento esta noite. Duas almas feridas, cada uma se recuperando da perda, cada uma cuidando das mãos danificadas, unidas pela dor mais crua...
Esta é a nossa dança, você e eu.
Ele ainda podia saborear seus lábios de quando a beijou no banheiro. Ele nunca esqueceria. A doce acidez de Red Bull, café e as bactérias em seus dentes. A humildade disso, a realidade de uma garota bonita com mau hálito.
Nós somos os gatos no relógio.
Eu sou Garfield. Você é minha Arlene.
E segure firme, porque esta é a nossa dança giratória e sombria.
Ele se recompôs, juntando seus pensamentos, seus nervos à flor da pele: “Tudo bem, Darbs. Você quer uma briga? Eu vou te dar uma luta. Eu vou entrar lá, de um jeito ou de outro, e vou dar cartão vermelho em vocês dois, e *a propósito* , sua vadia...
Ele prendeu a respiração:
“Eu contei os tiros. Eu sei que você tem uma arma vazia.

* * *

.45 AUTO FEDERAL, leia a borda dourada. O cartucho que Darby carregou no bolso a noite toda, desde que Jay o entregou pela primeira vez. Estava em sua mão agora, rolando em sua palma trêmula.
Ela o enfiou na câmara da arma preta de Lars, com uma mão, e deixou o ferrolho estalar para frente com uma explosão de poder de mola cativa.
Jay olhou para ela.
A ação da arma foi encerrada. O martelo foi engatilhado para trás. Estava pronto para disparar agora. Ela não sabia como tinha tanta certeza; ela simplesmente era. As armas são viscerais. Ela podia *sentir* isso.
“Lars,” Ashley uivou do lado de fora da porta. "Irmãozinho, se você ainda está vivo aí, por favor, por favor, apenas mate-a..."
Darby correu pelo chão molhado até Jay e a apertou em um forte abraço. "Está quase pronto", disse ela. “Esta noite está quase acabando.”
Um irmão para baixo, um para ir.
Jay estava pálido, olhando com terror. "Sua mão-"
"Eu sei."

"Seu dedo-"
"Está bem."
Ela ainda não tinha olhado para a mão direita. Ela estava temendo isso. Ela o fez agora - por uma fração de segundo - e então ela arrancou os olhos, ofegante.
Oh Deus.
Ela se atreveu a olhar para o dano novamente, sua visão nublada com lágrimas. Seus dedos polegar, indicador e médio estavam todos bem. Mas seu dedo anelar estava esfolado em carne viva. A unha estava lascada, meio solta, projetando-se verticalmente como um floco de milho. E seu dedo mindinho se *foi* . Tudo desde o primeiro nó. Desaparecido, desaparecido, cortado, não faz mais parte do corpo de Darby Thorne. Ainda dentro daquela dobradiça da porta do outro lado da sala, esmagada e irreconhecível...
Oh Deus, oh Deus, oh Deus—
Estranhamente, o ato real de arrancar a mão dela não doeu nada. Ela se libertou em duas voltas afiadas no sentido horário. Apenas uma espécie de desconforto confuso, embotado pela adrenalina. Mas ela estava perdendo sangue rapidamente agora, jorrando um fio incessante que corria calorosamente por seu pulso e borrava círculos no chão. Ela o cobriu com a outra mão. Ela não conseguia mais olhar para ele.
Como Ed havia dito, horas atrás: *Quando você está enfrentando um almoço com o Ceifador, o que são alguns ossinhos e tendões?*
E mais vozes meio lembradas, distorcidas e metálicas, vindo para ela em um redemoinho nauseante: *Você pode cortar uma garota ao meio?*
Sou um mágico, Lars, meu irmão.
Minha torrada sempre cai com o lado da geleia para cima, você poderia dizer...
Tonta agora, ela verificou a caixa de primeiros socorros no chão, deixando pegadas pegajosas de mãos vermelhas, remexendo nas seringas e caixas de Band-Aid. Procurando por aquela gaze grossa - mas ela se foi. Sandi tinha usado tudo.
"Eles podem . . .” Jay hesitou.
“Eles podem o quê?”
"Você sabe . . . recolocar os dedos?”
"Sim. Com certeza podem — disse Darby, tentando parecer calmo. Ela se perguntou quanto sangue ela já tinha perdido, e quanto mais ela poderia pagar.
Ela desistiu da gaze médica, mas ao lado do alvejante ela encontrou algo melhor – o rolo de fita isolante de Lars. Ela arrancou um pedaço com os dentes e o enrolou na mão direita. Ela enrolou todos os três dedos em um bloco apertado, mantendo o polegar livre.
Isso cuidou do sangramento. Mas ela teria que atirar na Beretta com a mão

esquerda. Ela nunca havia disparado uma arma antes e era destra. Ela esperava que ainda pudesse acertar seu alvo. Ela só tinha uma bala.
Jay continuou olhando para o ferimento com admiração mórbida, e Darby notou que ela ficou chocantemente pálida. Cinza, como um corpo dragado de debaixo d'água. "E se . . . e se eles não conseguirem encontrar seu dedo na porta? Porque está muito amassado—”
"Vai crescer de novo", disse Darby, mordendo o último pedaço de fita preta.
"Mesmo?"
"Sim."
“Eu não sabia que dedos poderiam voltar a crescer.”
"Eles fazem." Ela tocou a testa de Jay, como sua mãe costumava sentir quando estava com febre, e a pele da garota estava fria. Pegajoso, como cera de vela. Ela tentou se lembrar — quais eram os sintomas que Ed havia descrito para ela? Baixo teor de açúcar no sangue. Náusea. Fraqueza. Convulsão, coma, morte. Suas palavras ecoaram em fragmentos: *Temos que levá-la a um hospital. É tudo o que podemos* -
“Daaaaarby.” A porta da frente bateu em seu batente e a trava estalou. “Nós *terminamos o que começamos* ...”
“Ele é. . .” Jay se encolheu. “Ele está tão bravo com a gente—”
"Boa." Darby se encostou na parede e ergueu a pistola em sua mão esquerda, apontando para a porta.
“Não perca.”
"Eu não vou."
“Promete que não vai errar?”
A arma chacoalhou em sua mão. "Eu prometo."
Uma rodada na câmara. Como um destino sombrio, ela o carregou no bolso a noite toda, e agora finalmente era hora de usá-lo.
A porta bateu violentamente quando Ashley a chutou novamente. Darby se encolheu, seu dedo apertando avidamente o gatilho. Ela queria atirar agora, pela porta, mas sabia que seria arriscado. Ela sabia onde ele estava e aproximadamente quão alto, mas ela não podia contar com a bala perfurando a porta com força suficiente para matá-lo. Ela não podia desperdiçar sua única chance.
Ela teria que esperar. Ela teria que esperar Ashley Garver derrubar a porta e *entrar na sala com eles* , à queima-roupa, o branco dos olhos dele, a uma distância que ela não poderia perder...
"Você já atirou com uma arma antes, certo?"
“Sim,” ela mentiu.
O batente da porta se estilhaçou. Uma longa lasca de madeira atingiu o chão.

Ashley gritou do lado de fora, batendo os punhos, uma fúria animal.
“Mas esse tipo de arma. . .” Jay se irritou. "Você já atirou desse tipo antes, certo?"
"Sim."
“Você é um bom atirador?”
"Sim."
“Mesmo sem um dedo?”
“Ok, Jay, já chega de perguntas—”
THWUMP. Um som agudo e pneumático a interrompeu.
A janela quebrou atrás da mesa barricada, espalhando cacos crocantes pelo chão. Ela viu algo lá, algo se movendo no espaço de três polegadas entre a mesa e a moldura da janela. Era laranja, sem corte, como se algum animal grande e burro do lado de fora estivesse enfiando o bico. Levou alguns segundos para Darby perceber o que realmente era.
Claro.
Ela jogou Jay no chão, cobrindo o rosto. "Desça, *desça* -"
THWUMP. O vidro da máquina de venda automática explodiu em grãos brancos. Sacos de Skittles e Cheetos caíram no chão.
O cano da pistola de pregos torceu, reposicionando. As duas primeiras unhas de Ashley estavam altas, então ele estava ajustando sua mira. Tentativa e erro. Era a mesma brecha que Sandi havia espiado antes, agora sendo usada contra eles.
“Eu o odeio,” Darby sussurrou, rolando sobre sua barriga, chicoteando seu cabelo liso de seu rosto. “Eu o odeio *tanto*— ”
"O que ele está fazendo?"
"Nenhuma coisa."
"Ele está atirando pregos em nós?"
"Está bem." Ela puxou Jay para cima, pelo pulso. "Vamos! Vamos-"
Eles deslizaram para o Espresso Peak, protegendo-se atrás do balcão de pedra quando — THWUMP-THWUMP-THWUMP — um ataque de estilhaços perfurou o ar, zunindo no chão, nas paredes, no teto. A caixa de pastel quebrou. Copos de isopor quicaram. Uma garrafa soou como um gongo e caiu no chão ao lado deles, espirrando água morna. Mas o balcão e os armários, uma entrada de quarenta e cinco graus, os protegiam do fogo direto de Ashley.
"Ver?" Darby deu um tapinha em Jay, procurando por ferimentos. "Estamos bem."
"Você disse que ele não estava atirando pregos em nós..."
“Sim, bem, eu menti.”
THWUMP-THWUMP. Duas pancadas na parede acima deles, e algo cortou a bochecha de Darby. Como uma picada de abelha, depois um jorro de sangue

quente. Ela se abaixou e protegeu Jay de mais ricochetes, protegendo seu corpo com o dela. Ela viu lágrimas nos olhos da garota.
"Não. Não, Jair. Está bem. Não chore—”
THWUMP. Um prego bateu molhado no ombro de Ed Schaeffer, torcendo seu corpo em um ricto de horror, e Jay gritou.
Darby segurou a garota perto, ignorando o corte em sua bochecha, acariciando os cabelos escuros de Jay, tentando desesperadamente mantê-los juntos: *Oh, Jesus, é isso. Esta é a última gota de estresse que ela pode suportar. Eu vou assistir impotente enquanto ela tranca e morre—*
“Por favor, não chore, Jay.”
Ela soluçou mais alto, hiperventilando, lutando contra o aperto de Darby—
“Por favor, apenas confie em mim—”
THWUMP. Um prego bateu em um armário, salpicando-os com lascas de madeira.
“Jay, me escute. A polícia está chegando”, disse ela. “Eles foram retidos, mas ainda estão vindo. Eles verificarão todas as paradas para descanso nesta rodovia, especialmente aquela com um nome quase idêntico. Eles vão nos salvar. Só mais alguns minutos, ok? Você pode durar mais alguns minutos?”
Apenas palavras. Tudo isso, apenas palavras.
Jay continuou soluçando, com os olhos cerrados, construindo outro grito estimulante, quando — THWUMP — a caixa registradora tombou, caindo ao lado deles, botões do teclado deslizando pelo azulejo como dentes soltos.
Darby segurou a menina de sete anos em meio a toda a violência, protegendo seu rosto dos estilhaços, tentando acalmar seu pânico. Ela tinha certeza de que tinha acabado – que o sistema nervoso de Jay não poderia lidar com mais traumas – mas então algo voltou para ela. Emergindo de suas memórias; a voz calorosa de sua mãe em seu ouvido: *Está tudo bem, Darby. Você está bem. Foi apenas um pesadelo.*
Tudo que você tem a fazer é-
“Inspire,” ela disse à garota. “Conte até cinco. Expire.”
THWUMP. O relógio Garfield explodiu na parede, cobrindo-os com pedaços de plástico. Darby afastou os restos do cabelo de Jay, tocando sua bochecha, mantendo sua voz calma: “Apenas inspire. Conte até cinco. Expire. Você pode fazer isso por mim?"
Jay respirou fundo. Segurei. Deixa para lá.
"Ver? É fácil."
Ela assentiu.
"Novamente."
Ela pegou outro. Deixa para lá.

"Bem desse jeito." Darby sorriu. "Apenas continue respirando, e nós vamos-"
“Daaaaarby.” Ashley chutou a mesa e ela buzinou no chão, raspando alguns centímetros. Dentes de vidro quebrados salpicavam da janela. Ele bufou enquanto empurrava. “Você poderia ter sido minha namorada.”
Darby ficou de joelhos, tonta com a fumaça da gasolina, afastando os copos de isopor com pontas, e apontou a arma preta de Lars sobre o balcão. Alinhando as miras pintadas de verde, seu dedo no gatilho.
“Eu normalmente não sou assim,” Ashley uivou do lado de fora. “Você não *entende* , Darbs? Eu não ia te matar. eu nem mesmo. . . Quer dizer, eu nem bebo ou fumo—”
Jay estremeceu. “Ele é. . . ele vai entrar”.
"Sim." Darby fechou o olho direito, mirando a Beretta. “Estou contando com isso.”
“Nós poderíamos ter ido para Idaho. Juntos." Ashley chutou a mesa novamente, empurrando-a mais um centímetro para a frente, soltando lascas. Sua voz ressoou no ar pressurizado: “Você não entendeu? Podíamos ter ido para Rathdrum. Alugou o loft sobre a garagem do meu tio. Eu faria trabalhos com a Fox Contracting. Você seria minha garota e deixaríamos nossas cidades para trás, você e eu, e eu lhe mostraria o rio em que cresci e o cavalete...
"Ele está dizendo a verdade?" perguntou Jay.
Darby suspirou. “Eu nem acho que *ele* sabe.”
Ashley Garver — uma criatura lamentável que usava tantas máscaras que ele nem sabia como era por baixo delas. Talvez seu coração estivesse partido, mesmo quando descobriu que tinha um. Ou talvez fossem apenas palavras.
"Você poderia ter sido minha garota", ele lamentou, "mas você *estragou tudo* ..."
Darby apontou a Beretta enquanto a mesa se movia novamente. Mas ela não podia atirar ainda. Ela teria que esperar. Ela teria que esperar até que Ashley Garver estivesse visível, até que ele raspasse a mesa de lado e saltasse pela janela quebrada. Então, e só então, ela poderia...
Não.
Ela congelou, o gatilho meio puxado. O martelo recuou, um batimento cardíaco longe de cair. Algo mais, algo terrível, acabara de lhe ocorrer.
Não não não . . .
O gosto pungente de gasolina, afiado em sua língua. A jarra de combustível pontiaguda havia se esvaziado, meio centímetro se espalhando para cobrir todo o chão. A fumaça enchia o ar, gotas de suor nas paredes.
Se eu disparar a arma de Lars , ela percebeu com horror crescente, *a explosão do cano poderia inflamar o vapor no ar* . A reação em cadeia iria incinerar a sala inteira. Havia cinco galões derramados aqui. O chão se tornaria um mar de fogo

rolante, como se derrubasse o maior coquetel molotov do mundo. Não haveria chance de escapar. O moletom de Darby estava encharcado de gasolina, úmido e grudento. Assim como a parka de Jay. Ambos seriam queimados vivos.
Disparar a arma, aqui, foi suicídio.
Darby baixou a pistola. "Merda."
"Mas em vez disso, você matou meu irmão." Ashley chutou a mesa novamente. Um chuff exalado e lupino. A mesa raspou mais um centímetro, batendo no tornozelo flácido de Sandi - ele agora tinha espaço quase suficiente para se espremer.
Darby quase atirou a arma de raiva. “Merda, merda, *merda...”*
Jay tocou seu ombro. "O que?"
"EU . . .” Darby esfregou o sangue de seus olhos, reavaliando, traçando novos planos desesperados. "Você sabe o que? Não importa. Ele nunca mais vai te tocar. Juro por Deus, Jay, sou seu anjo da guarda, e Ashley Garver nunca mais vai te machucar, porque *vou matá-lo* .
"Eu vou matar você." Ashley chutou novamente. "Sua puta do caralho-"
Darby se levantou, limpando a gasolina de suas mãos. “Ouça-me, Jay. Não estamos esperando a polícia. Não estamos esperando por um resgate. Eu estive esperando a maldita noite toda e ninguém me resgatou. Quase todos em quem confiei esta noite se voltaram contra mim. Nós *somos* o resgate. Diga, Jay – *nós somos o resgate* .”
“Nós somos o resgate.”
“Mais alto.”
“Nós somos o resgate.” Jay se levantou com as pernas trêmulas.
"Você pode correr?"
"Eu penso que sim. Por que?"
Darby teve mais uma ideia. *A última vala* nem sequer lhe fez justiça. Ela pegou um punhado de guardanapos marrons do balcão e os amassou na torradeira. Pressionou o êmbolo. Ela fez um clique, como a câmara de uma arma se fechando, e dentro dela, as bobinas de aquecimento da torradeira aqueceram.
Jay assistiu. "O que você está fazendo?"
Ela sabia que tinha dez, talvez vinte segundos, até que as bobinas ficassem incandescentes.
Nós somos o resgate filho da puta.
Ela pegou uma xícara meio bêbada de café preto de caubói — de Ed, talvez, muito gelado — e bebeu correndo, apertando os dedos de Jay e correndo para o banheiro. De mãos dadas. Correndo para aquela pequena janela.
“Não pare, Jay. Não pare—”
“Você tem certeza que os dedos voltam a crescer?”

"Sim."

* * *

Ashley abriu caminho para dentro. Ele saltou a janela com a mão ilesa, tomando cuidado para não bater a palma da mão no vidro irregular, e tossiu com um odor pungente. Rapaz, olá, era potente. A lata de combustível deve ter derramado e misturado com o alvejante e o vapor de spray de pimenta de Sandi para criar uma atmosfera verdadeiramente nociva.

Ele esfregou os olhos ardendo enquanto subia, mirando o prego, varrendo da esquerda para a direita. Primeiro ele viu os corpos amassados de Ed e Sandi perto do mapa do Colorado. Pernas abertas na falta de modéstia da morte. Sangue misturando-se com o gás no chão, girando fitas vívidas.

Ao lado deles, o irmãozinho Lars.

Ah, Lars.

Em sua barriga. Sua cabeça torceu para o lado em um oceano de vermelho, seu cabelo despenteado, seus olhos ainda sonolentos entreabertos. Sua garganta um corte carnudo. Sua jugular cortou até o osso; um dispensador de Pez humano.

O garoto esquelético que usava um capacete e botas de combate excedentes do Exército no ensino médio, que adorava molho ranch em seus cheeseburgers Famous Star, que assistiu novamente *Starship Troopers* até que sua cópia em VHS estrangulou o videocassete com fitas pretas - ele estava ido agora. Se foi para sempre. Ele nunca jogaria o novo *Gears of War* no Xbox One. Tudo porque ele foi sugado para o malfadado esquema de resgate de um motorista de ônibus escolar. Porque entre as fechaduras trocadas, os policiais e a nevasca, esta semana inteira saiu dos trilhos.

E tudo teria sido administrável, ainda, não fosse por Darby.

Darbs. Darbo. Aquela ruivinha fogosa da CU-Boulder que invadiu o carro deles com um *cadarço* , de todas as coisas, que entregou uma faca a Jaybird e derrubou uma noite já volátil irreversivelmente fora do curso. Ele suspeitava que toda a sua vida tinha sido construída para esse confronto. O dela também. Ela era seu destino, e ele era o dela.

Em um universo melhor, talvez ele se casasse com ela. Mas neste, ele teria que matá-la. E, infelizmente, ele teria que fazer doer.

Ah, Lars, Lars, Lars.

Eu vou fazer isso direito.

Eu prometo, eu vou—

Ele ouviu um *assobio* à sua direita e girou, apontando o pregador sem fio, esperando ver Darby e Jaybird encolhidos atrás da mesa de café. Mas o Espresso Peak estava vazio. Furado com pregos, pingando gasolina, bagunçado com

copos com pontas e fragmentos de plástico, mas vazio. Eles não estavam aqui.
Ele notou que a torradeira estava abarrotada de guardanapos marrons.
O barulho que ele ouviu?
Uma nuvem de fumaça cinzenta, ondulando das bobinas brilhantes da torradeira. Um chiado quando os guardanapos acenderam. Ashley passou a língua pelo lábio superior, sentindo o gosto do vapor de gasolina, e então tudo fez sentido.
“Ah, *vamos—”*

* * *

Uma bola de fogo atravessou a janela triangular do banheiro, empurrando uma onda escaldante de ar pressurizado. Darby saltou para fora, meio segundo antes da explosão, saltando de uma mesa de piquenique e caindo com força, torcendo o tornozelo esquerdo.
Ela sentiu um *estalo* nauseante .
Jay se virou, alguns passos à frente. “Darby!”
"Estou bem."
Mas ela sabia que não era. Seu tornozelo latejava com uma dor lancinante. Os dedos dos pés ficaram instantaneamente dormentes; uma bagunça afiada de alfinetes e agulhas dentro de seu sapato, como dedos invisíveis apertando seus nervos—
"Você pode andar?"
“Eu estou bem,” ela disse novamente, e outra onda de fogo rugiu através da janela quebrada acima dela, abafando sua voz. Outra parede de ar quente a jogou de joelhos na neve.
O centro de visitantes explodiu em chamas altas atrás deles, línguas de fogo bombeando uma coluna de fumaça imunda. Ele subiu ao céu, um furioso redemoinho de brasas brilhantes. O tamanho e a proximidade dele eram impressionantes. Calor furioso em suas costas, a sucção chorosa do ar devorado. O odor de carvão de fogo fresco. A neve se iluminou com a luz alaranjada do dia e as árvores projetavam sombras ósseas.
Jay agarrou a mão dela. "Vamos. Ficar de pé."
Darby tentou novamente, mas seu tornozelo se dobrou frouxamente sob ela. Outra onda de dor nauseante. Ela mancou para a frente.
"Ele está morto?" perguntou Jay.
“Não conte com isso.”
"O que isso significa?"
“Isso significa *não* .” Darby tirou o revólver de Lars de seu jeans. Ela não tinha certeza se Ashley estava dentro do prédio quando a fumaça se acendeu, mas ela esperava que sua bomba improvisada tivesse pelo menos explodido as

sobrancelhas dele. Mas morto? Não. Ele não estava morto, porque ela ainda não o havia matado. Ela poderia descansar quando ela disparou sua bala calibre .45 roubada direto em seu rosto sorridente. Não antes.
“Espero que você o tenha pego,” Jay disse enquanto o inferno crescia atrás deles, tornando o mundo nebuloso com pouca fumaça. A lua se foi. As árvores tinham se tornado fantasmas irregulares na fumaça iluminada pelo fogo. O Grande Diabo manteve sua forma enegrecida enquanto queimava, uma gaiola de fogo turvo em torno de um epicentro de calor de quebrar ossos.
E agora as brasas brilhantes desciam como vaga-lumes da escuridão, salpicando a neve ao redor de Darby e Jay. Eles chiaram no contato, centenas de meteoros minúsculos atingindo baforadas de vapor. Muito rápido para fugir.
“Jay. Tira o teu casaco."
"Por que?"
“Tem gasolina nele.” Darby tirou seu próprio moletom Art Walk e o atirou na neve. Segundos depois, uma faísca o tocou e explodiu em chamas azul-alaranjadas, como uma fogueira.
Jay viu isso e rasgou o dela imediatamente.
"Ver? Te disse."
Mais brasas desceram ao redor deles, mais vaga-lumes voando pelos ventos, e Darby seguiu Jay um passo doloroso de cada vez. Ela não conseguia parar. Seu cabelo ainda estava encharcado de combustível. Uma faísca errante era tudo o que precisava, e ela tinha ido longe demais e lutado muito esta noite para ser morta por uma maldita *faísca* .
Ela tirou uma mecha molhada do rosto. "O estacionamento. Nós entraremos em Azul—”
“O que é Azul?”
“Meu carro.”
"Você nomeou seu carro?"
“Vou ligar o motor para mantê-lo aquecido. E . . .” Darby parou enquanto eles se arrastavam pela escuridão enfumaçada, deixando o próximo pensamento não ser dito: *E enquanto você estiver sentado no banco do passageiro de Blue, eu irei encontrar Ashley e atirarei na cara dele.*
E acabe com isso, de uma vez por todas.
Jay torceu o pescoço dela, observando as chamas turbulentas sobre seu ombro enquanto corria, como se esperasse que Ashley emergisse dos destroços. "Você . . . você matou o irmão dele.”
"Sim. Eu fiz." Ainda estava afundando em Darby – sim, ela matou alguém hoje. Ela esfaqueou outro ser humano no pescoço, quebrou seu dedo e maçã do rosto e cortou sua garganta. Por mais desgastado e lascado que estivesse, aquele

canivete suíço havia entrado direto, como se ela estivesse cortando carne (e, tecnicamente, estava). Apenas negócios sujos e sombrios. E antes que esta noite terminasse, ela sabia, teria que matar mais um.
Jay se irritou. “Ele ama seu irmão.”
“ *Adorei* . Pretérito."
“Ele não vai ficar feliz com você...”
"EU . . .” Darby se engasgou com uma risada rouca. “Acho que aquele navio já partiu, Jay.”
Apenas mais um .
Eu já matei Beavis. Apenas Butthead saiu.
Cinquenta metros atrás, o edifício do Grande Diabo gemeu como um monstro se revirando durante o sono, costelas enegrecidas estalando e estalando dentro da tempestade de fogo. A neve derretida escorregou do telhado em uma onda de vapor escaldante.
Então . . . então eu posso finalmente descansar.
Eles alcançaram as Crianças Pesadelos – aquelas doze crianças meio roídas congeladas em brincadeiras apocalípticas, enterradas até a cintura na neve – quando Jay parou, apontando para baixo, esfaqueando com o dedo: “Olha. Olhe olhe!"
Darby limpou o sangue de Lars de seus olhos e o viu também.
Faróis.
Aproximando-se da rampa de entrada da área de descanso Wanapani da rodovia. Grandes faróis industriais sobre uma placa de prata curvada lançando um arco de lascas de gelo retroiluminadas. O primeiro limpa-neves CDOT estava finalmente aqui.
Jay apertou os olhos. "É . . . isso é para nós?”
"Sim. Isso é para nós.”
Ver isso tranquilizou Darby de que ainda havia um mundo exterior. Ainda estava lá fora, era real, estava povoado de pessoas decentes que poderiam ajudar, e *santo Cristo* , ela quase conseguiu sair desse pesadelo ardente e encharcado de sangue. Ela quase resgatou Jay. Quase.
Seus joelhos cederam e ela caiu agachada. Ela estava chorando e rindo ao mesmo tempo, seu rosto uma máscara apertada, sua cicatriz tão visível quanto um outdoor. Ela não se importou. Ela estava tão perto agora. Ela observou as luzes amarelas se aproximarem na escuridão, como lanternas gêmeas. Ela ouviu o barulho de um motor. “Obrigado, Deus. Oh, *obrigado* , Deus...
Ela havia perdido o telefone, mas sabia que agora eram quase seis da manhã. Fazia nove horas desde que ela encontrou essa garota pela primeira vez em um canil com cadeado, fedendo a urina, em uma van abandonada. Em outra hora, o

sol nasceria.
As equipes rodoviárias estão adiantadas.
Ou, eles receberam uma direção especial dos policiais, talvez, à luz de uma misteriosa mensagem de texto sobre uma área de descanso com nome semelhante—
“Darby.” Jay agarrou seu pulso, sua voz subindo com pânico.
"O que?"
"Eu vejo-o. Ele está nos seguindo.”

5h44

“Daaaaarby.”
Sim, Ashley Garver os estava seguindo, uma sombra irregular em silhueta contra as chamas rugindo. Pistola de pregos em sua mão esquerda agora. Sua direita estava ferida, apertada sob a axila. Ele estava cinqüenta metros atrás deles, uma figura cambaleante em roupas fumegantes, levantando a mão ilesa para limpar a boca.
Ele estava muito longe para atirar.
A pontaria de Darby era muito incerta, e ela não podia desperdiçar sua única bala. Então ela escondeu a pistola atrás da cintura e, nas costas, os faróis se intensificaram à medida que o limpa-neve se aproximava.
Um assassino se aproximando atrás deles e a ajuda de um estranho à frente deles – deveria ter sido uma escolha fácil.
Jay a puxou. "Vamos lá-"
E de certa forma, ela percebeu. . . ainda era.
“Darby, *vamos* . Nós temos que correr—”
"Não."
"O que?"
Ela acenou com a cabeça em seu tornozelo. “Eu só vou te atrasar. Você corre."
Alarme nos olhos de Jay. "O que? Não-"
“Jay, me escute. Eu tenho que pará-lo. Eu não posso mais correr. Estive fugindo dele a noite toda, a maldita noite toda, e estou farta disso.
Os faróis ficaram mais brilhantes, cortando raios na névoa enfumaçada, desenhando sombras duras na neve cintilante. Eles queimaram os olhos de Darby. E atrás deles, a sombra de Ashley Garver cambaleou mais perto – vinte passos de distância agora. Mas ainda não perto o suficiente. Ela apertou mais a Beretta.
“Você tem que correr.”
"Não."
“ *Corra* ,” Darby gritou, fumaça em sua garganta. “Corra para aqueles faróis. E diga ao motorista para dar meia-volta com seu caminhão, para levá-lo a um hospital.”
Ela a empurrou para frente, mas Jay lutou de volta. A garota gritou, enfiou os pés, tentou dar um soco no ombro de Darby, mas então tudo se derreteu em um abraço. Um abraço trêmulo e dolorido sob luzes cada vez mais intensas—
“Eu volto,” Darby sussurrou no cabelo da garota, balançando-a. "Eu vou buscá-lo, e então eu vou voltar para você."

"Promessa."
"Eu prometo, Jay-"
“Você está mentindo de novo—”
"Eu juro de dedo mindinho", disse ela, levantando a mão direita com fita adesiva.
Jay estremeceu. "Isso não é engraçado."
Algo cortou o ar acima deles, puxando um punhado do cabelo de Darby. Seu primeiro pensamento foi *estilhaços* , mas ela sabia melhor. Era um prego, um projétil de aço girando em seu couro cabeludo. Ashley estava se aproximando deles - mas ainda não perto o suficiente para arriscar sua única bala.
Ainda não.
Ela empurrou a garota para longe, em direção aos faróis. “Agora *corra* .”
Jamie Nissen deu dois passos trêmulos na neve e olhou para trás, os olhos cheios de lágrimas ardentes. “Não perca.”
“Não vou”, disse Darby.
Então ela se virou para encarar Ashley.
Eu não vou.

* * *

Ashley ficou perplexa ao vê-los separados - Jaybird correu para o limpa-neves que se aproximava enquanto Darby se virava para encará-lo.
Estavam agora a vinte passos de distância.
Seu punho direito latejava como se estivesse cheio de cascalho. A pele em suas bochechas e testa estava apertada, formigando, como uma queimadura de sol. Seus lábios estavam rachados, rachando e vazando pelo queixo. Ele cheirava a pele e cabelo queimados, um odor denso e gorduroso se enrolando em fios de fumaça. Sua jaqueta North Face tinha derretido estranhamente nas costas, pendurada em fios derretidos.
Mas diabos, ele estava vivo. Não há descanso para os ímpios, certo? E ele estava se sentindo muito maldito esta noite. Ele quebrou o pescoço de uma mulher com as próprias mãos e matou um homem inocente com uma pistola de pregos. Seria um ótimo episódio de *Arquivos Forenses* . Para fazer tudo isso, então mergulhar pela janela de um prédio explodindo enquanto sofre apenas queimaduras de segundo grau leva a sorte do diabo. Geléia para cima, de fato.
Agora ele notou que Darby estava mancando em sua direção. Longe das luzes brilhantes de segurança. Longe de qualquer esperança de fuga.
Em direção a ele.
Ele engasgou com uma risada que soou como um latido. Pode ser . . . talvez ela tivesse enlouquecido um pouco, também, nesta panela de pressão selvagem de

uma noite. Ele não podia culpá-la. Ele nem tinha certeza de que poderia odiá-la – seu cérebro era uma potente dose de açúcar, um coquetel de sentimentos confusos por essa cadela tenaz. Mas sentimentos à parte, ele ainda tinha que dar o cartão vermelho por matar seu irmãozinho, então ele levantou o prego sem fio em Darby, apertou os olhos através da fumaça quente e disparou novamente.
Um clique oco.
Que?
Ele puxou o gatilho novamente - outro clique. Para seu horror, a luz da bateria do Paslode agora piscava em vermelho urgente. Enfraquecido pelo frio. Finalmente, finalmente aconteceu.
"Ah, *merda* ..."
Ele olhou para cima. Darby ainda se aproximava, ainda se aproximava dele como seu anjo pessoal da morte, mancando, mas assustadoramente, desumanamente calmo. E ele notou outra coisa. Algo carregado em sua mão oscilante, escondido de sua visão atrás de seu quadril, uma forma angular, meio vislumbrada...
Beretta de Lars.
Não , sua mente agitou-se. *Não, isso é impossível-*

* * *

Jay correu para os faróis, acenando com os braços.
O limpa-neves parou, pneus grandes travando, derrapando de lado enquanto os freios aerodinâmicos gemiam um grito estridente. As luzes a cercavam, acendendo a neve a seus pés, mais brilhante que a luz do dia. Ela não conseguia ver mais nada. Apenas aqueles sóis gêmeos, avassaladores.
Ela gritou - algo que ela não se lembraria.
O motor fez um som de chiado. A porta da cabine se abriu. O motorista era mais velho que o pai, barbudo, barrigudo, com um boné do Red Sox. Ele saltou e correu para ela, já sem fôlego, gritando alguma coisa.
Ela também estava sem fôlego e caiu de joelhos no gelo. Ele a alcançou, uma sombra negra pisando forte nos faróis altos, e o motor da caminhonete fez outro som de bufo. Como o pastor alemão de sua tia. Então o homem agarrou seus ombros, seu rosto ruivo no dela agora, Dr. Pepper em sua respiração, bombardeando-a com perguntas.
Você está bem?
Ela estava muito sem fôlego. Ela não conseguia falar.
O que aconteceu?
Para cima, o telhado do centro de visitantes em chamas cedeu, um estrondo de madeira estilhaçando que soltou mais vaga-lumes na noite, e ele olhou para ele,

então de volta para ela, suas mãos ásperas em suas bochechas. *Você está seguro agora-*
Ela queria contar a ele sobre Ashley, sobre Darby, sobre a pistola de pregos, sobre a batalha de vida ou morte acontecendo a uma curta distância morro acima. Mas ela não tinha palavras. Ela não conseguia reunir nenhum pensamento. Sua mente estava gelatinosa novamente. Ela começou a chorar, e ele a pegou nos braços e a abraçou, e o mundo desmoronou.
Ele estava sussurrando agora, como um canto: *Você está seguro. Você está seguro. Você está seguro-*
Darby , ela queria dizer.
Darby não está seguro—
E então ela viu - um batimento cardíaco de vermelho e azul iluminou as árvores. Atrás do limpa-neves, parado de pára-choque a pára-choque, havia um carro de polícia. No brilho das lanternas traseiras da caminhonete, ela leu uma faixa na porta lateral.
POLÍCIA RODOVIÁRIA.

* * *

Ashley Garver correu como o inferno.
Impossível. Contei os tiros.
A Beretta está vazia.
Ele disse isso a si mesmo, várias vezes, mas ainda não era corajoso o suficiente para se virar e chamar o blefe de Darby. Em vez disso, correu de volta para seu Astro estacionado, onde sabia que havia deixado uma segunda bateria chacoalhando dentro da caixa Paslode. Ele poderia recarregar sua pistola de pregos, pelo menos, e então decidir como lidar com esse novo desenvolvimento.
Ele tropeçou em um banco de neve, estremecendo com o estalo de um tiro e uma bala na espinha, mas nunca veio.
Chegou ao Astro. Desbloqueado. Abriu a porta. Enfiei a mão embaixo do banco do passageiro, derrubou o estúpido A-10 Warthog de plástico de Lars do painel e abriu o estojo rígido do Paslode. Duas travas para soltar com dedos trêmulos.
Ele sabia que tinha ouvido Lars disparar quatro tiros na briga. Ele tinha certeza disso. Um dois três quatro. Além dos cinco tiros que ele havia disparado na caminhonete de Sandi, eram nove. A Beretta armazenava oito no carregador de pilha única, mais um na câmara. Como Darby poderia ter desejado a existência de outro cartucho de calibre .45? O chão da van, talvez; ele se lembrou de Lars abrindo a caixa Federal de cabeça para baixo e jogando cinquenta balas barulhentas no chão...
Ele finalmente abriu o caso. A tampa bateu contra o porta-luvas.

A primeira caixa de bateria estava vazia, então ele pegou outra. Rasgou a fita. Jogou-o na palma da mão. Abriu o alçapão do Paslode, jogou fora a bateria gasta —

Ele congelou.

Ele não tinha ouvido nada, mas de alguma forma ele simplesmente sabia. Algo sobre a forma como os cabelos de seu pescoço se arrepiaram e se arrepiaram, como eletricidade estática. . .

Ela está atrás de mim.

Agora mesmo.

Ele se virou, devagar, devagar, e sim, lá estava Darby.

Ela o alcançou, do lado de fora da porta do motorista do Astro. Beretta Cougar apontou para ele com as mãos juntas. Ele havia comprado essa mesma pistola para Lars como presente seis meses atrás, e agora ela estava apontada para seu coração. Inacreditável. Aqui estava ela – a garota que ele tentou sufocar com um saco Ziploc seis horas atrás, de volta com uma vingança furiosa. Um anjo da morte de nove dedos e asas negras. Ela estava aqui para ele, encharcada no sangue de seu irmão, o fogo brilhando em sua pele suada.

“O que você ia fazer com Jay?” ela perguntou. "Diga-me agora."

"O que? *Sério* ?”

Ela apontou para cima, do peito para o rosto. "Mesmo."

"OK." Ashley sentou-se no banco do passageiro, mantendo o pregador escondido atrás das costas. "Eu acabei de . . . Você sabe o que? Multar. Você quer saber? Não é nada de especial. Acabamos de ter um tio em Idaho, nós o chamamos de Fat Kenny, que disse que me daria dez mil por uma menininha branca saudável, mais dez por cento. Ele dirige um pequeno anel de seu porão de tempestade para alguns caminhoneiros de fora do estado. Caras grandes que fazem longas viagens, vinte horas por dia, longe de suas esposas, caras com. . . você sabe. Apetites.”

Darby não piscou. Ela manteve a Beretta apontada para ele, e aquela cicatriz branca se formou em sua sobrancelha. Curvo, como uma foice.

“Sim, é nojento e não é meu trabalho, mas eu precisava salvar as coisas de alguma forma.” Ashley continuou falando, ganhando tempo, enquanto sua mão direita procurava silenciosamente no banco a bateria sobressalente do Paslode. Então ele carregava e surpreendia a cadela com 16 centavos na cara. “Então, sim, eu menti para você, Darbs, quando prometi que não era uma coisa de sexo. Era para ser um simples sequestro, mas então a polícia pegou todo Sandi, e eu tive que mudar o plano, e agora é definitivamente, absolutamente, cem *milhões* por cento uma coisa de sexo, e eu sinto muito.

Atrás de suas costas, seus dedos tocaram a bateria Paslode, apenas um golpe

cego – *lá está* – e se fecharam em torno dela.
"Qual o nome dele?" perguntou Darby.
“Kenny Garver.”
"Onde ele mora?"
“Rathdrum.”
“O *endereço dele* .”
“Estrada do Lago Negro 912.” Ashley deslizou a bateria no pregador, delicadamente, para não ouvir o clique. Ele se sentiu sorrindo, mesmo sob a mira de uma arma. Ele segurou a pistola de pregos atrás das costas, preparando-se para levantá-la e atirar. “Quero dizer, diabos, você me pegou, Darbs. Você ganha. Eu me rendo. Vamos jogar uma volta de roda enquanto esperamos que os policiais...
“Não vamos,” disse Darby, puxando o gatilho.
RACHADURA.

6h01

Ashley se encolheu com o tiro. Ele não esperava estar vivo para ouvir isso. Você nunca deveria ouvir aquele que te pega.
Mas ele tinha ouvido.
E sim, ele estava vivo.
O que aconteceu?
Darby hesitou do lado de fora da porta do motorista do Astro, cambaleando em silêncio chocado. Ela abaixou a Beretta de Lars e olhou para ele, seus olhos perfurados com terror vívido. Só então ele percebeu, logo abaixo de sua clavícula direita. Em sua camisa preta. Um círculo viscoso e espalhado. Sangue.
"Eu disse *para largar* !"
Movimento em seu retrovisor lateral, e Ashley se virou para ver um guarda florestal, ou patrulheiro, ou policial, ou o que quer *que fosse* , parado atrás do Astro, uma mão na lanterna traseira, recuperando o fôlego com um chapéu de Urso Fumegante e uma Glock apontada.
Ele gritou novamente. – Larga isso, garota.
Darby girou para enfrentar o policial, movendo os lábios. Ela estava tentando falar. Então a Beretta Cougar caiu na neve – sem fogo – e seus joelhos cederam. E assim, engenhoso, desconexo e corajoso Darby Thorne desabou como um saco de lixo em um estacionamento coberto de neve.
A mandíbula de Ashley ficou aberta. *Sem chance.*
De jeito nenhum.
Isso é incrível.
"Fique abaixado," o policial ordenou, segurando seu rádio de ombro. "Tiro disparado, tiro disparado. Dez e cinquenta e dois..."
Afundando em seu assento, Ashley juntou tudo – a polícia havia chegado, distraída pelo fogo, e naturalmente a primeira coisa que esse policial caipira viu foi Darby, encharcado de sangue e empunhando uma arma, perseguindo uma vítima indefesa antes de encurralá-lo dentro de uma van, a meio segundo de executá-lo. Então, o Capitão América aqui não teve escolha a não ser demitir. Ele *teve* que atirar nela. É assim que funciona, você sabe. E foi tão perfeito. Tão incrivelmente perfeito.
O momento, o puro infortúnio. Sim, senhor, ele sempre foi especial. Forças sobrenaturais estavam em ação aqui. Era assim que um *mago autêntico* escapa à captura.
A policial se aproximou agora, arma em punho, chutando a Beretta de Darby e torcendo suas mãos atrás das costas para algemá-los. Ele foi áspero, puxando os

cotovelos dela para cima em asas de frango, mas a julgar pelo litro de sangue fumegando da neve, ela já estava tomando um brunch com o Reaper. As algemas se fecharam com um estalo metálico e no brilho das chamas, Ashley pôde ler o nome costurado do oficial: CPL. RON HILL.
O policial olhou para cima. “Senhor, deixe-me ver suas mãos...”
"Certo." Ashley levantou o pregador.
THWUMP-THWUMP.

ALVORECER

6h15

Ashley Garver assobiou o *Natal Branco* de Bing Crosby enquanto ele vasculhava a Glock 17 do Cabo Hill, um Taser amarelo brilhante e um bastão de trava de fricção foda. Ele folheou a carteira do policial também, embolsando duas notas de vinte e uma de dez, enquanto notava que a esposa do cara parecia um gnu total.

O patrulheiro rodoviário havia disparado uma sequência reflexiva de tiros ao cair, quebrando a janela do passageiro atrás de Ashley, abrindo um buraco no teto do Astro e lançando alguns últimos no céu. Uma bala pode ter arranhado seu rosto; ele sentiu que um corte pungente havia se aberto em sua bochecha. Ou poderia ser apenas sua pele queimada rachando no ar alpino.

De qualquer forma, que sorte maravilhosa. Jelly-side para cima, de *fato* .

Ashley decidiu que mataria o motorista do limpa-neves em seguida. Aquela alta plataforma a diesel era como uma rolha fechando o estacionamento da área de descanso. Então ele daria um jeito no Astro e daria o fora do Colorado antes que o reforço do cabo Hill chegasse.

Embora... *inferno, traga - os.*

Ashley poderia levá-los todos.

Ele caminhou pelo longo estacionamento enquanto o centro de visitantes Wanapani queimava e desabou atrás dele, aproximando-se dos faróis do caminhão em marcha lenta. O céu estava ficando cor de estanho, um cinza brilhante enquanto o sol se preparava para romper no horizonte, e ele verificou a munição restante na Glock do policial. Essas revistas foram entalhadas na parte de trás com pequenos números, para que você possa facilmente ver quantas rodadas ainda restam. Ele viu pelo menos nove. Além de uma segunda revista cheia que ele tirou do cinto do cabo Hill. Ele carregou aquele, apenas no caso.

Agora ele estava parado sob a luz ofuscante dos faróis da caminhonete, protegendo o rosto. Ele escondeu a Glock no bolso da jaqueta, onde cabia confortavelmente. Ele não podia ver através do pára-brisa do caminhão - muito escuro - mas a porta laranja do motorista ainda estava meio aberta. CDOT estampado na lateral.

"Ei!" ele gritou. "É seguro."

Silêncio.

Ele lambeu os lábios. “Colina do Cabo. . . ele, uh, me mandou aqui para dizer que a cena é segura, que a situação está sob controle. Ele atirou no sequestrador. Agora ele precisa que você transmita uma mensagem para os outros caminhões em seu CB.”

Outro longo silêncio.
Então, finalmente, a porta rangeu e um rosto desleixado espiou para fora, de pé no corrimão. “Eu já liguei e eles disseram—”
Ashley apontou a Glock. RACHADURA.
A janela explodiu. Um quase erro, mas o homem caiu do táxi de qualquer maneira, batendo com força de bunda na neve. Seu boné do Red Sox voou.
Ashley passou pelos faróis, protegendo os olhos.
O motorista caiu de bruços, cacos de vidro se esmigalhando embaixo dele, se levantando, alcançando a porta entreaberta para voltar para dentro — CRACK —, mas Ashley abriu um buraco em seu braço. O homem gritou com voz rouca.
Ashley fechou a porta com a palma da mão. “Senhor, está tudo bem.”
“Não me mate.” O homem rastejou para o lado, apoiado em um cotovelo, segurando o pulso. Sangue quente jorrando por entre os dedos, borrando a neve, deixando um rastro vermelho. “Por favor, Deus, por favor , *não me mate* ...”
Ashley o seguiu. “Eu não vou te matar.”
“Por favor, não, não...”
"Pare de se mexer. Está bem. Não vou matar você — disse Ashley, colocando o pé nas costas carnudas do homem para prendê-lo. “Pare de lutar, senhor. Está tudo bem. Eu prometo." Ao dizer isso, ele enfiou a Glock 17 na nuca do homem.
Ele apertou o gatilho. . . mas parou.
Mais uma vez, ele teve esse sentimento. Essa eletricidade estranha.
Alguém estava atrás dele.
E agora?
Ele se virou, meio que esperando ver o fantasma esfarrapado de Darby Thorne, de volta para vingança sangrenta – mas a figura atrás dele era mais baixa, menor. Era Jay. Apenas o pequeno Jaybird inofensivo, em sua camisa vermelha de Pokébola, prestes a testemunhar outro assassinato. Honestamente, ele tinha esquecido tudo sobre ela. Mas sim, mesmo com Lars fora de cena, ele ainda poderia entregá-la a Fat Kenny e conseguir uma boa quantia enquanto ela durasse...
Ela tinha algo na mão.
A princípio, pensou que fosse o spray de pimenta de Sandi.
Mas então a criança de sete anos a ergueu – refletindo um brilho de luz do fogo – e Ashley percebeu com um choque de terror que era algo muito pior. Era a Beretta de Lars. Ela deve tê-lo apanhado da neve vermelha ao lado do corpo de Darby quando ele não estava olhando, e agora aqui estava, nos dedos trêmulos de Jaybird.
Destinado a ele.
Novamente.

Ele gemeu. “Ah, *vamos—*”
RACHADURA.

6h22

Ashley Garver se encolheu novamente. E novamente, seus tímpanos soaram em resposta a um tiro que ele nunca esperava ouvir.
Ele abriu os olhos. Jay ainda estava parado ao lado do limpa-neves, os olhos arregalados de medo. A Beretta trancou-se em seus dedos brancos. Fumaça suja permanecia, curvando-se nos faróis. O odor de carvão de pó queimado.
Ela perdeu.
Ele deu um tapinha no estômago e no peito, só para ter certeza. Sem sangue, sem pressão, sem dor. Seu torso e membros estavam todos bem.
Sim , ele percebeu. *De três pés, Jaybird errou.*
A mandíbula da garota estremeceu. Ela voltou a mirar a semiautomática e tentou atirar novamente, mas não houve folga no gatilho. Nem um clique. A arma estava vazia. De onde quer que Darby tivesse conseguido roubar aquele milagroso cartucho extra, não importava, porque tinha assobiado inofensivamente pela orelha de Ashley e caído em algum lugar nos abetos congelados. Ele se foi, seu último suspiro de esperança se foi, e Ashley ainda estava viva.
Eu sou imortal?
Tudo tinha sido tão sombriamente hilário.
A bola de fogo o arremessando pela janela com apenas pequenas queimaduras. O policial chegando e miraculosamente atirando na pessoa errada em cima da hora. E agora isso! Little Jaybird tinha-o morto à queima-roupa, mas ela ainda errava. Sua torrada caiu com a gelatina para cima mais uma vez. Contra todas as probabilidades!
Ele lutou contra uma gargalhada negra como breu. Durante toda a sua vida, ele foi protegido, isolado das consequências por alguma força generosa e desconhecida. O jeito que ele nasceu com a aparência e astúcia predatória que Lars nunca teve. A maneira como seu pai perdeu a cabeça para o Alzheimer bem a tempo de entregar-lhe as rédeas da Fox Contracting. Mesmo preso a uma milha sem esperança nas entranhas de Chink's Drop, ele foi resgatado pela mais cega e idiota chance, e os ossos de seu polegar se entrelaçaram perfeitamente, contra a previsão do médico - sim senhor, ele cresceu para ser bastante um homem mágico, de fato, e não havia dúvida, ele estava destinado a grandes coisas.
Quão grande?
Inferno, talvez ele fosse presidente algum dia.
Ele não resistiu; ele riu - mas estranhamente, ele não ouviu. Apenas o zumbido em seus ouvidos. Pensando bem, ele nem tinha certeza se seu rosto estava se

movendo.
“Bom tiro, Jaybird,” ele tentou dizer.
Nenhum som.
Jay baixou a Beretta. Agora ela parecia estranhamente calma, ainda o observando, estudando-o com aqueles olhinhos azuis. Não com terror – não, não mais – mas com curiosidade.
Que diabos?
Ashley tentou falar de novo, desta vez mais devagar, sua língua enunciando cuidadosamente: “Bom tiro, Jaybird”, e ele o ouviu sair como uma única sílaba gemida, arrastada pelos lábios de novocaína. Era a voz dele — sim, vinha de seus próprios pulmões e vias aéreas —, mas foi falada por um retardado babando que ele não reconheceu. Esta foi a sensação mais aterrorizante que ele já sentiu.
Então seus olhos saíram de foco.
Jay borrou, então dobrou. Agora havia dois Jaybirds olhando para ele, e ambos baixaram suas cópias gêmeas da pistola que o matou.
Uma umidade quente deslizou por seu rosto, fazendo cócegas em sua bochecha. Um odor estranho tocou o chão de seu cérebro, denso e azedo, como penas queimadas. Ele estava furioso agora, tremendo de raiva, e tentou dizer mais alguma coisa, xingar Jay, ameaçar com cartão vermelho, levantar a arma do policial e calá-la para sempre, mas ela já havia caído de seus dedos. Para seu profundo horror, ele havia esquecido como se chamava. Ele se lembrou de algo. . . algo como *–ock* . Foi Pock? Doca? Rock-in-a-meia? Ele não tinha mais certeza de nada, e as palavras murcharam e caíram como folhas marrons, e ele procurou freneticamente por elas, por qualquer uma delas, e agarrou uma simples...
“ *Ajuda— ”*
Saiu irreconhecível, um gemido.
Em seguida, o mundo se inverteu, o céu brilhante afundando quando Ashley caiu, batendo na neve em suas costas. A arma estava em algum lugar à sua direita, mas ele estava muito mole para pegá-la. Ele nem sabia que tinha pousado, porque em seus pensamentos fragmentados, Ashley Garver ainda estava no ar, ainda indefeso, ainda caindo, caindo, caindo...

* * *

“Darby, acabou.”
Ela estava caindo também, quando ouviu a voz da garota e a pegou. Prendeu-a ao mundo como uma corda fina. Ela abriu os olhos duros e viu a sombra de Jay curvada contra um vasto céu cinza. “Darby, está feito. Peguei sua arma e Ashley estava prestes a matar outra pessoa, então atirei nele.
Ela forçou seus lábios secos a se moverem. "Bom trabalho."

"Na cara."
"Excelente."
"Você . . . você também levou um tiro, Darby.
“Sim, eu notei.”
"Você está bem?"
"Na verdade, não."
Jaybird se inclinou e a abraçou, seu cabelo fazendo cócegas no rosto de Darby. Ela tentou respirar, mas suas costelas estavam estranhamente apertadas. Como se alguém estivesse de pé em seu peito, colapsando seus pulmões.
Inspire , sua mãe lhe disse.
OK.
Então conte até cinco. Expire—
“Darby.” A garota a sacudiu. "Pare."
"Sim? Estou aqui."
“Você estava fechando os olhos.”
"Está bem."
"Não. Prometa-me, prometa, que não vai fechar os olhos...
"Tudo bem." Ela ergueu a mão direita com fita adesiva. “Eu juro de dedo mindinho.”
“Ainda não é engraçado. *Por favor* , Darby.
Ela estava tentando, mas ainda sentia suas pálpebras caírem, um inevitável puxão na escuridão. “Jay, me diga. Qual era o nome do seu dinossauro favorito?”
"Eu já te disse."
"De novo, por favor."
"Por que?"
“Só quero ouvir.”
Ela hesitou. “Eustreptospondylus”.
"Isso é . . .” Darby riu fracamente. “Isso é um dinossauro tão estúpido, Jay.”
A garota sorriu em meio às lágrimas. "Você não poderia soletrar de qualquer maneira."
De alguma forma, este pedaço de gelo irregular parecia mais confortável do que qualquer cama de penas que ela já tinha deitada. Cada centímetro machucado de seu corpo parecia perfeitamente em repouso aqui. Como se estabelecer em um sono bem merecido. E novamente, ela sentiu suas pálpebras se fecharem. Não havia mais dor no peito, apenas uma pressão surda e crescente.
Jay sussurrou algo.
"O que você disse?"
“Eu disse obrigado.”
Isso deu a Darby um pequeno calafrio, e seu estômago se agitou com emoções

que ela não conseguia articular. Ela não tinha certeza do que dizer a Jay, como responder a isso – de *nada?* Tudo o que ela sabia era que se ela tivesse a escolha, ela faria tudo de novo. Cada minuto desta noite. Toda a dor. Cada sacrifício. Porque se salvar uma criança de sete anos de predadores não vale a pena morrer, o que diabos é?

E agora, sangrando na neve, vendo o centro de visitantes Wanapani, financiado pelo estado, queimar e desmoronar em um esqueleto negro, Darby também desmoronou, em uma paz profunda e satisfatória. Ela estava tão perto agora. Tão dolorosamente perto. Ela só tinha uma última coisa a fazer, rapidamente, antes de perder a consciência: “Jay? Um último favor. Alcance meu bolso direito, por favor. Deve haver uma caneta azul.”

Uma pausa. "OK."

“Coloque na minha mão esquerda.”

"Por que?"

“Apenas faça isso, por favor. E então eu preciso que você volte para aquele limpa-neves. Diga ao motorista para dar meia-volta e levá-lo a um hospital agora mesmo. Diga a ele que é uma emergência, que você precisa de esteróides antes de ter uma convulsão...

“Você vai vir com a gente?”

"Não. Eu vou ficar aqui mesmo. Eu preciso dormir."

"Por favor. Venha conosco-"

“Eu não posso.” A corda de Darby se rompeu e ela estava caindo de novo, caindo por pisos de escuridão, deslizando na parte de trás de sua própria cabeça, de volta a Provo agora, de volta à sua antiga casa de infância com canos ruins e teto de pipoca, envolta nos braços de sua mãe. O pesadelo se dissipando. A voz calorosa de sua mãe em seu ouvido: *Vê? Você está bem, Darby. Foi apenas um sonho ruim.*

E está tudo acabado agora—

“Por favor,” Jay sussurrou, longe. "Por favor, venha comigo-"

Inalar. Conte até cinco. Expire.

OK.

Bem desse jeito. Continue fazendo isso.

Em seus pensamentos sombrios, ela se lembrou das últimas palavras de Ashley para ela, e levantou a manga direita, destampou a caneta e escreveu com a mão esquerda em seu pulso. Coçadinha, meia-tinta, todas as letras maiúsculas em sua própria pele nua:

KENNY WORMSER.

RATHDRUM IDAHO.

912 ESTRADA DO LAGO NEGRO.

Agora estava tudo realmente, verdadeiramente feito. Agora Jay estava salvo, e todos os ângulos do plano repugnante de Ashley haviam sido apagados, arrastados para a luz do dia para julgamento. Ela deixou a caneta deslizar entre os dedos, finalmente satisfeita. Quando os policiais descobriram seu corpo congelado aqui na neve, eles leram sua mensagem final. Eles saberiam que tinham uma última porta para derrubar, lá em cima em Idaho.

Eu tenho você, Darby.

OK.

Não tenha medo. O fantasma de pernas compridas não era real. Agora sua mãe a apertou com mais força, impossivelmente apertado, prendendo-a neste momento perfeito, e o terror finalmente acabou. *Foi apenas um pesadelo, e está tudo acabado agora. Você vai ficar bem. E . . . e Darby?*

Sim?

Estou tão orgulhoso de você.

RASCUNHO DE E-MAIL (NÃO ENVIADO)
24/12/17 17:31
Para: amagicman13@gmail.com
De: Fat_Kenny1964@outlook.com

Desculpe a demora Ashley, temos nosso próprio snowmageddon acontecendo aqui também. O celeiro dos vizinhos finalmente cedeu e os cavalos estão enlouquecendo. Você nem vai reconhecer o lugar.
Mas sim, você queria isso por escrito e pode apostar, vamos fazer isso, 10k adiantados mais 10% de tudo o que eu conseguir. Já faz um tempo desde que fizemos um desses, mas eu tenho o bunker pronto e dois caras interessados já um de Milwaukee, um de Portland.
Esses remédios que você está tomando vão deixá-la melhor, certo, pelo menos por um tempo? Doente é OK, vomitar NÃO é OK.
Espero que tenha feito um trabalho limpo na senhora do ônibus escolar. Você deveria estar em Bozeman agora, então estar aqui no dia seguinte ao Natal? Fique seguro, mantenha o nariz de Lars limpo e fique longe das grandes estradas.
Fala logo, tenho alguém batendo na porta da frente__

EPÍLOGO

8 de fevereiro
Provo, Utah

Jay não percebeu que o sobrenome de Darby estava escrito com um 'e' mudo até que ela o viu gravado em uma lápide de cimento. Abaixo dela, a data do óbito: 24 de dezembro.
Um dia antes do Natal.
Sete dias antes do Ano Novo.
Quarenta e seis dias atrás.
Ela estava aqui com seus pais na cidade natal de Darby, em uma colina de cemitério ainda coberta de neve derretida, porque seu pai tinha insistido em fazer a viagem. Originalmente, ele queria voar para cá muito mais cedo em janeiro, mas a condição adrenal de Jay explodiu com duas convulsões que a deixaram acamada e sob vigilância. Finalmente, ela foi considerada saudável o suficiente para viajar na semana passada. O tempo todo, seu pai insistiu: *Temos que ver Darby Thorne novamente. Devemos a ela algo que não pode ser escrito em um cheque.*
"É aquele?" ele perguntou agora. Alguns passos para baixo, alcançando.
"Sim."
As horas e dias após o incidente na estrada do Colorado foram um borrão doentio, mas pequenos momentos ficaram presos na memória de Jay. A dor da agulha IV. O rugido das pás do rotor. A forma como os médicos circularam e aplaudiram quando a levaram para o heliporto de São José. O estranho borrão das drogas. A maneira como sua mãe e seu pai vieram correndo por aquele corredor em câmera lenta sonhadora, seus dedos entrelaçados, segurando as mãos de uma forma que ela nunca tinha visto antes. Falando em vozes embargadas que ela nunca tinha ouvido. O abraço a três em cima de sua cama rangendo. O sabor das lágrimas salgadas.
As câmeras também. Os microfones difusos. Os investigadores, segurando seus blocos de notas e tablets, trocando perguntas gentis e olhares de esguelha. As entrevistas por telefone com jornalistas cujos sotaques ela mal conseguia entender. O caminhão de notícias estacionou do lado de fora com uma antena que parecia o mastro de um navio. O modo reverente, quase temeroso, que as pessoas silenciam quando falam sobre os mortos, como o pobre Edward Schaeffer. E o cabo Ron Hill, o patrulheiro rodoviário que cometeu um erro trágico de fração de segundo que lhe custou a vida.

E Darby Thorne.
Aquele que começou tudo. A inquieta, estudante de arte de olhos vermelhos de uma obscura faculdade estadual em Boulder, correndo com um Honda Civic pelas Montanhas Rochosas, que primeiro tropeçou em uma criança trancada na van de um estranho e agiu heroicamente para salvá-la.
E, contra todas as probabilidades, conseguiu.
Darby veio para aquela parada de descanso por uma razão , a mãe de Jay disse em Saint Joseph. *Às vezes Deus coloca as pessoas exatamente onde elas precisam estar.*
Mesmo quando eles não sabem disso.
Uma rajada passou pelo cemitério, respirando entre as lápides mais altas, fazendo Jay estremecer, e agora sua mãe alcançou o grupo, levantando os óculos escuros para ler a carta enquanto se uniam no papel, mais clara a cada pincelada de giz de cera preto. "Ela . . . ela tinha um nome bonito."
"Sim. Ela fez."
A luz do sol atravessou as nuvens e, por alguns segundos, Jay sentiu o calor em sua pele. Uma cortina de luz varreu as sepulturas, brilhando sobre o granito e as folhas de grama congelada. Então ele se foi, sufocado por um frio cortante, e o pai de Jay enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Por um longo momento, os três ficaram em silêncio, ouvindo os últimos toques de giz de cera enquanto a lápide era transferida para o papel.
— Leve o tempo que precisar — disse ele.
Mas a gravura já estava terminada. A fita adesiva arrancou da pedra, um canto de cada vez. Então o papel se afastou, expondo as letras gravadas: MAYA BELLEANGE THORNE.
"O que você quis dizer?" perguntou Jay. "Quando eu perguntei se vocês se amavam e vocês apenas disseram 'é complicado'?"
Darby enrolou o papel de arroz em um tubo de papelão e se levantou do túmulo de sua mãe, apertando o ombro de Jay.
"Está tudo bem", disse ela. "Eu estava errado."

O FIM